Descendo os Rios
Aquidauana e Miranda
Jornada Pantaneira
Tomo I
HIRAM REIS E SILVA

A presente obra presta uma justa homenagem ao Sr. José Francisco Lopes – o Guia Lopes da Retirada da Laguna.

O General João Pereira de Oliveira assim inicia a biografia de Lopes: "*Entre as figuras que mais se singularizaram no largo período de inenarráveis provações porque passaram as nossas minguadas e desaparelhadas Forças, na longínqua Província de Mato Grosso, ao tempo em que por lá andaram, quais feros hunos, talando campos e ladroando gado, as hordas flagiciosas de Solano López, creio que nenhuma faz mais jus a simpatia, ao respeito e a admiração dos compatriotas do que a do Guia José Francisco Lopes.*

O velho Guia Lopes foi exemplo vivo de constância, de lealdade e de desinteresse, que talvez não encontre símile na história dos outros povos".

(Gen João P. de Oliveira)

Prefácio

Por Cel Eng Higino Veiga Macedo

Descendo os Rios Aquidauana e Miranda – Jornada Pantaneira – é mais uma saga deste indômito gaúcho – Hiram Reis e Silva sempre em busca da TERCEIRA MARGEM. Talvez pela inquietude por ser engenheiro combatente, com vivências amazônica e pantaneira.

A Terceira Margem, aforismo próprio, é uma bela metáfora. Semelhante a do Mito da Caverna, de Platão ([1]), isto é, o equilíbrio entre o mundo sensível e o mundo inteligível – sentimento e razão – capaz de motivar almas a buscar verdades próprias.

As aventuras, tão praticadas no turismo e esporte, aqui narradas e somadas ao ambiente histórico, poderiam ser "*Aventuras na História do Brasil*". Do Porto do Soldado, em Aquidauana, ao há muito conhecido, Passo do Lontra, no Rio Miranda é aventura; um passeio pelo ambiente da Retirada da Laguna é história.

Em Aquidauana, o Rio Aquidauana já está na planície pantaneira. Deixou as corredeiras do alto da Serra de Maracaju até ser colhido pelo Rio Miranda. O Miranda é espremido <u>entre</u> <u>duas</u> <u>colunas</u>: a Serra de Maracaju e a Serra da Bodoquena. Rio via de acesso dos bandeirantes para o Oeste e o Norte.

A motivação desta obra, junto com a aventura da canoagem, é um vídeo reprise da História do Brasil.

É o que também se vê nas obras anteriores do Coronel Hiram: em cada evento busca confirmar se as páginas históricas, de diferentes regiões, ainda persistem como verdade, aos olhos de um positivista, por formação e cartesianista por ideologia.

---

[1] Platão: A República (Livro VII) – Imagem 01. (Hiram Reis)

Une a isso a sua performance atlética de Canoeiro. Pealando dois potros numa boleadeira só, diria um guasca fronteiriço.

Ambiente hoje ainda selvagem, muito mais ainda o era na Guerra da Tríplice Aliança, é o que foi percorrido pelo Coronel Hiram. É onde, em linguagem militar, foi a Concentração Estratégica de Meios para a expulsão dos paraguaios e o ambiente da bela página militar da Retirada de Laguna.

Este é o ambiente que fora vivido e registrado pelo Visconde de Taunay e várias vezes referidas nesta obra do amigo Hiram Reis.

Da saga "*Descendo os Rios Aquidauana e Miranda – Jornada Pantaneira*", os "*brasileiros naturais*", visto que nós outros somos nato ou naturalizado, [a meu ver, não há índios brasileiros, mas brasileiros índios] em suas línguas assim dariam o título: "*Descendo o Nabi Nugo* ([2]) *e o Mbteteí* ([3]) *– Jornada por Xarayes* ([4])", meu dileto irmão.

E a obra também, propósito do autor, é a justa e perfeita homenagem ao Guia Lopes, brasileiro que não morreu em combate, mas morreu pelo combate. Guia Lopes, além da cidade com seu nome, é também homenageado como patrono do 9° Batalhão de Suprimento [9° B Sup].

O Coronel Hiram vem provocar, neste momento tão conturbado do Brasil, já desacostumado aos cultos cívicos, uma reflexão de parte da história do Brasil contemporâneo, dando visibilidade atual, à conquista do Oeste até hoje desconhecido.

---

[2] Nabi-Nugo: nome do Rio Aquidauana dado pelos índios. (Higino V. M.)

[3] Mbteteí: nome do Rio Miranda, dado pelos Guaicurus. (Higino V. M.)

[4] Xarayés: nome de tribo pantaneira que deu nome a todo o pantanal como Lago de Xaraies (português) e Laguna de Los Jarayes [espanhol]. (Higino V. M.)

Esta região do Brasil teve tantos embates, para a sua consolidação, como o fora a da região do Extremo Sul. A ocupação deste espaço brasileiro, herança portuguesa, foi palco de idas e vindas, sofrendo os refluxos dos diferentes e diversos tratados entre os impérios português e espanhol.

A União das Duas Coroas [1580 – 1640] cortou a amarra da Linha de Tordesilhas. O Tratado de Madri, 1750, permitiu que, guiados pelo Rio Paraguai, os portugueses ocupassem, por direito o que já faziam de fato, tudo o que estivesse na "*Primeira Margem*" ([5]) e deixasse aos espanhóis a "*Segunda Margem*". Assim, os portugueses fundaram o Forte de Coimbra, no Rio Paraguai e o Forte Real Príncipe da Beira, no médio Guaporé [Rio Itenez, para os espanhóis].

Forte de Coimbra foi construído [intencionalmente ou por acaso?] na margem direita do Rio Paraguai [Segunda Margem], o que pelo Tratado de Madri seria espanhol. Compulsando outras obras de história, ficam evidentes as tentativas dos espanhóis em retomar essa parte do Brasil. Os ataques com tropas foram frequentes. A última foi com Solano Lopes.

Ao reavivar às novas gerações os feitos do Oeste brasileiro, em particular realçando a Retirada da Laguna, o Coronel Hiram dá uma grande oportunidade para que os centros acadêmicos estudem e tragam mais luzes à formação territorial do lado Ocidental brasileiro.

Poderoso irmão, canoeiro de hoje, pontoneiro por ser oficial de engenharia, você navegou por rios singrados pelos exímios canoeiros de ontem – OS PAIAGUÁS – titulados de "*Guardiões do Pantanal*".

---

[5] Primeira Margem: para um Pontoneiro (especificidade da Engenharia de Combate), a 1ª Margem é margem em que se está; a outra é a 2ª Margem (Higino V. M.).

Sou tentado a infiltrar uma estrofe da obra de Dom Aquino Correia ([6]), poeta a quem você já fez referência nesta sua obra:

"E quando guio,
À flor do Rio,
A minha ubá,
Nem flecha voa,
Como a canoa
Do Paiaguá!"

Esta poesia tem o nome de Terra Natal, mas os mato-grossenses a elegeram como Canção dos Paiaguás, alusão à Canção dos Tamoios, de Gonçalves Dias. A habilidade como canoeiros era tal que remavam de pé na popa e não trocavam o remo de mãos, para fazer curvas ou manobras e nem remavam para trás. Pena que são considerados extintos. Assim como os Paiaguás, os canoeiros, extintos o são, os Guaicurus, os cavaleiros, os Terenas, os caçadores e muitos outros da grande família Kadiwéus.

Tenho certeza que os leitores desta obra terão em mãos não só a saga da canoagem do Coronel Hiram como também um avivamento da História do Brasil [a Terceira Margem] e dos mistérios de uma região, perdoe-me a insistência, pouco conhecida. Alguns deles: o Rio Miranda corre no sentido Sul-Norte enquanto o Rio Paraguai corre Norte-Sul; as ruínas ainda não identificadas, onde foi fundado o povoado espanhol de Xeres [Capital da Província sul-americana de Andaluzia]; as escritas rupestres das margens pedregosas do Rio Perdido; as inúmeras cavernas da Serra da Bodoquena. <u>É um levantar templos à virtude</u>.

[6] D. Francisco Aquino Correia: Terra Natal – Canção do Paiaguá. (Hiram Reis)

Portanto, é uma obra que traz luzes para o Ocidente deste Universo chamado Brasil, em particular do meu Mato Grosso. Permita-me a me comportar como mato-grossense, do Matogrosso uno, o de quando nasci. A evolução histórica me deixou, com muito orgulho, no lado sul-mato-grossense. Por final, é com elevado júbilo que aceitei elaborar este Prefácio. Recebo um grande presente em vida. Coincidências [se é que elas existem]: cortesia de um Irmão da Arte Real para com um regionalista arraigado, sendo os dois pontoneiros por formação.

Humildemente, encaixo uma estrofe, de rima ([7]) minha, de alguém que sempre vigiou o pantanal, como Guarda do Templo, bem de cima, dos cumes da Serra de Maracaju:

E sou brasileiro, da Serra de Maracaju,
Onde campeava o valente Mbayá-guaicuru:
Terras livres, céu anil e ventos amenos.
Sou índio, índio lá de Terenos.

Bagé, RS, 10 de abril de 2019.

[7] Rima: "*LÁ DE TERENOS*" [não publicado]. (Higino V. M.)

Lá de Terenos
(Higino Veiga Macedo)

Sou guapo em toda lida
Vivo, bem vivida, a vida.
Sou nada de mais ou menos
Sou índio, índio lá de Terenos.

Sou livre, assim eu sou e quero.
No amor, quero e sou sincero.
Pele bronze, tez dos morenos.
Sou índio, índio lá de Terenos.

A paixão, defeito que até gosto,
É como fogo, em vento de agosto.
E vai como evaporam os serenos.
Sou índio, índio lá de Terenos.

Amei, apaixonei, procriei, criei.
De fêmeas, suspiros chorosos tirei.
Também sofri de "amores buenos".
Sou índio, índio lá de Terenos.

Nasci sem ambição de fácil riqueza.
Gosto de campo largo e sua beleza.
Prefiro o ar puro, livre de venenos.
Sou índio, índio lá de Terenos.

Tribo a que pertenço? não sei, xeraí ([8]).
Desconfio ser da grande raça guarani.
Pelos olhos de gato, olhos pequenos,
Sou índio, índio lá de Terenos.

E sou brasileiro, da Serra de Maracaju,
Onde campeava o valente Mbayá-guaicuru
Em terras livres, céu anil e ventos amenos.
Sou índio, índio lá de Terenos.

Os índios, pra onde foram, não sei.
Já não existiam quando na vida cheguei.
Não importa. São coisas de somenos.
Só sei que sou índio, índio lá de Terenos.
(Campo Grande, 03.02.2004)

---

[8] Xeraí: amigo com certa intimidade; parceiro – palavra do guarani vulgar, indígena, fronteiriço. Há dúvida sobre a grafia. (Higino V. M.)

Terra Natal
(D. Francisco Aquino Correia)

Nasci à beira
Da água ligeira,
Sou Paiaguá!
De Sul a Norte,
Tribo mais forte
Que nós não há.

Nas mansas águas,
Vive sem mágoas
O Paiaguá;
O seu recreio,
O seu enleio
No Rio está.

Nele me afundo,
Nado no fundo,
Surjo acolá;
E nem há peixe,
Que atrás me deixe,
Sou Paiaguá!

Se faz soalheira,
Durmo-lhe à beira,
Ao pé do ingá;
Mas se refresca,
Lá vai à pesca
O Paiaguá!

E quando guio,
À flor do Rio,
A minha ubá,
Nem flecha voa,
Como a canoa
Do Paiaguá!

Um dia os brancos,
Dentre os barrancos,
Surgem de lá;
Mas, em momentos,
Viram quinhentos
Arcos de cá.

Na luta ingente,
Que eternamente
Retumbará,
Fez quatrocentas
Mortes cruentas
O Paiaguá.

Não! O emboaba,
Em nossa taba,
Não reinará!
Nós coalharemos
A água de remos,
Sou Paiaguá!

Nas finas proas
Destas canoas,
Triunfará,
Por todo o Rio,
O poderio
Do Paiaguá!

Nasci à beira
Da água ligeira,
Sou Paiaguá!
De Sul a Norte,
Tribo mais forte
Que nós não há!

Imagem 01 – O Mito da Caverna de Platão

A República
(Platão)

Livro VII

Sócrates – Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância.

Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente.

Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de marionetes armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas. [...]

Agradecimentos

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meus irmãos, Luiz Carlos Reis e Silva e Carlos Henrique Reis e Silva, amigos de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao General-de-Exército *Juarez* Aparecido de Paula Cunha – Comandante do Comando Militar do Oeste (CMO) e ao Coronel Valdenir de *Freitas* Guimarães, seu Assessor de Patrimônio Histórico e Cultural do (CMO), diletos companheiros da Tu AMAN/75 pelo apoio irrestrito e amigo ao nosso projeto.

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

Aos meus amigos, irmãos e mestres Cristian *Mairesse* Cavalheiro e Daniel Luís Costa *Scherer* nossos primeiros e mais fieis colaboradores que continuam apoiando nossas jornadas;

Ao meu caro amigo de longa data e colega de turma da Academia Militar das Agulhas Negras, Cel Art Luiz Roberto Dias Nunes, responsável pelas fotos do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados erigido na Praça General Tibúrcio, Praia Vermelha, Bairro da Urca, Rio de Janeiro, RJ;

À minha querida parceira *Rosângela* Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto–aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Amigos Investidores

Canção da América
(Milton Nascimento)

Amigo é coisa para se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção que na América ouvi
Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir

Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou, no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.

Quero, aqui, deixar patente meu eterno agradecimento à cada uma das amigas e amigos que, ao contribuir com recursos financeiros, passagens, equipamentos, palavras de estímulo e contatos, permitiram-nos cumprir mais esta etapa de nossas infindas jornadas. Não fosse a colaboração voluntária de cada uma das senhoras e dos senhores, jamais teríamos conseguido dar continuidade e concluir com sucesso cada uma das etapas de nosso Projeto de Soberania.

O Nadador I
(Castro Alves)

Ei-lo que ao Rio arroja-se.
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contraíram-se
Por sobre o nadador...
Depois se entreabre lúgubre
Um círculo simbólico...
É o riso diabólico
Do pego ([9]) zombador!

Mas não! Do abismo – indômito
Surge-me um rosto pálido,
Como o Netuno esquálido,
Que amaina a crina ao Mar;
Fita o batel ([10]) longínquo
Na sombra do crepúsculo...
Rasga com férreo músculo
O Rio par a par.

Vagas! Dalilas ([11]) pérfidas!
Moças, que abris um túmulo,
Quando do amor no cúmulo ([12])
Fingis nos abraçar!
O nadador intrépido
Vos toca as tetas cérulas, ... ([13])
E após – zombando – as pérolas
Vos quebra do colar. [...]

---

[9] Pego: sorvedouro. (Hiram Reis)

[10] Batel: barco. (Hiram Reis)

[11] Dalila: mulher que seduz e trai Sansão – 19. Então ela o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça [...] Juízes 16:19 (Bíblia Sagrada: Juízes 16:1-20).

[12] Cúmulo: clímax. (Hiram Reis)

[13] Cérulas ou Cerúleos: verde-mar. (Hiram Reis)

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Aquidauana

(D. Francisco de Aquino Correia)

À beira-rio, qual donzela indiana,
Olhando o azul, por sobre areias de ouro,
Jaz a cidade, flor do Aquidauana,
Brotada à luz de um sonho imorredouro.

Foi o sonho da ousada caravana,
Que a planejou sobre um xairel ([14]) de couro,
E eis que, em seu garço ([15]) olhar, a serra ufana
Viu-a sorrir, do sol ao beijo louro.

Tudo nessa hora acorda, freme, exulta,
Mesmo as ruínas de Xerez sepulta
Sob a mortalha em flor das capoeiras.

E além, sobre a água límpida e sonora
Do velho Embotateí, vibra, nessa hora,
A alma heroica das prístinas ([16]) bandeiras!

---

[14] Xairel: tecido ou couro, anteposto à sela ou albarda, que cobre a anca da cavalgadura. (Hiram Reis)

[15] Garço: azulado. (Hiram Reis)

Miranda

(D. Francisco de Aquino Correia)

No épico livro antigo dos teus fados,
Entre idílios de paz, ó velha terra,
Há um eco trágico de lutas, que erra
Da Bodoquena aos pantanais calados.

Vejo-te inda os altares profanados,
Ouço inda os roncos da sanhuda guerra,
E as águas do teu Rio, que, da serra,
Descem cantando a nênia de Dourados.

Tudo ruínas! Longas e sombrias,
Passam lamentações de Jeremias:
E a alma de Frei Mariano de Bagnaia.

Mas sobre ti, qual sobre o caos outrora,
Deus fecundava esta risonha aurora,
Que hoje em teus verdes laranjais se espraia!

Guaicurus

(D. Francisco de Aquino Correia)

Pendurados ao dorso e às brutas crinas
De garanhões selvagens, que aos pampeiros
Vencem na fúria, os índios cavaleiros
Batem a terra em hordas peregrinas.

Guaicurus! que terror pelas campinas!
Já troa ao longe, nos despenhadeiros,
O atroz quadrupedar de pés ligeiros,
E o resfolgar de túmidas narinas!

Ei-los! E a monção, que erra campo fora,
E o cervo que além pasta, embevecido,
E o faminto jaguar, que vai à caça,

E o brejo e o rio, tudo se apavora,
Tudo estremece ao hórrido estrupido
Da cavalgata bárbara que passa!

---

[16] Prístinas: antigas. (Hiram Reis)

O Guia Lopes

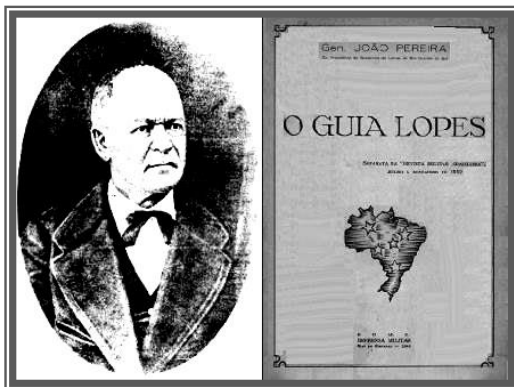



Imagem 02 – José Francisco Lopes

O General João Pereira de Oliveira, pertenceu à Academia de Letras do Rio Grande do Sul e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e de Santa Maria (RS). Em 1942, foi eleito Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Sul (hoje Academia Rio-Grandense de Letras). É de sua lavra a biografia do Guia Lopes publicada na "*Revista Militar Brasileira*" de julho a dezembro de 1952, que a seguir reproduzimos.

O Guia Lopes

Entre as figuras que mais se singularizaram no largo período de inenarráveis provações porque passaram as nossas minguadas e desaparelhadas Forças, na longínqua Província de Mato Grosso, ao tempo em que por lá andaram, quais feros ([17]) hunos, talando ([18]) campos e ladroando ([19]) gado, as hordas flagiciosas ([20]) de Solano López, creio que nenhuma faz mais jus a simpatia, ao respeito e a admiração dos compatriotas do que a do Guia José Francisco Lopes.

---

[17] Feros: ferozes. (Hiram Reis)
[18] Talando: destruindo. (Hiram Reis)
[19] Ladroando: roubando. (Hiram Reis)
[20] Flagiciosas: facinorosas, bandidas, maldosas. (Hiram Reis)

O velho Guia Lopes foi exemplo vivo de constância, de lealdade e de desinteresse, que talvez não encontre símile ([21]) na história dos outros povos. Nascido na Vila de Pium-í ([22]), em Minas Gerais, ali passou Lopes a sua trabalhosa infância. Assim, porém, que se fez moço, deixou a terra de seu berço, rumo a Oeste, em demanda de Mato Grosso, o feracíssimo trato de território brasileiro, que havia de ser, mais tarde, teatro de seus grandes e celebrados feitos. Durante muito tempo, não se fixou Lopes em ponto algum daquela região vastíssima.

Dando largas ao seu pendor ingênito ([23]) pela vida nômade, perlongou ([24]) e vadeou Rios, transpôs montanhas, devassou florestas, pôs nome a lugares até aí virgens de pé humano. Só depois de casado, ao que parece, é que assentou de abandonar um pouco a sua vida errática.

Residiu, então, no Paraguai, por espaço de um setênio ([25]), e, depois, veio habitar a margem do Miranda, em uma estância sua, a que dera o nome de Jardim. Nessa propriedade, segundo a história, é que costumava dar agasalho aos que o acaso ou os negócios fizessem transitar por aqueles recantos do Brasil, tendo para o secundar, em suas solicitudes de hospedeiro generoso, sua dedicada esposa, D. Senhorinha, cuja bondade era, também, proverbial naquelas bandas. D. Senhorinha fora casada, em primeiras núpcias, com um irmão do nosso Guia, de nome José Gabriel Lopes, falecido em 1849.

---

[21] Símile: paralelo. (Hiram Reis)

[22] Pium-í: na transição do século XVII para o XIX as terras da serra da Canastra, em roda da nascente do São Francisco, tinham realmente como cabeça administrativa a então Vila de Pium-í, estando fora de dúvida que José Francisco Lopes nasceu em local sob a administração imediata da Vila de Pium-í, na margem esquerda do Rio. (VÁRZEA)

[23] Ingênito: inato. (Hiram Reis)

[24] Perlongou: percorreu. (Hiram Reis)

[25] Setênio: período de sete anos. (Hiram Reis)

Dela, contam que, quando viúva, fora presa e levada, com os filhos, por uma caterva ([26]) de paraguaios, só sendo liberta em 1850, e, assim mesmo, mercê de reclamação apresentada pela legação brasileira em Assunção. Era, pois, em Jardim que residia Lopes, com a família, quando irromperam os paraguaios em território brasileiro.

Tanto que soube da invasão, tratou Lopes de se escapar, com os seus. Foi ele, porém, o único que o alcançou. Toda a família caiu prisioneira do adversário, que a conduziu, como os antigos bárbaros os troféus do saque, para o povoado paraguaio de Horcheta, distante sete léguas de Concepción.

Desde aquele dia, nunca mais voltara ao coração do velho lutador das matas a doce paz dos despreocupados. A toda hora, parecia-lhe que aqueles para quem eram todos os seus carinhos, clamavam de longe, desesperadamente, cheios de dor e de saudade, para que ele, o patriarca, lhes fosse distender, por sobre a cabeça, repleta de pensamentos mestos ([27]), o pálio ([28]) da liberdade.

Dois anos, porém, já se tinham escoado nessa provação de mágoas infindas, sem que o bravo sertanejo, cuja alma era um relicário de sentimentos nobres, pudesse ir arrancar as garras impiedosas dos inimigos de sua Pátria, no lugar de reclusão, aqueles entes a que tanto amava, senão quando, aos 24.01.1867, chegaram a Nioaque, sob o comando do Coronel Carlos de Morais Camisão, as Forças Expedicionárias que deviam expulsar o inimigo, e invadir, pela fronteira Setentrional, o Paraguai.

Não teve dúvidas: ofereceu-se para as acompanhar, como Guia.

---

[26] Caterva: corja. (Hiram Reis)
[27] Mestos: lúgubres, tristes. (Hiram Reis)
[28] Pálio: manto. (Hiram Reis)

Aos 25 de fevereiro, as nossas Forças se abalaram de Nioaque, e, em 4 de março, ocuparam a Colônia de Miranda. Ali, na Colônia, e que se deu, em 11 de abril, o tocante episódio, consagrado pela história daqueles dias, do encontro do velho Lopes com o filho, que, em companhia de outros compatrícios nossos, havia fugido do cativeiro, e, na véspera, se apresentara ao Coronel Camisão. A grata nova dessa apresentação do filho, recebeu-a Lopes, justamente, quando atravessava os postos avançados, de volta de um reconhecimento em que tomara parte, com o 17° Batalhão de Voluntários, não muito longe da Colônia.

A comoção que experimentou foi imensa, foi indescritível. Quando se aproximou do filho, estava extremamente pálido e dos seus olhos borbulhavam lágrimas. O filho já o esperava, respeitosamente, descoberto. Lopes não descavalgou ([29]), do alto mesmo da montada, estendeu-lhe a mão, tremente, que o filho beijou com extraordinário afeto.

Depois, continuou o seu caminho, sem abrir a boca, silenciosamente, mais do que nunca esmagado pela lembrança dos restantes membros da família ausentes, ontem ditosos, e, então, escravos de um adversário mau, em um País infelicitado pelos desmandos neronianos ([30]) de um megalômano.

No dia 21 de abril, as nossas Forças transpuseram o "*Apa*", em frente a Bela Vista, e entraram em território inimigo. Lopes, montando bonito cavalo baio, estava cheio de satisfação. Só se lhe ensombrou a fisionomia, quando viu que, de Bela Vista, se erguia tênue fumo, sinal seguro de que os paraguaios lhe haviam posto fogo. Pouco, porém, durou a tristeza do velho sertanejo.

[29] Descavalgou: desmontou. (Hiram Reis)
[30] Neronianos: relativo a Nero, imperador romano. (Hiram Reis)

Mal percebeu que, quase na totalidade, os paraguaios que ocupavam Bela Vista dali se retiravam, desordenadamente, entrou Lopes a provocá-los com assobios e com apóstrofes de desprezo, que despertaram o riso em todos os presentes.

No dia 30 de abril, as Forças Expedicionárias partiram de Bela Vista, e acamparam às margens do Apamí, dali a uma légua; e, em 1° de maio, chegaram a Laguna, fazenda pertencente ao ditador paraguaio e destinada a criação de gado. Infelizmente, já o inimigo a havia reduzido a cinzas, ficando, assim, desfeita a miragem de que ali encontrariam os nossos com que, ao menos, minorar a fome, e com a agravante de estar a Expedição num terreno ignorado e áspero, além de cercada por um inimigo, do mesmo passo, solerte e audacioso. A conselho do Guia, avançaram, ainda, as nossas Forças, mais meia légua, até a invernada da Laguna; mas debalde o fizeram, em virtude de haver o inimigo levado consigo cavalhada e gado. Vendo frustrados todos os planos, que imaginara, para esmagar o adversário desleal, e tendo em conta a impossibilidade em que se via de prover a Expedição de víveres e de munições, resolveu o Coronel Camisão voltar a fronteira, com o fim de reorganizar as Forças. Ia, pois, ter início a Retirada.

Ao amanhecer do dia 8 de maio, conta o Visconde de Taunay, em seu famoso livro "*A Retirada da Laguna*":

> Estávamos já em Ordem de Marcha, mulas carregadas, bois de carro nas cangas, e o gado que restava apoiado ao flanco dos Batalhões, de modo a acompanhar todos as movimentos da coluna. Às 07h00, o Corpo de Caçadores, que estava na vanguarda, rompeu a marcha, indo atrás dele as bagagens e as carretas que deram bastante trabalho na passagem de um riacho que as chuvas dos dias antecedentes tinham avolumado.

Pois nesse momento, precisamente, é que a obra mirífica ([31]) do velho Guia Lopes começou a fazer-se ainda maior, ainda mais extraordinária, ainda mais divina, se assim me é lícito dizer.

No dia 8, as nossas Forças não puderam percorrer mais de duas léguas e meia. Não o permitiu o fogo contínuo e cansativo, muito embora pouco mortífero, do adversário.

Aos primeiros albores ([32]) da manhã de 9, após uma noite cheia de indizíveis inquietações, as Forças Expedicionárias continuaram a marcha, e, ainda nessa manhã, se estabeleceram em um cerro, o último, que dominava a Bela Vista e ao "*Apa*". Estavam elas, por conseguinte, a pique de deixar o Paraguai. O pesar, por isso, era geral. O velho Lopes, sobretudo, trazia bem impressa na fronte veneranda a dor profunda que lhe ia na alma. Para ele, nada justificava o abandono do território inimigo.

Ao revés, o que a todos impedia como dever sagrado de patriotismo e de humanidade, ainda que lhes custasse a vida, era novo avanço por ele a dentro. Se, com a falta de recursos para a alimentação da tropa, é que se pretendia justificar a volta ao território nacional, bem frágil era a justificativa, pois fácil lhe seria, ainda, ir buscá-los em sua estância. Pouco se lhe dava de sacrificar o que ainda tinha de seu, contanto que se não abandonasse o território paraguaio.

De nada, porém, valeram, nem podiam valer, as ponderações do velho guia. Acima de suas ilusões, estava a realidade ilacrimável ([33]): era preciso voltar a Mato Grosso.

---

[31] Mirífica: admirável. (Hiram Reis)
[32] Aos primeiros albores: Ao alvorecer. (Hiram Reis)
[33] Ilacrimável: insensível às lágrimas. (Hiram Reis)

Assim, no dia 11 de maio, pela manhã, as nossas Forças transpuseram novamente o "*Apa*", e continuaram a Retirada. Quando foi por volta do meio-dia, os paraguaios desencadearam o maior e mais violento ataque que a Expedição sofreu. A esse ataque, resistiram os nossos com galhardia, e saíram vitoriosos; mas, por infelicidade, perderam o gado.

Que seria da Expedição, sem víveres? Só um homem poderia encontrar, na sua grande experiência, solução para aquela situação tristíssima: era o velho Lopes. O nosso Guia, que, no combate, era de intrepidez sem igual, e até terrível, mostrava-se sempre, na hora calma das deliberações, mais que qualquer outro, o homem dos bons conselhos. Para ele, pois, é que apelou o Comandante da Expedição.

Não ficou, aliás, somente nesse, o serviço de Lopes, no dia 11. Lopes era a alma das Forças Expedicionárias, naquele doloroso transe. Quando o Coronel Camisão se determinou a mudar de itinerário, em razão do conhecimento que tinha o inimigo do que era seguido pelas Forças Expedicionárias, pois era o mesmo pelo qual avançaram sobre o Paraguai, ainda na sagacidade e na boa vontade do velho Guia e que ele foi achar solução razoável para a conjuntura.

Às 13h00, continuavam as nossas Forças a Retirada, senão quando, sem que ninguém o esperasse, os paraguaios abriram, contra elas, de colina próxima, fuzilaria intensa. Mas Lopes, que se achava sempre na vanguarda, mais uma vez salvou a situação, sem que lhe fosse dada ordem, e valendo-se do conhecimento que tinha do terreno, abandonou, inesperadamente, a estrada seguida, infletiu para a esquerda, e, contramarchando, subitamente, por esse lado, levou as nossas Forças ao pé de um morro, onde, se preciso, se poderia localizar uma bateria.

Estabeleceu-se, por essa forma, certa desorientação entre os paraguaios, da qual se aproveitaram as nossas Forças, para a prossecução ([34]) da marcha, por dentro do macegal. De repente, percebeu Lopes que os paraguaios haviam posto fogo a Este. Que fez, então, para lográ-los? Caminhou direito para Miranda, e, depois, descambou para a sua estância.

Ao romper da manhã do dia 12 de maio, as nossas Forças levantaram acampamento, e, ainda, nesse dia, graças ao velho Lopes é que os paraguaios não lhes puderam ganhar a dianteira, para lhes perturbar a marcha. Ao entardecer – um triste entardecer de retirada – mal se instalaram as Forças Expedicionárias sobre um pequeno cerro, começaram fortes lufadas de vento Sul a trazer-lhes o calor do fogo que lhes vinha ao encalço, pelo campo.

O velho Lopes não perdeu tempo: ordenou que o pessoal, de que podia dispor, cortasse, a toda a pressa, a macega que circundava o local do estacionamento, e que, uma vez cortada, fosse imediatamente conduzida para longe, coberta de terra e, depois, calcada. E não ordenou apenas: deu ordens e executou, também.

A sua atuação foi, sobretudo, de valor inapreciável, quando o incêndio se aproximou, em crepitações diabólicas. Por toda a parte, estava ele, então, grande, sublime, incomparável, estimulando os outros, e lutando como leão indômito por apagar aquele mar de chamas, com que o inimigo, desumano e astuto, procurava aniquilar, de vez, aqueles homens sofridos e destemerosos, que uma agressão insólita a honra de nossa Pátria havia levado àquelas regiões impérvias ([35]).

[34] Prossecução: prosseguimento. (Hiram Reis)
[35] Impérvias: intransitáveis. (Hiram Reis)

Ai de nossas Forças se não fora ele, naquela hora amarga, em que a fumarada e as labaredas daquele incêndio imenso ameaçavam queimá-las e asfixiá-las! Ai delas se não fora aquele sertanejo resignado e impávido, naquele instante de angústias e de sofrimentos, em que as enormes línguas de fogo, lançadas aos ares por aquele pavoroso incêndio, faziam lembrar o inferno em que Dante Alighieri mergulhava os réprobos ([36])!

Naquele dia, o velho Lopes foi bem maior que muitos dos heróis que Homero, em seus poemas épicos, celebrou em estrofes harmoniosas e imperecíveis.

Ao alvorecer do dia 14 de maio, após uma noite de desassossego, passada em claro, debaixo de aguaceiros desapoderados ([37]), as Forças Expedicionárias, sempre guiadas pelo velho e abnegado Lopes, reencetaram a marcha por densa mata a dentro, isso para evitar a passagem por um desfiladeiro que já se achava ocupado pelos paraguaios.

No dia seguinte, viram-se, novamente, as nossas Forças cercadas de enormes chamas terrificadoras. Mas o estoico Lopes não perdeu a calma: mandou que se encostasse, imediatamente, a coluna, a dois capões, que par ali havia, a fim de a resguardar das labaredas laterais, e, a seguir, fez que se cortasse a macega, numa extensão ainda maior que da primeira vez.

Assim que passou o perigo, a coluna continuou a marcha. A frente dela, estava Lopes. Via-se, porém, que estava dominado de grande tristeza e de indisfarçável inquietação. Tinha perdido o rumo.

---

[36] Réprobos: condenados. (Hiram Reis)
[37] Desapoderados: furiosos. (Hiram Reis)

Felizmente, no dia 16, retornara ao caminho certo, não obstante achar-se, ainda, algo um tanto desorientado.

Quem já não podia recalcar a sua grande contrariedade com os atrasos provenientes da incerteza do caminho, era o Comandante das Forças Expedicionárias. Tanto assim que, no dia 17, exprobrou ([38]) duramente o nosso velho Guia.

E se maior, ainda, não foi a sua desesperação, é porque, com ser homem dotado de coração bondoso, logo se deixou acalmar pelo silêncio respeitoso com que lhe ouviu Lopes as exprobações ([39]).

No dia 19, dissipou-se, afinal, para Lopes, qualquer dúvida que ainda lhe pudesse restar sobre o caminho, graças a uma elevação que se avistava ao longe. Mal deu com os olhos nela, o velho Guia não hesitou em afiançar que, com dois dias mais de marcha, estariam as nossas Forças em sua estância.

Como era de esperar, a todos reanimou e letificou ([40]) a informação de Lopes, pois ela significava a aproximação do termo de tantos sofrimentos físicos e de tantas provações morais. Não durou muito, porém, essa satisfação, porque, de repente, circulou a triste nova de que a cólera-morbo havia feito o seu aparecimento entre as Forças Expedicionárias.

No dia 20, os paraguaios tornaram a pôr fogo ao macegal; mas Lopes, sempre diligente, meteu as nossas Forças em um mato de pindaíbas, provido de água, e, assim, salvou-as de se queimarem, embora as não salvasse dos vapores ardentes e da fumarada.

---

[38] Exprobrou: repreendeu. (Hiram Reis)
[39] As exprobações: a bronca. (Hiram Reis)
[40] Letificou: alegrou. (Hiram Reis)

Nesse dia, mais violenta, ainda, foi a ação da cólera. De nove, foi o número de vítimas que nele tiveram as Forças Expedicionárias. E, para mais entenebrecer ([41]) o doloroso quadro dos que deixavam a vida, a noite longa noite de trevas e de sobressaltos os coléricos, tornados de agitação terrível, contorciam-se com câimbras, vociferavam, gemiam, rolavam uns sobre os outros, sem que nada, entretanto, pudessem fazer os médicos para lhes mitigar os padecimentos, pois já não tinham recursos de qualquer espécie.

Apesar de tudo, continuou-se a marcha em 21. Era um desfile fúnebre. Das carretas, pendiam pernas, braços e até cabeças de pobres vítimas do terrível mal. Para maior desgraça, ainda, daquela procissão impressionante de heróis e mártires, assim que, com o calor do Sol, a macega perdeu o orvalho que colhera a noite, os paraguaios lhe puseram fogo.

Ao atingirem as Forças Expedicionárias a uma chapada extensa, avistaram, a distância, o morro da Margarida. Foi uma satisfação geral. Lopes, muito especialmente, rejuvenesceu de júbilo. Era, para ele, a certeza de que continuavam no bom caminho, e de que se aproximava cada vez mais, com o fim daquela caminhada tétrica, o termo da sua patriótica missão.

Esta, porém, não podia acabar sem novo incêndio, ateado pelos paraguaios. E foi o que aconteceu. Ali estava ele. Por felicidade, ali, também, estava, atento, Lopes.

Quando este o viu levantar-se crepitante e ardente, varou correndo, para lhe dar combate, por entre cavaleiros inimigos, que se achavam esparsos por aqueles campos, e, mais esta vez, da luta contra o fogo, a vitória foi integralmente sua.

---

[41] Entenebrecer: enlutar. (Hiram Reis)

Essa passagem do velho Guia através de adversários reconhecidamente sagazes e audaciosos, foi de grande temeridade. Mas Lopes estava por tudo.

Quando lhe advertiam de que se devia poupar, respondia que de nada valia isso, pois ninguém podia contrariar os desígnios da Providência. Dizia ele que as Forças Expedicionárias se estavam aproximando do fim de suas terríveis provações, e acrescentava:

> – Saibamos morrer; os sobreviventes dirão o que fizemos.

Do dia 22 até ao dia 24 de maio, a marcha continuou com o mesmo aspecto de verdadeira procissão da morte.

No dia 24, como já estivesse aberta, até a margem do Prata, a picada de que se incumbira o bravo rio-grandense Capitão Pisaflores, por ela atravessou Lopes, e foi ter à sua propriedade, aquela estância amada, da qual sempre falava demoradamente, com um misto de saudade e de entusiasmo.

No dia seguinte, as nossas Forças atravessaram o Prata. O pior é que o número de coléricos se multiplicava assustadoramente. Já se não achava como os conduzir. Por isso mesmo, forçoso foi abandonar os cento e trinta que, então, havia. Que fez o Comandante das Forças Expedicionárias?

Mandou abrir na mata uma clareira extensa, ordenou que para ela se transportassem, na noite de 25 para 26, aqueles cento e trinta mártires, e lá os deixou, com a alma amargurada, sob a proteção platônica deste cartaz, escrito em letras grandes, e que ficou pregado no tronco de uma daquelas árvores, testemunhas silenciosas de tantos gemidos, de tantas lágrimas e de tantas imprecações:

> – Compaixão para os coléricos!

No momento, exatamente, em que, com o raiar do dia, acabavam de abandonar na mata aquelas pobres vítimas de um destino injusto, apareceu Lopes, que, desde a véspera, tinha regressado de sua propriedade. Trazia a desoladora nova da morte de seu filho, pela cólera. Tremia-lhe a voz, mas estava aparentemente calma.

– Meu filho morreu,

Disse ele ao Coronel, segundo o testemunho do Visconde de Taunay,

– Desejo sepultá-lo em terra minha. É um pequeno favor que, por ele, e por mim, solicito; a sua vida, como a minha, pertencia a Expedição. Deus, que tudo determina, salvou-o muitas vezes das mãos dos homens, para levá-lo hoje.

Conduziram-no, então, em um reparo de peça, e ao atingirem a margem direita de volumoso Ribeirão, que corria pelas terras do velho Lopes, ai o sepultaram. Enquanto se abria a sepultura, Lopes conservou-se a distância, silenciosamente, sob o peso de sua grande dor. Só quando lhe comunicaram que o solo estava úmido, e até encharcado, é que ele descerrou os lábios, para dizer, com a resignação de um Santo:

– Agora, que importa? Entreguem a terra o que lhe pertence.

Depois, continuou, com a coluna, pela sua estância a dentro. O novo ponto de estacionamento de nossas Forças já estava determinado: era o meio da mangueira do nosso guia. Estava por se findar a missão do velho Lopes. Combalido, arcado para a frente, com a cabeça sobre o arção ([42]) da sela, seguia ele, sem proferir palavra.

---

[42] Arção: parte dianteira da sela. (Hiram Reis)

Súbito, saltaram-lhe os estribos, e ele caiu, pesadamente, ao solo. Acabava de o assaltar, impiedosamente, a cólera. Colocaram-no sobre um reparo, e, como ele, uma vez ai, se reanimasse um pouco, continuou a dirigir a marcha.

Assim é que, mal percebeu a tentativa de seu genro Gabriel para atravessar um capão, com o fim de atalhar caminho, recomendou, embora com voz sumida:

– Contornem o mato, que é muito sujo.

Ao cair da noite, alcançaram as nossas Forças o local do antigo rodeio de gado da estância do velho Lopes, e nele estacionaram, ficando o nosso Guia, com o Coronel Camisão e o Tenente-coronel Juvêncio, estes, também, coléricos, instalado num galpão em ruína.

Na manhã de 27, iam as nossas Forças continuando a marcha, quando os paraguaios tentaram, mais uma vez, cortar-lhes a retirada.

Foram, porém, contidos pelo 17° de Voluntários, que fazia a retaguarda. Após meia légua de marcha, chegaram as nossas Forças, finalmente, a uma das margens do Miranda. Na margem oposta, estava a casa do velho Lopes, aquela mesma casa sob cujo teto nunca faltou pousada, e pousada régia, para os que algum dia lhe bateram à porta.

Desgraçadamente, em ali chegando, entregou Lopes a sua alma generosa a Deus. Sepultaram-no, então, no meio do acampamento, em terra que ele havia regado com o suor de seu trabalho honesto, e, sobre a sepultura, colocaram os seus bravos e leais amigos, piedosamente, uma cruz, que fizeram de madeira tosca. Era a única homenagem que lhe podiam prestar naquele momento. Outras, não lhe podiam ser prestadas senão depois.

E, realmente, o foram. Hoje, ele tem o nome sobalçado ([43]) pela nossa história, e a figura perpetuada no bronze do monumento que se levanta, solene, na capital da República, sob as bênçãos desta doce Pátria, a que tanto serviu, e pela qual morreu, entre os soluços dos que foram testemunhas de sua *"Constância e de seu Valor".* (OLIVEIRA, 1952)

Imagem 03 – Túmulo do Guia Lopes (OLIVEIRA, 1952)

[43] Sobalçado: exaltado. (Hiram Reis)

Navegar I
(Fernando Pessoa)

Navega, descobre tesouros, mas
não os tires do fundo do mar, o lugar deles é lá.

Admira a Lua, sonha com ela, mas
não queiras trazê-la para Terra.

Goza a luz do Sol, deixa-te acariciar por ele.
O calor é para todos.

Sonha com as estrelas, apenas sonha,
elas só podem brilhar no céu.

Não tentes deter o vento, ele precisa correr por toda a parte,
ele tem pressa de chegar sabe-se lá onde.

As lágrimas? Não as seques, elas precisam correr na minha,
na tua, em todas as faces.

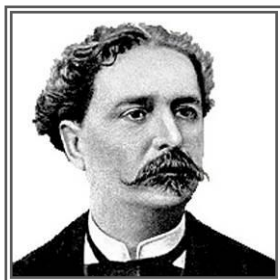
O sorriso! Esse deves segurar,
não o deixes ir embora, agarra-o!

Quem amas? Guarda dentro de um porta joias, tranca,
perde a chave! Quem amas é a maior joia
que possuis, a mais valiosa.

Não importa se a estação do ano muda,
se o século vira, conserva a vontade de viver,
não se chega a parte alguma sem ela.

Abre todas as janelas que encontrares e as portas também.
Persegue o sonho, mas não o deixes viver sozinho.
Alimenta a tua alma com amor,
cura as tuas feridas com carinho. [...]

Alfredo D’Escragnolle Taunay

A Academia Brasileira de Letras (ABL) assim repercute a biografia do insigne brasileiro:

Visconde de Taunay [Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay], engenheiro militar, professor, político, historiador, sociólogo, romancista e memorialista, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22.02.1843, e faleceu também no Rio de Janeiro em 25.01.1899.

Era filho de Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay, e de Gabriela de Robert d’Escragnolle. Seu avô, o famoso pintor Nicolau Antônio Taunay, foi um dos chefes da Missão Artística francesa de 1818 e seu pai foi um dos preceptores de D. Pedro II e durante muito tempo dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes. Pelo lado materno, era neto do Conde d’Escragnolle, emigrado da França pelas contingências da Revolução.

Criado em ambiente culto, impregnado de arte e literatura, desenvolveu bem cedo a paixão literária e o gosto pela música e o desenho. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, onde se bacharelou em letras em 1858. No ano seguinte ingressou no curso de Ciências Físicas e Matemáticas da Escola Militar. Alferes-aluno em 1862, bacharel em matemáticas em 1863, foi promovido a 2° Tenente de artilharia em 1864, inscrevendo-se no 2° ano de Engenharia Militar, que não terminou, por receber ordem de mobilização, com os outros oficiais alunos, em 1865, no início da Guerra do Paraguai. Foi incorporado à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, para trazer ao Governo Imperial notícias do Corpo Expedicionário

de Mato Grosso, que havia muito se supunha perdido e aniquilado. Trouxe da campanha profunda experiência do país e inspiração para a maior parte dos seus escritos, a começar do primeiro livro, Cenas de viagem [1868].

Em 1869, o Conde d'Eu, Comandante-em-Chefe das Forças Brasileiras em operação no Paraguai, convidou o 1° Tenente Taunay para secretário do seu Estado-Maior, sendo encarregado de redigir o Diário do Exército, cujo conteúdo foi, em 1870, reproduzido no livro do mesmo nome. Terminada a guerra, foi promovido a Capitão, e terminou o curso de Engenharia, passando a professor de geologia e mineralogia da Escola Militar.

Em 1871, publicou o primeiro romance, Mocidade de Trajano, com o pseudônimo de Sylvio Dinarte, que usaria na maior parte das suas obras de ficção, e, em francês, A Retirada da Laguna, sobre o desastroso e heroico episódio de que participou. A publicação chama a atenção de todo o Brasil para o jovem escritor.

Por indicação do Visconde do Rio Branco, candidatou-se a Deputado Geral pelo Estado de Goiás, que o elegeu para a Câmara dos Deputados em 1872, mandato que foi renovado em 1875. Foi, de 76 a 77, Presidente da Província de Santa Catarina.

Nunca mais voltaria ao serviço ativo do Exército. Promovido a Major em 1875, demitiu-se do posto em 1885, já tomado por atividades na política e nas letras. Em 1878, caindo o Partido Conservador, em cujas fileiras militava, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos.

De volta ao Brasil, em 1880, encetou uma fase de intensa atividade em prol de medidas como o casamento civil, a imigração, a libertação gradual dos escravos, a naturalização automática de estrangeiros.

Deputado novamente de 81 a 84, por Santa Catarina. Em 1885 foi candidato a Deputado pelo Rio de Janeiro, mas foi derrotado. Presidiu o Paraná de 85 a 86, pondo em prática a sua política imigratória. Em 86 foi eleito Deputado Geral por Santa Catarina e, logo a seguir, senador pela mesma província, na vaga do Barão de Laguna.

Foi no Senado um dos mais ardorosos partidários da Abolição. Em 6 de setembro de 1889 recebia o título de Visconde, com grandeza. Estava no início de uma alta preeminência nos negócios públicos quando a proclamação da República lhe cortou a carreira, dada a intransigente fidelidade com que permaneceu monarquista até à morte.

Na imprensa da época há numerosos artigos seus que se destinavam a pôr em destaque as virtudes do Imperador banido e do regime que a República destruíra.

Foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de São Bento, da Ordem de Aviz e da Ordem de Cristo.

Taunay foi um infatigável trabalhador, patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem de letras. Teve a plena realização do seu talento no terreno literário.

Sua obra de ficção abrange, além do romance, as narrativas de guerra e viagem, descrições, recordações, depoimentos, artigos de crítica e escritos políticos.

Foi também pintor, restando dele telas dignas de estudo. Era grande apaixonado da música, tendo deixado várias composições.

Estudioso da vida e da obra dos grandes compositores, manteve com escritores e jornalistas polêmicas sobre essa arte, notadamente com Tobias Barreto. (www.academia.org.br)

Navegar II
(Fernando Pessoa)

[...] Descobre-te todos os dias, deixa-te levar pelas tuas vontades, mas não enlouqueças por elas.

Procura! Procura sempre o fim
de uma história, seja ela qual for.

Dá um sorriso àqueles que esqueceram como se faz isso.
Olha para o lado, há alguém que precisa de ti.
Abastece o teu coração de fé, não a percas nunca.

Mergulha de cabeça nos teus desejos e satisfá-los.
Agoniza de dor por um amigo, só sairás
dessa agonia se conseguires tirá-lo também.

Procura os teus caminhos, mas não magoes
ninguém nessa procura. Arrepende-te,
volta atrás, pede perdão!

Não te acostumes com o que não te faz feliz, revolta-te quando julgares necessário. Enche o teu coração de esperança, mas não deixes que ele se afogue nela.

Se achares que precisas de voltar atrás, volta!
Se perceberes que precisas seguir, segue!

Se estiver tudo errado, começa novamente.
Se estiver tudo certo, continua.

Se sentires saudades, mata-as. Se perderes um amor,
não te percas! Se o achares, segura-o!

Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala. "O mais é nada".

A Mídia Pretérita e a Expedição

Embora a imprensa nacional tenha realizado uma cobertura por demais incipiente da histórica Expedição, vale a pena reportar algumas de suas breves notas não só pelo seu intrínseco valor histórico mas, sobretudo, porque elas nos permitem "*engarupar na anca da história*" e acompanhar, como o fizeram os leitores de outrora, ainda que por breves momentos a saga daquele punhado de heróis.

Correio Mercantil, n° 33
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 02.02.1867

Expedição de Mato Grosso

De uma carta particular, escrita de Miranda em 17 de novembro último, extraímos as seguintes interessantes notícias:

O Sr. Coronel Carvalho achava-se em Miranda com as Forças sob seu comando. Enviara o mesmo Coronel alguns bombeiros, comandados por um Sargento, afim de fazer um reconhecimento à frente.

Esses bombeiros, antes de se aproximarem de Corumbá, tinham-se encontrado com uma avançada dos paraguaios, com a qual se bateram, resultando a morte de alguns soldados inimigos e escapando sem perdas os bombeiros.

Passados alguns dias, voltaram estes às proximidades de Corumbá, e observaram grande movimento do inimigo.

Referiam eles ter visto um vapor paraguaio rebocando várias lanchas com munições e gêneros.

Estava o Coronel disposto a bater-se em breve; com os paraguaios em Corumbá, e seguir depois para Albuquerque e dali ir finalmente a Coimbra.

Já se achavam perto do acampamento os gêneros alimentícios que estavam depositados nos baús, e que o Major Lins na sua passagem por ali fizera seguir pela estrada que mandou abrir daquela localidade até Camapuã. Para esta estrada, segundo refere a carta, transitam hoje todos os recursos com imensa vantagem, por isso que evitam-se os pântanos do Rio Negro.

O Sr. Coronel Carvalho já havia expedido tropas; afim de receber a poucas léguas de distância os mantimentos transportados por Salviano José Mendes.

Pela estrada de Camapuã, segundo notícias chegadas ao acampamento das Forças, transitavam muitas tropas e carros conduzindo víveres.

Tinha o Coronel Carvalho mandado a Nioaque fazer um reconhecimento pelos índios da tribo Guaicurus, comandados pelo seu Chefe Lapagata. Já ali não encontrara este Chefe os paraguaios.

Constava, porém, que o fazendeiro Barbosa, o qual se achava prisioneiro em poder dos paraguaios, tendo escapado na ocasião em que estes se retiravam, fora morto por Lapagata e os seus, em consequência de antigas inimizades.

De Nioaque tinham os índios seguido para o "*Apa*".

Em Miranda continuava a grassar a célebre paralisia, que até à última data fizera já 30 vítimas entre a oficialidade que marchara do Coxim. (CM N° 33)

Correio Paulistano, n° 3.217
São Paulo, SP – Sexta-feira, 15.02.1867

Notícias das Forças que Seguiram para Mato Grosso

Da carta de um Cadete do extinto Corpo Fixo de S. Paulo, e datada a 24 de dezembro próximo passado em o acampamento junto a Miranda, extraímos o seguinte trecho:

Aqui neste lugar tudo é ruim, a água é horrível, o calor excessivo, mosquitos uma quantidade extraordinária, e assim tudo mais, felizmente a fome já se tem retirado dentre nós, mas a peste não.

Nós aqui estamos nos aprontando para marchar contra Corumbá, para lá dar-se um ataque aos vândalos que tão ousada e traiçoeiramente tem invadido as nossas fronteiras, e que ora parecem fugir aceleradamente ao tropel das nossas tropas, por isso que, quando estávamos em Coxim, eles estavam no Rio Negro, e quando para este lugar nos dirigimos eles se retiraram para o Rio Taboco.

Quando nós chegamos no Taboco eles voltaram para Aquidauana e quando chegamos no Aquidauana, eles vieram aqui, nós que para aqui nos dirigimos, eles se retiraram pra Corumbá; se assim for, suponho que muito facilmente conseguiremos entrar em Assunção.

As rondas que se tem mandado lá reconhecer a posição, número e qualidade do inimigo, nos dão a seguinte informação; boa cavalaria e bem montada, boa artilharia de campanha e uma luzida infantaria tudo em número de 3 a 4 mil homens, justamente o

número de nossa força aqui, porém com diferença de que a nossa cavalaria não está montada por que não tem cavalos, e eles os tem excelentes, como se vê de alguns que deles se tem escapado para cá.

A pouco aqui se organizou um Batalhão somente de bugres, pois para isso são excelentes, e se tivéssemos material podia-se ainda organizar outros, pois essa gente grosseira e rústica, para isso serve muito.

Esta Vila parece ter sido muito bonita, mas hoje nada vale, pois os paraguaios queimaram todas as casas e até a própria igreja. (CP N° 3.217)

Diário de S. Paulo, n° 555
São Paulo, SP – Domingo, 23.06.1867

Gazetilha – Mato Grosso

Mato Grosso. – Publicamos em seguida uma parte oficial do Ten Cel em comissão, Antônio Enéas Gustavo Galvão, de data de 20 de abril, sobre a tomada do Posto Militar do Machorra:

CÓPIA. – Quartel do comando do Batalhão 17° de Voluntários da Pátria, acampamento no do Posto Militar do Machorra, 20 de abril de 1867.

Ilm° e Exm° Sr.

Ordenando-me V. Exª que dê uma parte circunstanciada da tomada do Posto Militar do denominado Machorra, pelo Batalhão 17° de Voluntários da Pátria de meu comando, que fazia a vanguarda hoje das forças, cumpre-me comunicar a V. Exª que, às 16h30, a vanguarda fazendo-me sinal do inimigo de cavalaria, recebi comunicação do Tenente João

Baptista de Souza Vianna que comandara o apoio da mesma vanguarda, de ter avistado no Banco direito uma partida de cavalaria, a qual em pouco tempo se tornou visível para todo o Batalhão, e pela marcha contra o flanco que fazia, parecia querer atacar a vanguarda.

Então mandando ordem para que ela marchasse bem junta do Batalhão, ao qual deveria reunir-se no caso de Força superior à que pudesse conter, mandei tocar avançar e um quarto de hora depois o mato estreitando-se apresentava um desfiladeiro no fundo do qual avistamos um córrego, fazendo alto ao Batalhão.

Determinei, então, à guarda avançada que a explorasse, e tendo esta atravessado fazendo fogo de atiradores nos cavaleiros que ousarão se apresentar nos clarões do mesmo, avancei com o Batalhão achando-me em uma vasta campina.

Continuando minha a marcha em colunas de grandes divisões à meia distância, pouco tempo depois o Capitão Enoch Baptista de Figueiredo, Comandante da vanguarda, comunicou-me que no mencionado ponto que já se avistava, distinguia-se em linha de Batalha 60 cavaleiros, mais ou menos.

Determinei que continuasse a avançar, observando a passagem do Córrego e a mata que o bordava ([44]), rompendo de novo o fogo de atiradores em alguns cavaleiros que observavam o Batalhão de mais perto, e retirando-se mandei avançar o Batalhão a marche-marche atravessando o Córrego.

Nesta ocasião observamos que a Força que se achava em linha de Batalha retirava-se a galope sendo de crer que fossem tocando a cavalhada que tinham, pela grande poeira que na frente deles se distinguia.

---

[44] Mata que o bordava: vegetação ciliar. (Hiram Reis)

Este ponto ocupando uma pequena elevação, apenas visível em muito pequena distância pelo mato que corta o Córrego, compõe-se de duas linhas paralelas de grandes casas, podendo dar abrigo a 400 praças.

Além disto um curtume, uma grande oficina de correeiros, dois grandes currais e plantações de mandioca, feijão, milho, canas e fumo como tudo deveria ser observado por V. Exª que instantes depois com seu Estado-Maior apresentou-se.

Achavam-se presentes na ocasião da entrada do posto, os Srs. Tenente-coronel Chefe da Comissão de Engenheiros Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, que vinha com ordem de V. Exª para que eu não me alongasse, 1° Ten Catão Augusto dos Santos Rocha e 2° Ten Alfredo d'Escragnolle Taunay, membros da referida Comissão, os quais colocando-se ao lado da vanguarda, entusiástica e corajosamente davam vivas ao Batalhão.

Faltaria também a um dever se não manifestasse à V. Exª o bom comportamento que tiveram o Capitão Enoch Baptista de Figueiredo, Tenente João Baptista de Souza Viana, e Alferes ajudante Joaquim Cândido de Vasconcelos, pela firmeza com que se houveram, este na transmissão de ordens, e aqueles no serviço de vanguarda.

Ignorando eles a força com que repentinamente teriam de se encontrar pelas emboscadas que o mato oferecia.

É o que me cumpre comunicar à V. Exª.

Deus guarde à V. Exª – Ilm° e Exm° Sr. Coronel Carlos de Moraes Camisão, Comandante em Chefe destas Forças em Operações.

[Assignado] Antônio Enéas Gustavo Galvão, Tenente-Coronel em Comissão, Comandante. (DSP N° 555)

Jornal do Comércio, n° 213
Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 28.07.1867

Gazetilha

Sob o título – Expedição do Mato Grosso – O Correio Paulistano diz o seguinte:

As notícias mais minuciosas que pudemos colher do último desastre ocorrido à Expedição comandada pelo bravo Coronel Camisão, são as seguintes:

Sendo impossível às Forças Brasileiras que haviam ocupado o ponto denominado Bela Vista, abandonado pelos paraguaios, permanecer ali por falta de víveres, e não encontrando amparo na estrada e Forte de Nioaque, quando se retiraram daquelas paragens foram atacadas pelos paraguaios, que as perseguiram com fuzilaria e artilharia.

A retirada, assim feita debaixo do fogo inimigo, começou no dia 8 de maio, continuando até o dia 11.

Neste último dia, achando-se as forças brasileiras nos campos do "*Apa*", resolveram fazer frente ao inimigo, e deu-se então um renhido combate, no qual perderam os paraguaios 70 e tantos homens, e a nossa gente algumas praças do 17° Corpo de Voluntários, que era o que se, achava na frente, e recebeu o choque de toda a cavalaria inimiga. Depois deste encontro, o Coronel Camisão deliberou abandonar a estrada de Miranda e seguir em direção de uma fazenda, onde, segundo informações de um prático ([45]), devia-se encontrar recursos, ao mesmo passo que se encurtava a viagem. Isto, porém, não aconteceu, como delineara o prático, mal informado.

[45] Prático: Guia Lopes. (Hiram Reis)

Devendo gastar neste trajeto apenas 6 dias, a Expedição fez a viagem em 22, sofrendo a perseguição encarniçada do inimigo, e ainda a fome e o terrível flagelo da cólera ([46]), que a dizimava desastrosamente.

No dia 29 do maio faleceram, vítimas da epidemia, o Comandante das forças Coronel Carlos de Moraes Camisão e o imediato, Tenente-Coronel Juvêncio Manoel Cabral de Menezes. Os oficias Tenentes Taunay e Alferes João Mineiro, que trazem informações de tais ocorrências, deixaram a Expedição no dia 17 de junho, ficando as Forças sob o comando do bravo Major José Thomaz Gonçalves e acampadas na margem esquerda do Aquidauana, onde haviam chegado no dia 11.

Através de tantas e tão aflitivas adversidades, era notável a resignação, sangue-frio e união que mostravam soldados a oficiais.

Consta que entre os muitos mortos lamenta-se a perda do Tenente Fernando Antônio de Araújo Moniz [Paulista] e a do único sacerdote que ainda existia na Expedição, o qual, acompanhando um comboio de víveres, pereceu desastradamente às mãos dos paraguaios. Não se imagine o que sofreu a Expedição, e o que deve estar sofrendo: fome, frio, marchas forçadas, constantes ataques e surpresas dos inimigos, e sobretudo isto o terrível mal da cólera, com as circunstâncias de não haver remédios para os enfermos, ficando os facultativos ([47]) de braços cruzados.

---

[46] Cólera (Cholera-morbus): infecção intestinal aguda causada pelo Vibrio cholerae, bactéria capaz de produzir uma enterotoxina que causa diarreia. O Vibrio cholerae penetra no organismo humano por ingestão de água ou de alimentos contaminados e se conseguir vencer a acidez do estômago, alcança o intestino delgado onde o meio é alcalino, multiplicando-se intensamente. (CIVES)

[47] Facultativos: profissionais que exercem a medicina. (Hiram Reis)

Por mais de uma vez viu-se a Expedição constrangida a deixar no caminho os seus doentes e moribundos, por não ter meios de transporte! Houve casos de enlouquecerem soldados em razão do desespero que lhes causavam os sofrimentos! (JC N° 213)

Diário de S. Paulo, n° 585
São Paulo, SP – Quarta-feira, 31.07.1867

Diário de S. Paulo

Em seguida publicamos uma carta que nos enviou de Jundiaí o nosso amigo, Dr. Pinto Júnior, narrando os lastimáveis, porém gloriosos sucessos da nossa Expedição Militar na Província de Mato Grosso.

A notícia desses sucessos, que ontem demos, é inexata na parte relativa à retomada de Nioaque pelas nossas forças, visto que esta posição não havia sido por nós abandonada.

Nioaque servia de Base de Operações para a Expedição, que, passando o "*Apa*", adiantara-se pelo território paraguaio, tomando o Forte de Bela Vista e destruindo o da Rinconada.

Foram terríveis os sofrimentos por que passou esse punhado de bravos, que, durante vinte e tantos dias, lutaram em retirada contra o inimigo, a braços com o terrível flagelo da cólera, e serpeado os rigores da fome, através de ínvios sertões!

Nessa retirada, sob o fogo incessante do inimigo, os oficiais lutaram com os soldados para que estes conduzissem os feridos e coléricos, que, abandonados, eram degolados pelos paraguaios, à vista das nossas forças!

Ao passo que essa Expedição infeliz lutava contra todos os perigos e misérias, o delegado do Governo Imperial, o Sr. Couto de Magalhães, na capital da Província, ocupava-se exclusivamente de eleições, ordenava festas, mandava iluminar a cidade, promovia bailes e jantares nos arrabaldes, e mudava os nomes dos navios de guerra!

Pobre Brasil, à que gente estão entregues os teus destinos!

Meu amigo. As notícias do Mato Grosso que há pouco recebemos são falsas, e se bem que as verdadeiras sejam dolorosas em relação às perdas sensíveis que tivemos pelo terrível flagelo da cólera que acometeu a coluna, contudo são de muita honra e glória para os nossos bravos soldados, que através das mais horríveis calamidades resistiram galhardamente ao inimigo em vinte o tantos dias de continuado fogo, entrando nesses dias os combates de 6, 8, 9 e 11 de maio.

A coluna tinha avançado além do "*Apa*" até a fazenda da Laguna, do Presidente López, em procura de gado, havendo anteriormente destruído os Fortes de Bela Vista e Rinconada, o qual não tendo sido possível obter-se, foi mister regressar para a Base de Operações que era o ponto de Nioaque, situado a 35 léguas daquela fazenda.

Antes desta operação, o Chefe da Expedição, Coronel Camisão, resolveu atacar o acampamento paraguaio, formado a 2 léguas do nosso, mandando para esse fim no dia 6 de maio 2 Batalhões, o 21° de infantaria, comandado pelo muito valente Major José Thomaz Gonçalves e o Corpo de Caçadores a Cavalo, ao mando do intrépido Capitão Pedro José Rufino.

Ao romper d'alva ([48]), caíram os 2 Batalhões sobre o acampamento e começaram um nutrido fogo que obrigou o inimigo à uma retirada precipitada, ficando em poder dos nossos grande porção de arreios, cavalhada, armamento, etc., e salvando o inimigo a sua artilharia a muito custo. Neste ataque, os nossos soldados portaram-se com todo o valor, notavelmente os dois oficiais comandantes, sendo esta ação protegida pela nossa artilharia, postada em uma eminência ([49]) onde se achava o Coronel Camisão, seu Estado-maior e o Batalhão do Voluntários da Pátria n° 17.

Depois de assim debandado o inimigo começou a retirada em direção a Nioaque, durante a qual ainda voltou o inimigo com grande porção do cavalaria e artilharia no empenho de embaraçar a marcha, que era sempre feita debaixo de contínuo fogo. Ao passar os campos do "*Apa*" no combate de 11 do maio, ao estrondo da artilharia e fuzilaria, desembestou toda a boiada de munição, ficando assim a coluna desprovida de mantimento.

O Guia José Francisco Lopes, vendo que pela estrada por onde tinha vindo a coluna eram precisos 14 dias pelo menos para chegar à Nioaque, propôs-se a dirigi-la em 8 dias pelos campos a rumo direito, e acordando nisso o Comandante, puseram-se a caminho, rompendo espessos macegais aos quais dia e noite o inimigo lançava fogo, tornando assim quase impossível a marcha. Nesse trajeto, manifestou-se desgraçadamente o cólera, que fez as primeiras vítimas no dia 17 de maio em número do três, e seguindo-se em progressão ascendente, tomou proporções tão medonhas e assustadoras, que em 10 dias sucumbiram 300 e tantos acometidos, entrando nesse número o Coronel Camisão, Tenente-coronel

[48] Ao romper d'alva: ao romper da aurora, ao alvorecer. (Hiram Reis)
[49] Eminência: elevação. (Hiram Reis)

Juvêncio, Alferes Muniz [de S. Paulo], Alferes de Comissão Martins da Cunha e outros oficiais cujos nomes ignoramos. Além destes, todos os que faziam parte da coluna sofreram mais ou menos da terrível peste.

Seria impossível descrever o estado de prostração, de sofrimento e de agonia com que lutaram nossos bravos patrícios, acossados pela mais terrível fome, pelo flagelo da cólera, pelo encarniçamento do inimigo, enfraquecidos pelo árduo serviço da guerra, e afinal, quase perdidos e sem rumo, porque o sertanejo Lopes que os guiava naquele deserto, apesar da sua reconhecida prática, do seu tino, de sua coragem e do ardente desejo que tinha de cumprir a promessa que fizera de colocar a coluna na estrada do Canindé, quase desanimado pela morte de um filho, expirou do terrível flagelo no momento em que, alcançando a dita estrada, cumprira o seu dever salvando toda a coluna.

A morte do bravo Coronel Camisão há de ficar eternamente gravada na memória de seus camaradas. Este valente soldado, depois de tantos sofrimentos, de tantos atos de resolução e bravura, de tanta abnegação, no momento do expirar pediu a espada, cingiu-a à cinta, deu ordem de marcha e desapertando o talim ([50]) empalideceu e expirou.

No mesmo dia faleceu o seu imediato, Tenente-Coronel Chefe da Comissão de Engenheiros Juvêncio Manoel Cabral de Menezes; em consequência do que tomou o comando o resoluto paulista, Major José Thomaz Gonçalves, que imediatamente providenciou o prosseguimento da marcha, ativando a passagem do Rio Miranda e restabelecendo a disciplina enfraquecida por um conjunto de circunstancias tão extraordinárias.

[50] Talim: Correia, presa à cinta e de onde pende a espada. (Hiram Reis)

No dia 1° de junho, achando-se toda a coluna na margem direita do Rio Miranda, ordenou aquele valente cabo de guerra uma marcha forçada a qual se efetuou na noite daquele mesmo dia, apesar do copiosíssima chuva, completando-se às 14h00 do dia 2, seis léguas, e em seguida mais três até o Porto de Nioaque.

No Canindé achando-se vários carros de munições de boca, os quais pelo desencontro da tomada da nova direção pelas Forças, já se achavam em poder dos paraguaios, que, em consequência da fuga dos carreiros, principiavam a estragar os mantimentos, quando a chegada da coluna impediu esse ato de vandalismo. É impossível pintar a voracidade com que os nossos soldados esfaimados se lançaram aos víveres espalhados pelo campo, e em parte pelos próprios carreiros para inutilizá-los no ato do abandono.

À chegada de Nioaque, tendo-se retirado o destacamento, conjuntamente com o Coronel Lima e Silva, mandou o Major Comandante seguir para o Rio Aquidauana, a 13 léguas de Nioaque, onde encontrou a coluna os víveres que haviam sido levados pelo Coronel Chefe da Repartição Fiscal.

A 17 do mês passado, ficaram as nossas forças em perfeito estado sanitário, munidas de muitos mantimentos e gado, ocupando uma boa posição no lugar denominado – Dois Irmãos.

Estas notícias foram-nos fornecidas pelos Srs. 1° Tenente de engenheiros Alfredo de D'Escragnolle Taunay o Alferes João Luiz do Prado Mineiro, que hoje chegaram à esta cidade, com 42 dias de viagem, e amanhã seguem para a capital no trem das 06h00.

Jundiaí, 29.07.1867.

Dr. Joaquim Antônio Pinto Júnior. (DSP N° 585)

Imagem 04 – Vapor Anhambaí

Correio Paulistano, n° 3.358
São Paulo, SP – Sexta-feira, 09.08.1867
Noticiário

Notícias de Mato Grosso

Recebemos um número do "*Boletim de Mato Grosso*", em que se narra pormenores da tomada de Corumbá aos paraguaios pelas forças que partiram de Cuiabá ao mando do Tenente-coronel Antônio Maria Coelho. Este feito d'armas deu-se no dia 13 de junho. A Expedição brasileira perdeu mui pouca gente. Conta-se entre os mortos o Capitão de Comissão Cruz.

O Boletim dá cento e tantos paraguaios como vítimas do combate, e 21 prisioneiros. Os vapores paraguaios "*Apa*", e "*Anhambaí*", que fizeram fogo vivo na ocasião do ataque, fugiram depois de perdidas as esperanças de resultado. Foram restituídos à liberdade 500 e tantos brasileiros de ambos os sexos, que ali estavam sob pressão e guarda dos inimigos.

Como despojos deixaram os paraguaios em poder das forças brasileiras 8 bocas de fogo, muito armamento, munições de guerra, e víveres.

Constava que celebrizaram-se no dia do combate duas cuiabanas, Francisca de Sampaio Botelho e Maria Brasilina da Silva Barreto. O Presidente da Província, Dr. Couto de Magalhães, que se achava nos Dourados, logo que soube do fato, seguiu para Corumbá com a flotilha que levava e com a Força ao mando do Major Antônio José da Costa.

Orçava-se em duas mil baionetas e 17 bocas de fogo, além da flotilha, a Força que devia guarnecer aquele ponto reconquistado ao inimigo.

Em Cuiabá houve grandes e entusiásticos regozijos públicos, em que tomaram parte a população e as autoridades. (CP N° 3.358)

Correio Paulistano, n° 3.375
São Paulo, SP – Sexta-feira, 30.08.1867

Noticiário

Aqui passaram oficiais vindos da Expedição de Mato Grosso, os quais devem de estar nessa capital, que descreveram a retirada do "*Apa*", com cores ainda mais negras do que aquelas com que já se tinha pintado esse quadro de horrorosos males, que mais realçam a coragem e o valor de nossos soldados. Segundo eles dizem, houve imprudência na passagem do "*Apa*", sem as necessárias cautelas e precisas reservas de gente e depósitos de víveres. Foi uma temeridade que nos custou bem cara e que ficou infrutífera. Felizmente os feitos de Corumbá, vieram contrabalançar os desastres do "*Apa*".

Espero novas notícias para emitir a minha muito humilde opinião sobre as operações e conveniências da guerra naquele ponto do Império, a que o Paraguai tem, de há muito, falsas pretensões contra o expresso do Tratado de Utrecht, que colocou nossos limites no "*Apa*".

Província de Mato Grosso

Lê-se no Jornal do Comércio de 27 do corrente:

Chegaram ontem notícias de Mato Grosso que alcançam a 10 de julho. Vieram por um próprio ([51]). A Expedição dirigida pelo Presidente da Província, depois da tomada de Corumbá, dispunha-se a reunir-se à outra Expedição que fora comandada pelo Coronel Camisão, devendo o ponto da junção ser na Conceição do Paraguai, além do "*Rio Apa*".

Tendo, porém, aparecido a epidemia da bexiga no acampamento, e achando-se nos arquivos paraguaios que ficaram em Corumbá comunicações oficiais dirigidas ao Comandante militar daquele ponto, em que se referia que as Forças hoje comandadas pelo Ten Cel José Thomaz Gonçalves haviam repassado o "*Apa*".

Desistiu o Sr. Dr. Couto de Magalhães de seu intento, e regressou com toda a Expedição para Cuiabá, onde ficava. Em Corumbá ficou uma guarda de observação.

Nos arquivos daquela praça acharam-se documentos assinados de próprio punho de López, ordenando os mais bárbaros tratamentos aos prisioneiros aliados que não se prestassem a dar todos os esclarecimentos que pudessem servir aos nossos inimigos. (CP N° 3.375)

[51] Próprio: mensageiro. (Hiram Reis)

Correio Paulistano, n° 3.120
São Paulo, SP – Quarta-feira, 17.10.1867

Notícias da Expedição de Mato Grosso

As datas das Forças Expedicionárias ao Sul de Mato Grosso alcançam a 22 de agosto. De uma carta dirigida ao Major Lins, extraímos o seguinte:

O Cel Carvalho, que havia quebrado o braço esquerdo, achava-se restabelecido, e continuava a comandar a Expedição. No acampamento havia abundância de víveres. Os corpos de artilharia e cavalaria de S. Paulo, que tinham sido extintos pelo Cel Galvão, foram novamente criados pelo atual Comandante da Expedição; sendo nomeados, para comandar a cavalaria o Cap Camacho, e para a artilharia o Cap José Thomaz de Cantuária.

Os paraguaios retiraram-se de Miranda, deixando tomadas as entradas desta Vila; ainda se conservavam nos seguintes pontos à margem do Aquidauana, Porto de Souza, Porto de Maria Domingues, Taquarussu, Forquilha e Nioaque.

Tendo o Coronel Carvalho tido denúncia de que uma ronda ([52]) paraguaia de 12 homens a pé e 16 a cavalo atravessavam todos os soldados a Forquilha, afim de espiar as proximidades do nosso acampamento, enviou a encontrá-los uma força de cem Índios Terenas, armados e municiados; foram comandados pelos Tenente Joaquim Faustino e Alferes João Pacheco de Almeida, oficiais da Guarda Nacional de Miranda, que se apresentaram ao serviço.

---

[52] Ronda: patrulha. (Hiram Reis)

Esta mesma Força foi com ordem de fazer um reconhecimento até Nioaque, para onde pretendia o Coronel Carvalho seguir naqueles dias. Antes de seguirem; para o seu destino os índios de que falamos, fizeram tiro ao alvo com espingardas Minié ([53]), comandados por um Sargento, e notou-se que, na distância de 150 passos, nenhum deles deitou a bala fora do ponto. Algumas tribos já se haviam oferecido ao Coronel Carvalho para o serviço da expulsão dos paraguaios; contava-se os Capitães José Pedro da Silva, Chefe dos Terenas da Pirainha, José Pedro Chefe das tribos da Aldeia Grande; e Alixagota, Lapagata e Taquituana, chefes dos Guaicurus e Caldocos.

Também esperava-se a vinda das tribos fracionadas Quimquináus, Laiana e Guaná. Esta gente é toda conhecida e amiga do Coronel Carvalho. Em vista de tais notícias é natural que a esta hora estejam as nossas Forças ocupando os pontos invadidos pelos paraguaios. (CP N° 3.120)

[53] Minié: espingarda de razoável precisão. (Hiram Reis)

LA

RETRAITE DE LAGUNA

ÉPISODE DE LA GUERRE DU PARAGUAY

PAR

A. D'ESCRAGNOLLE-TAUNAY

VICOMTE DE TAUNAY

OFFICIER SUPÉRIEUR DÉMISSIONNAIRE DE L'ARMÉE BRÉSILIENNE
ANCIEN SÉNATEUR DE L'EMPIRE DU BRÉSIL, ETC.

PRÉFACES DE MM. E. AIMÉ ET XAVIER RAYMOND

TROISIÈME ÉDITION

PARIS

LIBRAIRIE PLON

E. PLON, NOURRIT ET Cie, IMPRIMEURS-ÉDITEURS

10, RUE GARANCIÈRE

—

1891

Tous droits réservés

Imagem 05 – La Retraite de Laguna

La Retraite de Laguna – Taunay

Correio Paulistano n° 3.745
São Paulo, SP – Terça-feira, 01.12.1868

Publicações

Sob o título "*La Retraite de Laguna*" principiou o Tenente Alfredo de D'Escragnolle Taunay a publicar em língua francesa uma narração da memorável Retirada das forças expedicionárias do Mato Grosso ao comando do Cel Camisão.

A descrição daquelas extraordinárias cenas a que assistiu o mesmo autor, a quem sobre elas já devemos algumas boas páginas escritas na nossa própria língua, será sem dúvida lida com interesse na Europa, onde a verdade talvez pareça romance. (CP N° 3.745)

Diário de S. Paulo n° 2.739
São Paulo, SP – Terça-feira, 22.12.1874

Literatura – Carta de Lisboa

Lê-se em um dos folhetins do Diário do Rio de Janeiro, o seguinte:

Quando estudei com atenção, os documentos oficiais, e cotejando com todo o cuidado as versões contraditórias dos dois beligerantes na guerra do Paraguai, um dos episódios que mais me cativaram o espírito foi um dos que menos eco tiveram na Europa – a Expedição de Mato Grosso.

Na Europa falava-se nas grandes batalhas, nos feitos de armas brilhantes, Uruguaiana, em Riachuelo, em Humaitá, em Lomas Valentinas, na Batalha do Campo Grande; seguia-se com ansiedade a perseguição das colunas cortadas do infatigável López, o "*steeplechase*" ([54]) infrene ([55]) em que o Visconde de Pelotas e o ditador do Paraguai procuravam à porfia alcançar mais depressa os vastos desertos de Mato Grosso.

Mas quem sabia entre nós do martírio obscuro, da dedicação silenciosa e resignada dessa pequena coluna, que, comandada pelo Coronel Camisão, penetrou no território do Paraguai até Laguna, e teve de retirar-se, enfim, perseguida e dizimada, mais do que pelo ferro do inimigo, pela peste, pela fome, pelo incêndio, pelo desalento?

Eu, pelo contrário, assim que o estudo dessas brilhantes campanhas me fez entrar no conhecimento desse episódio ignorado, senti uma profundíssima simpatia por esses heróis que afrontavam a morte, não nos campos de batalha gloriosos, que a luz da história têm de iluminar em cheio, mas nos desvios ignorados de Mato Grosso; nessas vastas solidões sem ecos, por esses mártires sublimes que morriam silenciosamente em torno da Bandeira Auriverde, não quando ela se desfraldava triunfante às auras da vitória, entre os clamores entusiásticos da luta, mas quando ela batia tristemente na hástea ([56]) escalavrada.

Quando simbolizava, não a Pátria triunfante, mas a Pátria chorosa e em luto; quando esse símbolo augusto fazia latejar nas veias dos soldados, não a febre dos grandes lances patrióticos; mas a cruel morbidez da nostalgia.

---

[54] Steeplechase: corrida de obstáculos. (Hiram Reis)
[55] Infrene: desenfreada. (Hiram Reis)
[56] Hástea: haste. (Hiram Reis)

Contribuíra decerto para esse sentimento de admiração profunda, de comoção simpática, o formoso livro que me narrara as peripécias dessa tragédia "*La Retraite de Laguna*", escrito em francês pelo oficial brasileiro Alfredo D'Escragnolle Taunay, não é simplesmente a história militar da Expedição, é a narrativa comovida e palpitante das angústias e dos desalentos dessa marcha lúgubre.

Com ele não se seguem unicamente os movimentos estratégicos de tropas sem individualidades, que não representam mais do que peças de xadrez movendo-se no tabuleiro vastíssimo do Teatro da Guerra; mas penetra-se na intimidade da coluna, conhece-se a fundo o valente Cel Camisão, tão cheio de brios, tão pundonoroso, mas não hesitante.

Como que assistimos às angústias que lhe dilaceram o espírito indeciso, como que o vemos a marchar, silencioso, triste e desalentado, no meio dos soldados, que todas as misérias acabrunham, a pensar na imensa responsabilidade que assumiu, e a pedir a Deus a morte, que seja para ele ao mesmo tempo expiação e alívio.

Desenrolam-se diante de nós as amplas e imponentes paisagens de Mato Grosso, vemos a coluna vaguear perseguida pelo fogo que devora as altas ervas, contemplamos a figura imponente do velho guia José Lopes, que o Sr. Taunay tão justamente compara com Nathaniel Poe, de Cooper ([57]).

Ouvimos os gritos dos enfermos abandonados, e como que sentimos também uma alegria imensa dilatar-nos o espírito, quando se divisa a fazenda do Jardim, o laranjal sombrio carregado com os frutos vermelhos, que é, para esses infelizes, terra de promissão, mais ainda, a salvação e a vida.

---

[57] James Fenimore Cooper, autor de "*O Último dos Moicanos*" e seu personagem Nathaniel "*Olho de Águia" que fora criado pelos índios.* (Hiram Reis)

O escritor que pintava com tão vigorosa e ao mesmo tempo dramática pena as paisagens, os caracteres e os episódios patéticos dessa desventurada tragédia, tinha por força altas qualidades de romancista, e esta minha suspeita confirmou-se plenamente, quando soube que era o Sr. Alfredo D'Escragnolle Taunay quem escreveu, com o pseudônimo, de certo já hoje transparente para os leitores brasileiros, de Sylvio Dinarte.

Um romance que em tempo lera com sumo prazer; a "*Mocidade de Trajano*", e dois livros que acabo de ler agora, um recentíssimo – "*Histórias Brasileiras*"; outro, datado de 1872, "*Inocência*". O romance, tal como hoje se entende, é o complemento indispensável da história, e o romancista, ao passo que proporciona aos seus leitores um prazer mais ou menos frívolo com os seus fantasiados enredos, tem também de cumprir mais alta missão, a de contribuir com elementos indispensáveis para o estudo de uma época ou de uma sociedade.

Ao passo que a história narra os acontecimentos políticos, as molas secretas da diplomacia, os planos das campanhas; o romance introduz-nos nos segredos da vida íntima, denuncia-nos as paixões os preconceitos que atuam nos caracteres.

A história compendia as leis, o romance os costumes; a história narra os fatos que se desenrolam na praça pública, os romances os mistérios do lar doméstico; a história conta-nos as agitações da turba anônima, inconstante e caprichosa, o romance dá um nome a cada um dos elementos da multidão, analisa-o e descreve-o, e assim contribui para nos explicar os caprichos que para a história são enigmas cuja chave não possui. [...]

Pois bem! Taunay escapou a este escolho, em que muitos naufragaram [...]

ANNO 4º | Rio de Janeiro 13 de Julho de 1872 | Nº 148

O MOSQUITO

CORTE
Anno........ 16$000
Semestre..... 9$000
Trimestre..... 5$000

PROVINCIAS
Anno........ 20$000
Semestre..... 11$000
Trimestre..... 6$000

REDACÇÃO 76 RUA DOS OURIVES 2º ANDAR

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
DO
RIO DE JANEIRO

PEDRO AMÉRICO   VICTOR MEIRELLES

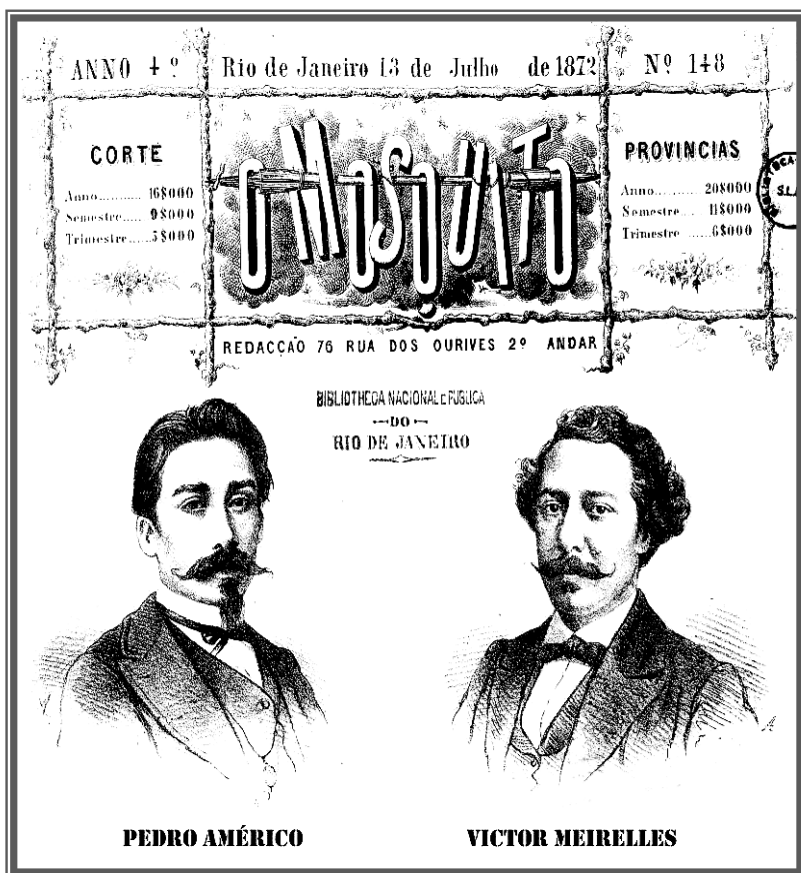



Imagem 06 – O Mosquito n° 148, 13.07.1872

Repetimos ainda hoje, contra os escritores brasileiros, a velha acusação de virem procurar na Europa os seus modelos e as inspirações, quando a cada instante aparecem agora nos jardins literários do Brasil flores nativas e opulentas, que têm na fragrância o hálito do solo inflamado em que nasceram, e no colorido o reflexo do céu brilhante que derramou sobre os seus cálices as suas torrentes de luz.

O Brasil tem sem dúvida hoje uma literatura verdadeiramente nacional, mais ou menos abundante, mas em que imprime o cunho especialíssimo da Pátria.

Os seus poetas bebem a inspiração nas torrentes natais; romancistas estudam o modo de ser da sociedade brasileira, e entre estes últimos ocupa sem dúvida um lugar importante o escritor que se esconde debaixo de pseudônimo de Sylvio Dinarte um nome já ilustrado por louros diversos dos que enramam a fronte dos filhos diletos da fantasia, mas louros não menos viçosos e perduráveis. [Pinheiro Chagas] (DSP N° 2.739)

Guerra

(Augusto dos Anjos)

Guerra é esforço, é inquietude, é ânsia, é transporte...
E a dramatização sangrenta e dura
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Da avidez com que o Espírito procura

É a Subconsciência que se transfigura
Em volição conflagradora... E a coorte
Das raças todas, que se entrega à morte
Para a felicidade da Criatura!

É a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo
De subir, na ordem cósmica, descendo
A irracionalidade primitiva...

É a Natureza que, no seu arcano,
Precisa de encharcar-se em sangue humano
Para mostrar aos homens que está viva!

O Nadador II
(Castro Alves)

[...] Vagas! Curvai-vos tímidas!
Abri fileiras pávidas ([58])
Às mãos possantes, ávidas
Do nadador audaz!
Belo, de força olímpica
– Soltos cabelos úmidos –
Braços hercúleos, túmidos... ([59])
O rei dos vendavais!

Mas ai! Lá ruge próxima
A correnteza hórrida,
Como da zona tórrida
A boicininga ([60]) a urrar...
É lá que o Rio indômito,
Como o corcel da Ucrânia,
Rincha a saltar de insânia,
Freme ([61]) e se atira ao mar.

Tremeste? Não! Que importa-te
Da correnteza o estrídulo?
Se ao longe vês teu ídolo,
Ao longe irás também...
Salta à garupa úmida
Deste corcel titânico...
– Novo Mazeppa ([62]) oceânico –
Além! Além! Além!

---

[58] Pávidas: tímidas. (Hiram Reis)

[59] Túmidos: grossos. (Hiram Reis)

[60] Boicininga: cascavel. (Hiram Reis)

[61] Freme: brame. (Hiram Reis)

[62] Mazeppa: título de um poema do Lorde George Gordon Byron que descreve a lenda do revolucionário ucraniano Ivan Mazeppa que, depois de seduzir uma nobre, foi amarrado nu a um cavalo xucro que disparou em selvagem galope. (Hiram Reis)

Anacronismo Pertinaz

Aprendi quando criança que o Comunismo era um sistema político, social e econômico baseado no princípio da igualdade, onde supostamente não existiriam classes sociais distintas e onde o Estado assumiria um papel preponderante na distribuição igualitária da riqueza. A prática e a história, porém, mostraram que se tratava apenas de uma ideologia ultrapassada, retrógrada e utópica.

É deprimente verificar o que professam os historiadores de hoje, comportando-se como legítimos órfãos do muro de Berlim, insistindo em manter vivo um sistema político desde há muito morto, enterrado e putrefato.

São sociólogos, ideólogos, filósofos, professores, clérigos e políticos que procuram moldar os corações e mentes de jovens e despreparados estudantes, de uma população onde impera o analfabetismo funcional e anestesiada pelas benesses patrocinadas por uma máquina pública corrupta através de famigeradas, virulentas e aliciadoras bolsas assistenciais.

A historiografia moderna está de tal forma impregnada pela ideologia **P**ar**T**idária que se torna cada vez mais difícil ter acesso à versão real dos fatos. Os novos "*historiadores*" se preocupam, por demais, em atrelar suas convicções ideológicas aos eventos históricos comprometendo, com isso, a veracidade dos acontecimentos. Felizmente alguns jornalistas, mais esclarecidos, cuja vivência e estudo lhes apresentou uma realidade diferente daquela apregoada por pseudo-salvadores da Pátria, surgem e se destacam desta massa ignara que domina os órgãos de comunicação e de ensino de nosso pobre País.

Reproduziremos um interessante artigo do Jornalista, Filósofo e Cientista Político Olavo de Carvalho publicado no dia 31.12.2000 no seu Blog oficial – *www.olavodecarvalho.org*:

Militares e a Memória Nacional

Como todos os meninos da escola na minha época, eu não podia cantar o Hino Nacional ou prestar um juramento à bandeira sem sentir que estava participando de uma pantomima. A gente ria às escondidas, fazia piadas, compunha paródias escabrosas.

Os símbolos do patriotismo, para nós, eram o suprassumo da babaquice, só igualado, de longe, pelos ritos da Igreja Católica, também abundantemente ridicularizados e parodiados entre a molecada, não raro com a cumplicidade dos pais. Os professores nos repreendiam em público, mas, em segredo, participavam da gozação geral.

Cresci, entrei no jornalismo e no Partido Comunista, frequentei rodas de intelectuais.

Fui parar longe da atmosfera da minha infância, mas, nesse ponto, o ambiente não mudou em nada: o desprezo, a chacota dos símbolos nacionais eram idênticos entre a gente letrada e a turminha do bairro.

Na verdade, eram até piores, porque vinham reforçados pelo prestígio de atitudes cultas e esclarecidas. Graciliano Ramos, o grande Graciliano Ramos, glória do Partidão, não escrevera que o Hino era "*uma estupidez*"? ([63])

[63] Como Diretor da Instrução Pública de Alagoas (hoje seria Secretário da Educação), foi demitido por suprimir das escolas estaduais o canto do Hino Alagoano, que considerava "*uma estupidez com solecismos*" (vícios de linguagem). (Hiram Reis)

Mais tarde, quando conheci os EUA, levei um choque. Tudo aquilo que para nós era uma palhaçada hipócrita os americanos levavam infinitamente a sério. Eles eram sinceramente patriotas, tinham um autêntico sentimento de pertinência, de uma raiz histórica que se prolongava nos frutos do presente, e viam os símbolos nacionais não como um convencionalismo oficial, mas como uma expressão materializada desse sentimento.

E não imaginem que isso tivesse algo a ver com riqueza e bem-estar social. Mesmo pobres e discriminados se sentiam profundamente americanos, orgulhosamente americanos, e, em vez de ter raiva da pátria porque ela os tratava mal, consideravam que os seus problemas eram causados apenas por maus políticos que traíam os ideais americanos.

Correspondi-me durante anos com uma moça negra de Birmingham, Alabama. Ali não era bem o lugar para uma moça negra se sentir muito à vontade, não é mesmo? Mas se vocês vissem com que afeição, com que entusiasmo ela falava do seu país! E não só do seu país: também da sua igreja, da sua Bíblia, do seu Jesus.

Em nenhum momento a lembrança do racismo parecia macular em nada a imagem que ela tinha da sua pátria. A América não tinha culpa de nada. A América era grande, bela, generosa. A maldade de uns quantos não podia afetar isso em nada. Ouvi-la falar me matava de vergonha.

Se alguém no Brasil dissesse essas coisas, seria exposto imediatamente ao ridículo, expelido do ambiente como um idiota-mor ou condenado como reacionário um integralista, um fascista. Só dois grupos, neste país, falavam do Brasil no tom afetuoso e confiante com que os americanos falavam da América.

O primeiro era os imigrantes: russos, húngaros, poloneses, judeus, alemães, romenos. Tinham escapado ao terror e à miséria de uma das grandes tiranias do século [alguns, das duas], e proclamavam, sem sombra de fingimento:

–Este é um país abençoado!

Ouvindo-nos falar mal da nossa terra, protestavam:

–Vocês são doidos. Não sabem o que têm nas mãos.

Eles tinham visto coisas que nós não imaginávamos, mediam a vida humana numa outra escala, para nós aparentemente inacessível. Falávamos de miséria, eles respondiam:

–Vocês não sabem o que é miséria.

Falávamos de ditadura, eles riam:

–Vocês não sabem o que é ditadura.

No começo isso me ofendia. "*Eles acham que sabem tudo*", dizia com meus botões.

Foi preciso que eu estudasse muito, vivesse muito, viajasse muito, para entender que tinham razão, mais razão do que então eu poderia imaginar.

A partir do momento em que entendi isso, tornei-me tão esquisito, para meus conterrâneos como um estoniano ou húngaro, com sua fala embrulhada e seu inexplicável entusiasmo pelo Brasil, eram então esquisitos para mim.

Digo, por exemplo, que um país onde um mendigo pode comer diariamente um frango assado por dois dólares é um país abençoado, e as pessoas querem me bater. Não imaginam o que possa ter sido sonhar com um frango na Rússia, na Alemanha, na Polônia, e alimentar-se de frangos oníricos.

Elas acreditam que em Cuba os frangos dão em árvores e são propriedade pública. Aqueles velhos imigrantes tinham razão: o brasileiro está fora do mundo, tem uma medida errada da realidade.

O outro grupo onde encontrei um patriotismo autêntico foi aquele que, sem conhecê-lo, sem saber nada sobre ele exceto o que ouvia de seus inimigos, mais temi e abominei durante duas décadas: OS MILITARES.

Caí no meio deles por mero acaso, por ocasião de um serviço editorial que prestava para a Odebrecht que me pôs temporariamente de editor de texto de um volumoso tratado "*O Exército na História do Brasil*". A primeira coisa que me impressionou entre os militares foi sua preocupação sincera, quase obsessiva, com os destinos do Brasil. Eles discutiam os problemas brasileiros como quem tivesse em mãos a responsabilidade pessoal de resolvê-los.

Quem os ouvisse sem saber que eram militares teriam a impressão de estar diante de candidatos em plena campanha eleitoral, lutando por seus programas de governo e esperando subir nas pesquisas junto com a aprovação pública de suas propostas.

Quando me ocorreu que nenhum daqueles homens tinha outra expectativa ou possibilidade de ascensão social senão as promoções que automaticamente lhes viriam no quadro de carreira, no cume das quais nada mais os esperava senão a metade de um salário de jornalista médio percebi que seu interesse pelas questões nacionais era totalmente independente da busca de qualquer vantagem pessoal.

Eles simplesmente eram patriotas, tinham o amor ao território, ao passado histórico, à identidade cultural, ao patrimônio do país, e consideravam que era do

seu dever lutar por essas coisas, mesmo seguros de que nada ganhariam com isso senão antipatias e gozações.

Do mesmo modo, viam os símbolos nacionais – o Hino, a Bandeira, as Armas da República – como condensações materiais dos valores que defendiam e do sentido de vida que tinham escolhido. Eles eram, enfim, "*americanos*" na sua maneira de amar a pátria sem inibições. Procurando explicar as razões desse fenômeno, o próprio texto no qual vinha trabalhando me forneceu uma pista.

O Brasil nascera como entendida histórica na Batalha dos Guararapes, expandira-se e consolidara sua unidade territorial ao sabor de campanhas militares e alcançara pela primeira vez, um sentimento de unidade autoconsciente por ocasião da Guerra do Paraguai, uma onda de entusiasmo patriótico hoje dificilmente imaginável.

Ora, que é o amor à Pátria, quando autêntico e não convencional, senão a recordação de uma epopeia vivida em comum?

Na sociedade civil, a memória dos feitos históricos perdera-se, dissolvida sob o impacto de revoluções e golpes de Estado, das modernizações desacultu-rantes, das modas avassaladoras, da imigração, das revoluções psicológicas introduzidas pela mídia.

Só os militares, por força da continuidade imutável das suas instituições e do seu modo de existência, haviam conservado a memória viva da construção nacional.

O que para os outros eram datas e nomes em livros didáticos de uma chatice sem par, para eles era a sua própria história, a herança de lutas, sofrimentos e vitórias compartilhadas, o terreno de onde brotava o sentido de suas vidas.

O sentimento de "*Brasil*", que para os outros era uma excitação epidérmica somente renovada por ocasião do carnaval ou de jogos de futebol [e já houve até quem pretendesse construir sobre essa base lúdica um grotesco simulacro de identidade nacional], era para eles o alimento diário, a consciência permanentemente renovada dos elos entre passado, presente e futuro. Só os militares eram patriotas porque só os militares tinham consciência da história da pátria como sua história pessoal.

Daí também outra diferença. A sociedade civil, desconjuntada e atomizada, é anormalmente vulnerável a mutações psicológicas que induzidas do Exterior ou forçadas por grupos de ambiciosos intelectuais ativistas apagam do dia para a noite a memória dos acontecimentos históricos e falseiam por completo a sua imagem do passado.

De uma geração para outra, os registros desaparecem, o rosto dos personagens é alterado, o sentido todo do conjunto se perde para ser substituído, do dia para a noite, pela fantasia inventada que se adapte melhor aos novos padrões de verossimilhança impostos pela repetição de slogans e frases-feitas.

Toda a diferença entre o que se lê hoje na mídia sobre o regime militar e os fatos revelados no site de Ternuma ([64]) vem disso.

Até o começo da década de 80, nenhum brasileiro, por mais esquerdista que fosse, ignorava que havia uma revolução comunista em curso, que essa revolução sempre tivera respaldo estratégico e financeiro de Cuba e da URSS, que ele havia atravessado maus bocados em 1964 e tentara se rearticular mediante as guerrilhas, sendo novamente derrotada.

---

[64] Ternuma: Terrorismo Nunca Mais. (Hiram Reis)

Mesmo o mais hipócrita dos comunistas, discursando em favor da "*democracia*", sabia perfeitamente a nuance discretamente subentendida nessa palavra, isto é, sabia que não lutava por democracia nenhuma, mas pelo comunismo cubano e soviético, segundo as diretrizes da Conferência Tricontinental de Havana.

Passada uma geração tudo isso se apagou. A juventude, hoje, acredita piamente que não havia revolução comunista nenhuma, que o governo João Goulart era apenas um governo normal eleito constitucionalmente, que os terroristas da década de 70 eram patriotas brasileiros lutando pela liberdade e pela democracia.

No Brasil, a multidão não tem memória própria.

Sua vida é muito descontínua, cortada por súbitas mutações modernizadoras, não compensadas por nenhum daqueles fatores de continuidade que preservava a identidade histórica do meio militar. Não há cultura doméstica, tradições nacionais, símbolos de continuidade familiar.

A memória coletiva está inteiramente à mercê de duas forças estranhas: a mídia e o sistema nacional de ensino. Quem dominar esses dois canais mudará o passado, falseará o presente e colocará o povo no rumo de um futuro fictício.

Por isso o site de Ternuma é algo mais que a reconstituição de detalhes omitidos pela mídia.

É uma contribuição preciosa à reconquista da verdadeira perspectiva histórica de conjunto, roubada da memória brasileira por manipuladores maquiavélicos, oportunistas levianos e tagarelas sem consciência.

Perguntam-me se essa contribuição vem dos militares? Bem, de quem mais poderia vir? (Olavo de Carvalho)

TERNUMA
GRUPO TERRORISMO NUNCA MAIS

Sabe, Moço
(Chico Alves)

Sabe, moço
Que no meio do alvoroço
Tive um lenço no pescoço
Que foi bandeira pra mim
Que andei em mil peleias
Em lutas brutas e feias
Desde o começo até o fim.

Sabe, moço
Depois das revoluções
Vi esbanjarem brasões
Pra caudilhos coronéis
Vi cintilarem anéis
Assinatura em papéis
Honrarias para heróis.

É duro, moço
Olhar agora pra história
E ver páginas de glórias
E retratos de imortais.

Sabe, moço
Fui guerreiro como tantos
Que andaram nos quatro cantos
Sempre seguindo um clarim.

E o que restou? Ah, sim
No peito em vez de medalhas
Cicatrizes de batalhas
Foi o que sobrou pra mim [...]

Relatório Ministério da Guerra

RELATORIO

REPARTIÇAO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

1867.

RELATORIO

APRESENTADO

Á

ASSEMBLÉA GERAL

NA

PRIMEIRA SESSÃO DA DECIMA TERCEIRA LEGISLATURA

PELO

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA

João Lustoza da Cunha Paranaguá.

RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA NACIONAL.
1867.

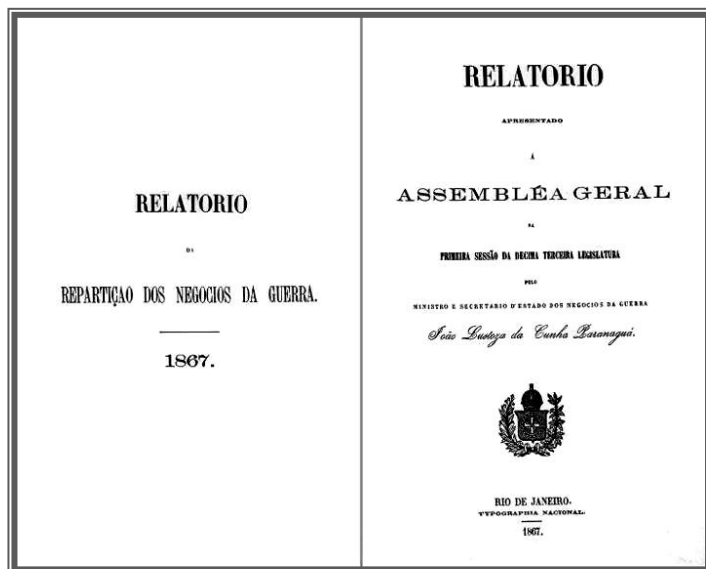



Imagem 07 – Relatório do Ministério da Guerra, 1867

Operações Ativas do Exército e Fatos Ocorridos no Teatro da Guerra

[...] Releva, entretanto, dizer-vos alguma coisa da Expedição, que pelo Sul da Província de Mato Grosso opera no intuito de desalojar o inimigo, nessa Província ainda senhor de importantes posições. Na paciência, e na resignação com que tem afrontado as intempéries, os trabalhos e as provações de uma ingrata campanha, tem-se tornado ela digna do reconhecimento nacional.

Segundo a máxima do maior Capitão do século, a primeira qualidade do soldado é a constância em suportar as fadigas e as privações; o valor é a segunda: a primeira, exuberantes provas já tem dado de que possuem, em alto grau, as praças da Expedição; quanto à segunda, somente aguardam com ansiedade o momento de encontrarem o inimigo para patenteá-la.

No importante e minucioso relatório da respectiva comissão de engenheiros, que figura entre os anexos, e para o qual chamo a vossa atenção, achareis todos os pormenores da longa marcha rodeada de perigos, e cheia do contrariedade, que fez a mesma Expedição até o Coxim, e deste ponto até a Vila de Miranda, onde ela chegou, às 13h00, do dia 17 de setembro do ano próximo findo.

Até o Coxim lutou ela com muitas dificuldades de toda a espécie; naquele ponto, porém, dura e cruel foi a provação por que passou.

Além de uma epidemia, que arrebatou a muitos oficiais, contando-se entre eles o seu digno comandante, Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão, falecido a 13 de junho do ano passado, viu-se a Expedição a braços com a penúria e a fome; pois que por causa das grandes distâncias, em Sertões inóspitos, e de se tornarem intransitáveis as estradas em consequência das abundantes chuvas, não puderam ali chegar a tempo os recursos de antemão preparados pelo governo.

Tomou conta do comando das Forças o Tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, tendo logo procurado remover todas as dificuldades para mudar o acampamento de um lugar que tão fatal estava sendo aos seus comandados.

A 13 de julho, apresentou-se e assumia o comando da Expedição o Coronel José Joaquim de Carvalho, e tratou logo do estabelecimento de uma enfermaria, e deu providências em ordem a proporcionar melhor cômodo às praças da Expedição. E, reconhecendo a urgente necessidade de uma estrada fácil ao transporte dos recursos inteiramente indispensáveis à Expedição, e acumulados em diversos depósitos, por estarem de todo intransitáveis as estradas de comunicação entre esses depósitos e Coxim, e se

inutilizarem nas estações invernosas, mandou o Coronel Carvalho proceder aos estudos, exames e reconhecimentos convenientes, e deliberou, à vista dos esclarecimentos obtidos, ordenar a abertura de uma estrada que, passando por Coxim, se dirigisse a Nioaque por bons terrenos, poupando-se assim trinta léguas de trânsito por caminhos difíceis.

Em 13 de dezembro último, comunicou-me o referido Coronel estar concluída a obra, e entregue ao trânsito público a estrada, que já era frequentada por carros e tropas com víveres e fardamento, gastando-se apenas a quantia de 2:652$000 com tão importante melhoramento.

A 24 de julho, pôs-se a Expedição em marcha, e passando sempre pelos mesmos transes ([65]), chegou no fim do 10 dias ao Rio Taboco, em cuja margem direita acampou a espera de víveres, para depois prosseguir na sua marcha; no entanto fizeram-se os reconhecimentos, explorações e preparativos necessários.

Felizmente chegaram os recursos esperados; à carestia ([66]) substituiu tal ou qual abundando; e as praças da Expedição restabelecerão as suas forças físicas, e receberam o necessário fardamento.

À vista de tão lisonjeiro estado, ordenou-se o prosseguimento da marcha, levantando-se acampamento, no dia 5 de setembro; a 6, chegou a Expedição à margem direita do Rio Aquidauana, no lugar fronteiro do denominado – Porto do Souza –; até o dia 14, consumiu-se o tempo na passagem do Rio, e, no dia 15, continuou a Expedição a sua marcha até a Vila de Miranda, onde, como já vos informei, entrou, no dia 17.

---

[65] Mesmos transes: mesmas aflições. (Hiram Reis)
[66] Carestia: escassez. (Hiram Reis)

À medida que nossas forças avançavam, os paraguaios iam abandonando as posições mais próximas, por eles ocupadas na sua traiçoeira invasão, e fugiam deixando somente, como prova de sua existência, vestígios do seu canibalismo ([67]).

Quando as nossas forças chegaram à Vila de Miranda, estava completamente livre da invasão todo o Distrito, desde o Coxim até a margem direita do "*Apa*", que inteiramente evacuados se achavam os pontos do Souza [no Aquidauana], Espenidio [no Taquaraçu], Santa Rosa [no Brilhante], Vacaria, Forquilha, Nioaque, Colônia dos Dourados e Miranda, Desbarrancado e outros pequenos postos tomados pelos invasores.

Tendo-se notícia de estar ainda ocupado por forças inimigas o ponto de Albuquerque, e por conseguinte interceptada a comunicação fluvial entre a cidade de Cuiabá e Miranda, deliberou o comandante da Expedição preparar-se para avançar sobre aquele ponto, para o que pedia a cooperação do Presidente da Província, tomando várias providências, e organizando uma pequena flotilha de botes e canoas.

O Governo, porém, tinha ordenado por aviso de 30 de abril do ano passado que o Cel José Joaquim de Carvalho respondesse a Conselho de Guerra; e, não tendo ainda o Presidente da Província conhecimento da resolução mandando suspender os processos militares enquanto durar a guerra, ordenou o mesmo Presidente que o Cel Carlos de Moraes Camisão seguisse a tomar conta do comando da Expedição, a fim de ser cumprida a ordem do Governo; e o Cel Carvalho ciente da deliberação a seu respeito, passou a 24 de dezembro o comando da Expedição ao Tenente-coronel Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, e seguiu logo para a capital da Província.

---

[67] Do seu canibalismo: da sua selvageria. (Hiram Reis)

No dia 1° de janeiro do corrente ano, chegou o Cel Camisão ao acampamento das Forças Expedicionárias, tomou o seu comando, e tratou de dar-lhe nova organização, tirando-lhes o caráter de um Corpo de Exército, e trazendo com isso não pequena economia para os cofres públicos.

Naquela época compunham-se as referidas Forças de 2.081 praças; e, mediante a solicitude e atividade do Presidente de Goiás na remessa de recursos, nada aí lhe faltou; o estado sanitário, porém, era o pior possível: uma epidemia rebelde a todos os esforços empregados pelos médicos dizimou em grande número as fileiras da Expedição, circunstância esta que aconselhava a mudança do acampamento o quanto antes.

Por isso ordenei-a, indicando o ponto de Nioaque como o mais conveniente para nele estacionar a Expedição, ficando ela ali mais próxima do Rio Apa, onde o inimigo conserva alguns pontos fortificados e possíveis de serem batidos e ocupados pelas nossas Forças além da grande vantagem resultante da aproximação destas Forças à nossa fronteira, cobrindo ao mesmo tempo o Sul da Província de Mato Grosso, e prevenindo a continuação das correrias dos vândalos por aquele lado.

Para tão conveniente transferência de acampamento fizeram-se todos os preparativos, tomando-se as devidas providências, e ordenaram-se as necessárias explorações; em uma das quais o Capitão de índios, Lapagate, com alguns dos seus, seguiu até o "*Apa*", encontrando na fronteira um ponto ocupado por 20 paraguaios que foram batidos completamente, escapando-se somente cinco.

Segundo comunicou-me o Coronel Camisão, pôs-se ele em marcha, a 7 de janeiro, para Nioaque, e em 27 do mesmo mês tinha chegado àquele ponto e

predispunha-se, em cumprimento das ordens do Governo, a marchar sobre o "*Apa*" com as forças do seu comando, que, inflamadas de sentimentos patrióticos, desejam cruzar as suas armas com as do inimigo.

Sem combater, sem despender um só tiro, e unicamente com a sua aproximação, conseguiram essas Forças fazer o inimigo desertar de posições importantes; e muito se deve esperar de uma Expedição, que tão sobranceira e resignada se mostrou nos diversos transes por que tem passado.

O inimigo a teme, pois consta ter ele fortificado Corumbá com um navio do guerra e 109 praças, conforme o Presidente de Mato Grosso participou ao Governo em ofício, de 23 de fevereiro último.

Na cidade de Cuiabá existia pronta uma força de 3.000 homens com 8 bocas de fogo de Calibre 4 raiadas; bem armadas e municiadas, em breve se reuniram as forças expedicionárias ao Sul da Província, para com elas obrar contra o inimigo.

Cumpre-me declarar-vos que ao Governo Imperial não tem sido indiferente a dedicação, constância e resignação nos sofrimentos, e bem assim o valor nos combates, patenteados pelos defensores do Estado no teatro dos acontecimentos: aos que se distinguem por ações meritórias, segundo as Ordens do Dia dos respectivos chefes, remunera com postos de acesso, ou com condecorações honoríficas do Império; aos inutilizados, voluntários ou de linha, a ponto de dificilmente proverem os meios de sua subsistência, concede pensões; as praças de pret ([68]), que regressam inválidas, são recolhidas no respectivo asilo, onde, com toda a humanidade, recebem alimento, o curativo de suas moléstias e o fardamento neces-

[68] Praças de pret: eram contratados por dias de trabalho (de pret) e os Oficiais por contratos de três anos. (Hiram Reis)

sário; os oficiais Voluntários da Pátria, inutilizados por ferimentos, tem as honras do posto: as viúvas e filhos dos bravos, que sucumbem por moléstias adquiridas em serviço de campanha, são amparados da miséria, pois além do meio soldo a que têm direito; recebem uma pensão equivalente; e ultimamente Sua Majestade o Imperador, querendo dar uma prova de quanto considera os serviços relevantes dos mais bravos das nossas Forças em operações, houve por bem por Decreto n° 3.853, do 1° de maio deste ano, criar uma medalha de bravura.

Na órbita de suas atribuições, o Governo Imperial nada tem esquecido dos serviços daqueles que, com sacrifício de todas as suas comodidades, com sacrifício até da própria vida, longe da sua Pátria, e de tudo quanto lhes é caro, defendem com denodo os direitos e a honra do Império.

É um dever sagrado que o Governo cumpre, solicitando, por meu intermédio, vos digneis de aprovar o mais breve possível as pensões concedidas, a fim dos agraciados poderem entrar no gozo deste benefício, que de algum modo os abriga da miséria.

Ao terminar esta sucinta narração dos principais fatos ocorridos desde maio do ano passado em relação às operações militares das forças do Império, apresento-vos o resumo dos contingentes remetidos da Corte, desde aquele mês, para engrossarem as fiteiras do nosso Exército em operações.

Resumo da Força Remitida da Corte para o Teatro da Guerra			
1866	Maio	70	Praças
	Junho	161	
	Julho	315	
	Agosto	374	
	Setembro	1.599	
	Outubro	1.550	
	Novembro	1.186	
	Dezembro	1.422	
1867	Janeiro	2.346	
	Fevereiro	988	
	Março	909	
	Abril	1.640	
	Maio	1.579	
Total Parcial		14.139	
3° Corpo de Exército		4.338	
Do RS (desde agosto, 1866)		476	
De SC (desde agosto, 1866)		816	
Total Geral		19.769	

De onde se vê que somente de agosto até hoje, tem ido engrossar as Forças em operações, por parte do Ministério da Guerra, 19.223 praças. (RMG, 1867)

A Marcha dos Dez Mil

Imagem 08 – Brasão de Mato Grosso

Hino de Mato Grosso
(Dom Francisco de Aquino Corrêa)

[...] Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos em paz e união
Teu progresso imortal como a Fênix
Que ainda timbra o teu nobre Brasão. [...]

O Hino foi oficializado pelo Decreto N° 208, de 05.09.1983, adotando a letra do poema "*Canção Mato-grossense*" de autoria do augusto prelado. O Brasão, por sua vez, criado pela Resolução n° 799, de 14.08.1918, traz, sobre o escudo, ao estilo português, a emblemática imagem de uma Fênix, lendária ave que personifica o renascimento, e apresenta sob o escudo o memorável e inspirador dístico latino "*Virtute Plusquam Auro*" – "*Pela Virtude Mais que Pelo Ouro*".

Dom Aquino Corrêa criou, em 1919, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual foi eleito Presidente Perpétuo, tendo publicado na Revista do Instituto, no mesmo ano, o soneto intitulado "*A Retirada da Laguna*". Fundou, também, em 1921, a Academia Mato-grossense de Letras na qual foi aclamado, por unanimidade, Presidente de Honra.

Dom Aquino compara a Retirada da Laguna à Marcha dos Dez Mil mercenários gregos que realizaram aquele que ficou conhecido como o primeiro e mais famoso Movimento Retrógrado da história.

A Marcha dos Dez Mil

> Os "*Dez Mil Gregos*", que haviam seguido o estandarte do ambicioso príncipe persa, achavam-se a mais de 600 léguas distantes da Grécia, num país inimigo, sem provisões, sem dinheiro, sem chefes, e cercados por toda a parte de um inimigo vitorioso. Xenofonte foi eleito numa junta de oficiais para dirigir a retirada dos "*Dez mil*" soldados, e salvá-los de tão perigosa situação; a eloquência persuasiva, atividade, valor, e talentos de Xenofonte acreditaram o acerto da eleição.
>
> Em toda a ocasião se mostrou superior aos perigos, na passagem de Rios caudalosos, nos vastos desertos, sobre cadeias de montanhas, e nos contínuos ataques de um inimigo orgulhoso e vigilante, triunfaram os talentos do herói grego.
>
> Sem mais recursos que a sua prudência, e a afetuosa obediência das suas tropas, conseguiu, no fim de uma marcha perigosa de 215 dias, conduzir os seus companheiros à Grécia, onde se julgava que todos haviam perecido. (O ARQUIVO POPULAR)

A fantástica Marcha, Retirada ou Avançada, como preferem alguns, é relatada pelo historiador, militar e filósofo Xenofonte no épico "*Anábasis*", que conta a história dos "*Dez Mil*" mercenários gregos comandados por Ciro, "*o Jovem*", e que após a sua morte na Batalha de Cunaxa e a traiçoeira execução, pelos persas, do espartano Clearcus e de vários chefes helenos se veem obrigados a recuar e atravessar o Império Persa, comandados por Xenofonte e Cheirisophus.

Os expedicionários empreenderam uma jornada de 600 léguas ([69]), em apenas 215 dias, cruzando os territórios hoje conhecidos como Armênia, Geórgia, Curdistão, Macrônia chegando à colônia helênica de Trapezus, às margens do Mar Negro.

Neste trajeto os combatentes, durante toda a jornada, enfrentaram as forças persas, sofreram emboscadas promovidas por tribos rivais, arrostaram afanosos obstáculos naturais, suportaram o cansaço, a neve, o frio e tiveram de tomar de assalto várias Fortalezas e Vilas para debelar a fome que os assediava.

Ao, finalmente, avistarem as praias do Ponto Euxino ([70]), do alto do monte Theches, os 6.000 guerreiros gregos sobreviventes, gritaram: "*Thalassa! Thalassa!*" – "*O Mar! O Mar!*" (Anábasis, IV), manifestação singular que se transformou em um brado que evoca a superação dos limites humanos, digno apenas dos mais fortes, audazes, disciplinados e acima de tudo determinados. O heroísmo dos Expedicionários helenos e brasileiros ganhou, na suas respectivas épocas, merecidas páginas de glória em prosa e verso.

Affonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, professor, poeta, historiador e político brasileiro, no seu livro "*Porque me Ufano do meu País*", dedica um capítulo especial à "*Retirada da Laguna*" onde compara, também esta odisseia com a marcha dos Dez Mil:

---

[69] 600 léguas, 1 légua terrestre antiga = 6.660 metros, donde 600 léguas = 3.996 km. (Hiram Reis)

[70] Ponto Euxino: o Mar Negro, ou Mar Maior, assim chamado de "*Pontus*", que poeticamente significa qualquer Mar, "*Exochis*", que no Grego vale o mesmo que excelência; por que, segundo Estrabão, o Ponto Euxino merece o nome de Mar por excelência. (MARQUES).

XXXV

A Retirada da Laguna

> Um dos feitos mais gloriosos da história universal é a retirada através da Ásia Menor, quatro séculos antes de Cristo, de dez mil gregos que tinham ido combater a favor de Ciro, o jovem. Vendo-se sem recursos em país estrangeiro, à grande distância da sua pátria, rodeados de inimigos que lhes assassinam traiçoeiramente os generais, prestes estavam a render-se, quando lhes assume o comando o moço Xenofonte e lhes dirige a viagem de 600 léguas, em 122 dias, por países bárbaros e desconhecidos, superando os mil obstáculos acumulados pela perfídia de gentes adversas, pelas intempéries de rigorosos climas e pela natureza aspérrima.
>
> Graças à coragem, prudência e sabedoria dos chefes, bem como à perseverança e disciplina dos soldados, atravessam vales, montanhas, rios; vencem traições, assaltos, falta de víveres, discórdias, toda sorte de perigos; chegam enfim a salvamento. E Xenofonte se imortaliza escrevendo os episódios do cometimento em que fora parte importante.
>
> A nossa história regista sucesso análogo, em que as tropas brasileiras mostraram constância e heroísmo, iguais, senão superiores, aos dos gregos, sustentando luta mais terrível, passando por maiores riscos, arrostando piores provações. (CELSO)

É importante rememorar os feitos do passado para que um dia, passados os melancólicos e vergonhosos momentos presentes, fundamentados nos mais probos exemplos pretéritos possamos encontrar novamente nosso caminho rumo ao futuro depois de um longo, sinistro e desqualificado período que ficará conhecido *"ad æternum"* como essas últimas hodiernas *"três décadas perdidas"*.

A

Retirada da Laguna

Episódio da Guerra do Paraguai

Por

Alfredo de Escragnolle Taunay

Visconde de Taunay

B. L. Garnier, Livreiro Editor

1874

À Sua Majestade o Senhor Dom Pedro II, Imperador do Brasil

Senhor,

Ao se render Uruguaiana, inaugurou Vossa Majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, considerando a efusão de sangue humano deplorável contingência, aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz. E, principalmente sob este ponto de vista, que ouso achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a singela narrativa da Retirada da Laguna, obra de constância e da disciplina, em que os oficiais de Vossa Majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furores do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser. É este reflexo de um grande ato de iniciativa soberana, a mais bela recordação que jamais poderemos entre camaradas invocar; cabe-nos a honra de a Vossa Majestade dedicá-la.

De Vossa Majestade Imperial

Súdito e servidor, muito humilde e obediente,

Alfredo d'Escragnolle Taunay

Prólogo

É o assunto deste volume a série de provações por que passou a Expedição brasileira, em operações ao Sul de Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três e meia léguas do Rio Apa, fronteira do Paraguai, até o Rio Aquidauana, em território brasileiro, trinta e nove léguas, ao todo, percorridas em trinta e cinco dias de dolorosa recordação.

Devo esta narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais do que aos vivos.

Em todas as épocas largo interesse se ligou às Retiradas, não só por constituírem operações de guerra difíceis e perigosas, como nenhuma outra, mas ainda porque os que as executam, já sem entusiasmo nem esperanças, frequentemente entregues ao desânimo, ao arrependimento de erros ou das consequências de erros, precisam arrancar ao espírito, assim preocupado, os meios de enfrentar a fortuna adversa, que a cada passo os ameaça, com todos os seus rigores.

Em tais contingências requer-se o verdadeiro cabo de guerra: ali há de se lhe revelar o característico essencial: a inabalável constância.

Vive a Retirada dos Dez Mil em todas as memórias. Colocou Xenofante na plana dos primeiros capitães.

Nos tempos modernos vários ocorreram não menos notáveis: a de Altenheim, pelo Marechal de Lorge, após a morte de Turenne, seu tio, e que ao grande Condé fez declarar que lha invejava; a de Praga, enaltecedora da nomeada do Conde de Belle Isle: a de Plaffenhofen, por Moreau, tida como um dos mais belos jeitos d'armas, efetuados por Turenne; já em nossos dias: a de Talavera, que levou Lorde

Wellington, triunfante, a Lisboa; a que honrou o funesto regresso de Moscou e em que o Príncipe Eugênio e o Marechal Ney rivalizaram, em heroísmo; a de Constantina pelo Marechal Clausel e outras menos célebres; mas que, no entanto, pela variedade dos perigos e das misérias, chamam a atenção da história.

Resta-nos solicitar a maior indulgência para esta narrativa cujo único mérito pretende ser o dos fatos expostos.

Tiramo-los de um diário escrito em campanha.

Assim nela hão de abundar as incorreções, demasias e repetições; cremos dever deixá-las; são indícios da presença da verdade.

Alfredo D'Escragnolle Taunay.

Rio de Janeiro, outubro de 1868.

I

Formação de um Corpo de Exército Destinado a Atuar, Pelo Norte, Sobre o Alto Paraguai. Distâncias e Dificuldades de Organização.

Para dar uma ideia, um tanto exata, dos lugares onde, em 1867, ocorreram os acontecimentos cuja narrativa se vai ler, convém lembrar que, ao finalizar de 1864, havendo o Paraguai atacado e invadido, simultaneamente, o Império do Brasil e a República Argentina, achavam-se, decorridos dois anos, após tal investida, reduzido a defender o próprio território, invadido do lado do Sul, pelas forças conjuntas das duas potências aliadas, a quem coadjuvava pequeno contingente de tropas da República do Uruguai.

Ao Sul oferecia o caudaloso Paraguai mais vantagens à expugnação da Fortaleza de Humaitá, que, pela posição especial, se convertera na chave estratégica do país, assumindo, nesta porfia encarniçada, a importância de Sebastopol, na Campanha da Crimeia.

Ao Norte, do lado de Mato Grosso, eram as operações infinitamente mais difíceis, não só porque ocorriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos os recursos do Brasil, como ainda por causa das inundações do Rio Paraguai, que cortando na parte superior do curso terras baixas e planas, transborda anualmente, a submergir então regiões extensíssimas.

Consistia o plano de ataque mais natural em subir as águas do Paraguai, do lado da Argentina, até o coração da república inimiga e, do Brasil, descê-las a partir de Cuiabá, a capital mato-grossense que os paraguaios não haviam ocupado.

Roteiro da Força Expedicionária de Mato Grosso
Rodovias atuais (asfaltadas)
Fazenda Taboco
Miranda
Cuiabá
Aquidauana
Rio
Para Campo Grande
Palmeiras
Porto do Canuto
Aquidauana
Bodoquena
Acampamento em Correntes
Dois Irmãos do Buriti
Roteiro Miranda - Laguna
Roteiro Laguna - Canuto
Sidrolândia
Areias
Formiga
Bonito
Nioaque
Urumbeva
Guia Lopes da Laguna
Jardim
Rio da Prata
Cambaracê
Desbarrancado
Santo Antônio
Boqueirão
Colônia do Miranda
Campo das Cruzes
Retiro
Fazenda Monjolinho
Santa Gertrudes
Córrego José Carlos
Machorra
Margarida
Bela Vista
Laguna
Apa-mi
Antônio João
Rio Dourados
Estrela
República do Paraguai
Ponta Porã

Imagem 09 – Roteiro das Forças Expedicionárias

Teria impedido à guerra arrastar-se durante cinco anos consecutivos esta conjugação de esforços simultâneos. Mas era-lhe a realização extraordinariamente difícil, devido às enormes distâncias a transpor.

Basta lançar os olhos sobre um mapa da América do Sul e examinar o interior do Brasil, em grande parte desabitado, para que qualquer observador de tal se convença logo.

No momento em que se enceta esta narrativa, estava, pois, a atenção geral das potências aliadas quase exclusivamente voltada para o Sul, para as operações de guerra, travadas em torno de Curupaiti e Humaitá.

Quanto ao plano primitivo fora ele mais ou menos abandonado; quando muito ia servir de pretexto a que se infligissem as mais terríveis provações a uma pequena coluna expedicionária, quase perdida nos imensos e desertos sertões brasileiros.

Em 1865, ao arrebentar a guerra que Francisco Solano Lopes, o Presidente do Paraguai, na América do Sul suscitara sem maior motivo do que os ditames da ambição pessoal; quando muito a invocar o vão pretexto da manutenção do equilíbrio internacional – o Brasil, obrigado a defender honra e direitos, dispôs-se, denodadamente, para a luta.

A fim de reagir contra o inimigo, em todos os pontos onde podia enfrentá-lo, o plano da invasão do Paraguai Setentrional acudiu naturalmente a todos os espíritos; preparou-se uma Expedição para este fim. Não foi infelizmente este projeto de diversão ([71])

[71] Diversão: manobra falsa que tem por objetivo desviar a atenção do inimigo. (Hiram Reis)

realizado nas proporções que sua importância exigia; e, mais infelizmente ainda, os contingentes acessórios sobre os quais contávamos, para avolumar o Corpo de Exército Expedicionário, durante a longa jornada através de São Paulo e Minas Gerais, falharam em grande parte ou desapareceram devido a cruel epidemia de varíola e as deserções que esta provocou.

Marchou-se lentamente: provinha a demora de muitas causas, sobretudo da dificuldade do abastecimento de víveres.

Foi somente em julho [partira do Rio de Janeiro em abril] que a coluna pôde organizar-se em Uberaba, chegando-lhe os quadros a atingir cerca de três mil homens. Reforçavam-na vários Batalhões que, de Ouro Preto, trouxera o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão. Não sendo esta força ainda suficiente para uma ofensiva, seu Comandante, Manuel Pedro Drago, encaminhou-a para a capital de Mato Grosso, a fim de avolumá-la. Assim se adiantou em direção ao Noroeste, até as margens do Paranaíba, quando ali recebeu peremptórias ordens do governo, levandolhe instruções formais de marchar para o Distrito de Miranda, então ocupado pelo inimigo.

Tal injunção, no ponto a que chegávamos, impunha como forçado corolário obrigar-nos a descer em direção ao Rio Coxim e a contornar em seguida a Serra de Maracaju, por sua base Ocidental, anualmente invadida pelas águas do Paraguai. Assim, pois, estava a Expedição condenada a atravessar extensíssima região infestada pelas febres palustres.

A 20 de dezembro, atingiu o Coxim, ainda sob o comando do Coronel Galvão, recentemente investido da chefia e, pouco depois, graduado em Brigadeiro. Embora sem valor algum estratégico, tinha pelo me-

nos o acampamento do Coxim uma altitude que lhe garantia a salubridade.

Não tardou, porém, que a enchente havendo-o ilhado e isolado, ali passasse a força pelas mais cruéis privações, sofrendo até fome.

Após longas hesitações, forçoso se tornou romper ao acaso, através do pestilento pantanal, onde a coluna foi, desde o princípio, provada pelas febres.

Uma das primeiras vítimas veio a ser o próprio e infeliz Chefe, falecido à margem do Rio Negro.

Afinal, arrastando-se penosamente, conseguiu atingir a povoação de Miranda a 396 quilômetros para o Sul.

Aí uma epidemia climática de novo gênero, a paralisia reflexa, ou beribéri, afligiu-a, dizimando-a ainda mais.

Dois anos quase haviam decorrido, desde a nossa partida do Rio de Janeiro. Lentamente descrevêramos imenso circuito de dois mil cento e doze quilômetros.

E já um terço de nossa gente perecera.

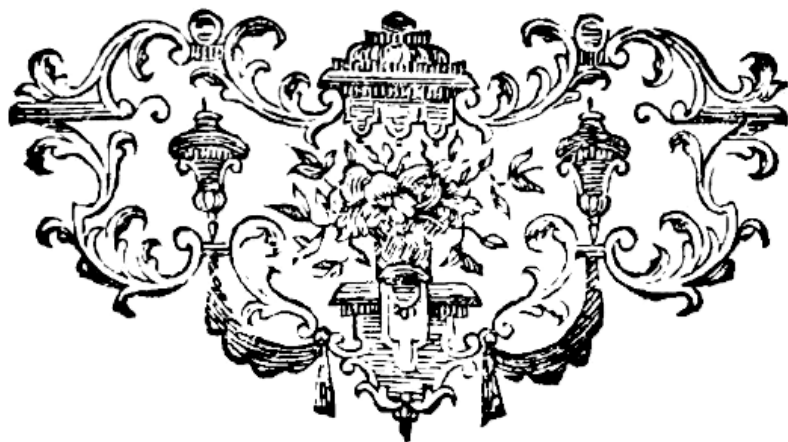
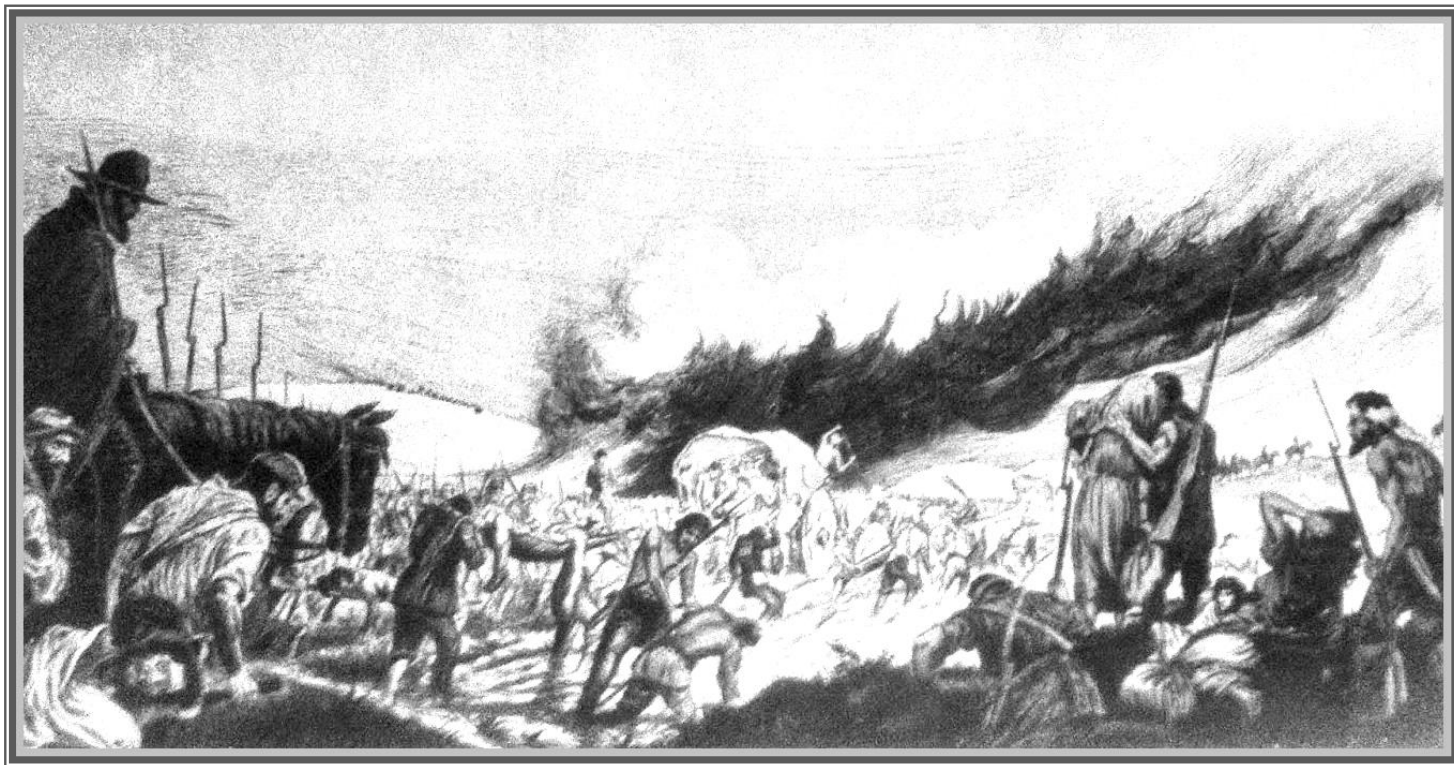



Imagem 10 – A Retirada da Laguna (Álvaro Marins)

II

Miranda. Partida da Coluna. Marcha de Miranda a Nioaque.

Foi a 01.01.1867 que o Coronel Carlos de Morais Camisão ([72]), nomeado pela presidência de Mato Grosso, assumiu o comando dos desventurados soldados que, só mesmo profundo sentimento de disciplina, pudera até então manter em forma.

É Miranda quase inabitável, rodeada como se acha, e numa extensão considerável, de depressões que a menor chuva, num instante, inunda, até mesmo na melhor estação, e que os raios solares, com a mesma rapidez, enxugam.

Privada de boa água, pois a do Miranda é sempre agitada e lodosa, a disposição do terreno não oferecia ali, aliás, nenhuma das condições militares às quais, em rigor, poderiam ter sido sacrificadas as considerações higiênicas. E, com efeito, ao longo de um caudal, acessível a grandes embarcações, estendem-se margens uniformemente baixas a que tiram toda a segurança estradas abertas.

Frequente e energicamente pronunciara-se a Comissão de engenheiros contra maior demora neste foco de infecção; e já, por duas vezes, em relatório, o assinalara o Chefe da junta médica como a causa de

[72] Taunay, no seu livro "*Memórias do Visconde de Taunay*", faz uma crítica mordaz e contundente à capacidade de liderança de Camisão: "*As prevenções, contudo, semeadas e aumentadas pelo gênio frio e displicente do Camisão, sempre irresoluto e a vacilar se devia ou não marchar para a frente, não eram de natureza a lhe conciliar popularidade e prestígio. A tanto, porém, não chegavam as suas aspirações, contentando-se que lhe obedecessem e o respeitassem; mas, coisa curiosa! A cada momento ficava como que surpreso que assim acontecesse. Não tinha fibra de Chefe e só uma vez o vi assumir francamente esta posição*". (TAUNAY, 1948)

ruína da Expedição, pois de contínuo diminuía o seu pessoal, quer pela morte, quer pela dispensa forçada dos doentes. Continuava o beribéri a fazer em nossas fileiras numerosas vítimas naquele lugar ainda sujeito à influência dos grandes pantanais que a tropa acabara de atravessar, entre o Coxim e Miranda.

Estava Miranda em ruínas quando nossas forças ali entraram. Ao partirem haviam-na os paraguaios incendiado. Ardera parte das construções, mas eram evidentes os sinais de decadência, anterior ao incêndio que sucedera à primeira fase de desenvolvimento e prosperidade.

Ainda se mantinham de pé prédios cômodos e sobre o local de velha fortificação, outrora bem construído quartel, então muito deteriorado pelo fogo, fechava uma praça de onde saíam duas ruas que iam acabar em frente à Igreja Paroquial, ambas ladeadas de casas erguidas a pequena distância umas das outras.

Da Matriz apenas subsistiam as paredes laterais, e arcabouço da torre, o galo de folha-de-flandres e uma cruz esculpida no alto do frontão. Fora edificada graças aos esforços de virtuoso missionário italiano, Frei Mariano de Bagnaia ([73]), que não somente nela empregara o produto das esmolas, por ele próprio

---

[73] Frei Mariano: batizado com o nome de Saturnino, na localidade de Bagnaia, Província de Viterbo, Itália, entrou para a Ordem dos Capuchinhos, aos 15 anos de idade, adotando o nome religioso de Mariano de Bagnaia. Chegou ao Brasil, em 1847, dedicando-se à catequização indígena, na região de Cuiabá e Diamantino, antes de partir para a região do Baixo Paraguai. Os soldados de Solano Lopez, durante a Guerra do Paraguai, invadiram Miranda onde o Frei era vigário, e o conduziram para o presídio de Niasc, no Paraguai. Quando estava prestes a ser executado, os soldados brasileiros surpreenderam os carrascos paraguaios e Frei Mariano aproveitou a oportunidade para fugir lançando-se às águas do Rio Apa de onde foi salvo por um soldado brasileiro já que o religioso não sabia nadar. Frei Mariano retornou à Corumbá como um verdadeiro herói e foi nomeado, pela Carta Imperial de 08.10.1873, Major do Exército Brasileiro e Pregador Imperial. (Hiram Reis)

recolhidas em toda a vizinhança, com incomparável trabalho e ardor, como ainda ali aplicara a modesta côngrua ([74]). Os tristes destroços desta igreja, saqueada pelos paraguaios, que até os sinos lhe tomaram, havia algum tempo antes presenciado uma cena que nos parece merecer menção.

A 22.02.1865, deixando Frei Mariano as margens do Salobro, onde se refugiara, ao aproximar-se a invasão, viera, de moto próprio, entregar-se aos paraguaios, no intuito de lhes pedir compaixão para com a desventurada paróquia.

Ao chegar à Vila, fora-lhe o primeiro cuidado correr à matriz, objeto da sua mais viva solicitude. Desolador espetáculo o esperava: altares derribados, as imagens santas despojadas dos adornos, enfim todas as mostras da profanação.

Ao presenciá-lo, dele se apoderou tal sentimento de indignação e desespero, que não pôde dominar-se. Imediatamente, e em tom retumbante, à frente do Chefe paraguaio e seus comandados, pronunciou solene maldição contra os autores de tais atentados.

Ouviram-no todos cabisbaixos, como se esta voz severa fora a de algum daqueles Padres que outrora lhes haviam catequizado os antepassados, esforçando-se o Comandante em convencer o missionário que os únicos culpados eram os Mbaias [índios].

Lavado em lágrimas, corria o santo homem de altar em altar, como para verificar os ultrajes praticados contra cada um dos objetos de sua veneração.

Só após minuciosa constatação de todas as indignidades cometidas se resignou a celebrar o santo sacrifício da missa; e isto depois de tudo haver disposto para que a cerimônia se pudesse realizar.

[74] Côngrua: dízimo. (Hiram Reis)

De cento e treze dias, foi a permanência da coluna em Miranda – de 17.09.1866 a 11.01.1867.

A 28.12.1866 retirou-se um dos Comandantes enviados da capital de Mato Grosso, ele próprio atacado pela epidemia. A 31.12.1866 apresentava-se em Miranda o Coronel Carlos de Morais Camisão; e no dia imediato, 01.01.1867, assumia o comando, como já o dissemos.

Enviou imediatamente a Nioaque os membros da Comissão de engenheiros, Catão Roxo e Escragnolle Taunay, a fim de examinarem as estradas e o local e preparar ali acampamentos, tomando ao mesmo tempo algumas disposições relativas à recepção de enfermos e ao armazenamento das munições de guerra e de boca.

A 10.01.1867 tornou pública a ordem de marcha. Nova organização dera ao Corpo de Exército. Anteriormente dividia-se em duas Brigadas, cada qual composta de três Corpos. Mas tanto uma como outra estavam tão reduzidas, que as manobras, baseadas sobre um número certo de homens, se haviam tornado quase impraticáveis. Pela fusão de todas em uma Brigada de mil e seiscentas praças, ficou o Estado-Maior aligeirado, e não sem vantagens para o erário público, de pessoal supérfluo.

Tal medida, desde muito reputada útil, teve geral aprovação.

Moveu-se a força a 11.01.1867; e, pela primeira vez, as peças de artilharia montada, puxadas por bois, acompanharam a marcha da infantaria. Saíram os diferentes Corpos da Vila de Miranda completamente fardados, armados e providos de munições, libertos, pressentiam-no, das provações a que se submeteram, desvanecidos daquele sentimento de disciplina que tudo os fizera suportar, embora exercitando-se, cada vez mais, no manejo das armas.

O que estes homens pediam era um clima salubre que os revigorasse e os pusesse em condições de agir. E este ([75]) iam encontrá-lo em Nioaque, a 210 quilômetros a Sudeste de Miranda. Era a estrada larga e corria ao longo de magníficos bosques, onde predominavam os umbus balsâmicos, espalhando ao longe o perfume das flores abertas, os piquis, carregados de frutos, e as inesgotáveis mangabeiras.

São mui belos os acidentes do terreno; os ribeirões e riachos, a correrem volumosos por toda a parte, ofereciam excelente água. Já não mais pousávamos os olhos sobre as tristonhas perspectivas dos pântanos. Pelo contrário, nos comprazíamos agora em contemplar verdejantes campinas, trechos que apresentavam os mais poéticos aspectos, à sombra de poderosos contrastes luminosos. Até Lauiad ([76]) ruma a estrada, diretamente, para leste. A partir deste ponto toma a direção sul-sudeste. O panorama que então subitamente se desdobra é realmente grandioso. Aos pés do espectador, vasta campina a que embelezam magníficos acidentes; além, as grandes orlas da mata que acompanham as sinuosidades das belas águas do Aquidauana; ao longe a extensa Serra de Maracaju, com os píncaros escavados, refletindo os esplendores do Sol, e coroando toda esta massa prodigiosa, azulada pela distância. Foi este ponto, com razão, chamado pelos Guaicurus de Campo Belo. Parece apanágio dos povos civilizados o sentimento admirativo; pelo menos bem raro é nos homens primitivos a sua manifestação exterior.

---

[75] Este: este clima. (Hiram Reis)

[76] Entre fins dos setecentos e inícios dos oitocentos, a região de Miranda era ocupada por populações Guaikuru, como os Cotoguéu, e Guaná, sobretudo Laiana e Terena. Talvez essas tenham sido as primeiras populações a se estabelecer na região depois do abandono Guarani, a qual deixou de ser referenciada como Itatim e passou e ser denomina de Lauiad, que em Mbayá quer dizer "*Campo Belo*" (TAUNAY)

No entanto, as grandes linhas de um quadro majestoso da natureza conseguem, às vezes, vencer a feição material do selvagem, unindo ao autor da obra o rude espectador maravilhado. O primeiro Guaicuru que sobre esta região encantada deitou os olhos, não pôde conter a exclamação de surpresa; com a voz gutural e cavernosa pronunciou a palavra "*Lauiad*", que para sempre a assinalou.

A quatro léguas de "*Lauiad*" está a Forquilha, onde o Nioaque conflui com o Miranda. São todos estes panoramas de incomparável beleza. Uma eminência, entre outras, de onde se dominam as margens cheias de mata do Uacogo, do Nioaque e do Miranda, enlaçando a planície em suas curvas convergentes, oferece aspecto que sobrepuja ainda, se possível, o panorama da "*Lauiad*".

Tão brilhante, tão suave a luz que a toda aquela paisagem cobre que, involuntariamente, vem a imaginação emprestar a sua magia a este irresistível conjunto dos encantos da terra e do céu.

Apertadas entre altas ribanceiras, cobertas de taquaruçus ([77]), correm as águas frescas do Nioaque sobre um leito quase contínuo, de grés vermelho, disposto em grandes lajes; e, em vários lugares, é a ação da correnteza sobre a pedra tão notável, que se recomenda à atenção e ao estudo do geólogo.

Mas quem, sábio ou artista, não acharia farta safra nestes campos admiráveis. Na extensão das dez léguas que separam a Forquilha de Nioaque têm os terrenos nível inferior aos que precedem Lauiad, muito embora jamais possam, em tempo algum, ser invadidos pela inundação. São, pelo contrário, secos e cobertos de pedregulho, como de macadame natural.

[77] Taquaruçus: Chusquea gaudichaudii. (Hiram Reis)

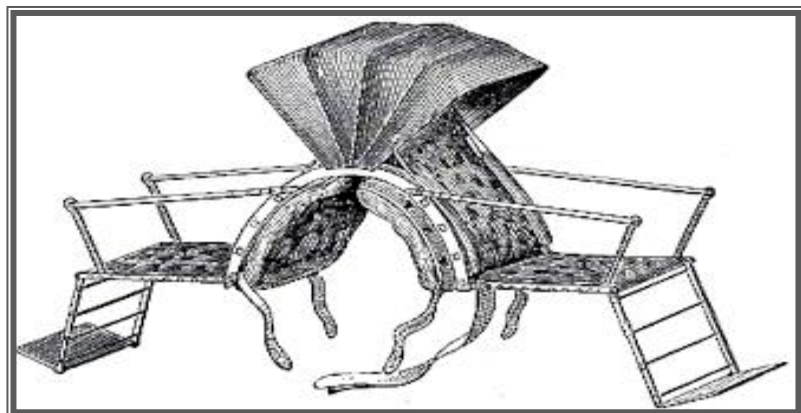



Imagem 11 – Cacolets

Nos cerrados surgem os piquis, frequentes; há também uma grande árvore que se cobre de bagas açucaradas e agradáveis, a que chamam fruta de veado. Não se mostram os jacarandás, também, aí raros.

Realizou-se a marcha para Nioaque com muita ordem e regularidade. Eram alguns doentes transportados em redes, outros em cangalhas ([78]) semelhantes aos cacolets ([79]) usados pelo exército francês na Argélia e da invenção de Larrey, no Egito. Grandes serviços nos prestou este excelente modo de transporte. Suavizou, até, os últimos momentos do Capitão Lomba, do 21° Batalhão, que morreu ao chegar, supremo sacrifício, oferecido ao mau fado da nossa longa permanência em Miranda.

A benigna influência do planalto que atingíramos fez desaparecer completamente a epidemia. Restabeleceram-se de pronto os doentes: não tornamos a ver aquelas terríveis dormências, sinais precursores do mal que tantas vítimas causara.

[78] Cangalhas: armação que permite aos equinos levar carga de ambos os lados do seu corpo. (Hiram Reis)

[79] Cacolets: sistema de transporte de feridos utilizado pelas Forças Armadas Francesas e Inglesas no século XIX. O cacolet, que pesava em torno de 19 kg, constituía-se de um par de cadeiras adaptadas ao lombo dos equinos e carregava até dois homens. (Hiram Reis)

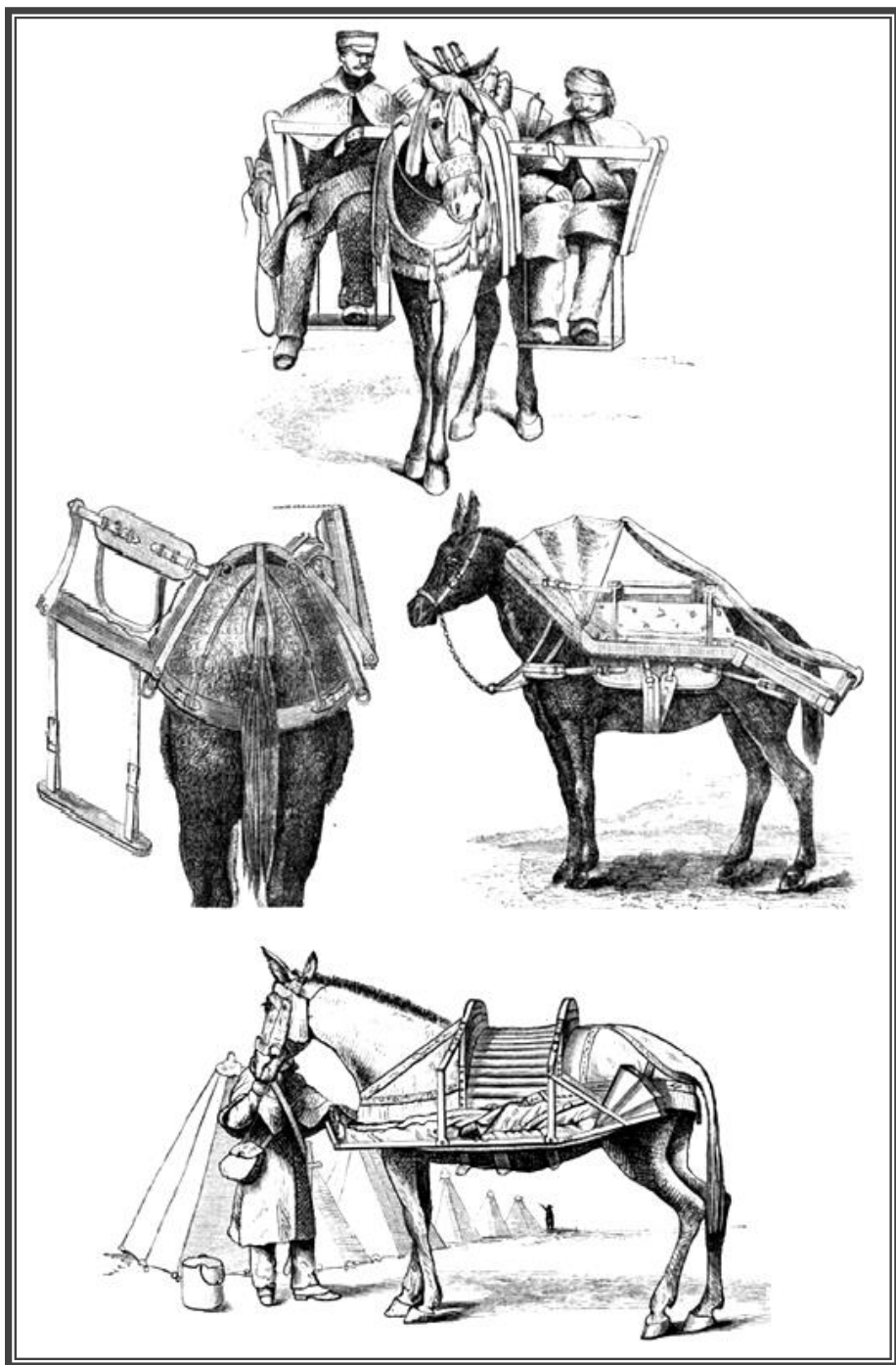



Imagem 12 – Cacolets

III

Nioaque. O Coronel Carlos de Morais Camisão. O Guia José Francisco Lopes.

Fora a Vila de Nioaque abandonada pelo inimigo a 02.08.1866. Por toda a parte ali se viam vestígios do incêndio. Poupadas, apenas, 2 casas e uma pequena igreja de pitoresca aparência. À primeira vista agrada o aspecto geral do lugar.

De um lado, o povoado e um Ribeirão chamado Orumbeva; do outro, o Rio Nioaque, cujas águas confluem cerca de 900 m, para trás da igreja, deixando livre, em torno desta, à direita e à esquerda, um espaço duas vezes maior. Pequena colina fica-lhe em frente, a pouca distância.

Ali chegamos, às 11h00 de 24.01.1867, acampando, em ordem de batalha, com a direita encostada à margem direita de Nioaque; e a esquerda à mata do Orumbeva. Instalaram-se o Quartel-General e o trem à retaguarda, no local da Vila, ocupando o hospital as pequenas casas salvas do fogo e um grande galpão que às pressas se construiu. Serviu a nave da igreja – de onde se retirara tudo quanto ainda havia de símbolos do culto – de depósito ao cartuchame e a todas as munições.

Ergueram-se, de todos os lados, ranchos de palha, "*gurbis*" como lhes chamam na Argélia, e, dentro em pouco, oficiais e soldados ali se acharam tão bem instalados quanto as circunstancias o permitiam.

Um bem-estar, desde vários meses ausente, o renovamento da existência um sentimento de plenitude de vida a todos nós exaltava, e em todos se transmutava na ânsia de sobressair, graças a algum brilhante feito d'armas que chamasse a atenção do país para uma Expedição desde muito inativa.

Reinavam no acampamento a esperança e a alegria. Perigo havia, contudo, neste entusiasmo; e os que conheciam o Chefe, de si para si, indagavam, com secreto desassossego, qual lhe seria a demonstração da iniciativa. Ia-lhe no peito amarga lembrança que não conseguia remover da mente.

Ao abandonar o Cel Oliveira, Comandante das armas da Província, a Praça de Corumbá ([80]), embora estranho às primeiras deliberações motivadoras desta precipitada retirada, figurara neste triste episódio o Cel Camisão na qualidade de Comandante do 2° Batalhão de Artilharia; e, por tal motivo, vira-se acusado de solidariedade com este ato de fraqueza. Contra ele servira-se a malevolência destas vozes cruéis, circulando, em tal época, um soneto impresso, acerbo estigmatizador dos defensores de Mato Grosso. Dentre os nomes nele apontados, lera o próprio... Subsistia a dor da afronta, profundamente magoado como se lhe achava o pundonor militar.

Com verdadeira paixão aceitara o comando da Expedição. Seria, a seu ver, o modo de se reabilitar perante a opinião pública e, desde tal momento, concebera o projeto não de se manter na defensiva, como o critério o indicava, dada a exiguidade dos recursos de que podia dispor, e sim de levar a guerra ao território inimigo, fossem quais fossem as consequências.

---

[80] Corumbá: em fins de dezembro de 1864, Corumbá tomada e devastada pelos paraguaios. Era a principal praça comerciante de Mato Grosso: e o inimigo ali realizou mui considerável presa. Haviam-se os habitantes refugiado nas matas vizinhas, mas Barrios os perseguiu. Saqueadas as casas, vários objetos roubados, e dos mais valiosos, remeteram-se a Lopez que não hesitou em os guardar, sobressaindo-se Barrios entre todos os que assim procederam. A um brasileiro rico, e sua filha, levaram a bordo do seu navio: e quando o pai recusou deixar a menina a sós com o Chefe paraguaio, arrastaram-no à força, ficando a infeliz criança no navio. Pôs Barrios em tratos todos os que lhe caíram nas mãos, quando queriam ou não podiam dar-lhe as informações pedidas, ordenando que os espancassem: foram vários lanceados como espiões. (TAUNAY)

Dia a dia, cada vez mais, tal ideia o empolgara. Sob, a influência de legítimo ressentimento, tomou a feição da fixidez, apesar da inata indecisão do caráter. Sinistro fadário o impelia ao infortúnio. Encontrava-se no arquivo da coluna um ofício do Ministro da Guerra recomendado a marcha sobre o Apa logo que as conjunturas a tanto se prestassem.

Ali enxergou, não o que exatamente havia, uma indicação facultativa, mas a ordem de avançar, forma peremptória. Por mais que se lhe fizessem observações: cego, graças a doentia suscetibilidade, levava a mal que de menos contestável se lhe objetasse.

Uma frase depreciativa ao seu respeito pronunciada, imprudentemente repetida, ainda lhe acirrou a inflexibilidade, tornando-o surdo a quanto parecesse desviá-lo do projeto de invasão.

Não era que lhe não sopesasse as dificuldades; via, porém, os soldados cheios de entusiasmo e já aguerridos; embalava-se na esperança de, à sua testa, praticar grandes feitos; adestrava-os às manobras, por meio de frequentes exercícios, levava-os a empenhar combates simulados, em que a artilharia representava ruidoso papel; e desta agitação geral resultava uma animação de que ele próprio compartia.

Entretanto, algumas vezes também, percebia nitidamente que apenas dispunha de uma vanguarda de exército em campanha; e era obrigado a reconhecê-lo. As hesitações lhe voltavam então, e, chegado o dia por ele próprio fixado para a arrancada das Forças, achava sempre motivo para o adiamento, embora precisasse invocar as razões na véspera repelidas.

Ora oficiava ao Ministro que nada podia empreender sem cavalaria, e ora pretendia poder dispensá-la; dolorosos embates entre a autoridade da razão clara e as inspirações do orgulho magoado.

Era-lhe a atitude, aliás, sempre digna e firme; em todas as questões administrativas trazia, sobretudo, o cunho de nobre integridade. Não admitia uma diminuição ao prestígio de Chefe e sabia mantê-lo tanto mais quanto lhe assistia real singeleza e amenidade.

Homem de quarenta e sete anos de idade, baixo e aparentemente robusto, feições regulares, tez moreno-escura, olhos negros e vivos, tinha larga testa e belo crânio, completamente calvo, que dos paraguaios lhe valeu injuriosa alcunha. Sempre sério e preocupado, era visto solitário, ou a conferenciar com o velho sertanista que nos servia de Guia, José Francisco Lopes.

Merece este ser apresentado ao leitor antes que o veja agir. Dentre nós, os que tinham presentes os romances de Fenimore Cooper, não podiam, à vista do sertanejo brasileiro, o homem das solidões, deixar de evocar a grande e singela figura de "*Olho de Falcão*" no "*Último dos Moicanos*" ([81]).

Tivera, desde a infância, o pendor pelas entradas nos sertões brutos. Contava-se também que um ato violento, da primeira mocidade, lhe impusera, durante algum tempo, este modo de vida.

---

[81] "*O Último dos Moicanos*": romance histórico de James Fenimore Cooper, lançado em 1826, baseado nos eventos relacionados com a Guerra Franco-Indígena [1754-1763]. Nataniel Bumppo era um espião a serviço dos britânicos, mais conhecido como "*Olho de Falcão*" [em referência à sua precisão no tiro com armas].

"*Olho de Falcão*" era um homem que tinha aprendido a viver em harmonia com a natureza e estava desvinculado das modernizações e da cobiça da época. Embora fosse inculto, representava a perfeição moral e a sabedoria superior natural. Esse é um dos tipos centrais da mitologia do Oeste que continua a exercer influência na cultura norte-americana: o homem solitário e armado, sem grandes recursos, mas com sentimentos nobres e princípios morais, que vive em meio à natureza, sem os confortos da civilização (JUNQUEIRA)

Viera depois a idade desenvolver-lhe todas as aptidões. Prodigiosamente sóbrio, viajava dias inteiros sem beber, trazendo à garupa da cavalgadura pequeno saco de farinha de mandioca, amarrado ao pelego macio, que lhe forrava o selim. Jamais deixava o machado destinado a cortar palmitos.

Nascido na Vila de Pinmi, em Minas Gerais, dali, ao léu das aventuras, havia atingido todos os pontos da área que se estende das margens do Paraná às do Paraguai. A fundo conhecia as planícies que entestam com o Apa, divisa do Brasil e do Paraguai.

Numerosas localidades até então virgens do pé humano, até mesmo selvagem, percorrera e a várias batizara [Pedra de Cal, entre outras]. Tomara, em nome do Brasil, posse, ele só, de imensa floresta, no meio da qual fincara uma cruz, grosseiramente falquejada, onde esculpira a inscrição "*P II*" [Pedro Segundo], imponente madeiro, perdido no recesso dos desertos. Criava a iniciativa do sertanista domínios ao soberano.

Numa viagem para estudar a navegação do Rio Dourado, afluente do Paraná, gravemente ferira a planta do pé, acidente de que jamais pudera curar-se. Um dia, como lhe víssemos a chaga, semicicatrizada, sempre a sangrar, disse-nos:

> Prometeu-me o governo dar-me, a título de recompensa, trezentos mil-réis, mas nunca os pagou. Perdoei-lhe a dívida; o que se me devia era uma condecoração; já a tenho e nada mais quero.

Durante sete anos, com a família, residira no Paraguai; mas no momento da invasão já estava de volta ao solo brasileiro, habitando, à margem do Rio Miranda, uma propriedade sua, que batizara Jardim, fertilizada por seu trabalho e o dos filhos já crescidos. Ele e a mulher, D. Senhorinha, generosamente hospedavam quantos ali fossem ter.

Quando, em 1865, irromperam os paraguaios em território brasileiro, conseguira escapar-lhes, mas único da família, que caíra toda em poder do inimigo e fora transportada para a aldeia paraguaia de Horcheta, a sete léguas da cidade de Concepción. Com ela vivia o coração do velho Guia.

Por todas estas razões, nele encontrou o Coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como Guia da Expedição, ir ter com a família e vingar-lhe os agravos, empolgou o espírito do sertanista brasileiro, que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a perfeita intuição das conveniências. Assim, nunca esquecendo a modéstia da posição, frequentemente dizia:

> – Nada sei, sou sertanejo; os senhores que estudaram nos livros é que sabem.

Era-lhe o orgulho num único ponto irredutível, no que tocava ao conhecimento do terreno, legítima ambição, além do mais, pois dela nos proveio a salvação. Exclamava:

> – Desafio todos os engenheiros com as suas agulhas [bússolas] e plantas. Nos campos da Pedra de Cal e Margarida sou Rei. Só eu e os índios Cadiueus conhecemos tudo isto.

Resolveu-se a partida de Nioaque, embora já com grandes dificuldades tivéssemos que lutar, sobretudo quanto ao abastecimento de gado. Comunicou-se a ordem às tropas sem que se soubesse para onde se ia marchar. Pensava a maioria que se tratava somente de alguma incursão a fazer em território inimigo.

Levava a coluna apenas o material indispensável para um mês de ausência. Ficavam no acampamento as mulheres dos soldados, exceto duas ou três.

Imagem 13 – Engenheiro do Exército Imperial

IV

Marcha Sobre a Fronteira Paraguaia. Conselho de Guerra.

Arrancou a coluna a 25.02.1867, indo acampar a uma légua da Vila, à margem do Rio Nioaque. Logo que pudemos, visitamos o Comandante. Tinha a barraca sobre um montículo pedregoso, a meio abrigado por palmeiras que tornavam aprazível aquele local. Estava agitado: já para o rancho da tarde faltava gado.

A 26.02.1867 estávamos no Canindé; a 27.02.1867 no Desbarrancado.

Dois dias demorou a coluna neste lugar, 28.02.1867 a 01.03.1867. A 02.03.1867 marchava até o Feio, Rio da vizinhança, onde, devido ao mau tempo, passou o dia 3. Nesse mesmo dia voltou José Francisco Lopes de sua estância do Jardim trazendo-nos, mais ou menos, duzentos e cinquenta cabeças de gado, circunstância que naturalmente veio aumentar a grande confiança que nele e em sua palavra já depositávamos.

A 04.03.1867, à uma hora da tarde, ocupamos o lugar onde fora a colônia de Miranda, distante 80 km S.S.O. de Nioaque. Apenas ali restavam alguns vestígios de construções incendiadas.

Principiou o Coronel Camisão por fazer explorar os diversos pontos que se ligavam à nossa posição e ordenou que, em todas as direções, se abrissem picadas através das matas, mandando ocupar as estradas do Apa e da colônia por piquetes.

Ao mesmo tempo eram as trincheiras da frente e da retaguarda resguardados por destacamentos consideráveis.

O que teria convindo seria investir com as fortificações paraguaias e tomá-las. Na primeira confusão desta surpresa, poderíamos devastar o Norte da República antes que o governo de Assunção soubesse de nossa marcha. Deu-se inteiramente o contrário: teve o inimigo tempo de perceber a diretriz e o alcance da empresa.

Continuava sempre iminente a fome. Segundo rebanho de duzentas cabeças, que Lopes ainda trouxera de suas terras, estava a acabar. Nenhuma remessa nova se anunciava e a Intendência em ofício, datado de Nioaque, declarava achar-se incapaz de prover, daí em diante, ao abastecimento de gado.

Nesta contingência acentuaram-se as hesitações do Coronel com maior frequência. Deixou mesmo pressentir a necessidade que talvez o compelisse a recuar até Nioaque e abandonar provisoriamente os projetos de ofensiva. Como fazia praça em observar, tal ideia, aliás, jamais fora favoravelmente acolhida.

Quis em todo o caso pôr a salvo a responsabilidade, por meio de documento oficial com que, oportunamente, pudesse justificar-se, quer perante o governo, quer perante o público.

Assim, pois, a 23.03.1867, oficiou ao presidente da Comissão de engenheiros, determinando-lhe que convocasse os colegas para deliberarem sobre a possibilidade de um movimento ofensivo e os meios de o executarmos.

A tarde desse mesmo dia, graças a um contraste, cuja recordação nos ficará inapagável à mente, reuniu-se este Conselho carregado de tantas desgraças, quando a luz crepuscular enchia os espaços de paz e alegria.

A princípio solene, acabou por violências nascidas da exaltação conscienciosa.

Por diversas vezes esforçaram-se três dos membros da Comissão em pintar a posição do Corpo do Exército tal qual realmente era; a insuficiência de víveres; a penúria absoluta dos meios de transporte; a ausência da cavalaria e a escassez das munições; a impossibilidade de angariar reforços ou socorros para um punhado de homens internados em terra inimiga.

Daí a eventualidade infalivelmente próxima de uma retirada a executar-se, sem dados de antemão estudados, e sob condições em que as tentativas só podiam conduzir a um desastre, e isto com a deplorável consequência de atrair novamente para o território brasileiro, a ocupação paraguaia, acompanhada de todos os horrores.

Razão, mais que sobeja, assistia incontestavelmente aos que assim pensavam. Dois dos colegas, porém, encarando a questão sob um ponto de vista diverso, e buscando argumentos em mais elevada esfera, pretenderam que ao Corpo de Exército assistia uma missão que, a todo o transe, devia cumprir.

Tornara-se-lhe a marcha para o Norte do Paraguai absolutamente indispensável no plano de conjunto da guerra. Era sem dúvida a coluna mais fraca e talvez sucumbisse, mas útil e gloriosamente. Dir-se-ia, pelo menos, que se compunha de valentes brasileiros.

Éramos todos moços; tais pensamentos, tais modos de sentir invocados a propósito de opiniões contrárias, trouxeram troca de palavras ásperas e afinal recriminações pessoais.

Até então mantivera-se calado o Tenente-Coronel Juvêncio ([82]), Chefe da Comissão de engenheiros, sem contudo conseguir dominar a comoção que de vez em quando o agitava.

[82] Juvêncio: Juvêncio Manoel Cabral de Menezes. (Hiram Reis)

De seu voto, preponderante, devia depender, o desfecho do debate. Resumiu o parecer, colocando-se exclusivamente no terreno prático: "*Não podia a coluna avançar sem víveres e já não dispunha de mais gado*". Exatamente em tal momento ocorreu um destes incidentes que nas combinações das coisas humanas surgem para lhes encaminhar o curso.

Um rebanho que o infatigável Lopes, a instâncias do nosso Comandante, juntara nos campos de sua estância do Jardim e tangera para o acampamento, ali entrava tumultuosamente, respondendo os mugidos dos animais aos clamores dos vaqueiros e peões.

Desde então tudo se decidiu, como outrora em Roma expedições militares se detiveram ou precipitaram-se segundo os gemidos das vítimas ou os gritos dos frangos sagrados. Levantou-se o Presidente do Conselho e, voltando-se para o secretário encarregado de redigir a ata da sessão, o próprio autor desta narrativa, encarregou-o de comunicar ao Comandante que a Comissão unânime reconhecia a possibilidade da marcha para a frente, sobre a fronteira inimiga, apressando-se em oferecer toda a sua boa vontade para a execução deste plano. Em seguida, exclamou:

> – Deixo viúva e seis órfãos. Terão como única herança um nome honrado.

Assim se encerrou este conselho sobre o qual se fixara a atenção de toda a oficialidade e cujo resultado; todos surpreendeu; a ninguém tanto, contudo, quanto ao Comandante, por se ver arrastado pelo obstáculo que acreditara anteceder à sua pessoa e os riscos do primitivo projeto. O sentimento do decoro pessoal, nele poderoso desde o despertar, preservou-o, contudo, de outros testemunhos da impressão, além de alguns gestos, inopinados e involuntários. Esforçou-se desde então em bem realizar o que fatalmente se tornara impossível deixar de empreender.

V

Reconhecimento. Rebate Falso. Regresso de Cativos Escapos ao Inimigo. O Guia Lopes e o Filho. Avante!

Recebeu imediatamente o 21° Batalhão ordem de escoltar os engenheiros, numa exploração das localidades vizinhas da Colônia; e, com efeito, a 25.03.1867, o Tenente-Coronel Juvêncio, com os dois subordinados, avançou até o ponto chamado Retiro que, havia pouco, fora evacuado por um Destacamento paraguaio de uma centena de homens. Feito o reconhecimento regressou na mesma tarde a nossa Comissão ao acampamento.

Tinham percorrido os infantes que nos acompanhavam mais de 52 km transportando capotes e armas, além de sessenta cartuchos na cartucheira. Pudemos frequentemente constatar que as mais longas marchas não conseguem abater a energia do soldado brasileiro.

Decorreram os dias subsequentes, na inação; e neste solene repouso do pensamento, que é apenas prudência em vésperas de arriscadas empresas. Tanto ninguém deve perturbar-se com a apreensão de desgraças, que talvez não ocorram, como se não entregar à exagerada confiança no futuro, que à possível catástrofe ainda venha trazer o rigor do imprevisto.

Abril começara, fadado às nossas provações. O serviço de comboio longe estava de se achar garantido e, no entanto, como que a abundância reinava no acampamento. Carretas em contínua afluência ali traziam toda a espécie de fazendas e demais objetos de luxo que aqueles campos desertos jamais haviam certamente visto. Assim, as mulheres dos soldados, atraídas por este movimento comercial desciam de Nioaque em grupos cada vez mais numerosos.

Também para tal afluxo de gente contribuía a reputação de salubridade da Colônia de Miranda. Era para aquele ponto, com efeito, que, muito antes da invasão estrangeira, de toda a vizinhança mandavam convalescentes e enfermos. Ali são cristalinas as águas do Rio que as infiltrações salobras dos pântanos de jusante ainda não contaminaram. Nada deixava a desejar o estado sanitário das tropas.

Haviam, pois, recomeçado os exercícios diários de todos os Batalhões e nossas músicas, rompendo afinal o longo silêncio, alegravam os espíritos. A dos Voluntários de Minas, sobretudo, cuidadosamente recrutada, executava sinfonias cuja novidade, para os ecos locais, ajuntava novo encanto ao prazer da audição.

Recebeu logo o 17° Batalhão ordem de ir, além do ponto atingido pelo 21°, realizar um reconhecimento, sob a direção do Guia Lopes e em companhia de um grupo de índios Terenas e Guaicurus, que desde algum tempo se apresentara ao Coronel.

A 10.04.1867, realizou-se a partida, bandeiras desfraldadas e música à testa, espetáculo sempre imponente em vésperas de combate. Graças ao Comandante apresentava-se o corpo em pé de disciplina, que em qualquer ponto o tornaria notado.

Reservava-nos o dia seguinte emoções muito diversas e quase contraditórias: a esperança de encontrar o inimigo, que se não realizaria, e o imprevisto das mais comoventes cenas familiares.

Anunciou-nos uma mulher, vinda de Nioaque, o encontro, à margem de um Rio próximo, de um grupo de cavaleiros, falando o espanhol. Depois de lhe fazerem algumas perguntas, haviam-na deixado passar tranquilamente. Deu-se logo o alarma em toda a frente e à retaguarda, mas tivemos logo a agradável surpresa do regresso do nosso Destacamento trazendo dez cavaleiros.

Eram brasileiros, eram irmãos! Pertenciam a famílias estimadas e bem conhecidas de fazendeiros das vizinhanças de Nioaque: Barbosas, Ferreiras, Lopes, e haviam conseguido escapar ao inimigo inexorável. Com a rapidez do raio circula a notícia de sua aparição por todo o acampamento, e até em Nioaque.

Para os ver acodem homens e mulheres, possuídos como que de embriaguez; e a maioria até a chorar. Patrícios nossos! Rodeados, carregados, acham-se de repente em presença do Comandante que os interroga. Contam que, levados prisioneiros para o território paraguaio, eles e as famílias, haviam, ao se retirar o inimigo, sido dispersos por diversas localidades, principalmente em Vila Horcheta, a sete léguas de Concepción.

Ali lhes haviam dado terras de cultura sob a condição de pagarem aos coletores o quinto da colheita. Nunca os incomodaram muito até então, mas sabendo, ultimamente, que o ditador López, já falto de gente para o exército, projetara recrutar todos os estrangeiros, e até mesmo os prisioneiros, e que, ao mesmo tempo, se aproximava uma coluna brasileira, tudo tinham arriscado para reunir-se aos patrícios, escapando ao perigo de ter de os combater. As próprias famílias os haviam incitado a assim proceder.

A 25.03.1867, exatamente no dia dos nossos primeiros reconhecimentos diante da Colônia, conseguiram apossar-se de bons cavalos paraguaios, e, como se não iludissem acerca do destino que os aguardava caso fossem novamente capturados, tinham se arriscado a caminhar à noite, e de mata em mata, fazendo contínuos rodeios, em direção à fronteira.

Atingindo-a felizmente, atravessaram o Apa e depois, deixando à direita a estrada da Colônia, subiram ao Norte, em direção à estância do Jardim, de onde desceram ao nosso encontro.

A um deles, o filho do Guia Lopes, chamou o Coronel à sua barraca e a sós. Era moço simpático, cuja inteligência e discrição pareciam provir da herança paterna. Versou a conversa, naturalmente, sobre as informações que ele e o cunhado, Barbosa, podiam dar relativamente à situação do Paraguai, à sua força apreciável, meios de resistência, e sobretudo quanto à fronteira vizinha.

Responderam os refugiados que as fortificações do Apa não passavam de simples estacadas de madeira comum, guarnecidas, em Bela Vista, por uma centena de homens, sob o comando do Major Martim Urbieta.

Estavam os outros fortes em piores condições defensivas; mas o governo paraguaio, à vista dos avisos recebidos, comprometera-se a providenciar dentro em pouco e a enviar reforços, determinando que até a chegada destes, se fizesse uma retirada ante a investida brasileira, destruindo-se tudo o que não fosse possível carregar.

Acrescentaram que, no interior do Paraguai, era geral o desânimo; dia a dia menos se acreditava num feliz desfecho da guerra. Entretanto a resolução da defesa, a todo o transe, não parecia esmorecida.

Quanto ao respeito pelo presidente, El Supremo, cujo nome todos pronunciavam descobrindo-se, era sempre o mesmo.

Apenas pelo acampamento se espalharam tais notícias, só houve um grito: Ao Apa! Ao Apa! Atingiu o entusiasmo ao auge, deixando-se os mais prudentes arrastar pela excitação apaixonada dos grupos que de todos os lados se formavam.

Anunciou-se neste momento a volta do 17° Batalhão que acompanhara o velho Lopes.

Era geral o desejo de assistir ao primeiro encontro do pai e do primogênito que lhe voltava aos braços.

Passando pelos postos avançados soubera o nosso Guia da grande notícia.

Vinha pálido, lacrimejante, em direção ao filho que, respeitosamente, o esperava, descoberto. Não desmontou; estendeu a destra trêmula ao filho, que a beijou; depois o velho Guia deu-lhe a bênção e passou sem proferir palavra.

Foi uma cena patriarcal, e como seja o coração humano sempre sensível aos grandes lances, atônitos, olhávamos uns para os outros, como a indagar se não seria fraqueza entre soldados nem sempre poder conter as lágrimas.

Que emoção devia sentir o velho vendo o filho escapo ao inimigo! E quanta dor, ao pensar que os outros membros da família, ainda cativos, haviam perdido o mais valente defensor!

Quando em tal lhe falamos tomou longa pitada e disse: "*Deus tudo faz. Deus assim o quis. Fui outrora feliz, tive casa e família. Hoje durmo ao relento; estou só, e como do que a caridade dá*".

– Vamos encontrar casa em Bela Vista, lhe respondemos. Tem o senhor a seu lado filho e genro. Come em companhia de amigos e até ainda é quem lhes dá a comer de seu gado.

Com melancólico sorriso meneou a cabeça, dizendo:

– Nunca mais será minha a estância do Jardim!

Entrementes, depois de haver combinado com Barbosa os meios de ainda ter gado do sogro, ordenou o Coronel que se avançasse.

VI

Em Marcha. Formatura da Coluna. A Vista da Fronteira.

Fortalecido em sua primeira resolução, não pôde, entretanto, o Coronel Camisão executá-la sem deixar perceber algumas das antigas hesitações. Fora ele próprio que, para 13.04.1867, marcara a partida; adiou-se para o dia imediato, embora, desde o romper d'aurora, tudo estivesse pronto e o Corpo do Exército em ordem de marcha. Só em hora avançada tornou conhecida a nova determinação, a tal respeito estendendo-se em explicações que a todos espantavam, provocando malignas interpretações, principalmente a propósito dos pousos, que fixara. Dispusera-os, com efeito, de modo que a coluna chegasse a Bela Vista, ou em suas imediações, isto é na fronteira, no sábado de Aleluia ou domingo de Páscoa, para que ali se celebrasse esta solenidade. – "*Assim diziam os críticos, os tiros de peça, iniciais de nossa entrada em fogo, serão os mesmos que geralmente acompanham a cerimônia religiosa: a iniciativa da campanha será coberta pela festa*".

13.04.1867 foi, pois, ainda um dia perdido: gastaram-se as horas da manhã em preliminares de viagem, inteiramente supérfluos, e cujo único objetivo parecia procurar entreter os soldados. Estes, aliás, a tudo se prestavam com a melhor disposição. Fizera-se ouvir o Hino Nacional e uma explosão de entusiasmo o acolhera. Vários Ajudantes-de-Ordens se despacharam então, cada qual do seu lado, a ler uma ordem do dia, apelando para o patriotismo da coluna e a lhe relembrar a confiança nos chefes. Enérgicas aclamações estrugiram ainda, após esta proclamação, repetindo-se várias vezes: chegara ao auge a animação. No entanto caíra a noite, que se passou sem que nos houvéssemos movido.

Todos viram o Comandante, meditativo como sempre, passear na sombra, em frente à sua barraca, por mais tempo e mais tarde do que geralmente fazia.

No dia seguinte, desfilou o Corpo diante dele; com isto pouco a pouco se animou. Já a vanguarda, contudo devia dar-lhe motivos de reflexão, composta com homens de nossa cavalaria desmontada. E, com efeito, já relatamos que não tínhamos mais cavalos, todos vitimados na região de Miranda por uma epizootia ([83]) do gênero da paralisia reflexa que a nós mesmos, tão cruelmente, viera provar. Quando muito pudera o serviço de faxina conservar alguns muares.

Faltava-nos o elemento primordial da guerra nestes terrenos, a cavalaria; e não havia quem com isto se não impressionasse. Malgrado a diferença de feição, a que se tinha: de resignar, nada perderam os nossos caçadores do aspecto marcial.

Após eles, marchava o 21° Batalhão de Linha, precedendo uma Bateria de duas peças raiada depois o 20° Batalhão, outra Bateria igual à primeira acompanhada pelo 17° de Voluntários da Pátria; e afinal as bagagens, o comércio, com a sua gente e material, as mulheres dos soldados, bastante numerosas.

Ocupava o gado o flanco esquerdo, com as carretas de munições de guerra e de boca, massa confusa protegida por forte retaguarda. Tínhamos o Miranda à frente; os soldados o atravessaram; uns levantando acima d'água armas, cartucheiras; outros sobre uma ponte volante que os engenheiros acabaram de construir, auxiliando-os neste trabalho urgente um 2° Tenente de Artilharia, Nobre de

[83] Epizootia: doença que ataca simultaneamente diversos animais da mesma espécie. (Hiram Reis)

Gusmão ([84]), jovem oficial, cheio de inteligência, que nessa ocasião demonstrou o zelo que mais tarde sempre pôs em destaque. Mais de duas horas tomou esta travessia; neste ínterim havia o Coronel Camisão e seu Estado-Maior lido notícias que o Correio de Mato Grosso acabara de trazer. Nenhum comunicado, oficial ou privado, relativo à invasão do Paraguai pelo Sul viera ao nosso Comandante nem coisa alguma que a tal fato se ligasse.

---

[84] Cesário de Almeida Nobre de Gusmão: possuía verdadeiro espírito militar, ainda mais apurado pela rija educação recebida na Alemanha e na Escola Politécnica de Carlsrühe, e devotava-se de corpo e alma, com inquebrantável entusiasmo, à sua carreira e ao cumprimento dos árduos deveres dela derivados. Legítimo tipo de soldado, a sua energia, o gosto por trabalhos violentos e a afronta às intempéries contrastavam com o comodismo e a indolência de alguns colegas. Pobre Gusmão! Quantas singularidades tinha, entremeadas das mais sólidas e distintas qualidades! Com a maior seriedade e perfeitamente crente do que contava, pregava-nos formidáveis mentiras a respeito das suas inúmeras aventuras na velha Germânia, algumas que o punham até em situação ridícula. Mas que coração nobre, que maneiras delicadas e fidalgas! Não são muito comuns, neste mundo de egoísmo e interesse material, caracteres como o dele, cheio de ingênuos arroubos à maneira do fantasioso e quase sublime, embora grotesco, Dom Quixote. [...]
Na travessia, porém, do Coxim ao Rio Negro, e ainda mais, do Rio Negro ao Taboco, foi um herói, a conduzir e guiar todo o trem de artilharia por caminhos impossíveis, a desatolá-lo de contínuos e fundos tremedais, a consertar, arranjar e amarrar os tirantes e cordas de couro cru, a cada instante arrebentados; a lidar com os bois de tiro exaustos de fadiga; a animar os soldados exasperados, ele, sempre o primeiro nos passos difíceis, sem repousar um só minuto, metido na água suja, imunda, no lodo, nos atoleiros, atento a mil expedientes, severo quando preciso, mas sempre meigo e condescendente para com o soldado, de quem se fazia adorar e tudo obtinha. Esforços tão valentes e desenvolvidos de tão boa vontade não podiam ser esquecidos e, por uma lei de misteriosa justiça, aqui, nestas concisas palavras, deixo-os concretizados como homenagem da Pátria à memória de Cesário de Almeida Nobre de Gusmão, tanto mais quanto depois, da ocasião da Retirada da Laguna, vi-o reproduzi-los com a mesma abnegação, idêntico fervor e elevado sentimento do dever, buscando, ainda mais, com inexcedível amor filantrópico, e de Chefe exemplar, salvar os comandados da cholera-morbus que os dizimava e aniquilou aquele já de si reduzido contingente de artilharia do Amazonas. (TAUNAY, 1948)

Seriam, no entanto, informes do mais alto interesse, até mesmo indispensáveis no momento em que nos aventurávamos à perigosa operação, sem que aspirássemos prefixado fim.

Às 14h00 recomeçou a marcha, e, a lentidão era extrema: regulávamos o passo pelo dos bois que puxavam a artilharia e ainda, de tempos em tempos todos estacavam, porque o próprio Coronel, indo e vindo com o seu Estado-Maior, da frente à retaguarda, punha-se com o óculo de alcance, a examinar as cercanias, ora distraída, ora muito atentamente. Surpreendia-nos isto porque se jamais houve campos sem mistérios eram os que atravessávamos.

Estavam, então, inteiramente despidos; recentemente incendiados neles perecera até a erva rasteira, de modo que os atiradores distribuídos, no momento da partida, ao longo da nossa coluna, para guardá-la, a ela se haviam incorporado, dispensados dum serviço sem razão de ser. Ao cair da noite atingimos elevado monte.

A 16.04.1867 recomeçou a marcha na mesma ordem, somente deviam os diferentes corpos alternar, de um dia para outro, à testa, ao centro e à retaguarda. Seguíamos uma estrada formada de dois trilhos paralelos, espaçados por 3 ou 4 palmos de capim e esta se estendendo a perder de vista pelas planícies desnudadas. Uma ou outra moita, ou arbusto, quando muito, surgiam de vez em quando. Só no horizonte se divisavam uns capões.

Estavam os dois trilhos bem batidos, tornando-se visível que havia pouco por eles tinham passado e tornado a passar cavaleiros e em contingentes avultados. Desta estrada partiam, de distância em distância, outros rastos de cavalos encaminhados para os acidentes do solo, que permitiam a visão ao longe. Não se podia mais duvidar que o inimigo nos observava a marcha.

Fomos acampar perto do morro do Retiro, onde ocupamos a vertente em cuja base nasce o volumoso Ribeiro do mesmo nome. É nesse lugar admirável a natureza; corre a água emoldurada de palmares, entre margens ligeiramente sinuosas, revestidas de relva curta e fina, da mais bela cor esmeraldina.

Não longe dali residira outrora esta mesma D. Senhorinha, cuja hospitalidade já gabamos. Achava-se, então, casada, em primeiras núpcias, com um Lopes [João Gabriel], irmão do nosso valente Guia José Francisco, e falecido em 1849.

Residindo só, com os filhos, então crianças, numa zona fronteiriça, onde não há a mínima segurança para os fracos, já fora outrora a viúva presa e levada por um magote de paraguaios.

Reclamada, ao cabo de algum tempo, pela legação brasileira em Assunção e liberta, em 1850, contraíra, segundo o costume generalizado naquela terra, segundo casamento com o cunhado, o nosso Guia, que a estabelecera em sua estância do Jardim. Ali, ao começar a invasão, de 1865, fora de novo presa e internada no Paraguai.

A 17.04.1867, pela manhã, deixamos o Retiro e, duas léguas à frente, encontramos uma construção em forma de galpão ou cabana que evidentemente acabava de ser abandonada por uma ronda inimiga.

Erguia-se-lhe ao lado um destes mastros de vigia a que os paraguaios chamam mangrulhos, grosso esteio ou travejamento de toscos madeiros, pelos quais trepam para descortinar, ao longe, os terrenos circunvizinhos.

Haviam os nossos índios Guaicurus avançado até ali, anteriormente, num reconhecimento do Tenente-Coronel Enéias Galvão.

Desta vez fizeram os selvagens, nossos aliados, alegre fogueira do tal mastro e da choupana.

Avisaram neste momento ao Coronel que o nosso comboio se atolara à saída do Retiro. Decidiu imediatamente que, sem interromper a marcha, iríamos esperá-lo a alguma distância, à vanguarda.

Foi o que fizemos assentando acampamento exatamente no local onde existira a fazenda de João Gabriel. Grosso contingente de vanguarda colocou-se em observação sobre uma culminância que dominava a campina.

Quem comandava este Destacamento era um Capitão da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, Delfino Rodrigues de Almeida, mais conhecido pelo apelido paterno de Pisaflores, homem enérgico, a cuja bravura todos prestávamos homenagem.

Vimo-lo olhar fixamente para Oeste; de repente, partido de diferentes pontos, reboou um grito: A fronteira!

Da elevação onde se achava o Destacamento avistava-se com efeito a mata sombria do Apa, limite das duas nações.

Momento solene este, em que entre oficiais e soldado não houve quem pudesse conter a comoção!

O aspecto da fronteira que demandávamos a todos surpreende que realmente era novo.

Podiam alguns já tê-la visto mas com olhos do caçador ou do campeiro, indiferente.

A maior parte dos nossos dela só haviam ouvido vagamente falar; e agora ali estava à nossa frente como ponto de encontro de duas nações armadas, e como campo de batalha.

VII

Passagem do Apa. Primeiro Embate. Ocupação da Machorra.

Haviam as nossas carretas retardatárias chegado ao acampamento a 17.04.1867. No dia 18.04.1867, pelas 09h00, fez-se a rendição das guardas avançadas.

Reinava em nossas linhas a maior tranquilidade quando, de repente, pelas 11h00, ouviu-se o grito de alarma:

– Cavalaria inimiga!

Armam-se os Batalhões; expede o Comandante os engenheiros aos postos avançados; o Ajudante-General à retaguarda; o Assistente do Quartel-General aos diversos corpos para lhes examinar as condições e remediar ao que possa faltar.

Para a vanguarda marcha ele próprio, acompanhado pelo Batalhão de Voluntários, com as bocas de fogo do Major Cantuária ([85]) e do Tenente Marques da Cruz ([86]), o mesmo que havia de morrer combatendo nas Linhas de Humaitá.

---

[85] João Tomás de Cantuária: viera acompanhado de mais dois oficiais destinados a reforçarem a Comissão de Engenheiros; os Ten de Artilharia João Tomas de Cantuária, bom companheiro, embora de gênio sombrio, um tanto fantástico, sobretudo desigual [...] (TAUNAY, 1948)

[86] João Batista Marques da Cruz: Quando Marques da Cruz chegou de Mato Grosso e, prestes a partir para a guerra, no Paraguai, levei-lhe o manuscrito da Retirada da Laguna, leu-o com muita atenção e observou: "*Como é, Taunay, que você se lembrou tão exatamente de tanta coisa, de tão numerosos incidentes?*" Perguntei-lhe se havia achado exageração no que contara, receoso como me sentira de ser hiperbólico na narração dos nossos sofrimentos. – Não há tal – replicou-me com vivacidade –, em muitos pontos pareceu-me até que você diluiu demais as cores. E acrescentou: "*Enfim, não foi debalde que tanto padecemos; aí fica o que está escrito para atestá-lo, talvez para sempre!*" (TAUNAY, 1948)

Por nós passou, com a espada nua, não querendo, dizia, tornar a embainhá-la senão depois que houvesse travado conhecimento com os paraguaios.

Estavam os inimigos, então, a pequena distância de nós, perto da mata que beirava um Ribeirão. Avançavam sensivelmente estendendo-se em linha de atiradores, correndo de um lado para outro, sob as ordens de um oficial, que entre eles se destacava; e súbito mandou se retirassem: perdemo-los de vista.

Após tão prolongada espera ordenou o Comandante que volvêssemos às nossas posições. Pela manhã de 19.04.1867 deixamos o acampamento.

O Coronel destacou o 21° Batalhão para a vanguarda com a recomendação de nunca perder de vista o grosso do Corpo do Exército, durante a marcha, embora sempre a ganhar terreno. Seguia o resto em destacamentos, próximos uns dos outros, mas, como a animação dos soldados e a dos oficiais corressem parelhas, avançaram os Corpos sem prestar grande atenção às ordens dadas, achando-se por vezes separados por distâncias maiores do que a prudência aconselhava.

À passagem do Taquaruçu, cuja ponte acabavam os paraguaios de destruir, deu-lhes a vanguarda uma descarga, embora quase estivessem fora de alcance.

Viu-se um de seus cavaleiros cair ferido. Tomou-o um dos camaradas à garupa, enquanto o terceiro lhe laçava a montaria que fugia, sentindo-se solta.

Ao presenciar esta primeira cena de guerra, queriam os nossos soldados deitar-se à água para perseguir o inimigo, quando um toque de clarim do Quartel General os fez estacar. Toda a coluna achou-se logo agrupada atrás deles. Nesse meio tempo os engenheiros restabeleciam a ponte; bastou-lhes uma hora.

Efetuou-se a passagem e a marcha recomeçou à outra margem. Mais uma razão para que logo e logo os atacássemos, mas o Comandante manteve-nos imóveis. Só mais tarde soubemos por quê: provinha de íntimo motivo: estávamos em Sexta-Feira Santa e a iniciativa de uma ação de guerra, no próprio dia da morte do Salvador, repugnava a um coração religioso como o do nosso Chefe, escravo de todos os nobres sentimentos, a ponto de exagerá-los até a contradição, inquieto e como perturbado pelo pressentimento do fim próximo.

Durou-lhe a hesitação bastante para que o Destacamento paraguaio não mais receando ser atacado e, cheio de desprezo, talvez, pela nossa pequena força de atiradores, sem cavalaria alguma, em vastas planícies encharcadas, onde todo o homem a pé é assunto de escárnio, se lembrasse pela atitude, de nos dar insolentes mostras de desdém que lhe inspirava a inferioridade de nossos recursos militares e, por meio de demonstrações ruidosas, nos fazer ver quanto considerava inúteis quaisquer precauções contra nós.

Desmontaram todos os homens, assentando-se uns à sombra das macaúbas ([87]), ao passo que outros faziam tranquilamente pastar os cavalos. Fazia-nos ferver o sangue aquele afetado descuido. Felizmente, afinal, até ao nosso Chefe atingiu esta indignação. Decidiu-se a agir. Só havia um meio de rápido emprego e deste lançamos mão. Fez Marques da Cruz avançar a sua peça e uma granada silvou ao meio das aclamações dos nossos soldados.

Atingiu a base de alta palmeira, que abrigava bom número de cavaleiros e depois de ricochetear explodiu no ar.

---

[87] Macaúba (Acrocomia aculeata): palmeira mais conhecida como bocaiuva, atinge até 25 m de altura e na região dos nós de seu caule apresenta uma fileira de espinhos longos e pontiagudos. (Hiram Reis)

Foi, pelo menos, para nós, um prazer vermos o efeito produzido, a surpresa, o alarma, a confusão. Correram uns após os animais que a detonação dispersara; cavalgaram outros, precipitadamente; e sem mais demora dispararam pelo campo, a todo o galope. Passados poucos minutos desaparecera o Destacamento inteiro. Lançou-se-lhe segundo projétil, e logo em seguida terceiro, que alcançou mais de meia légua e deu a conhecer ao inimigo o poder de nossa artilharia. Toda esta tropa fugidia só haveria de reaparecer diante da Fazenda da Machorra ([88]), na fronteira.

Chegados esta tarde, à margem de um Ribeirão, que os espanhóis chamam Sombrero, fomos acampar no triângulo que ele ali forma, confluindo com o Apa. Admiramos este belo Rio, fronteira dos dois países e cujo aspecto, com sua mata cerrada, tanto nos impressionara quando de longe o avistáramos. Grande futuro lhe está reservado após a guerra.

Desce o Apa por três galhos, logo confluentes, da serra dos Dourados, um pouco abaixo da Colônia Militar deste nome, a doze léguas, Este-Sudeste da de Miranda. Corre a princípio para Oeste, 10°N até o forte de Bela Vista, que se acha no paralelo 22°, e daí, descambando para Oeste 10°S, vai com um curso levemente sinuoso banhar Santa Margarida, Rinconada e outros pontos fortificados até o Paraguai, em cujo leito se despeja.

Ao chegar pediu o Coronel que lhe dessem água do Apa, e, ou porque lhe viessem à mente vagas reminiscências históricas, a propósito de caudais célebres, ou porque, após tanto abalo de espírito, experimentasse como que uma agitação febril, disse sorrindo:

[88] Fazenda da Machorra: pequena aldeia fronteiriça paraguaia, com uma dezena de casas. As mulheres que não podiam gerar filhos eram, antigamente, chamadas de Machorras. (Hiram Reis)

– Notemos a que hora provamos a água deste Rio.

Puxou o relógio, bebeu e acrescentou a gracejar:

– Desejo que este incidente seja consignado na história desta Expedição, se algum dia a escreverem.

Pareceu empenhado que se lhe fizesse uma promessa em tal sentido. Foi o autor desta narrativa quem, em nome de todos, a tanto se comprometeu, e hoje o cumpre com religioso zelo porque a morte, de que estava o nosso Chefe tão próximo, sabe, pela própria natureza enigmática, tudo enobrecer, tudo absolver e consagrar.

É neste ponto o Apa correntoso; mas as grandes lajes que lhe calçam o leito como que convidam a entrar em suas belas águas. Foi o que fizeram muitos soldados; passaram vários para a outra margem a dizer que iam conquistar o Paraguai.

À noite chegaram dois oficiais que à hora do perigo vinham procurar-nos para conosco dele compartirem. A marchas forçadas acudiam de Camapuã.

Adiantando-se à escolta haviam atravessado, não sem correr o risco de algum acidente, as nossas linhas de vanguarda. Só no dia seguinte apareceram os seus soldados ao acampamento, com um viajante por nome Joaquim Augusto, homem corajoso, mas que ao nosso contato só incitava o interesse pessoal.

No dia 20.04.1867, às 09h00, pôs-se a em movimento e, atravessando o Sombrero, avançou sobre a margem direita do Apa, tendo à vanguarda o Batalhão de Voluntários.

Muito tempo nos custou vencer uma légua, apenas. Sucedia a cada momento algum acidente às carretas das munições. Delas não nos podíamos afastar, próximos como nos achávamos do inimigo.

Atingíramos quase, segundo a opinião dos refugiados, a primeira guarda paraguaia, a saber, o Forte e Fazenda da Machorra, situada em território brasileiro, a uma légua e quarto para cá do Forte de Bela Vista, que está construído na margem paraguaia.

Esperávamos, a cada passo, encontrar resistência. No entanto marchava sempre o nosso Batalhão da Vanguarda sem perceber ou sem medir a distância que as paradas contínuas dos demais Corpos punham entre ele e as outras unidades. Em vão soavam os clarins; já se afastara demais para que os pudesse ouvir. Deixá-lo assim isolado não era prudente; tornava-se indispensável mandar um mensageiro chamá-lo.

Ofereceu-se o Ten Cel Juvêncio e partiu logo com seus dois Ajudantes-de-Campo e Gabriel Francisco, o genro do Guia, que conosco quis ir. Felizmente, tínhamos bons cavalos, dos que haviam resistido à epizootia; safaram-se de perigoso atoleiro, que pela ânsia de chegar não quiséramos contornar. Perdemos logo de vista o Corpo de Exército, mas não percebíamos, ainda, nossa tropa já empenhada em combate, ao que supúnhamos, pelas descargas e disparos isolados dos atiradores.

Víamos perfeitamente, por vezes, tremular a bandeira nacional, a que depois encobriam elevadas moitas. Parecia-nos, aliás, que não avançava. Em poucos instantes a rapidez da carreira dela nos aproximou e, como eletrizados pela sua vizinhança, atiramos os cavalos às águas do volumoso ribeirão, que nos barrava o passo, o José Carlos, e afinal nos achamos reunidos aos nossos que, em lugar fechado, combatiam à entrada da Machorra. Uma linha de paraguaios, assaz extensa, fazia frente ao ataque, ao passo que grande número dos seus se encarniçava, com uma espécie de furor, em destruir a fazenda, incendiando quanto parecia poder arder.

Ocupava-se o nosso Comandante da vanguarda em examinar uma ponte que cumpria atravessássemos para envolver o inimigo. Foi então que o Ten Cel Juvêncio lhe comunicou a ordem de estacar. Não permitiam as circunstâncias, porém, que a ela atendêssemos. Concordaram os oficiais na imprescindível necessidade de se ocupar a posição, custasse o que custasse. Imediatamente a nossa linha de atiradores atirou-se a correr para a frente oposta, e pela própria ponte, porfiando todos em ardor.

Recuaram os paraguaios, mas em boa ordem. Tinham ordens, certamente, para não empenhar combate, mas somente reunir e tanger à retaguarda cavalos e bois que não queriam deixar-nos; e deviam ser numerosos, tanto quanto nos permitia avaliar a poeira que sua marcha ocasionava.

Foi o recinto ocupado. O Ten Cel Enéias Galvão ([89]), ali, deu imediatamente nova formatura ao seu Batalhão e o manteve numa série de posições que lhe valeu, posteriormente, não só a aprovação do Coronel como gerais parabéns. Foram os nossos os primeiros recebidos. Aplaudiram todos o espírito de disciplina dos seus subordinados e o afã com que, logo à primeira voz, começaram a desentulhar o terreiro de objetos que o atravancavam, sem coisa alguma subtrair, assim como de quanto estava no interior das casas.

Neste ínterim apareceu o próprio Comandante. Não vendo voltar nenhum daqueles que à vanguarda mandara, às pressas partira para constatar o que havia. O entusiástico acolhimento que neste momento lhe fizeram, e as aclamações dos soldados lhe causaram uma satisfação cuja expressão, malgrado a reserva habitual, a todos se patenteou.

---

[89] Mal Antônio Eneias Gustavo Galvão (Barão de Rio Apa): na Retirada da Laguna comandou o 17° Batalhão de Voluntários da Pátria. Foi Ministro da Guerra e Ministro do Superior Tribunal Militar. (Hiram Reis)

Os auxiliares índios, Guaicurus e Terenas, não foram os últimos a se apresentar para o saque. Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhe tomarmos a frente, lhes bradáramos: Vamos! Avante! Valentes camaradas!

Agora se lhes transmutara a indolência num ardor sem limites para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo.

Vislumbrava-se um resto de crepúsculo, ainda quando o grosso da coluna chegou. Foi este o momento do atropelo e da balbúrdia: tantos objetos se avistavam sem dono, misturados e fadados à destruição. Cada qual tomou o seu quinhão, sendo exatamente os menos beneficiados aqueles que à presa tinham mais direito, pois o haviam conquistado sob o fogo inimigo e guardado, como propriedade pública, até o momento da depredação geral.

Era este saque, aliás, legitimo, e não se teria podido, sem manifesta injustiça, recusar tal prazer aos soldados, que o haviam comprado e adiantado por uma série de meses de privações e fome. Das oito ou dez casas da Machorra, duas estavam reduzidas a cinzas pelo fogo que os próprios paraguaios lhes haviam posto. Foram as outras preservadas pelos nossos soldados. Alguns pedaços do madeiramento, alguns mourões abrasados serviam para cozinhar as batatas, a mandioca e as aves do inimigo.

A Machorra, denominada Fazenda do Marechal López, não passava realmente de terra usurpada, cultivada por ordem sua, além da fronteira. O trabalho dos invasores, frutuoso como fora, vinha acrescer ao banquete a satisfação de um sentimento de reivindicação nacional. Autorizou-o o Coronel com um ar prazenteiro que jamais até então lhe percebêramos.

VIII

Ocupação de Bela Vista. Devastações dos Paraguaios em Torno da Coluna. Tentativa de Negociações. Seu Malogro. Tornam-se os Víveres Escassos. Marcha Sobre Laguna.

Dia seguinte, 21.04.1867, às 08h00, deram os clarins do Quartel-General o toque de marcha. Nada menos significava do que transpormos a fronteira, entrar em território paraguaio e atacar o forte de Bela Vista, que, deste lado, é a chave de toda aquela região. Não havia quem não compreendesse o alcance da operação, redobrando por este motivo a animação geral. Cada qual envergara o mais luzido uniforme; e como às nossas antigas bandeiras não prestigiasse ainda feito notável algum, foram substituídas por outras, cujas cores vivas se destacavam no céu formoso das campinas paraguaias.

Deixando a Machorra, adotara-se a ordem compacta. Dos dois lados da coluna, e para lhe facilitar o movimento, os atiradores, que a flanqueavam, cortavam a macega; pois mudara a natureza do terreno. Não mais tínhamos a grama curta e fresca dos prados que acabávamos de atravessar. Estava o solo coberto desta perigosa gramínea que atinge a altura de um homem, e a que chamam macega, e cujas hastes duras e arestas cortantes tornam, em muitos lugares do Paraguai, a marcha tão penosa.

Transpusemos o Apa em frente a Bela Vista. O 20° de Infantaria de Goiás formava a vanguarda, sob o comando do Capitão Ferreira de Paiva. Avançando à frente dos batedores, a quem comandava, jovem e valente oficial, de nome Miró, fadado à morte próxima, víamos o velho Lopes, apressado, montando belo cavalo baio um daqueles animais que o filho e

os companheiros deste haviam tomado aos paraguaios. Estava no auge da alegria, o olhar como o de um rapineiro, a fitar Bela Vista, que começávamos a avistar. De repente, no momento em que acabávamos de chegar ao seu lado, percebemos que a fisionomia se lhe anuviara:

– A perdiz, disse-nos, voa do ninho e nada nos quer deixar, nem os ovos.

Mostrava ao mesmo tempo tênue fumo que subia aos ares.

– São as casas de Bela Vista que incendiaram.

Foi a notícia levada ao Coronel que, avisado também por um sinal do Alferes Porfírio, do Batalhão da frente, fez acelerar a marcha. Começamos a correr, precipitando-se a linha dos atiradores do 20° para o Rio; mas a sua frente já se antecipara pequeno grupo de que fazia parte o nosso Guia.

Com grande espanto nosso não pareciam os inimigos pretender disputar-nos o passo; retiravam-se do Apa como já se haviam afastado da Machorra, indo estacar a uma distância bastante grande, imóveis sobre os cavalos.

Cabia-nos, pois, o feliz ensejo de ser os primeiros a atravessar a fronteira, pisar à esquerda do Apa e sentir sob os pés o solo paraguaio. Transposto o Rio, galgamos num ápice uma elevação que nos ficava fronteira, e nos proporcionou a vista próxima da fortaleza e da aldeia: ambas ardiam.

Pelo interior e vizinhança vagavam ainda paraguaios a pé, retardados pelo pesar do espólio que nos abandonavam e a ira que os levava a tudo devastar. Outros, em maior número, e a cavalo, retiravam-se desordenadamente. Pôs-se o nosso Guia a provocá-los com assobios e apóstrofes de desprezo, ante as quais difícil nos foi conter o riso.

Teriam podido volver sobre nós estes robustos cavaleiros, e com as possantes montarias e pesados sabres facilmente destroçar o nosso pequeno grupo, a meio montado e mal armado, como nos achávamos. Mas tal ideia não nos ocorria e a Lopes ainda menos.

Este intrépido velho quase sempre nos precedera na carreira, a galope; e por mais esforços que fizéssemos, a todo o instante redobrava de velocidade, pensando na mulher, duas vezes agarrada e arrastada prisioneira para o Paraguai, em todos os seus, nos amigos e companheiras de existência, com ela prisioneiros. Mil recordações de atrocidades antigas e recentes lhe incutiam violenta sede de vingança.

Uma vez efetuada a passagem pelo Corpo de Exército, o Forte, que apenas consistia em sólida estacada de madeira, foi ocupado, assim como a Vila, por grande Destacamento. A linha de atiradores do 20° Batalhão, formada à esquerda, pôs-se em movimento para ir atacar os paraguaios imóveis.

Vimos, então, que haviam arvorado alguma coisa branca. Não tardamos, porém, a perceber que se afastavam devagar, tendo em mente, atrair-nos para algum mato, onde caro pagaríamos excesso de confiança em sua lealdade. Soubemos tarde que tal lhes fora, com efeito, o plano. Acreditavam precisar de algumas vítimas para legitimar uma retirada por demais precipitada e que não podia deixar de atrair a cólera dos chefes fossem quais fossem, aliás, as ordens deles recebidas.

Assim se passou 21.04.1867; os dias imediatos consagramo-los ao repouso e exame da situação. Todo o Corpo de Exército transpusera a fronteira e acampara ao sul da fortaleza, ali apoiando a ala direita, ao passo que a esquerda se prolongava pela mata do Rio. Reinava, então, no acampamento abundância de víveres frescos.

Deles tínhamos a maior necessidade; e a nossa gente pôde gozar dos últimos bons momentos que a sorte nos reservara. Parecia nosso Chefe mais sereno do que habitualmente, mostrando-se até confiante.

Começou qualificar a coluna expedicionária. Forças em operações no Norte do Paraguai e todos os seus ofícios, como aliás, imitá-lo, todas as nossas cartas, destinadas a Mato Grosso, Goiás e ao Rio de Janeiro [confiadas a Loureiro, que então de nós se despediu] traziam no sobrescrito: Império do Brasil. No entanto, do alto do morro da Bela Vista, viam-se de dia numerosos cavaleiros inimigos, de sentinela ao pé de grandes buritis. À noite ousavam alguns acercar-se do acampamento ainda mais.

Esta contínua vigilância tanto mais nos incomodava, quanto também tinha em vista subtrair do nosso alcance o gado da campina, sempre que as nossas guardas avançadas pareciam querer capturá-lo. E a nossa inquietação a tal respeito crescia sempre. Haviam os refugiados exagerado a facilidade do abastecimento nestas pastagens; nada víamos do que nos fora anunciado; e até mesmo dois dias depois de nossa chegada a Bela Vista, ordenando o Coronel um rodeio, protegido pelo 21° Batalhão, e levado a mais de uma légua, daí se não auferiu resultado algum.

Ficamos todos convencidos de que nada havia a esperar, pelo menos agora, de tentativas neste gênero. Se é exato que os paraguaios haviam desaparecido ao avistarem os nossos, desde o dia imediato estavam de novo no posto, ao pé da palmeira.

Quase insultuosa chegava a ser tal permanência. Poderíamos livrar-nos dela atirando algumas granadas, mas pensamento diverso veio contrariar esta ideia, inclinando-se o espírito do Comandante a outra ordem de sugestões.

Neste pressuposto fez partir, escoltado pelo 17° Batalhão, um oficial parlamentário, portador de proclamação escrita em espanhol, português e francês, que se fincou, presa a uma bandeirola branca, a légua e meia do acampamento. Assim se redigia:

– Aos Paraguaios:

Fala-vos a Expedição Brasileira como a amigos. Não é seu intuito levar a devastação, a miséria e as lágrimas ao vosso território. A invasão do Norte como a do Sul de vossa República significa apenas uma reação contra injusta agressão nacional. Será conveniente que venha um de vossos oficiais entender-se conosco. Poderá retirar-se, desde que assim entenda; e bastará que manifeste simplesmente tal desejo.

Jura o Comandante da Expedição pela honra, pela santa religião professada por ambos os povos, que todas as garantias se oferecem ao homem generoso que em nós confiar.

Disparamos tiros de peça como inimigos, queremos agora nos entender como amigos reconciliáveis. Apresentai-vos empunhando a bandeirola branca e sereis recebidos com todas as atenções que os povos civilizados, embora em guerra, mutuamente se devem.

A resposta, no dia seguinte encontrada, fora traçada sobre um papel preso a uma varinha e era do teor seguinte:

– Ao Comandante da Expedição brasileira: Estarão os oficiais das Forças paraguaias sempre atentos a todas as comunicações que se lhes quiserem fazer; mas no atual estado de guerra aberta entre o Império e a República, só de espada desembainhada poderemos tratar convosco. Não nos atingem os vossos disparos de peça e quando tivermos ordens de os obrigar a calar, há no Paraguai campo de sobra para as manobras dos exércitos republicanos.

Era a letra de mão firme e corrente. Apunha-se-lhe o selo da República: barrete frígio ([90]) por sobre um leão rampante ([91]). As fórmulas empregadas em tal resposta atestavam certo grau de cultura intelectual e boa educação. Mas logo veio o insulto. Recebeu o Comandante uma folha de couro com os seguintes versos, mais grosseiros do que ingênuos:

> – Avança, crânio pelado! Mal-aventurado General que espontaneamente vem procurar o túmulo.

A isto se ajuntava:

> – Creem os brasileiros estar em Concepción para as festas; os nossos ali os esperam com baionetas e chumbo.

Bravatas sem alcance, nada tendo de sério. Mas o que o era, e no mais alto grau, viam-no todos, vinha a ser a impossibilidade de nos abastecermos. O 21° Batalhão mandado novamente, a 27.04.1867, para ajuntar e trazer gado, nada conseguira; e embora a ninguém perdesse numas escaramuças de cavalaria, voltava com a triste certeza de que a região estava para conosco nas disposições as mais negativas e hostis. Assim, pois, tomou o Comandante a resolução de manter, por algum tempo, na Bela Vista; e numa expedida pelo viajante Joaquim Augusto, que determinou que a Nioaque lhe enviassem munições, a bagagem dos soldados e o arquivo da coluna. Avisara aos oficiais que, a seu turno, deviam mandar vir tudo quanto haveriam de precisar para uma assaz larga estada.

Mas a falta de gado tornava insustentável a própria posição de Bela Vista. Começávamos a sentir a penúria nas distribuições de víveres.

---

[90] Barrete Frígio: espécie de touca que simboliza a liberdade, era utilizada pelos moradores da antiga Frígia, atual Turquia. (Hiram Reis)

[91] Rampante: empinado sobre as patas traseiras, com a cabeça voltada para o lado direito. (Hiram Reis)

Era preciso sem mais demora procurar uma solução ou avançar na esperança de bater o inimigo, que, à nossa frente, não podia ter grandes contingentes, visto como a guerra ao Sul da República para ali atraíra a maior parte das suas forças [e então, após algum feito feliz, teriam as nossas patrulhas mais largo raio de ação sobre o gado errante nas campinas]; a não ser assim convinha recuar para os distritos da fronteira, menos desprovidos de recursos.

Esta alternativa, semelhante opção, veio por completo arrancar a calma ao nosso Comandante. Tornou-se-lhe a agitação do espírito visivelmente violenta. Pôs-se de novo a imaginar a calúnia a abocanhá-lo em toda a Província de Mato Grosso, sobretudo na capital, e assim, pois, como a refletir, em voz alta, deixava escapar exclamações que debalde tentava sufocar:

> – Por toda parte me desacreditam, dizia, apregoam que até agora nunca tivemos encontro sério com o inimigo e apostam que jamais o teremos.

Nesta perturbação e à falta de dados exatos para a escolha de um alvitre, os refugiados, indiretamente consultados, começaram, com maior insistência do que até então o haviam feito, a falar de uma fazenda chamada Laguna, cerca de 4 léguas de Bela Vista, pertencente aos domínios do Presidente da República e destinada à criação do gado. Ali acharíamos, afiançavam, grandes rebanhos, posições firmes e base para operações. Depois, como esta sugestão não parecesse desgostar ao Coronel, vários oficiais que o cercavam, e a quem parecia consultar, deixaram convencer-se.

> – Por que, exclamaram, não haveremos de ir até Concepción como nos desafiam. Viemos parar tão longe para recuar. Contanto que possamos contar com um quarto de ração, não há um único soldado que hesite em seguir os chefes, e com eles não deseje tentar a fortuna do Brasil.

À testa dos mais ardentes via-se o Capitão Pereira do Lago ([92]), oficial tão ousado quanto positivo e obstinado. Dotado desta coragem que facilmente se exalta, e jamais decai do nível a que se alçou, coube-lhe, certamente, a maior responsabilidade nas nossas temeridades. Mas, também, soube sempre, mais tarde, nos transes mais difíceis de nossa retirada, fazer frente a todas as necessidades do momento, pela atividade, poderosa iniciativa e perspicácia do descortino, grandes qualidades que lhe vinham realçar a doçura, a singeleza e o bom gênio.

IX

Ordem de Marcha. Formatura do Corpo Expedicionário. O Mascate Italiano. O Major José Tomás Gonçalves. Surpresa e Tomada do Acampamento Paraguaio da Laguna.

Acabara o Cel Camisão de determinar que marcharíamos sobre a Laguna. A 30.04.1867, levantamos acampamento para estacar à margem do Apa-Mí, Ribeirão que dista uma légua do Forte da Bela Vista. Pareciam os Soldados ressentir-se da insuficiência do rancho. Corria a marcha silenciosa e como ensombrecida pela tristeza. Para a animar ordenou-se que os cornetas de todos os Corpos alternadamente tocassem; e a tropa gostou disto. Era como uma provocação lançada aos paraguaios, que de longe viam seguir a coluna. Avançavam os nossos diferentes Corpos em quatro Divisões distintas, formadas na previsão dos ataques de cavalaria que, com efeito, deveríamos esperar. Em Conselho de Guerra, anterior à nossa ocupação de Bela Vista, fizera o Coronel adotar uma ordem de marcha apropriada à feição da zona atravessada e da campanha.

---

[92] Pereira do Lago: Antônio Florêncio Pereira do Lago. (Hiram Reis)

Propusera, ao mesmo tempo, duas disposições de defensiva para duas hipóteses: de planície descampada, ou coberta de capões de mato, combinações de grande simplicidade que, na prática, nos prestaram grandes serviços, obstando qualquer confusão ao se travarem os combates. Se, realmente, foram em geral as cargas da cavalaria inimiga frouxas e inconstantes, é de se supor, contudo, que o seu único fito não vinha a ser simplesmente avaliar-nos a resistência. Poderia um primeiro momento de hesitação, ser sempre decisivo e trazer-nos o completo destroço.

No caso, pois, em que estivéssemos pelas proximidades de alguma moita, ou cerrado, ou ainda de algum Ribeiro, devíamos convergir para este amparo natural, nele apoiar as carretas de munições e de feridos, com as bagagens, e cobrir-lhes a testa com uma curva formada pelas quatro divisões da coluna, levando cada uma a sua boca de fogo.

Em campo raso e desabrigado formariam estes Corpos, sempre alternados com as peças, quadrado em volta do nosso material.

Em todo o caso deviam os Comandantes ser avisados pelos Ajudantes-de-Campo ou por mensageiros, da formatura escolhida, de acordo com as circunstâncias.

Primeiro de maio [01.05.1867]. Após uma noite tranquila recomeçamos a marcha, e sem incidente, até a Fazenda da Laguna, a localidade designada pelos nossos refugiados do Paraguai. Ali havia, então, apenas uma choupana de palha que o inimigo, retirando-se, desdenhara incendiar. Ao chegarmos vimos um dos nossos soldados dirigir-se ao nosso encontro trazendo um papel que achara pregado, com um espinho, ao tronco de uma macaubeira; variante da primeira ameaça em verso. Dirigida ao Comandante, assim dizia:

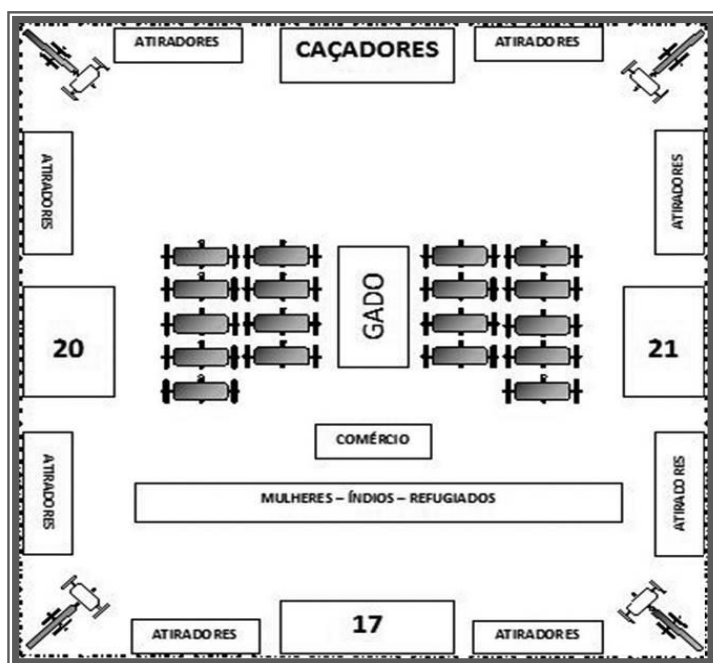



Imagem 14 – Esquema do Quadrado

> – Malfadado o General que aqui vem procurar o túmulo; o Leão do Paraguai, altivo e sedento de sangue, rugirá contra qualquer invasor.

Domina este planalto vasta extensão de terras, como que convidava o Coronel a que ali acampasse; mas ainda desta vez fizeram os refugiados preponderar a sua opinião que era a seguinte: sem mais demora, nos dirigíssemos exatamente para o centro do estabelecimento, onde, mais facilmente, poderia o gado ser rodeado e cercado. A vista disto resolveu-se que a marcha prosseguiria, indo-se, sem que daí proviesse nenhum dos resultados acenados, acampar a meia légua dali, num terreno triangular de marga ([93]) nitrosa, entre dois Regatos que confluem antes de se lançar no Apa-Mí; e onde os rebanhos, atraídos pelas propriedades salinas do solo, costumam geralmente concentrar-se na estação das grandes cheias: lugar denominado Invernada da Laguna.

---

[93] Marga: solo argiloso calcário. (Hiram Reis)

Mostrou-nos o primeiro relance de olhos que, tanto ali como em qualquer parte, o inimigo nos cerceava, sobretudo, os víveres. Ao colocarmos guardas avançadas pudemos, a certa distância, divisar um acampamento paraguaio dispondo de grande boiada e cavalhada tangida para o Sul, enquanto a sua vanguarda nos vigiava os movimentos. Que podíamos fazer sem cavalaria. No entanto os dias 02 e 03.05.1867 se empregaram em diversas tentativas para a obtenção de gado ou pelo menos para surpreender algumas sentinelas de quem se pudesse obter informações sobre o estado do interior da República. Malogrou-se-nos, contudo, o duplo intuito. Quanto à grande boiada que avistáramos, desaparecera. Fizemos ainda algumas avançadas em busca dos animais tresmalhados ([94]) em tais pastagens, mas ainda nos falhou este expediente precário.

No dia da chegada, tivera o 21° Batalhão a sorte de apanhar apenas umas cinquenta cabeças, malgrado os esforços dos cavaleiros inimigos, que nada pouparam para lhas retomar. Nenhuma outra batida pelos arredores teve resultados; muito embora para tal serviço partissem os demais Corpos, uns após outros. O que deste trabalho penoso lucramos foi que levando nossos soldados sempre vantagens nas escaramuças parciais que daí provieram, completou-se-lhes a educação militar no fogo, sem demasiados sacrifícios. Não só ganharam confiança em si como nos chefes.

A 04.05.1867 vimos chegar ao acampamento um mascate italiano, Miguel Arcanjo Saraco, que de Nioaque viera, seguindo-nos as pegadas, com duas carretas de provisões, recurso para nós insuficiente. Passara o Apa, atravessando as três e meia léguas que nos separavam, acompanhado de um único camarada que o ajudava a conduzir os veículos.

---

[94] Tresmalhados: debandados. (Hiram Reis)

O maior terror o perseguira durante todo o trajeto; mas a ele contrapusera o inato pendor para o cômico. Por uma fantasia armada para se incutir coragem, rodeara-se, contava-nos, de imaginários Batalhões a quem, de tempo em tempo, dava ordens em voz alta, simulando manobras. Entre outras cenas deste gênero relatava que às dez horas de uma noite trevosa, ao transpor o Apa-Mí mandara, com todo o fôlego dos pulmões, cruzar baionetas, à vista de um capão de mato que lhe inspirava receios.

No meio da alegria da chegada, e das emoções de toda a natureza, não esqueceu, contudo, a notícia positiva, afirmava, da aproximação de longa fila de comboios a que se adiantara, e rodava pela estrada de Nioaque ao Apa, apesar de todos os perigos de uma linha de perto de trinta léguas a percorrer em completo descampado.

Seja-nos relevada esta diversão cômica no momento de encetarmos a narração de cenas sempre dolorosas. Traria esta mesma noite sério motivo de inquietação.

Verificara-se a ausência de um soldado do Batalhão de Voluntários. Este miserável, de índole viciosa e semi-imbecil, havendo roubado a um dos camaradas, furtara-se ao castigo desertando. E sobejas razões tínhamos de recear que o Comandante paraguaio por ele viesse a ter informações, as mais completas, sobre a nossa falta de víveres e a necessidade em que já nos achávamos de bater em retirada.

E efetivamente tivera o Coronel de dar neste sentido ordens impostas pela necessidade. Não sabemos se ainda tentava engodar a si próprio como procurava fazê-lo em relação a nós outros, ao qualificar o movimento retrógrado de contramarcha sobre a fronteira do Apa, para ali ocuparmos forte base antes de prosseguir na invasão do Paraguai.

Não houve, porém, quem se iludisse. Principiava a Retirada. Pretendeu pelo menos disfarçá-la com algum brilhante feito d'armas, pois punha empenho em demonstrar aos inimigos, aos do Brasil e aos pessoais, que se retrocedíamos não era porque a tanto estivéssemos forçados pela superioridade do adversário.

Conhecendo a excelente disposição de nossa gente, resolveu apossar-se do acampamento paraguaio; e para a execução deste assalto designou o 21° de Linha e o Corpo Desmontado de Caçadores. Fixara-se a manhã de 05.05.1867 para esta ação; no entanto só se realizou um pouco mais tarde.

A causa de tal demora foi que, exatamente nesta mesma noite, às nove horas, tremendo ciclone se desencadeou sobre o acampamento. Torrentes de chuva transformaram logo o solo em lamacento pantanal. Não são raros no Paraguai estes terríveis fenômenos; jamais viramos, porém, coisa igual. Os relâmpagos que continuamente se cruzavam, os raios que por todos os lados caíam; o vendaval a arrebatar tendas e barracas, formaram um caos a cujo horror se uniam, de tempos a tempos, os disparos de nossas sentinelas contra os diabólicos inimigos que, apesar de tudo, não cessavam de aferroar-nos: interminável noite em que para nós tudo representava a imagem da destruição.

A mercê de todas as cóleras da natureza, sem abrigo nem refúgio, quase nus, escorrendo água, mergulhados até a cinta em correntezas capazes de nos arrebatar, ainda precisavam os nossos soldados preocupar-se em subtrair da umidade os cartuchos. Veio a manhã encontrar-nos em tal situação. Dois dias mais tarde, contudo, antes dos primeiros albores, e apesar de se haver renovado a tormenta daquela noite, puseram-se em movimento os dois corpos designados.

Era o Comandante do 21° um Major em Comissão, de nome José Tomás Gonçalves, homem resoluto e audaz, além de tudo popular, tanto pelo mérito como pela estima que facilmente conquista uma fisionomia aberta e simpática. Haveremos de vê-lo à testa da nossa Expedição, após a morte do Coronel Camisão, guiando-a ao termo desejado.

Gozava o Comandante do Corpo de Caçadores, Capitão Pedro José Rufino, de grande reputação de bravura e atividade. Se alguma coisa devêssemos recear, era o excesso de ardor por parte de ambos, a comprometer a empresa; e assim deitar a perder toda a coluna. Foi, pelo contrário, a reunião de tais qualidades que facilitou o êxito de uma combinação a que o Comandante, com razão, ligara o maior apreço.

Ignorávamos com que forças iam eles medir-se. Fornece o Paraguai menos espiões ainda do que guias; e por falta de cavalos não pudéramos efetuar reconhecimentos.

Nada víramos ou ouvíramos, ruído, poeira ou fumaça, que nos permitisse presumir da chegada de reforços inimigos. Nós lhes reconhecíamos, contudo, a habilidade em encobrir os movimentos consideráveis de tropas. Assim, pois, deu o Coronel ordens para que os oficiais, comandando a coluna de ataque, só entrassem em fogo quando o corpo de voluntários estivesse em condições de os sustentar.

À hora aprazada, destacou este Corpo com uma das peças de nosso parque em direção ao acampamento inimigo.

Neste meio tempo, após grande rodeio, e a travessia de uma légua de banhado, chegara a tropa do Major Gonçalves às posições dos paraguaios. Era noite ainda, uma hora antes do nascer do Sol; e tudo se fizera no maior silêncio.

Verificou-se, então, que a bateria inimiga fora ali assestada para defender a passagem do fosso. Na posição que lhe fora marcada, teria José Tomás Gonçalves, desde o romper da aurora, de sofrer o fogo do inimigo.

Assim, pois, compreendendo que não havia um momento a perder, mandou calar baionetas sobre os canhões; investida favorecida pela negligência do inimigo. E, realmente, de toda a cavalaria acumulada por trás do entrincheiramento não havia uma só patrulha para a guarda das peças.

A toque-toque ([95]) chegou nossa infantaria sobre os canhões, sem deixar tempo aos seus animais de tiro de nô-los subtrair. Forçou-se num ápice a entrada do acampamento, mal defendido contra a impetuosidade desta surpresa, havendo o Capitão José Rufino e os seus caçadores também entrado em ação.

Penetraram todos de roldão no recinto, levando e derribando quanto pela frente encontravam, no acanhado recinto em que oficiais e soldados, homens e cavalos, mutuamente se embaraçavam, tratando muito menos de resistir do que de escapar para o campo.

Tudo o que não foi morto ou ferido, salvou-se pela fuga.

Estas boas notícias, trazidas por um mensageiro, encontraram-nos no alto de um monte que domina a planície e para onde se encaminhara o Comandante, com o seu Estado-Maior, a fim de poder fazer entrar em fogo toda a sua gente, se assim se tornasse necessário.

---

[95] Toque-toque: marcha acelerada. (Hiram Reis)

Iluminados por uma aurora magnífica percebíamos, aos nossos pés, os nossos soldados correndo pelo campo, para o local do combate; mais longe, os índios Terenas e Guaicurus, que depois de se haverem comportado nesta refrega como bravos auxiliares, carregavam agora aos ombros os despojos dos cavalos tomados aos paraguaios.

Haviam os Comandantes deixado sua gente tomar um pouco de fôlego e como não recebessem, aliás, a ordem de ocupar as posições e vissem, ainda, que o Coronel, sabedor do triunfo, não deixava a elevação para vir ao encontro, pensaram que teriam de evacuar o posto recém-conquistado.

Começavam a mover-se em nossa direção, quando os paraguaios, rápidos como cossacos, trouxeram a todo o galope a sua artilharia, então sustentada por numerosa cavalaria.

Abriram o fogo até que de nosso lado, entrando em linha todo o nosso Parque, com as boas pontarias feitas pelos nossos oficiais, tivessem de calar-se, após alguns disparos.

O pequeno número de baixas que tivemos, as perdas consideráveis dos paraguaios, sua inferioridade no combate em relação a nós, demonstrada pelos fatos, restabeleceram a calma, incutindo ao espírito do Coronel uma apreciação mais exata das circunstâncias e das coisas.

> – Estes selvagens, exclamou, que a tanta gente assassinaram e tanto assolaram esta região, quando indefesa, não mais dirão que os tememos.
>
> Sabem que dentro do próprio território, podemos obrigá-los a pagar o mal que nos fizeram. Vamos à fronteira aguardar algumas probabilidades de nos abastecer e gozar de pequeno repouso que me não poderá ser exprobrado.

Imagem 15 – Cavalaria Paraguaia

X

Retrocesso Sobre o Apa-Mí. Escaramuças e Combates com a Cavalaria Inimiga que Envolve Completamente a Coluna.

Íamos, apesar de tudo, encetar a Retirada. Sabia o inimigo que os movimentos de nossa coluna, fosse qual fosse o sentido tomado, tinham motivos a que era alheia a sua superioridade militar sobre nós.

O combate que nos entregara o seu acampamento abatera-lhe a presunção, elevando ao mesmo tempo a confiança de nossa gente, em si própria, à altura das provações que o futuro nos reservava, assim como das que já experimentáramos.

Era indispensável a vantagem obtida sobre os paraguaios para que a realidade de nossa situação se fizesse, sem murmuração, aceita dos nossos soldados, distraindo-os da imprevidência causadora de tão premente momento.

Fácil sem dúvida achar pretextos para a falta de víveres, tendo as informações dos refugiados podido iludir-nos acerca dos recursos da região, mas a insuficiência de munições, logo em começo de campanha, não podia deixar de constituir motivo de injustificável censura pelo fato de que tudo de antemão deverá estar calculado pelos nossos chefes, muito embora os exaltassem o entusiasmo, a paixão da glória e o amor da Pátria.

Quando, no dia seguinte, 08.05.1867, o Sol se levantou [era um dia dos mais serenos] já estávamos em ordem de marcha com as mulas carregadas, os bois de carro nas cangas, e tudo quanto restava de gado encostado ao flanco dos Batalhões, de modo a seguir todos os movimentos da coluna.

Às sete da manhã, o Corpo de Caçadores Desmontados, a quem competia o turno da vanguarda, abriu a marcha, tendo a seguir bagagens e carretas, circunstância que nos impediu de transpor facilmente um Riacho avolumado pelas chuvas dos dias antecedentes. Caindo um de nossos canhões à água só o tiramos com grande dispêndio de tempo e esforços.

Nesta ocasião os ímpetos de impaciência do Coronel Camisão ameaçaram reproduzir-se. Conseguiu, contudo, refreá-los; e desde aí jamais lhe notamos vestígios sequer da antiga agitação; e sim, unicamente, uma solicitude sempre devotada à salvação comum.

Avançávamos em boa ordem quando subitamente viva fuzilaria se fez ouvir: era a nossa vanguarda que contornando um capão de mato fora atacada por uma partida de infantaria, ali emboscada. Tinham algumas balas vindo cair por cima das fileiras num grupo de mulheres que marchavam tranquilamente ao lado dos soldados; tal algazarra provocaram que não sabíamos o que poderia ter sucedido.

Pouco durou este terrível tumulto; investindo resolutamente contra o inimigo, nossa gente o desalojou impelindo-o até o primeiro declive do planalto, onde estava a Fazenda da Laguna. Mas ali formaram-se os paraguaios novamente, resistindo algum tempo, achegando-se logo depois, passo a passo, dos cavalos; afinal, enquanto alguns, já montados, disparavam, a todo dar de rédeas, outros fingiam resistir para proteger os camaradas que fugiam a bom fugir, inteiramente derrotados.

Continuando a simular esta desordem aparente, pela qual procuravam separar-nos uns dos outros, o mais que pudessem, vimo-los, pouco a pouco, estacar com mais frequência, sempre mais numerosos, à medida que os reforços lhes chegavam.

Ao mesmo tempo o nosso Corpo de Caçadores, contra eles lançado, cada vez mais se isolava do resto da coluna. Redobrou, então, de intensidade a fuzilaria. O Capitão Pedro José Rufino, que à testa dos caçadores atravessara o Ribeirão, depois da bagagem, e se encontrava mais perto da vanguarda, embora ainda bastante longe, percebeu logo o estado de coisas.Depois de expedir um oficial para pedir socorros, deu voz de avançar; e ele próprio atirou-se, sem atentar a quem o acompanhava, ao ponto do mais renhido entrevero. Chegou no momento em que os paraguaios, após todas as suas evoluções de cavalaria, simulando a fuga para depois ganharem terreno, subitamente voltaram, carregando furiosamente.

A princípio surpresos, e algum tanto perturbados, mas logo confiantes à voz de Rufino, formaram os nossos quadrados em torno dos oficiais, segundo a ordem recebida; e destes grupos, fora dos quais só havia morrer miseravelmente, sob o sabre e a lança, despejaram-se descargas acompanhadas de aclamações estrepitosas.

Enfim, cerrando fileiras, retomaram os caçadores o movimento para a frente no meio deste turbilhão de homens e cavalos, para se encostar aos capões de mato que, aqui e acolá, se viam pelo campo. Encarniçada peleja onde, de ambos os lados, muitos mortos e feridos houve. O Imediato do Corpo de Caçadores, Antônio da Cunha salvou-se graças à dedicação de um dos seus soldados. Deu-se em outro ponto um episódio frequentemente relatado mais tarde.

Parecia o Cap Costa Pereira o alvo dileto dos assaltos de possante cavalariano; quis acabar com isto e, abrindo espaço, lançou-se fora do quadrado, movido de tal ímpeto que o adversário, intimidado, deu de rédeas a fugir, com grande aplauso dos nossos.

Neste ínterim chegara, a toque-toque, o reforço pedido por José Rufino; e isto precisamente quando lhe iam os cartuchos acabar. Trazia um canhão a Primeira Companhia que entrou em linha; e uma de suas granadas foi arrebentar no ponto em que mais se adensavam os assaltantes. Esta arma, introduzida inesperadamente na ação, produziu o costumeiro efeito. Espalhou imediatamente a desordem na tropa já abalada pela aparição do socorro; e toda a cavalaria paraguaia desapareceu, deixando um segundo acampamento em nosso poder. Custou-nos isto catorze mortos e muitos feridos.

Entre estes últimos não podemos esquecer um jovem soldado, Laurindo José Ferreira, que, cercado por quatro inimigos e apenas tendo o fuzil para se defender, todo golpeado de abraços, com a mão esquerda atingida, braço direito profundamente retalhado em diversos lugares e o ombro quase arrancado por um lançado, assim mesmo se não rendeu. Só muito mais tarde veio a restabelecer-se de tantas feridas; a firmeza na ambulância em nada lhe desmentira a bravura ante o inimigo.

Fora o pessoal do nosso serviço médico muito perseguido pelas febres palustres de Miranda. Haviam-nos deixado vários de seus membros; além de tudo as nossas caixas de cirurgia e de farmácia tinham-se todas perdido ou deteriorado, devido aos acidentes da viagem. Puderam, contudo, os nossos feridos receber ainda todos os socorros de que precisavam, graças aos esforços da engenhosa humanidade de que foram alvos. Superintendera o Comandante, sempre, este serviço, e tivéramos a felicidade de conservar dois hábeis clínicos, os doutores Quintana e Gesteira ([96]).

---

[96] Cândido Manoel de Oliveira Quintana & Manoel de Aragão Gesteira. (Hiram Reis)

Pertencia este último ao Corpo empenhado no embate de 06.05.1867, e, sob as balas, dera provas de dedicação e sangue-frio, como verdadeiro discípulo do grande Larrey ([97]). Os cadáveres paraguaios não arrastados pelo laço dos compatriotas foram, todos, achados mutilados e de modo hediondo. A propósito de tais profanações fez o Coronel violentas exprobrações aos índios, acenando-lhes até com a pena capital, se acaso, daí em diante, desrespeitassem os mortos.

Tais a sua indignação e o pavor aos selvagens incutido, que até o fim da campanha, ficamos livres de semelhante espetáculo, e isto quando já o nosso Chefe deixara de existir. Juntando o exemplo às palavras fez o Coronel Camisão inumar, sem exceção, todos os corpos achados no campo de batalha, com o zelo da escrupulosa piedade que tanto era da sua índole.

Duas horas se consagraram à triste contingência de entregar os nossos infelizes patrícios à terra inimiga. Que tristeza vê-los assim desaparecer; e que choque não deveria ter sentido um de nossos oficiais ao fazer questão de sepultar, ele próprio, o irmão mais moço, Bueno, voluntário paulista!

Cumprido este dever, recomeçamos a marcha, desta vez seguindo a ordem recentemente adotada. Dera-se uma peça ao Corpo de Caçadores, que ainda formava a vanguarda; o 17° Batalhão, dos Voluntários de Minas, que também tinha um canhão, compunha a retaguarda.

---

[97] Dominique Jean Larrey: General médico francês que contribuiu decisivamente para a melhoria dos serviço médicos de urgência. Foi encarregado, por Napoleão, de prestar atendimento imediato aos militares feridos no campo de batalha. Larrey elaborou, também, um modelo de ambulância em condições de prestar atendimento imediato e célere. (Hiram Reis)

No centro, o 20° Batalhão e o 21°, cada qual com a sua boca de fogo, escoltavam, à direita e à esquerda, a bagagem flanqueada de duas filas de carretas puxadas por bois.

O conjunto desta massa movediça parecia um grande quadrado que, em cada face, tinha um menor diante de si; judiciosa formatura para nos proteger das cargas de cavalaria; porquanto podiam as quatro frentes serem varridas pelo fogo cruzado de nossa infantaria.

Enfim, para maior segurança, linhas de atiradores circulavam em torno do Corpo de Exército.

Desde este primeiro dia verificou-se quão vantajosa era tal disposição porquanto estava a cavalaria inimiga, por toda a parte, em torno de nós: à frente, sobre os flancos; atrás, ora longe, ora quase a nos tocar.

Nossos soldados, marchando sempre, afastavam-na por meio de descargas, frequentes, e tanto mais profícuas quanto ao resultado quanto mais se aproximavam os paraguaios.

Algumas de suas balas também atravessavam as nossas fileiras, mas sem grande dano pela incerteza do tiro disparado a galope. Entretanto, acabaram as balas de artilharia por visitar-nos.

Atravessávamos, então, o terreno lamacento, fundo, de planície cortada de estreitas esplanadas, paralelos umas às outras, e a peça de 3 paraguaios, sucessivamente assestada nestes pontos, abriu fogo contra nós; mas, ou porque a sorte neste particular ao menos nos favorecesse, ou graças à inexperiência dos artilheiros inimigos, iam-lhe os projéteis enterrar-se na lama que nos rodeava; ou, então, os menos inofensivos caíam no meio do nosso gado com mais estrépito do que prejuízo.

Os nossos soldados, cuja primeira impressão fora bastante viva, não tardaram a rir do que viam e até as próprias mulheres acharam nisto assunto de mofa comparando estas balas, que faziam repuxar a água, aos limões-de-cheiro do velho carnaval brasileiro.

Demais tínhamos boa réplica à "*palavra* da Cruz, Napoleão Freire e Nobre de Gusmão. Tal porfia sobremodo interessava aos nossos soldados, incutindo-lhes ardor novo cada tiro que atribuíam ao seu artilheiro predileto.

Assim caminhamos dia todo num caos de fumaça e poeira, com grande estrépito, e no meio das aclamações dos nossos, de gritos agudos e ferozes do inimigo, mugidos do gado, explosões da pólvora, desordem dos homens e das coisas.

Declinava o Sol quando percebemos distintamente o Morro da Margarida, o mesmo que já de outro ponto observáramos do Forte de Bela Vista, marco de reconhecimento que desta vez nos brilhou aos olhos com um raio de esperança. Fizéramos duas e meia léguas sob o fogo contínuo e cansativo, muito embora pouco mortífero.

A mata da margem do Apa-Mí nós a escolhêramos para o pouso daquela noite. Íamos atingi-la quando verificamos que a bateria montada dos paraguaios desde muito se adiantara pela esquerda, achando-se agora postada em frente à nossa vanguarda.

Varriam suas balas a margem onde íamos ficar encurralados, pois havia pouco fora destruída a ponte ali existente.

Era tempo que os nossos canhões, penosamente arrastados até o alto da elevação aposta à que o inimigo ocupava, começassem a fazer-se ouvir. Não tardaram a obrigar que os paraguaios, cuja peça de 3 foi até desmontada, calassem o fogo.

Este combate, que pôs termo ás refregas do dia, não durou menos de uma hora. Não foram consideráveis as nossas perdas, um morto apenas e alguns feridos. Podíamos, pois, considerar como vantagem as provas que de sua firmeza, a proteger a bateria, nos dera o 20° Batalhão.

Pareceu-nos o fogo paraguaio melhor dirigido do que até então, mas nossa gente não arredou pé. Eram, entretanto, simples recrutas esgotados, saídos de Goiás, verdade é que comandados por valente oficial, o Capitão Ferreira de Paiva.

Ficamos sabendo o que podíamos esperar da coragem e da abnegação de todos para o resto da retirada. Neste ínterim, os membros da comissão de engenheiros estabeleciam a ponte. Trabalharam rapidamente, sob as vistas do nosso Comandante. Cumprimentou-os pelo serviço e foi o primeiro a passar.

Todo o resto da coluna o acompanhou sem maior detença e veio acampar à margem direita do Apa-Mí.

Mas já patrulhas de cavalaria paraguaia, que haviam atravessado o Rio, a jusante de nós, estavam a observar-nos. Caíra a noite, profundamente escura.

Estávamos arruinados de cansaço, a vista escura e o espírito abalado por tantas e tão variadas impressões cujas imagens acabavam por se confundir. Não houve quem armasse tenda ou barraca.

Dormimos em grupos, formados quase ao acaso, de três, quatro ou mais, conchegados uns aos outros, cobertos em comum por capotes, ponchos, mantas, com quanto encontráramos; cada qual com o fuzil, o revólver ou a espada ao alcance da mão e o chapéu desabado sobre os olhos, para se resguardar do orvalho, tão copioso que tudo encharcava.

XI

Rebate Falso. Últimas Ilusões. O Tenente Vitor Batista. Passagem do Apa. Volta ao Território Brasileiro.

Algumas horas mais tarde, cerca de meia-noite, ouvimos horrível fragor a que dominava um grito único: Cavalaria paraguaia! Abriram fogo as sentinelas avançadas. Tornara-se o acampamento teatro de geral balbúrdia: tiros rasgavam a treva, deixando entrever formas fantásticas, ora de homens a empunhar o revólver ou o sabre, ora de animais, estes ainda mais perigosos, procurando por toda a parte como escapar, e numa excitação furiosa, ao passo que os seus guardas, não sabendo como os conter, enchiam os ares de imprecações.

Alucinante terror se apoderara do gado no sítio em que estava preso. Averiguada a causa de tal pânico pusemo-nos todos a rir, tornando-se universal esta hilaridade. Está a vida da guerra cheia dos mais inesperados contrastes.

O extremo frescor das noites de inverno, na América do sul, mesmo entre os trópicos, obrigou-nos logo a voltar aos nossos improvisados abrigos onde as exigências do sono reconquistaram todos os direitos durante as horas decorridas até o amanhecer.

Aos primeiros albores pusemo-nos novamente a marchar, expostos ao fogo da artilharia inimiga, mas sem que nos detivéssemos em lhe responder. Levavam os nossos atiradores de vencida tudo o que diante deles achavam e não perdiam tiro. Haviam alguns cavaleiros inimigos caído, desde o começo da fuzilaria e seus cadáveres ficaram estirados, abandonados na estrada, não tendo seus camaradas tido tempo de os levantar e arrastar na carreira.

Reconhecendo os nossos que um destes corpos era o de certo desertor brasileiro, evadido de Nioaque, muito antes da guerra, não foi possível, apesar de todos os esforços dos oficiais, subtrair os despojos deste miserável ao furor dos soldados. À medida que passavam o golpeavam com a espada ou a baioneta.

Encaminhávamo-nos para as ruínas da Bela Vista. Abria-se diante de nós largo vale, quase plano, tendo à direita um renque de colinas de suave declive. Teria o inimigo podido aproveitar-se, contra nós, desta disposição do terreno; mas chegamos a tempo de a utilizar, ocupando a primeira destas elevações.

Dali o nosso fogo manteve os paraguaios a distância, enquanto marchávamos, e nossas peças iam sucessivamente ocupar os pontos que melhor podiam cobrir-nos.

Esta manobra, pela precisão com que foi diversas vezes repetida, levou-nos sãos e salvos até um último cabeço que domina o Apa e Bela Vista. Ali nos estabelecemos, naquela manhã de 09.05.1867.

Lá ainda ocupávamos a fronteira do Paraguai, embora batidos pelo pungente pesar de a deixar. Tão recentemente a havíamos atravessado, certos de realizar importante diversão, talvez até indispensável à causa da pátria!

Nós nos sentíamos como corridos de vergonha, vendo nossas esperanças de glória tão cedo desvanecidas. Escapara-nos a presa e não queríamos ainda aceitar a absoluta necessidade de a abandonar.

Assim, pois, iria confinar-se à região dos sonhos a visão daquele território magnífico, aberto diante de nós, sob tão belo firmamento? Dali nos era, pois, indispensável sair, exatamente quando prováramos superioridade em armas?

Faltavam-nos, não havia dúvida, as munições; mas de um momento para outro não poderíamos recebê-las? Já não tinham, desde muito, sido pedidas a Nioaque? Acaso cheguem, explicava um oficial aos seus camaradas, o Coronel, que ainda não se conformou com o pronunciar a palavra retirada, ordenará logo nova ofensiva. E assim devaneávamos sem ligar maior importância a todos estes pensamentos.

Um homem, no entanto, avidamente acompanhara tais conversas: era o nosso infeliz guia. Absorto, sombrio, sem uma só palavra para quem quer que fosse, desde que retrogradávamos reconcentrava-se na contemplação dos sofrimentos da família, reduzida ao cativeiro, exposta aos tormentos, já os havendo sofrido talvez: mulher, filhos, parentes, amigos.

Assumira, a seu ver, a marcha para a frente, o aspecto de um compromisso que, uma vez tomado sob a invocação do patriotismo e da humanidade, era definitivo, embora a todos nós custasse a vida! Agora, que se falava de penetrar novamente no Paraguai, tornara-se outra vez entusiástico e expansivo. Do comandante, abroquelado no mutismo, corria aos oficiais e destes aos soldados, garantindo se encarregava de abastecer o corpo de Exército. Se nos entregássemos à sua experiência, haveria de conduzir-nos por caminhos que só ele conhecia, a lugar seguro onde o esperaríamos.

Enganavam-se os que acreditavam na exaustão de recursos de sua fazenda. Ainda possuía reservas e tudo sacrificaria, como já tudo sacrificara. Nós lhe admirávamos a alma generosa: mas eram-lhe evidentes as ilusões e exageros. Destruindo-se por si mesmas contribuíam para nos abrir os olhos à verdade. Se ainda algumas dúvidas nos restavam, veríamos demonstrada a nossa absoluta impotência pelas notícias trazidas por um dos nossos oficiais, o

Tenente Vitor Batista, que, da Colônia de Miranda, escoltado por doze soldados, viera ao nosso encontro. Não se avistara com os paraguaios; mas quanto ao objeto de nossa principal preocupação, ou por assim dizer, o único, contou-nos que nenhuma remessa de munições partira de Nioaque. Um bom número de carretas de comércio, carregadas de mercadorias, havia realmente atingido a Machorra.

Ainda estavam algumas paradas à nossa espera; mas as outras, a maioria, ao saber de nossas refregas com o inimigo, tinham tornado atrás, certas de que não nos encontrariam mais.

A Machorra, como já dissemos, está situada a dez quilômetros de Bela Vista, em território brasileiro; e podíamos supor que os inimigos, preocupados conosco, e com o que poderíamos fazer, ainda se não haviam dirigido para ali. Interromper a nossa marcha, para atrasar a deles, ficar além do Apa e fazer, entretanto, com que os mercadores tomassem o mais depressa possível a estrada de Nioaque, tais foram, pelo que pudemos julgar, as ideias do Coronel. Por elas se apaixonou. Considerava desonra ver apreender tão rica presa pelo inimigo, que indo sempre à nossa frente, haveria de atingi-la antes de nós e não deixaria de arvorá-la em troféu. Assim, pois, ordenou aos diferentes corpos que só a 11.05.1867, dois dias mais tarde, levantassem acampamento.

Debalde apressaram-se vários oficiais em lhe fazer ver que, para a execução de uma retirada, já comprometida pela escassez de víveres que nos ameaçava, havia a maior urgência em atravessar o Apa, antes que os inimigos tivessem conseguido torná-lo para nós intransponível; a não ser mediante sacrifícios de todo o gênero, e sobretudo o de uma delonga que infalivelmente nos perderia.

Mostrou-se irredutível, defendendo-se numa única alegação: exigia a dignidade do Corpo de Exército a demonstração de que a retirada se efetuava tanto sem precipitação como sem temor. Restava-lhe mandar levar à Machorra a ordem para que os nossos mascates regressassem a Nioaque; e foi então que se lhe transmutou a funesta obstinação em verdadeira ideia fixa. Chamando o Tenente Vitor Batista, o portador das notícias recentes, dele indagou qual seria o melhor meio de entrar em comunicação com o comboio e quem poderia executar a Comissão.

Depois, como este valente oficial não hesitasse em oferecer-se, aceitou-lhe a proposta, sem nada querer ouvir das observações que me foram feitas acerca dos inconvenientes de se arriscar assim a perder um oficial, de patente já distinta, tão dedicado, e cuja perda podia trazer o desânimo à coluna. Continuou inabalável, a tudo respondendo com o dizer que o filho de Lopes lhe serviria de guia, tomando atalhos que conhecia e impraticáveis à cavalaria.

Tal ordem se executou. Dois dos nossos refugiados do Paraguai, os irmãos Hipólito e Manuel Ferreira, arrastados pela confiança no filho de Lopes juntaram-se ao Tenente Vitor. Partiram os quatro, deixando-nos cheios de apreensões as mais intensas.

Mal decorrera meia hora, ouvimos distintamente, ao longe, tiros de fuzil. Estremecemos, fitavam os nossos olhos o ponto onde os ausentes haviam desaparecido. Vimos, afinal, o filho de Lopes sair só, da mata do Sul, correndo para nós, seminu e todo ensanguentado.

Apenas cobrou alento, contou o que se passara. Os paraguaios os haviam cercado, matando o Tenente e os irmãos Ferreira. Ele próprio conseguira escapar graças a um espinhal denso onde se lançara e donde, por milagre, pudera atingir o Rio.

A todos consternou este fatal acontecimento. Quanto não deve ter sofrido o infeliz Coronel Camisão com o seu gênio tão acessível às angústias do arrependimento e do remorso! Dominou, contudo, a comoção: não disse palavra, e não tardou em ordenar aos engenheiros que, sobre o Apa, construíssem uma ponte para a passagem das tropas. Tudo o que se pôde fazer, por falta de material e ferramenta, foi uma pinguela e ainda assim vacilante e pouco segura.

Felizmente, porém, baixara sensivelmente o nível das águas e o Rio mostrava-se vadeável. Começou a passagem da coluna às seis da manhã seguinte. Foi morosa e difícil. Os soldados atravessavam a água, levantando acima das cabeças armas e bagagens, a lutar com a rapidez da corrente. Os doentes, os oficiais, os músicos e as mulheres utilizaram-se da pinguela.

Houvesse o destino determinado que os inimigos cuidassem em assestar a artilharia numa esplanada que nos ficava a cavaleiro, ou simplesmente espalhassem atiradores em torno de nós, caro nos teriam feito pagar a invasão do seu território, no momento em que o deixávamos. Felizmente adotaram outro plano; separados em dois grupos, um esperou-nos à frente, ao passo que o outro se dispunha a cair-nos à retaguarda, desde que entre ela e o resto da coluna visse o Rio.

Não surtiu efeito a combinação, mantidos que foram a distância respeitosa pelo fogo rápido, e habilmente dirigido, de uma das nossas peças, a que, do alto da chapada, onde se estabelecera o nosso acampamento, podia varrer todos os arredores. Depois dos batalhões do centro e seus canhões passou o gado costeado por 12 homens, a quem comandava o Capitão da Guarda Nacional Silva Albuquerque.

Nossa vanguarda com as peças que tinham protegido a passagem, transpôs o Rio a seu turno, coberta pelo fogo de uma bateria que acabava de tomar posições defronte da margem paraguaia.

Às nove e meia, quando nos achávamos todos em território brasileiro, foi a nossa ponte improvisada cortada por alguns soldados que para este serviço reservara o Ten Catão Roxo. Recomeçou o Corpo de Exército a marchar, acompanhando a margem que o fogo do Forte de Bela Vista, agora arruinado, podia outrora dominar.

Tomou a dianteira o Batalhão de Voluntários do Tenente-Coronel Enéias Galvão, indo o 21° de Infantaria, comandado pelo Maj José Tomás Gonçalves, formar a retaguarda. Entre eles ficaram os corpos do centro: à direita o 20°, comandado pelo Cap Ferreira de Paiva; e, à esquerda, o corpo de caçadores sob as ordens do Cap Pedro José Rufino.

Cobria toda esta força duas linhas de carretas, no meio das quais iam as mulas carregando o resto de nossos víveres, munições e alguma bagagem de oficiais. Vinha depois o grupo das mulheres, dos enfermos e convalescentes. Nossas últimas juntas de bois arrastavam as peças; a de Marques da Cruz, no ângulo da direita; a de Nobre de Gusmão, no da esquerda; a de Cantuária à extrema-direita da retaguarda; e a de Napoleão Freire à extrema-direita.

À retaguarda do 20° Batalhão, e fora das linhas, tudo superintendendo iam o Comandante e parte do seu Estado-Maior. A cada momento enviava, para todas as direções, os seus oficiais e Ajudantes-de-Campo, a fim de se regularizar o movimento. Por duas vezes ao Chefe dos voluntários, à vanguarda, avisou que os seus atiradores, por demasiado ardor, se isolavam da coluna, com grande risco para todos, como não tardaram os fatos a demonstrá-lo.

Avançávamos; e nossos olhos se despediam de Bela Vista, dizendo-lhe adeus e para sempre. Muitos daqueles que conosco estavam, então, não mais existem. O que podem desejar os seus sobreviventes é nunca mais regressarem àquele teatro de tanta miséria. Já se não percebia um pedaço de muralha branca, único destroço ainda de pé do que fora a Fortaleza daquela fronteira; nada mais se via além das franças ([98]) da mataria do Apa.

Aberta de todos os lados, estendia-se a campina acessível aos olhos, exceto num ponto a alguma distância, à nossa frente, e ponto que os nossos atiradores não haviam reconhecido. Uma espécie de escarpa ali mascarava o que verificamos ser profunda depressão do solo, embaixo de suave declive que tornava a subir para a Machorra, cujo caminho seguíamos. Ascendia o sol, eram doze horas.

XII

Ataque Vigoroso do Inimigo. Nós o Repelimos, mas, com o Fragor do Combate, Nosso Gado se Dispersa. Cenas do Campo de Batalha. A Preta Ana. O Ferido Paraguaio. Vão os Víveres Faltar.

De repente, do fundo da escarpa que a estrada contornava, irrompeu um Corpo de Infantaria paraguaia que se lançou sobre a nossa linha de atiradores, atravessou-a, dirigindo-se para o 17° Batalhão dela distante uns cem passos.

Enquanto este se preparava para receber o ataque, os nossos atiradores, tornando a si da surpresa que ao inimigo permitira penetrar em nossas linhas, haviam-se voltado e o carregavam pela retaguarda.

---

[98] Das franças: dos ramos mais altos. (Hiram Reis)

Foi quando numerosos grupos de cavaleiros apareceram, a galope, derribando e acutilando a quantos encontravam. Travou-se, por toda parte, terrível entrevero: e tal que o nosso Batalhão de Voluntários de Minas hesitou a princípio em fazer fogo, receoso de atingir amigos e inimigos. Acabou, afinal, por fazê-lo, juncando o solo de mortos e feridos. Isto pelo menos obrigou os paraguaios a recuarem e a fugir, mas somente para se reagruparem à alguma distância. Não podíamos deixar de esperar um ataque geral.

Formaram os corpos quadrados e os canhões assestados nos ângulos despejaram nutrido e vivo fogo, cujos projéteis atingiram a grota onde se alojara o grosso do inimigo. Novo pânico de nosso gado, agora de efeitos mais graves do que da primeira vez, veio, então, comprometer-nos a situação, não só no momento como para todo o resto da retirada. Espavorida pelos estampidos do canhoneio, o mais forte que até então ouvira, apossou-se de nossa boiada vertiginoso terror.

Abrindo passagem através de guardas e soldados, precipitaram-se os animais sobre as nossas fileiras, sobretudo à retaguarda, mais próxima de seu retiro.

Produziu a princípio esta irrupção uma desordem que o Comandante inimigo notou, trazendo-lhe provavelmente a sugestão da ideia da manobra que imediatamente executou. Distribuída em duas colunas profundas, toda a sua cavalaria arrancou, vindo passar rente às faces laterais de nossos quadrados, como a convergir sobre a nossa retaguarda, para a esmagar.

Poderia esta manobra ter ocasionado a nossa perda; mas malogrou-se, sobretudo, graças à nossa infantaria que, colocada como estava, teve durante minutos o inimigo sob os seus fogos cruzados e lhe causou avultadas baixas.

Amorteceram estes claros o ímpeto das massas, a quem os feridos e mortos, aliás, atrapalhavam. A arma branca não as poupava menos que as balas e a metralha. Vimos cavaleiros traspassarem-se sobre as nossas baionetas e assim pereceram acutilados. Sobressaiu o 21° Batalhão nesta encarniçada pugna, que à nossa retaguarda deu tempo de se consolidar contra o choque que a ameaçava.

Não foi, contudo, a violência tão grande quanto a esperávamos, porque os inimigos, imaginando que nos achariam meio abalados, mas sentindo pelo contrário a nossa coesão, graças ao vigor da resistência, não persistiram no ataque, acabando por circunscrever o seu esforço em apanhar o nosso gado que, espavorido, disparava pelo campo. Cercá-lo, dominá-lo, tangê-lo para a frente, foi para estes vaqueiros, os primeiros do mundo, obra de instantes.

Depois, tudo desapareceu: estava o campo limpo e cessara a peleja. Foram os primeiros movimentos consagrados ao contentamento da vitória; e as aclamações que espontaneamente estrugiram em toda a nossa linha abafaram o estridor dos clarins e fanfarras.

A esta cena de entusiasmo e alegria, outra seguiu-se de desolação. Estava o terreno coalhado de moribundos e feridos inimigos. Vários dos nossos soldados, ébrios da pólvora e do fogo, queriam acabá-los. Horrorizados, debalde esforçavam-se os nossos oficiais em lhes arrancar as vítimas às mãos, exprobrando-lhes a indignidade de semelhante chacina.

Felizmente, dominados pela impressão das ameaças do Coronel, a propósito das mutilações infligidas aos cadáveres, abstiveram-se os nossos índios de tocar em qualquer forma humana animada ou inanimada.

Por isto mesmo redobraram de crueldade para com os cavalos, dos quais não pouparam sequer um só, estivesse ele estendido no chão, a dar sinais de vida, ou, então, ligeiramente ferido, a pastar, todo arreado ainda. Via-se, aliás, como inevitável consequência destas cenas deploráveis, o saque desenfreado a que se entregavam os mascates e os acompanhadores do Exército também, reclamando as mulheres o seu quinhão. Eram os corpos despidos e revistados; despojos sanguinolentos passavam, de mão em mão, como mercadorias, muita vez com violência disputadas. Os cadáveres paraguaios, objeto dos primeiros esbulhos, ficaram assim nus, estendidos ao Sol.

Notamos um, o de um rapaz de formas atléticas, cuja cabeça, de uma têmpora à outra, perfurara uma bala. Tinha os olhos inchado nas órbitas e, apesar de todo o sangue que em abundância correra ainda, de sob a fronte, lhe gotejavam grossas bagas, que pareciam lágrimas. Pungente emblema da passagem exterminadora da guerra sobre a sua valorosa nação, aniquilada pelo Chefe implacável que a regia.

Quanta ideia lúgubre evoca um campo de batalha! Sobretudo nestas solidões imensas, onde o próprio gênio do mal parecia ter penosamente convocado e reunido milhares de homens para que mutuamente se exterminassem, como se terra lhes faltara para viverem em paz do fruto do seu labor.

Deixaram os inimigos no chão mais de uma centena de mortos, entre os quais divisamos um Capitão e outro oficial, cujo posto, por falta de divisas, não pôde ser identificado. Raro que se veja tão grande número de cadáveres paraguaios num campo de batalha. Carregam os sobreviventes quantos podem e mesmo tomam alguns dentre eles a precaução de se atar pela cintura a uma das pontas do laço que sempre trazem consigo, prendendo solidamente a

outra ponta ao arção da sela, a fim de que caso caiam mortos ou gravemente feridos, possa o cavalo, acompanhando os demais na volta, levá-los ainda que em pedaços – feroz precaução que não deixa de ter tal ou qual grandiosidade.

Contamos do nosso lado muitos mortos, todos do Batalhão da Vanguarda ou dos atiradores que o precediam. O Tenente Palestino, que a estes comandava, tivera o peito atravessado por um lançaço ([99]) de que dias depois veio a morrer. O Tenente Raimundo Monteiro foi durante a ação apanhado a esvair-se em sangue. Levaram-no numa padiola; ao passar diante da Companhia que comandava bradou-lhes que lhe vingassem a morte. Recebera oito lançaços, dos quais o primeiro o derribara; e, mais ainda tivera que sofrer do pisar dos cavalos. Restabeleceu-se, entretanto, e tivemos o prazer de ver rapidamente curado este valente filho da Província de Minas.

Grande número de feridos brasileiros se transportaram de vários pontos; foram todos levados à ambulância provisória, onde os nossos médicos os puseram nos carros de bois, apertados, não há dúvida, e uns sobre os outros, mas recebendo todos os socorros que as circunstâncias comportavam.

Uma mulher de soldado, a preta Ana, antecipara nesta obra caridosa os cuidados da administração militar. Colocada, durante a ação, no meio do quadrado do 17°, desvelara-se por todos os feridos que lhe traziam, tomando ou rasgando das próprias roupas o que lhe faltava para os pensar e ligar, proceder tanto mais digno de nota e admiração quanto fora o da maioria das companheiras miserável. Escondidas quase todas sob as carretas, ali disputavam lugar com horrível tumulto.

---

[99] Lançaço: golpe de lança. (Hiram Reis)

O único ferido inimigo, encontrado vivo, tinha uma perna fraturada. Quis o Coronel vê-lo, e a fim de o interrogar chamou o filho de Lopes, que falava o espanhol paraguaio. Parecia sentir horríveis dores e pediu água que avidamente bebeu.

A sombra com que o cobrimos, rodeando-o, pareceu dar-lhe maior alívio ainda. Respondendo a algumas perguntas contou-nos que o Comandante das forças com quem combatêramos se chamava Martim Urbieta, o mesmo de quem já falamos; que o Corpo de Cavalaria, com quem acabávamos de pelejar, era de 800 praças, estando ainda outro a chegar brevemente às informações que lhe pedimos sobre a artilharia, respondeu nada ter a contar: nada sabia.

Entretanto, espontaneamente, deu-nos notícias da Guerra do Sul. Havendo o filho do guia indagado se Curupaití fora tomada, respondeu pelo monossílabo:

– Não!

E Humaitá?

– Nunca!

Então a guerra não está para acabar? – Após uma pausa, em que se lhe repetiu a pergunta, replicou o moço, como saindo de um sonho, e no tom de ênfase próprio da língua de sua gente:

– A terrível guerra está dormindo!

Delirava. Levaram-no, então, para uma das carretas da ambulância. O que a este incidente se seguiu [triste ocorrência que não quisemos, aliás, averiguar] foi, segundo o boato espalhado, que o desventurado, posto num carro atravancado e onde foi aumentar o incômodo de outros feridos e moribundos, desvairados pelo ódio e sede de vingança, acabou estrangulado. Certo é que poucas horas mais tarde, durante a marcha, foi lançado morto à estrada.

Enterramos todos os nossos cadáveres em covas que mandamos abrir pelos índios. Quanto aos paraguaios, deixamos tal encargo aos seus compatriotas.

Bem sabíamos haveriam de voltar logo àquele local, após a nossa partida. Com os seus sentimentos de homem profundamente religioso, teve o Coronel real desgosto deste abandono. Era, porém, o número dos cadáveres muito avultado, ia o dia alto e o calor tornava-se mortificante. Assim recomeçamos a marcha.

Tal foi o combate de 11.05.1867, o mais importante da Retirada. Já o de 06.05.1867 mostrara aos paraguaios o que valia a nossa gente; veio este confirmar o efeito em seu ânimo; e tal impressão se traduziu pela hesitação e a moleza que, daí em diante, mais do que nunca, lhes caracterizou os cometimentos.

Ficou-nos, além de tudo, patente que, além da prática da guerra, faltava-lhes a inspiração tática, a que sabe apreciar os fatos, no momento em que se produzem e adivinhar os obstáculos para os vencer. O seu ataque de infantaria tivera como fim levar a confusão à nossa vanguarda, de modo a entregá-la, no primeiro movimento de surpresa, à mercê da cavalaria.

Baldado este plano, deveriam ter compreendido que a única probabilidade de triunfo restante residia nas cargas de cavalaria, cada vez mais impetuosas, e sustentadas por sucessivos reforços.

Um pouco mais de hábito da guerra lhes teria dado a conhecer, aliás, quanto era a nossa disposição geral excelente e que, para destruí-la se tornava preciso combinar o emprego da artilharia, de que dispunham, com a ação da cavalaria.

Sob este reforço simultâneo ter-nos-ia sido impossível, a princípio, defender as nossas bagagens e as munições que as acompanhavam; e depois os nossos quadrados, que às balas ofereciam dilatado alvo.

E, então, as nossas fileiras, clareadas e combalidas pelo próprio fato de seu desenvolvimento, não teriam resistido à sua cavalaria, poderosa como era, com os pesados sabres de que dispunha.

Seja como for, vencêramos e ainda com este resultado excelente: crescera o Cel Camisão no conceito dos soldados pelo sangue-frio de que dera mostras. Mas, infelizmente, não bastava isto: perdêramos o gado. Que seria de nós sem víveres?

Mandou o Comandante chamar vários oficiais, uns após outros e, depois, longamente conferenciou com o velho Lopes, que, intrépido e até terrível, pode-se dizê-lo, em combate apenas travado, mostrava-se nas deliberações, mais do que ninguém, o homem dos bons conselhos e inspirados expedientes. E só deste lado havia agora salvação a esperar.

XIII

Deliberação Sobre o Caminho a Seguirmos Primeiro Incêndio no Campo.

Dirigia-se para Leste a estrada que diante de nós se abria. Passadas seis léguas, neste rumo, voltava-se para o Norte, até a Colônia de Miranda, de que nos separavam ainda quatorze léguas, às quais cumpria ainda ajuntar mais dez para atingirmos Nioaque. Ali, a vinte e quatro léguas da fronteira, poderíamos nos reabastecer de gado. De quinze dias, no mínimo, precisaríamos para transpor esta distância, na marcha em que caminháramos, para o Apa.

Conhecia o inimigo bem esta estrada e já se pusera à nossa frente. Seria sua entrada em Nioaque muito antes da nossa, ocasionando-nos, quiçá, a perdição, ao cabo de tantos esforços. Logicamente era, pois, tal caminho impraticável. Lembraram-se alguns, então, do que propusera Lopes, quando se tratava de invadir o território paraguaio e escolher a melhor via para realizá-lo.

Na opinião do Guia, preferível a qualquer outra, era a passagem pela sua fazenda do Jardim, situada a três dias de marcha a Sudoeste de Nioaque. Afirmava haver facilmente vencido esta distância em dois dias e meio. Dali à fronteira do Apa, quando muito, teríamos seis dias pelo campo.

Quanto a este último trajeto que, segundo as suas asseverações, por ocasião de nosso primeiro Conselho de Guerra sobre tal assunto, nos devia colocar em frente ao Forte de Bela Vista, insistira na necessidade de um reconhecimento que rapidamente deveríamos, dois ou três, em sua Companhia realizar, montados em bons cavalos. Fora, então, impossível, porém, conseguir-se um estudo sério da sugestão. Acusaram-no de abuso existente apenas na imaginação do guia.

Se houvesse passagem, diziam, os paraguaios, grandes mateiros sempre a divagar, conhecê-la-iam certamente. Ao que sempre respondera Lopes: – Só se meu filho lhas ensinasse, pois só Deus, eu e ele podemos ir de minha fazenda ao Apa, pelo campo.

Riram-se os que lhe faziam as objeções e não se falara mais no caso. Nas circunstâncias em que nos achávamos, informado o Coronel da passagem dos paraguaios para a margem Setentrional do Rio, e até da existência de um acampamento, ali estabelecido, apressou-se em falar ao velho Guia sobre o caminho pela sua estância.

Respondeu este bastante friamente que, com efeito, em tempo, indicara tal estrada. Aconselhara então, porém, que de antemão se explorassem aqueles lugares, no que não fora atendido. Agora era tarde demais.

Entretanto, havendo dado largas ao ressentimento, e passados alguns minutos de silêncio, acrescentou que tudo bem meditado não via impraticabilidade para uma tentativa deste gênero. Certamente muito nos maltrataria a macega alta; supunha, contudo, que em menos de uma semana poderíamos atingir a sua estância onde repousaríamos; e, com suas laranjas, nos haveríamos de restabelecer.

A seu ver era esta fruta de inestimável valor para a saúde; cada vez que ao Jardim fora, para nos abastecer de gado, grandes sacos dela nos trouxera. Achavam-se as suas árvores carregadas e ainda o deviam estar.

Pessoalmente pertencêramos à maioria que outrora opinara pelo itinerário por Lopes proposto, pelo fato de nos facultar meios, graças aos quais mais facil-mente atingiríamos o território paraguaio. O que, então, mais proveitoso fora, para a ofensiva, continuava a sê-lo para a retirada.

Não havia hesitar. Pronunciou-se a maioria dos oficiais pela escolha desta estrada sob a direção do guia. De novo afirmou este, dando a palavra, que em cinco ou seis dias estaríamos no Jardim. Mais dois ou três nos bastariam depois para alcançar Nioaque, onde nos poderíamos ainda antecipar ao inimigo. Foi o plano aceito pelo Comandante. Último dia de triunfo para José Francisco Lopes!

Inteiramente a seu favor tinha a opinião dos solda-dos, a dos oficiais e a do Chefe. Investia-o a confian-

ça geral, até como que solenemente, de quase ilimitada autoridade; a pública necessidade e a lei suprema da salvação tornavam-no como um ditador. Toda a vantagem havia em tomarmos a estrada do Jardim. Em primeiro lugar podiam os nossos comboios escapar ao inimigo que parecia perseguir-nos noutra direção.

E não era só dos mercadores estacados na Machorra, à nossa espera, que se tratava, mas também de todos os mais que, na suposição do seccionamento ou da perda de nossa coluna, penosamente recuavam para Nioaque. Tínhamos ainda a probabilidade de algum abastecimento nos distritos desertos, onde, mesmo longe das estâncias, há animais erradios.

Em terceiro lugar não eram de pequena monta as vantagens que nos apresentava a disposição de um terreno acidentado, em parte coberto de matas e capões capazes de neutralizar as armas mais danosas em uma retirada, a cavalaria, graças aos acidentes do terreno e a mataria; a artilharia, porque a nossa, com a dianteira que tomávamos, teria sempre a faculdade de, antes do inimigo, ocupar qualquer posição de algum valor estratégico.

Íamos desde logo evitar uma planície de meia légua onde a água das últimas chuvas ainda encharcava o solo, apenas deixando estreita passagem ao longo da qual, durante muitas horas, teríamos que suportar o fogo do inimigo.

Enfim, por esse caminho da estância de Lopes, só havia um grande Rio a atravessar, o Miranda, enquanto pela estrada ordinária, precisaríamos, além deste, transpor numerosas correntes, 3 pelo menos volumosas: o Desbarrancado, o S. Antônio e o Feio, que às menores chuvas sobremodo acaudalam.

Podia-se dizer, é exato, que um efeito desagradável do nosso desvio da estrada batida seria persuadir aos paraguaios que procurávamos escapar-lhes pela fuga, assim se amesquinhando a boa impressão que os últimos combates lhes deviam ter dado de nós. Mas esta aparente desvantagem vinha pelo contrário, naquele momento, reforçar o desejo em que nos empenhávamos de salvar os comboios da perseguição do inimigo, atraindo-a sobre nós. É que ela não nos inspirava temor. O que certamente nos levava a refletir sobre o caso vinha a ser a ideia de nos embrenhar em lugares ainda não explorados, cheios talvez de inesperados obstáculos, no meio desta macega alta que a alguns passos impede a visão; que é preciso cortar sem descanso e quando seca [como então estava] exige perigoso e pesado serviço.

Qualquer consideração acerca de perigos e dificuldades secundárias desaparecia, contudo, em frente à urgência da situação. Não houve quem não o compreendesse; uma única porta de salvação nos restava aberta. Pusemo-nos a marchar às 13h00; iam os oficiais no centro de seus Batalhões. Achava-se o comandante com parte do seu Estado-Maior no quadrado do 20. Ao entrar nele, jovialmente dissera ao Capitão Paiva:

> – Venho colocar-me aqui entre os senhores; ninguém se defenderá melhor que nós.

Caminháramos um quarto de légua, quando muito, e já o fogo dos paraguaios começara do alto de uma elevação que dominava o Teatro do Combate da manhã. Apanhava-nos os quadrados a descoberto, obrigando-nos a uma evolução em colunas. Surtiu esta manobra bom efeito. Deveria ela, no entanto, fazer compreender ao inimigo as vantagens de contra nós empregar, em constante alternância, a artilharia para bater os quadrados e a cavalaria para nos acutilar, desde que nos formássemos em coluna.

Felizmente não havia o que lhe abrisse os olhos e safamo-nos deste mau passo sem maior dano. Nosso guia, sempre à vanguarda, por simples intuição militar, e sem que nenhum recado tivesse recebido, aproveitou o conhecimento que tinha do terreno, fazendo-nos deixar bruscamente a estrada da Machorra e infletir para a esquerda. Por meio de súbita contramarcha levou-nos ao pé de uma eminência onde nos era fácil assestar uma bateria, caso fosse necessário; era a segurança. Apenas percebeu Lopes, aliás, a ausência de inconvenientes, tornou a meter-nos no rumo Norte por subida bastante suave.

Pareceu-nos o inimigo hesitante sobre o que lhe convinha fazer. Era-lhe visível a perplexidade; avultado número de cavaleiros corria no campo de um lado para outro. Encaminhavam-se grupos sobre a bateria inimiga onde era evidente a presença do Comandante. Pareciam as peças seguir-nos o movimento à medida que progredíamos no declive por onde nos fazia Lopes marchar. Foi esta, aliás, a última vez em que se mostraram: nunca mais as tornamos a ver, ou porque receassem os paraguaios arriscá-las em paragens para eles desconhecidas e prestando-se a emboscadas ou tivessem esgotado as munições.

Provavelmente as despacharam sob a escolta de um Corpo de Cavalaria, que tomou a direção da Machorra. Desde aí fomos menos incomodados, mesmo pela cavalaria.

Prosseguia a nossa jornada sem maior empecilho, além da macega alta, que nos cercava e precisávamos irremediavelmente cortar, e sobre a qual se tornava a marcha das mais penosas; cortando as arestas das gramíneas os pés dos soldados. Reservava-nos ela, entretanto, provações bem mais cruéis que não tardariam a ocorrer. Notamos, a alguma distância, tênues rolos de fumo. Foi Lopes quem primeiro deu pelo incêndio.

Já o esperava. Nada nele traiu a mínima surpresa. Imóvel por algum tempo, perscrutou o horizonte, rompendo depois o silêncio com uma dessas apóstrofes próprias dos homens da natureza, quando enxergam uma luta iminente. Desafiou as chamas que já ameaçavam alçar o colo:

– Está bem! Haveremos de lutar! Será, contudo, um pouco mais tarde, acrescentou, voltando-se para nós. Vou começar logrando os paraguaios. Caminho direito para Miranda; descambarei depois para a minha fazenda.

Fomos esta tarde acampar perto de uma das cabeceiras do José Carlos. Contávamos poder, à vontade, nos dessedentar após um dia dos mais penosos, numa atmosfera escaldante. Mas ali só encontramos água turva e detestável e como, acima de tudo, tarde chegáramos a este triste pouso, com o Sol posto, nada tivemos para dar, nem água nem pasto, aos nossos bois estafados e cujo olhar invocava a nossa compaixão. Para descansar só tínhamos um solo poeirento, a cuja grama ressequida torrava o Sol. Tivemos, nós mesmos, de nos contentar com um quinto da ração costumeira, ou, para melhor dizer, faltou a comida.

Em vez de vinte e dois bois que, até então diariamente se abatiam, quatro apenas foram mortos, escolhidos entre os mais miseráveis de nossas juntas. Era um princípio de fome; veio apressá-la uma medida, então, tomada pelo Comandante. Tornara-se-lhe uma das principais preocupações conservar o máximo de meios possível para o transporte dos feridos. Acudiu-lhe à mente desatravancar algumas carretas para lhas reservar; assim, pois, distribuíram-se pelos soldados o que nelas vinha. Foram repartidos a farinha, o arroz, os legumes secos. Devia cada qual carregar os próprios víveres, por alguns dias, mas como, em muitos, o cansaço e a fome venciam a

previdência, quase tudo o que naquele momento se distribuiu foi ineditamente consumido. Iam começar as nossas grandes provações; datam daí os sofrimentos que, agravados uns pelos outros, não tardaram em nos fazer crer na iminência de terrível catástrofe ameaçando colher-nos fatalmente.

XIV

Continua a Marcha. Temos o Inimigo à Frente Novo Sacrifício de Bagagens. Faltam os Víveres. Incêndios e Temporais. Escaramuças Incessantes.

A 12.05.1867, ao romper d'aurora, levantamos acampamento e, como de véspera, recomeçou a marcha por entre a macega alta. Longas voltas tivemos de dar para transpor o José Carlos, evitando alguns dos brejos profundos de onde lhe nascem as águas. Avançamos para o Norte. Prometia-nos Lopes que, naquela mesma tarde, poderíamos acampar numa garganta funda, onde nada teríamos a temer dos paraguaios.

Ao longe os víamos também a procurar passagem, mas como quem não mostrava conhecer, tanto quanto nós, o terreno por onde nos seguiam. Alentou-nos o dia todo a esperança de bom acampamento; demonstrava o nosso Guia plena segurança, apontando-nos os fogos que os paraguaios haviam acendido em vários pontos e procurando demonstrar-nos que ainda desta vez não conseguiriam barrar-nos o caminho. Graças a ele conservávamos a dianteira embora estivéssemos a ponto de perdê-la. No momento em que o Sol, já declinando, tornara-nos a marcha menos penosa, mandou o Comandante da artilharia prevenir ao Coronel que os animais atrelados aos canhões estavam exaustos, havendo-se mesmo deitado alguns.

Nem eles nem o pequeno resto de rebanho, que ainda conservávamos, nada tinham podido comer ou beber desde a noite de 12.05.1867. Tornou-se, pois, forçoso estacarmos. Paramos; nada mais havia a fazer. Estabeleceu-se a coluna sobre pequena elevação, em parte coberto de mato à extremidade do qual havia uma fonte.

Apenas ali nos instaláramos, começaram as lufadas de vento Sul, que soprava rijo, a trazer-nos de longe o calor do fogo que ao nosso encalço progredia no campo. Já Lopes, porém, pusera em movimento todo o pessoal, de que podia dispor, ordenando que a toda a pressa se cortasse a macega, em torno de nós, e fosse carregada o mais longe possível.

Ele próprio, a tudo atendendo, providenciou para que os soldados vigorosamente a cobrissem de terra e a calcassem bem, o que se não pôde executar sem muito sofrimento e grandes esforços dos trabalhadores. Era para nós questão de vida e morte e as ordens do Guia não representavam senão a expressão da mais rigorosa necessidade.

Lopes, a grande personalidade para nós outros, nesta cena do incêndio da macega, dando ordens por toda a parte, multiplicando-se, projetando-se sobre a cortina de chamas, ou desaparecendo, em suas soluções de continuidade, não era uma figura de mera teatralidade. Sem ele nos perderíamos!

A não serem tantas precauções, a fumaça nos asfixiaria; depois, quando o fogo nos chegou, quando folhas e galhos, amontoados em torno de nosso refúgio, acabaram, apesar de todas as precauções, por inflamar-se, a seu turno, dali saíram imensas línguas de fogo que como nos lambiam, ora alçando-se ao céu, ora deprimidas pelas correntes de ar variáveis e rápidas, que as impeliam, silvando furiosamente por cima de nossas cabeças.

Vários homens sofreram queimaduras profundas e um até caiu morto, asfixiado. Afinal este inimigo, esgotado pela própria violência e não achando mais alimento perto de nós, começou a afastar-se, continuando o caminho para o Norte. Quando nossa gente, extenuada e morrendo de sede, após esta luta acrescida à fadiga da marcha, correu à fonte vizinha do acampamento, ali achou os paraguaios emboscados. Nada menos de duas Companhias foram precisas para desalojá-los.

Aos últimos clarões do dia vimos este destacamento que se formara a certa distância, juntar-se ao grosso dos esquadrões inimigos, que em boa ordem desfilavam, bandeiras desfraldadas, ao toque dos clarins, evidentemente para nos provocar e, apressando-se, ao que nos pareceu, em ocupar o local exatamente onde a princípio quisera Lopes acampar.

Algumas balas que lhes despejamos vieram distender a animosidade dos nossos, exasperados pela sua cruel e covarde tentativa de queimar-nos vivos. Foi com verdadeira satisfação que verificamos quanto os nossos projéteis aceleravam a marcha destes adversários odiosos. Todavia a provação por que acabáramos de passar, naquele campo convertido em fornalha, era das que sobre o homem exercem irresistível ação física.

A enorme elevação de temperatura, subitamente ocorrida, bastava para explicar o acabrunhamento em que caímos e o desfalecimento moral que se lhe seguiu. Não sabíamos, aliás, como seria possível avançar.

Estavam os animais de tiro de nossos canhões esfalfados, sobretudo os bois mais ainda que as mulas; e incapazes de dar um passo. No entretanto era mais que urgente não perdermos um instante em recomeçar a marcha.

Entre uma infinidade de razões não devíamos deixar tempo ao inimigo, que agora nos precedia para fortificar algum ponto à nossa frente, impedindo-nos a passagem. Sabe-se quanto os paraguaios são aptos em movimentos de terra, cavar fossos e levantar redutos. Vem-lhes a tradição dos seus mestres, os Padres da Companhia de Jesus, que cultivavam todas as artes, sobretudo a arquitetura e a Engenharia Militar.

Este imenso perigo de nossa situação inspirou ao Comandante a ideia imediata de ainda diminuir a bagagem para reforçar as juntas e parelhas das peças e carros manchegos ([100]). Entendeu-se com os oficiais, a quem competia tal providência, e estes nada lhe objetaram. Ficando reduzidos ao que sobre o corpo traziam, queimaram algumas últimas e míseras superfluidades, uma outra mala e barraca.

Desde o combate de 08.05.1867 nada mais tinham os soldados que carregar ou que perder; haviam atirado fora até os capotes que os embaraçavam, quando perseguiam os inimigos. As bestas, libertas da carga foram destinadas ao transporte do cartuchame.

Para maior desgraça nossa tivemos, essa noite, uma chuva torrencial, verdadeiro dilúvio, que nos pôs atônitos, embora já houvéssemos experimentado outra, e terrível, e, pela manhã, lhe víssemos os prenúncios, o acúmulo de imensas nuvens bronzeadas, constantemente sulcadas pelos relâmpagos, por entre contínuo trovejar.

Durante toda a noite mantiveram-se de pé os nossos soldados encostados às espingardas que haviam fincado no solo pela baioneta.

---

[100] Manchegos: com munição de artilharia. (Hiram Reis)

Esta vigília assinala-se em nossas reminiscências não menos penosamente do que a de 05.05.1867, entre tantos outros pousos desastrosos. É preciso haver alguém assistido, com a alma tomada de tristeza, a estas tremendas crises da natureza, para poder avaliar exatamente a extensão de sua influência sobre o organismo humano. Recursos não os tínhamos.

Não havia em todo o acampamento uma só gota de álcool capaz de entreter o calor interno que nos fugia. O fogo, última esperança, não podíamos acendê-lo sob tamanho temporal.

Foi neste estado de universal desfalecimento que ainda nos veio acabrunhar a confirmação de quanto declarara o ferido paraguaio. Curupaití e Humaitá resistiam sempre e a guerra estava longe do seu término. Soubemo-lo por um número de "*El Semanário de Assunção*", que acabava de ser encontrado sobre um inimigo morto numa escaramuça. Espalhou-se o boato, com a rapidez de propagação das más notícias, extinguindo as últimas centelhas da confiança e da coragem: foi-nos impossível marchar a 13.05.1867.

No dia seguinte [14.05.1867], caía a chuva, ainda ao alvorecer, mas já um tanto mitigada, quando deixamos este inóspito acampamento para entrar em cerrada mata que o nosso Guia, com grande sagacidade, julgara propício escolher.

Ali caminhamos durante mais de duas horas e não sem muitas dificuldades. Assim evitávamos, porém, o desfiladeiro que os paraguaios ocupavam e onde, sem dúvida, supunham aniquilar-nos. Com razão mostrou-se Lopes desvanecido do êxito desta manobra. Havendo alguém indagado que rumo seguira, gostosamente pôs-se a rir:

– O de minha cabeça.

Se via consultar a bússola, declarava que a agulha grande só servia para se fazerem bonitos desenhos destinados a divertir passeantes. Convenceram-no, contudo, que deixara o rumo Norte e assim se atrasara:

> – Sim, momentaneamente, respondeu, nos desviamos para os campos da Pedra de Cal, que descobri e em 1864 o meu amigo, o General Leverger, viria visitar comigo, se não arrebentasse a guerra.

Ao meio-dia estávamos em frente a um cerrado de taquaris, através do qual precisamos abrir caminho, a foice e a machadinha, o que muito tempo nos tomou, dada a dureza e a elasticidade desta espécie de bambu e também a má qualidade do aço de nossa ferramenta. Às 14h00, ainda estávamos às voltas com este serviço. Nosso Guia, sobretudo, mal podia sopitar a impaciência. De tempos a tempos ele próprio tentava varar o matagal, deitado sobre o pescoço da montaria, procurando entrever alguma passagem para o campo. Como não conseguisse, porém, víamo-lo voltar descontente, agitado, e com as roupas rasgadas.

Afinal dali saímos às 15h00; às 17h00, transposta a resistente barreira, continuou toda a coluna a caminhada, já ao cair do dia, para uma elevação situada a um bom quarto de légua, e à base da qual belo arvoredo indicava a vizinhança de uma fonte. Já lá se achava instalada avultada tropa paraguaia, disposta a acampar. Tinham os cavaleiros desmontado, embora ainda em forma. Bastaram duas granadas de nossas peças da vanguarda para que se apressassem em nos ceder o lugar. Ali nos estabelecemos tranquilamente. Os nossos animais encontraram pasto regular e toda a água de que careciam.

Carneamos à tarde os bois mais cansados das carretas. Dada a insuficiência e a má qualidade dos víveres, foi uma distribuição quase irrisória.

A 15.05.1867, ao romper da aurora, estávamos numa planície coberta de macega, onde um incêndio, em outro momento do dia seria de se recear. Objetou Lopes que a erva, embebida do orvalho noturno, só poderia arder depois de exposta, por algum tempo, aos raios solares. A partir deste dia adotamos a norma de, desde muito cedo, pôr a tropa em movimento, ativando, quanto possível, a primeira marcha. Em vasta extensão oferecia o terreno a atravessar-mos uma série de montículos intervalados, com certa regularidade, por extensos pântanos de onde saem vários afluentes do Apa.

A passagem destes pântanos tornava-se difícil, com a chuva torrencial de 13.05.1867, e ora a artilharia, ora algumas carretas, se atolavam. Estávamos a vencer um destes difíceis passos, no momento de transpor uma destas sangas estreitas, quando patrulhas inimigas, em número considerável, vieram darnos, não uma carga, mas realizar como que um reconhecimento bastante prolongado, a fim de nos fazer crer, talvez, que desejavam algum embate sério.

Logo, entretanto, formaram-se em colunas e retiraram-se, o que tanto mais nos surpreendeu, quanto, por trás deles, divisáramos um enxame de atiradores que, dispostos em pequenos grupos, pareciam mirar a rarefação de nossas fileiras para facilitar a tarefa da cavalaria, de que diversos destacamentos apareciam, prestes a entrar em fogo.

Nestas circunstâncias não podíamos atacar a infantaria e tivemos de lhe suportar o fogo. Felizmente era-lhe a pontaria má, afoita, incerta, como sempre notáramos entre os paraguaios. Empregavam cartuchos volumosos, produzindo grande recuo.

Dir-se-ia que desejavam, sobretudo, fazer ruído com as armas e não obter um efeito útil. Certo é que lhes faltava suficiente aprendizagem e exercício.

Ainda desta vez pouco mal nos fizeram. Passaram suas balas por cima de nossas cabeças e só tivemos dois homens fora de combate. Apontávamos muito melhor; e várias vezes lhes perturbamos a formatura. Vimo-los, então, usar de manobra nova: deitavam-se ao abrigo dos acidentes do terreno, ao seu alcance; e destes esconderijos nos faziam fogo.

Surgiam uma ou duas cabeças nas cristas das pequenas elevações e, imediatamente, se escondiam, após alguns tiros disparados a esmo. Quase não respondemos a este fogo. Um pouco mais ao longe havia, no entanto, sobre um planalto bastante extenso, um grupo de cavaleiros, que faziam empinar os cavalos, soltando vivas ao Paraguai e ao Marechal López. Como se adiantasse ao alcance de nossa artilharia, atirou esta, retrocedendo o grupo lentamente.

Um deles, porém, deixado de observação, imóvel sobre o cavalo, parecia afrontar-nos. Atirou-lhe o Major Cantuária tão certeira granada que, caindo às patas do cavalo, cobriu-o e ao cavaleiro, de terra e depois, ricocheteando, até um bosque próximo, onde havia gente, explodiu com bastante efeito para que pudéssemos notar o rebuliço. A custo conteve a sentinela a cavalgadura, mas não arredou do lugar e assim perdemos o gosto de sobre ela atirar.

Julgando o Coronel que esta demonstração só podia atrasar-nos, ordenou que o 20° Batalhão atravessasse o brejo, e depois o resto da coluna, mas desde que recomeçamos a marchar surgiram de todos os pontos da campina chamas que, conglobando-se, tomaram aterradoras proporções.

Lopes que, durante toda a longa escaramuça, não conseguira disfarçar uma inquietação, que jamais lhe notáramos, reconquistou, então, toda a energia da

decisão. Mandou imediatamente encostar a coluna a dois capões de mato que, momentaneamente, nos preservaram das labaredas laterais e depois fez com que se cortasse a macega, numa área ainda maior do que na primeira vez, e onde tivemos que sofrer menos a aproximação do fogo, mas onde foi a fumaça muito mais terrível, devido à imensa extensão do campo.

Tem este gênero de incêndio feição toda especial e de que nem uma cidade inteiramente devorada pelo fogo poderia dar ideia. Aumenta conforme a distância de onde vêm as chamas tangidas pelo vento, que as domina, e mais formarão elas, em todos os obstáculos encontrados, contra correntes espalhadas em todas as direções, animadas como de inextinguível furor.

Do combate, que no ar travam, saltam clarões ofuscantes, ardentias e deslumbramentos que cegam e abrasam a pele do rosto. Um dos capões a que nos encostáramos compunha-se em grande parte desta espécie de bambus chamada taboca, cuja haste nos internódios é oca.

Nelas produzia o fogo detonações semelhantes às do canhão: começamos a crer que a artilharia paraguaia tornara a entrar em linha. Pôs-se o velho Lopes a zombar:

> – Bem se vê que os senhores são novatos nesta terra.

Pouco depois, como o vento amainasse e a atmosfera refrescasse um pouco, quisemos prosseguir a marcha; mas o Sol, reverberado pelo terreno escaldante e calcinado, tornou-a, durante o breve tempo em que a suportamos, uma provação que aos mais robustos arrancava involuntários gemidos. Não podiam os olhos conservarem-se abertos no abrasado ambiente que atravessávamos.

XV

Incerteza do Rumo. Novo Incêndio e Novo Ataque dos Paraguaios. Penúria da Coluna. Acertamos Novamente com o Caminho. Passagem do Rio das Cruzes. Recomeça a Marcha. Nova Travessia do Rio. As Mulheres da Coluna.

Triste e pensativo, como antes do incêndio o víramos, marchava o nosso Guia à frente da coluna. Por vezes avançava demais, sem prestar atenção ao perigo que podia correr, pois as volutas de vapor e cinzas que, no campo, se levantavam, caprichosamente e não raro nos envolviam, nos impediam de ver os cavaleiros paraguaios fazendo menção de se aproximar.

Também impressionado com a atitude inquieta de Lopes, perguntou-lhe de chofre o Coronel se acaso seguíamos o caminho direito, e se corriam as coisas como ele desejava. Só obteve evasiva resposta, muito no caso de nos capacitar que ele, o Guia, perdera a firmeza, embora hesitasse em confessá-lo.

Os que por largo tempo comparticiparam da vida sertaneja têm um amor-próprio muito maior que os demais homens. Provém-lhes este sentimento do convívio com os selvagens, entre os quais, como se sabe, se revela veemente pela inabalável firmeza com que suportam os mais cruéis tormentos, infligidos pelo inimigo vencedor.

Cerca de duas léguas ainda, andamos assim, embora fatigados. Viera, confidencialmente, dizer-nos o filho de Lopes que, a seu ver, tínhamos de reconhecer volumoso caudal, chamado o Rio das Cruzes. Observaram-lhe que tais palavras davam como a entender que ao acaso caminhávamos.

Respondeu imediatamente que de fato não sabia para onde íamos; sobrava-lhe a consciência do erro cometido; não ousava, contudo, abrir-se com o pai. Fora significar-lhe que não mais sabia orientar-se em campo raso; e o respeito ao pai votado, ao Chefe da família, àquele que tantas vezes o guiara nas jornadas através das solidões, obrigava-o ao silêncio. Este traço da vida primitiva não poderíamos deixá-lo esquecido; fez-nos correr grande perigo.

Quando o velho percebeu que duvidávamos de seus conhecimentos do terreno, sobreveio-lhe grande desgosto, que não pôde ocultar. "*Não fora a perturbação deste atraso, murmurava, a própria estrada por si nos guiaria; quando alguém, pelo campo, procura caminho nunca deve parar*". Não consentiu que seguíssemos as indicações do filho; fora a seu ver, uma infração às leis naturais e ao direito patriarcal. Impediu-nos a noite, felizmente a cair, prosseguirmos em rumo evidentemente incerto.

Apenas acampados, aliás, vimos que para nós o dia não acabara; grande provação ainda nos esperava. Os compridos alagadiços que, como dissemos, cortam esta campina haviam deixado a macega parcialmente a arder. Consideráveis áreas ainda havia intactas, principalmente em torno do ponto que atingíramos.

O fogo que acabava de lhe ser ateado já nos cegava e vinha-nos ao encontro, desta vez, porém, precedido dos próprios paraguaios. Julgavam que um ataque cerrado obstaria à manobra pela qual até então nos tínhamos defendido do incêndio. Desfilou sua infantaria ao longo de um brejo, em que se apoiava o nosso 21° Batalhão. Tendo pelas costas a fumaça, que nos açoitava em cheio o rosto, graças ao vento que reinava, lançaram-se sobre o flanco de nossa vanguarda.

Se esta no primeiro embate houvesse fraqueado e cedido, teríamos, provavelmente, sido todos devorados pelas chamas. Mas longe de recuar, graças a desesperado esforço, atirou com o inimigo, parte nos pântanos e parte sobre o seu terrível auxiliar, o fogo, que rapidamente se aproximava. Devem suas perdas ter sido grandes; pelo menos pôde o Cap Pisaflores perceber pelas passagens do vento, por entre vapores e chamas, cavaleiros a correr arrastando cadáveres e feridos. Quanto à nossa vanguarda fez ela um movimento de recuo, depois de nos ter dado, graças a sua dedicação, tempo de cortar a macega e transportá-la para longe.

E então, já no meio de nós outros, estes homens estafados, a quem poderíamos chamar nossos salvadores, caindo de cansaço e sofrimentos, com os rostos queimados, as goelas secas, ardentes, deixaram-se ficar largo tempo estirados ao chão sem voz nem movimentos. Três dentre eles nem se ergueram mais; e muitos outros para sempre ficaram enfermos e combalidos.

Tendo-se formado de novo, após o incêndio, acamparam os paraguaios numa colina, de onde nos dominavam; o repouso de que tanto carecíamos não nos seria possível antes que deles nos desvencilhássemos. Obrigou-os a nossa artilharia a ir procurar abrigo na vertente oposta.

Caíra a noite. Havia um luar estupendo, cuja calma contrastava com os clarões sinistros de alguns finais de incêndio, que ainda vagavam pelo campo. Quando os nossos clarins deram afinal o toque de descansar, ao longe responderam os dos paraguaios como um eco de escárnio. Tudo parecia insultar-nos as misérias: reinava entre nós a fome, com todas as suas torturas e o seu triste prelúdio, esse desfalecimento que aniquila a coragem e a vontade.

De tudo carecíamos, oficiais e soldados. Vivíamos andrajosos, mas a privação do calçado era em geral muito menos sensível a estes do que àqueles, cujos pés estavam intumescidos e ensanguentados. Nesta noite enregelou-nos o vento Norte, e ao mesmo tempo nos achamos expostos a um desses orvalhos, que já nos haviam feito sofrer tanto e isto quando ainda nos podíamos precaver com algumas roupas de agasalho.

Como de costume, estávamos todos de pé, pela alvorada; mas como nosso Guia continuasse a mostrar-se irresoluto, a cada passo chamava o filho a confabularem. Parecia até querer abandonar o rumo de Leste, insinuando que só o seguira até agora para contornar um alagadiço. Afinal, de repente, tomou a direção do Nordeste.

Pelo que pudemos conjeturar, ficaram os paraguaios desnorteados com esta súbita inflexão. A galope subiram alguns a colina onde devia estar o seu Comandante. Não durou muito, aliás, para que percebêssemos haver tornado ao caminho verdadeiro. Daí a um quarto de légua atingimos a margem esquerda de volumoso caudal que não era outro senão o Rio das Cruzes. Já na véspera o teríamos alcançado não fora a excessiva deferência do filho e o orgulho do pai.

Tivemos que parar, pois embora desse vau, eram-lhe as barrancas demais escarpadas para que as carretas pudessem passar sem prévio trabalho que nos devia tomar tempo. Os Corpos da Vanguarda e do centro saíram, pois, de forma; e deixando a retaguarda em linha, começaram a trabalhar nas ribanceiras. Com muito vigor desempenhou o Batalhão de Voluntários tão importante trabalho [pressionados como estávamos pelo inimigo]; e um dos seus oficiais, José Maria Borges, muito estimado

dos soldados pelo gênio alegre, nos mais críticos momentos, bem mereceu de toda a coluna nesta ocasião.

Muito grato nos é testemunhá-lo. Foi, graças a ele e à sua gente, que pelas 14h00, tornou-se a passagem praticável. Ali estiveram em sério perigo, sob as vistas dos paraguaios, que, durante esta parada forçada, teriam com real vantagem podido atacar-nos.

Felizmente, e contra qualquer expectativa mantiveram-se imóveis em ordem de marcha, prontos a nos seguir, enquanto procuravam alguns dentre eles um vau a montante e outro a jusante para, quando nos aproximássemos, incendiarem o campo. São habilíssimos, tanto como o sabíamos, neste gênero de manobras que entre eles chega a constituir uma arte, com regras baseadas nos conhecimentos dos ventos e lugares, arte, aliás, diabólica, quando empregada como arma de guerra.

Nós os provocávamos, contudo, e, de tempos a tempos, iam os nossos obuses cair no meio deles. É difícil compreender por que se haviam desfeito da artilharia com a qual poderiam responder à nossa; coisa que apenas faziam por meio de gritos e assuadas. Galgáramos, neste ínterim, a margem oposta do Rio, e ali, apenas chegados, precisamos tomar providências contra o incêndio que nos precedera e vinha ao nosso encontro. Apoiava-se a nossa esquerda ao mato que orlava o Rio e onde, felizmente, as árvores eram de natureza menos combustível que a macega.

Na ala direita, que também estacara, foi o capim cortado e acamado com terra, com mais vagar e cuidado desta vez, com mais ordem do que até então o fizéramos. Acercou-se o incêndio, envolvendo-nos como sempre, de horríveis rolos de fumo; mas as

labaredas já não nos ofenderam tanto como das outras vezes.

Podíamos, além de tudo, valer-nos do Rio onde, lavados em suor, cobertos de pó e cinzas, íamos beber e refrigerar-nos. Passado o fogo, limparam as nossas peças a planície de paraguaios, que ainda por ali se mostravam; e, conservando sempre a mata à esquerda, conseguimos avançar um pouco para ocupar melhor posição.

No dia seguinte, 17.05.1867, esteve o tempo nebuloso e frio. Soprou o vento com violentas rajadas. Tornou-se a marcha muito penosa, tivemos frequentemente de cortar a macega incendiada, o que a espaço nos forçava a paradas para limpar o chão. Procurávamos também alcançar uns bosques que, com trabalho, atravessamos, porque ali encontrávamos tocos e madeiras ainda de pé, que a custo podiam os machados entalhar. Víamo-nos ao mesmo tempo apertados pela cavalaria paraguaia à frente, nos flancos e pela retaguarda.

Sentia o Comandante a paciência esgotada. Acusava o Guia, atirando-lhe a responsabilidade de todos os atrasos; mas como tais exprobrações fossem ouvidas em respeitoso silêncio, acabava por acalmar-se. Vencia a bondade natural e com o tom conciliador de quem sofre e compartilha dos infortúnios alheios. "*Não nos irritemos, dizia, estamos a pagar os nossos erros*". Todo este dia andamos sempre à matroca ([101]). Com o conhecimento do terreno perdera Lopes todo o espírito de iniciativa. Deixava-lhe o filho transparecer crescente inquietação, sem proferir, contudo, um único comentário. Tornou-se tamanha a fadiga dos bois carreiros de nossa artilharia, que se negaram a ir além, deitando-se no chão.

---

[101] Matroca: sem rumo. (Hiram Reis)

Fizemos alto, pois, forçadamente, no meio de pequeno capão, onde apenas encontramos água insuficiente e má. Não deixou o inimigo de vir à noite acampar à pequena distância de nós; e o 21° Batalhão, que ainda constituía a nossa vanguarda, teve, desde então, de abrir tiroteio. Durante a noite toda ladrou a cachorrada dos paraguaios, que sempre andavam acompanhados de matilhas. Mal lhes responderam os nossos cães, míseros restos de uma malta a custo disputada à fome dos soldados.

A 18.05.1867, desde a madrugada, começou copiosa chuva que não tardou em ensopar nossas pobres roupas e nos predispôs mais tristemente para uma marcha ainda mais lenta que a dos dias precedentes. Nem sempre caía chuva com a mesma força, mas havia de vez em quando aguaceiros que não tardavam em encharcar o solo, de modo tal que a cada passo ficavam as carretas presas e retidas nos caldeirões ([102]) que abriam.

Que espetáculo comovente o do grupo de nossos míseros enfermos, a quem, sob desabalados aguaceiros no meio dos regatos que elas formavam, tínhamos de deixar no chão!

Precisamos logo atravessar um alagadiço muito extenso; e, durante esta longa travessia, não cessaram os paraguaios, que já haviam ocupado todas as alturas dominantes, de atirar, embora sem nos causar grande dano. As suas descargas de pelotão não tinham maior êxito que os estrepitosos hurras com que as acompanhavam.

Por vezes chegaram-nos os gracejos com que nos insultavam a miséria:

> – Venham tomar-nos o gado e fartem-se!

[102] Caldeirões: buracos. (Hiram Reis)

Algumas balas bem apontadas por homens ávidos de vingança castigaram tais ironias. Quase diariamente sucedia que o Sol, fraco de manhã, após as noites glaciais, tornava-se depois escaldante. Variação perene que acabava arruinando-nos a saúde. Neste mesmo dia. Acastelando-se a Oeste espessas nuvens, daí proveio cedo novo dilúvio, que transformou em furiosa torrente um Ribeirão já por si volumoso, que Lopes não nos assinalara; e nos forçara a uma terceira parada, tão cruel quanto as precedentes.

Morríamos de frio; estávamos a jejuar, e só com muito trabalho, à meia-noite pudemos ter fogo, à custa de empilhar muita lenha verde que ardia quase sem labaredas.

Nauseante espetáculo revelou-nos, nesse lugar, quanto entre os nossos soldados era a fome tremenda. Ia matar-se um boi estafado, quase agonizante. Formara-se um círculo em torno do animal, cada qual mais ansioso esperando o jato do sangue, uns para o receberem num vaso e o levarem, outros para o beberem ali mesmo. Chegado o momento, atiraram-se todos a ele, os mais afastados e os mais próximos. E assim era diariamente. Mal tinha o açougueiro tempo de cortar a rês; era quase necessário arrancar às mãos dos soldados os nacos a fim de levá-los ao local da distribuição.

Os resíduos, as vísceras, até o couro, tudo se despedaçava ali mesmo e era logo devorado mal assado ou cozido; repulsivo pasto de que não podia deixar de originar-se alguma epidemia.

Na manhã de 19.05.1867 lançou o Major Borges, sobre o Ribeirão, convertido em Rio estreito, mas profundo, improvisada ponte que, experimentada,

não apresentou solidez bastante, obra que fora de operários mais debilitados pela fome do que, com efeito, desprovidos de ferramenta. Julgamos necessário reforçá-la com um tronco enorme de aroeira, encontrado pelas vizinhanças.

Foi só então que a artilharia pôde sem acidente atravessar. Uma carreta única a seguia: queimáramos as demais para entreter as fogueiras que nos preservaram de completo tolhimento; e esta mesmo só fora poupada porque podia prestar-se para o transporte dos feridos de uma para outra margem. Estava inundada a ribanceira que atingíramos e ainda várias vezes se ensoparam os desventurados inválidos levantados a braço antes de acomodados em padiolas ou cangalhas.

Eram as mulheres que nos acompanhavam setenta e uma, contadas à entrada da ponte. Iam todas a pé, exceto duas, montadas em bestas; carregavam quase todas crianças de peito ou pouco mais velhas. Por heroína passava uma e todas a apontavam.

Havendo-se encarniçado um paraguaio que tentava lhe arrancar o filho, tomara ela de um salto uma espada largada no chão, e num ápice matara o assaltante. Mais infeliz vira outra o filhinho recém-nascido esquartejado por um inimigo, que pelas pernas lho arrancara do colo.

Traziam todas no rosto, aliás, os estigmas do sofrimento e da extrema miséria. Ainda vinham algumas carregadas de objetos provenientes do saque; mantas, ponchos, pesadas espadas paraguaias, baionetas e revólveres.

Caíra a noite; quando muito conseguíramos estabelecer-nos em frente ao nosso acampamento da véspera; mas já era imenso termos atravessado o Rio.

XVI

Lampejo de Esperança que se Desvanece Logo. A Cólera. Reaparece o Inimigo. O Incêndio Sempre. Recrudesce a Cólera. Um Recurso: Os Palmitos. Terrível Passagem de um Pântano. O Tenente Santos Sousa. Acampamento. Conseguimos Acender Fogo.

Lopes que, desde algum tempo, víramos perturbado a ponto de duvidar de si, acabara, enfim, descobrindo onde estava, e orientando-se. À vista de uma elevação, a distância, dissipara-se-lhe subitamente o mistério; apontando-a, deu-nos a certeza de que dois dias mais tarde chegaríamos à sua fazenda. "*De lá se avista,* afirmou*, aquele pico que os senhores veem*". Aos mais fracos e desanimados, reanimou esta notícia. Chegamos à estância do Jardim, a 21.05.1867, poderíamos, pelo dia 25.05.1867, entrar em Nioaque antes dos paraguaios e preservar a Vila de novo saque, graças a esta marcha executada em onze dias, e não em quinze.

Assim tínhamos muito próximo de nós o termo de tantas misérias, quando outra novidade, mais terrível que tudo, veio agravar a situação, além de qualquer previsão por mais sinistra que fosse: circulou de repente pelo acampamento a notícia que nele havia cólera. Já desde algum tempo tinham os doutores Quintana e Gesteira levado o fato ao conhecimento do Coronel. Pouco depois morrera, com um dia de moléstia apenas, um índio Terena recebido na enfermaria de Bela Vista.

Supusera-se, a princípio, que seria mero caso esporádico; e sobre o fato se guardara segredo, nada se podendo fazer, tudo nos faltando para dominar a doença.

Em todas as paradas, enormes fogueiras se acenderam supondo os soldados que se empregava um processo saneador da atmosfera do pantanal. No silêncio consistia, realmente, o melhor preservativo contra a propagação da peste. Mas a 18.05.1867 rasgou-se o véu do mistério: caíram três homens atacados pela epidemia e com os mais graves sintomas, e, desde então, os nossos dois médicos que haviam assistido à primeira irrupção da cólera no Rio de Janeiro, julgaram imperioso dever não mais dissimular a verdade. Fora-nos necessário, contudo, prosseguir na marcha, subitamente salteados de mal-estar e desmaios caíram alguns soldados; o que provocou a perturbação e a confusão gerais em nossas fileiras. Não se caminhava mais. Os três homens já atingidos pelo flagelo sucumbiram. Dentro em pouco estavam a carreta que nos restava e um carroção de munições, que se lhe adicionara, repletos de enfermos, cujos gemidos por toda a parte apressavam o surto da epidemia.

Teve este dia cruel uma tarde e uma noite como era de prever. A 20.05.1867, pela manhã, o tempo, a princípio chuvoso, melhorou; e logo tornou-se o Sol ardente. Ainda caminharam menos os animais e os homens mal se arrastavam, tendo a morte sob os olhos e no coração. Haviam os paraguaios reconstruído a ponte e passado. Já à nossa frente estavam, apenas dissipara o calor do dia o orvalho e secara a macega. Puseram-lhe fogo, e com tal êxito que não fora um mato de pindaíbas, felizmente provido d'água, teria a coluna sido colhida pelo incêndio.

Mal teve Lopes o tempo de nos alojar neste abrigo; deu-nos o Coronel ordem de acampar. Atacados, até aí, defendemo-nos como quem defende o refúgio derradeiro. Afinal obrigou o tiro de nossos canhões o inimigo a retirar-se. Tudo em volta de nós era fumo, trevas e vapores ardentes.

Caiu um de nossos soldados asfixiado. Outro, cego, no meio de um redemoinho, metera-se entre os paraguaios, conseguindo, contudo, graças à escuridão, safar-se e voltar sem ser reconhecido.

Neste dia fez a cólera nove vítimas. Assinalaram-se vinte casos novos: o Chefe dos Terenas, Francisco das Chagas, chegou moribundo numa rede que sua gente carregava. Estavam estes desgraçados índios no auge do terror, mas não podiam mais abandonar a coluna, ocupado como se achava todo o campo por um inimigo que, quando os apanhava, jamais deixaria de os fazer perecer nos mais horríveis suplícios.

A que causa devíamos atribuir esta irrupção da cólera ou, melhor, a que causa não a atribuirmos? Seria talvez a carne estragada que éramos obrigados a comer, ou a fome curtida quando as náuseas venciam o apetite, ou ainda o insuportável ardor dos incêndios que nos escaldavam o sangue, quiçá a infecção oriunda de todas as substâncias vegetais que devorávamos, brotos, frutos verdes e podres, ou também, enfim, a insalubridade do ar viciado pela água estagnada dos charcos e lodaçais que naquela região tanto abundam.

Supunham alguns fosse o próprio inimigo o veiculador do morbo. É muito possível que aos paraguaios houvesse acontecido – embora jamais suportassem as mesmas privações que nós – porque, de seu exército do Sul, dizimado pelo flagelo, tinham recebido reforços. Uma circunstância ocorria fazendo-nos crer que também reinasse o mal em suas fileiras: a frouxidão, para o fim, dos ataques, embora sempre frequentes. No entanto, o número do "*El Semanario de Asunción*" ([103]), anexo a esta narrativa, nenhuma menção faz da epidemia na coluna paraguaia.

[103] El Semanario nº 690, 13.07.1867. (Hiram Reis)

Sábado 13 de Julio de 1867. ASUNCION. Número 690

CONDICION DE LA SUSCRICION.
Por cada 12 números 3 pesos.
Número suelto 4 reales.

EL SEMANARIO
DE
AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES.

CONDICION DE LAS INSERCIONES
Se inserta toda clase de anuncios y comunicados garantidos, á precio convencional
Los artículos de interes general gratis

AÑO XV. ADMINISTRACION GENERAL
En la Imprenta Nacional Calle del Sol N. 44. CUARTA EPOCA.

Sábado 13 de Julio de 1867.

La invasion del Norte.

La presente guerra es un tejido de gloriosas coronas que formará el mas precioso monumento nacional, en los anales de su historia. Donde quiera que los hermosos colores de la República flamea ante el trapo de los conquistadores, el triunfo es el séquito que lleva como el simbolo de la justicia, y de los buenos principios. [...]

Arrebatádoles sus provisiones de boca no les quedaba sino los bueyes de sus carros, aceleraron su fuga; pero nuestros soldados cuando querian detenerlos prendian fuego á los pajonales que se encontraban en su camino.

Cada dia que pasaba, la mortandad se aumentaba en sus filas dejando 16, 20 y 30 muertos en los lugares que acampaban, registrábase al principio en casi todos los cadáveres las huellas del sable de los dias ocho y diez; pero bien pronto acosados del hambre fueron víctimas de él.

Nuestra caballería retirando todo recurso y cerrándoles siempre por todas partes, hacia acrecentar en ellos el padecimiento del hambre, y tuvo que recurrir á las tunas, á la raiz y corazon de los árboles, y hasta comieron perros por alimento.

Y para el colmo del desastre, Dios habia reservado á esos infames para espiar su crímen un castigo aun mayor. El cólera, esa terrible peste que habia asomado hasta poblaciones de los aliados, y arruinado el ejército enemigo del S. apareció entre ellos con todos sus horrores, haciendo el mas espantoso estrago.

Espiacion justa que la Providencia ha descargado sobre la cabeza de los infames que han venido á querer esclavizar á un pais Cristiano y libre.

Al principio enterraban sus cadáveres; pero despues ya no pudieron hacerlo por su mucho número, y abandonaban sus muertos, entre los que se encontraron muchos Oficiales y mugeres.

La mortandad fué acrecentando de dia en dia en sus filas, sin embargo marchaba constantemente, siempre conducido por nuestra caballeria que formaba un círculo de fierro á su derredor. [...]

Imagem 16 – El Semanario n° 690, 13.07.1867

Para a noite caiu abundante chuva, agravadora de todos os nossos padecimentos. Amontoados perto da pequena barraca dos médicos, sem abrigo e ao ar livre, receberam os coléricos, nos corpos gélidos, a chuva grossa que desabava, de espaço em espaço. Era horrível ver estes míseros, presos de agitação extrema, dilacerando os andrajos com que procurávamos cobri-los, rolando uns sobre os outros, a se torcerem com câimbras, vociferando soltando brados, que se fundiam numa só voz articulada: Água!

Tinham os médicos esgotado todos os recursos; a princípio zelosos e ativos, desanimavam os enfermeiros ante o número crescente dos enfermos e apesar da ordem que proibira o uso da água, como fatal, davam-na alguma para satisfazer, um instante ao menos, aos moribundos. A isto se limitavam os seus cuidados.

Apesar de tudo, recomeçamos a caminhar no dia 21.05.1867. A carreta e o carroção, com o dobro da lotação, de todos os lados deixavam pender braços, pernas, cabeças onde já se imprimiam os sinais da morte. Aos carros de munição da artilharia, aos armões ([104]) das peças igualmente atulhavam desventurados recentemente atacados e já agonizantes. Mas logo que a macega perdeu a umidade empregou-se novamente contra nós o odioso expediente de guerra dos paraguaios.

Cerca de um quarto de légua de nossa última parada pareceu o incêndio, tangido por esperta aragem, na iminência de nos envolver, exatamente no mesmo lugar onde nos detivéramos e onde, de todo, se baldaria o zelo de Lopes, se acaso uma mudança do vento não houvesse desviado aquele furação de chamas.

---

[104] Armões: jogo dianteiro dos reparos e viaturas de artilharia. (Hiram Reis)

Imagem 17 – Morro da Margarida

Recomeçamos o lúgubre desfilar; mas ainda não vencêramos meia légua, quando os bois da artilharia afrouxaram, por não terem bebido, desde o acampamento do dia 19.05.1867. Estávamos felizmente num terreno cuja macega escapara ao fogo da manhã, graças, provavelmente, à corrente de ar que nos salvara. Era uma chapada extensa que, inesperadamente, se levantava de uma depressão onde corre um Riacho. Outra chapada, um pouco mais alta, e voltada para o Sul, ligava-se a um campo imenso, o mesmo que Lopes, numa primeira incursão, batizara Campo das Cruzes; e no fundo do qual se erguia a nossa baliza – o morro da Margarida. Tem o perfil deste pico algo de notável em sua regularidade elegante. Já da Bela Vista o avistáramos; agora o saudamos como a velho amigo.

Se tal foi a nossa impressão, teve Lopes outra muito mais viva, ainda. Via-se, após tantas dúvidas cruéis, justificado no seu foro íntimo. Restituíra-lhe a alegria toda a vivacidade da primeira mocidade. Arrebentara naquele momento novo incêndio no campo; vimo-lo correr, de archote em punho, para combatê-lo, com armas iguais, dizia. E conseguiu-o, varando por entre os cavaleiros paraguaios, espalhados pelo campo e que quase o apanharam.

Estava, novamente, na plena posse de si, liberto da responsabilidade que o agoniara e quando lhe observávamos quanto precisava poupar-se, respondia que ninguém podia ir de encontro à vontade de Deus, devendo cada qual entregar-se às mãos do Senhor. Dizia-lhe Ele que estávamos chegando ao termo de nossas provações. "*Saibamos morrer,* acrescentava*; dirão os sobreviventes o que fizemos*".

A 22.05.1867 apenas andamos três quartos de légua, pois dependíamos inteiramente das juntas que puxavam os canhões e ainda na véspera quase não tivera o gado o que beber. Mal dera o minguado filete, junto ao qual acampáramos, água bastante para os homens. Tivemos de parar, forçadamente, junto a um brejo, cuja vegetação era bastante capaz de dar algum alento aos nossos animais. Aí ficamos encostados a um mato que, felizmente, ia até um Riacho chamado Prata, o primeiro afluente Meridional do Miranda, como Lopes no-lo disse.

Já, portanto, nos abeirávamos desse caudal, objeto de tantos anseios. Uma vez neste lugar, entendeu o Coronel que nada obstava informar a gente de Nioaque de nossa proximidade e da do inimigo. Estava o caminho livre, pela mata do Prata, que se perde na do Miranda; não correndo risco algum quem a atravessasse. Para esta comissão escolheu dois homens corajosos, afeitos à vida do mato, caçadores sabidos daquelas terras.

Fora o bilhete, que se lhes deu, endereçado ao Coronel honorário que comandava o depósito redigido em francês para, pelo menos, escapar às probabilidades mais fortes de divulgação. Noticiava em suma que a coluna batera em retirada; e, provavelmente, atingiria Nioaque antes do inimigo, convindo, no entanto, transportar para lugar seguro e o mais depressa possível, as munições, os víveres, o arquivo, e alguma bagagem dos oficiais.

Era, sobretudo, necessário que toda a tropa disponível marchasse às ordens do Capitão Martinho a emboscar-se para deter os paraguaios, caso aparecessem.

A 24.05.1867 chegavam os mensageiros à Colônia de Miranda ali encontraram os negociantes que com a lentidão habitual haviam retrocedido, tendo achado, ainda, avolumados pelas chuvas, os grandes Rios, que evitáramos graças à estrada pela fazenda do Jardim.

Deixando este comboio à retaguarda, a 27.05.1867 atingiram Nioaque os nossos correios, com a missiva do Comandante, divulgando o que em nosso acampamento haviam presenciado, assim como todos os boatos sinistros de que se fizeram ecos mercadores em caminho.

A 25.05.1867 progredimos cerca de légua e meia, considerável esforço, pois os nossos soldados válidos quase todos se empregavam em carregar as padiolas dos enfermos e destes padioleiros, vários, subitamente atacados, em vez de ajudarem aumentavam a carga. As contínuas convulsões dos agonizantes ainda e de tal modo agravavam esta faina horrivelmente penosa que os soldados, estafados, punham-se de repente, como à porfia com os coléricos, a soltar selvagens gritos impacientes, ameaçando arriar e abandonar o fardo.

Só algumas redes, ocupadas por oficiais, conservavam certo decoro lúgubre: jamais esqueceremos o belo rosto resignado do Tenente Guerra, moço exemplar, filho único de uma viúva que nunca o tornaria a ver. Neste dia, ao incêndio precedeu um ataque de atiradores. Repeliram-no alguns dos nossos e o fogo também passou; mas o outro inimigo, a cólera, o adversário oculto, redobrou os golpes com que nos feria, a ninguém perdoando.

Desapareceu no mesmo dia uma família inteira; pai, mãe e filho em horas fulminados juntos. De inanição pereceu uma criança de peito que, dos braços da mãe moribunda, passara aos do pai e deste aos de camaradas, que também não tinham alimento algum.

Soubemos que dois soldados haviam enlouquecido. Assim se explicavam os gritos, cujas notas estridentes se haviam associado aos ruídos que habitualmente nos afligiam; lamentos, furores e desespero. Outro mal começou: a deserção; desapareceram vinte e quatro soldados da linha de defesa do acampamento. E, no entanto, impossível lhes era escapar à morte pela fome ou às mãos do inimigo.

A partir deste dia não houve, no mato, moita onde se não escondesse algum fugitivo. Abandonaram-nos os nossos índios Guaicurus, não conseguindo mais detê-los o receio do destino que os aguardava, se os paraguaios os apanhassem.

Tais os incidentes que entre nós ocorriam. Embora dizimados, serenamente mantinham os oficiais o espírito geral da corporação; uns procuravam os outros, reuniam-se, trocavam palavras amigas e de bom conselho. Esta serenidade d'alma só era natural entre homens de têmpera especial como José Tomás Gonçalves, Pisaflores e Marques da Cruz; ou excepcionalmente fortes como Lago, Catão e José Rufino.

A mesma atitude impassível tornava-se em outros igualmente notada, embora menos energicamente constituídos. Tomava, no Tenente-Coronel Juvêncio, laivos de melancolia ao lembrar-se da família.

Quanto ao Comandante este se reconcentrava em sua dignidade e no sentimento do dever. Aproximava-se a hora em que, a tal respeito, nos daria as mais extraordinárias provas.

Na manhã de 24.05.1867 uma chuva torrencial, e contínua, não tardou em transformar em atoleiro o solo argiloso sobre o qual acampáramos. O vento áspero e impetuoso lançava-nos verdadeiras enxurradas. Assim mesmo partiu Pisaflores, o bravo Rio-grandense, à testa de cem homens, a um quarto de légua, à margem do Prata, abrir uma picada num lugar indicado por Lopes. Este serviço, rapidamente executado, deu aos trabalhadores o ensejo de descobrir na mata palmitos em profusão, inesperado recurso que levou o Comandante a mandar que estacássemos, porque também ali estava o solo mais seco.

Não pôde, entretanto, a marcha recomeçar antes das 17h00, e o que foi este deslocamento de posição só uma palavra traduz: desolação. Observando-nos de muito perto assaltaram-nos os paraguaios, com vaias e tiros, a que tratávamos de responder do melhor modo. Mas o que mais penoso foi, ao atravessarmos grande charco, o banho gelado em que até a cinta afundamos. Rompeu-se a formatura; nem sequer nos víamos mais. À espessa escuridão que sobreviera seguiu-se a noite, sem intervalo, uma destas noites propícias aos desastres e aos crimes: e mais de um doente afogaram os seus carregadores.

Às 20h00 horas, passara o grosso da coluna acampando então, às 22h00 veio a retaguarda ocupar o seu posto. Até tarde, pela noite adentro, chegaram retardatários, condutores de carretas extraviadas e até coléricos que haviam podido pôr-se de pé, depois de atirados das padiolas ao chão. Deu-se, entretanto, uma cena que à memória consola evocar. Entre as padiolas, onde prostrados se achavam soldados, uma houvera que a queda de um dos padioleiros ia submergir no pântano, prestando-se os demais três, talvez, a este caso que os libertava do fardo, quando um quarto apoio, o ombro de um oficial, se apresen-

tou para salvar o infeliz que ia perecer. O Tenente Clímaco dos Santos Sousa, autor deste ato de altruísmo, teve, em prêmio, os louvores de nós todos.

Fôramos ficar em terreno menos lodoso; mas muito tempo decorreu antes que pudéssemos acender a lenha encharcada. Era felizmente resinosa. Oh! Com que alegria saudamos as primeiras chamas! Qualquer lugar junto destas fogueiras era cobiçado; quase todos conseguiram, contudo, aboletar-se, sãos e enfermos misturados. Morreram dois coléricos ali.

Foram os cadáveres removidos, eram heranças a receber, lugares de calor.

Apareceram logo os palmitos que os mais ágeis dos nossos tinham corrido pedir aos trabalhadores do Capitão Pisaflores, apenas se sentiram um pouco alentados pelo fogo. Foi o alimento prontamente cozido sobre brasas na cinza e cada qual teve o seu quinhão, uns mais, outros menos. Nunca se desmentiram os hábitos hospitaleiros da mesa brasileira, nem ali nem em parte alguma; e até mesmo nas mais terríveis conjunturas.

XVII

Chegada às Divisas das Terras do Guia Lopes. Passagem do Prata. O Inimigo nos Acompanha Sempre, mas Persegue-nos Frouxamente. Devastações da Cólera. Perplexidade do Coronel Camisão. Abandonamos os Enfermos. A Separação. Ao Tenente-Coronel Juvêncio e ao Coronel Camisão Acomete a Peste. Morte do Filho de Lopes. Prossegue a Marcha. Chegada à Fazenda de Lopes; Morre Este ali, de Cólera. Seu Túmulo.

A picada que acabava de abrir o Capitão Pisaflores dera já passagem ao nosso Guia que, vendo-se, afinal, nas divisas de sua propriedade, dessa fazenda que tanto amava, e de que tão frequentemente falava – não pudera resistir ao ímpeto de a palmilhar o mais depressa possível.

Assim se adiantara com o filho e os refugiados do Paraguai. Era a largura da picada suficiente para dar passagem aos homens, mas não ainda aos armões e bocas de fogo. Havia ainda a melhorar as rampas lodacentas do Rio, o que pediria tempo, dado o estado de fraqueza em que nos deixavam a moléstia e a fome.

Foi só às dez da manhã de 25.05.1867 que começamos a nos mover para galgar a margem direita do Prata, onde ocupáramos uma elevação dominadora de toda a circunvizinhança. Forçadamente, ia o transporte ser extremamente lento; nem de outro modo seria possível. Subiu o número de padiolas, que tinham de transpor o Rio, a 26.05.1867, cada qual tomando oito homens que se revezavam, todos, aliás, de má vontade, mostrando os mais recalcitrantes os pés esfolados e tintos de sangue.

De espada em punho exigiam os oficiais o cumprimento deste dever, tanto mais penoso quanto dele se não podia esperar nenhum resultado favorável; achando-se quase todos os enfermos, como de antemão, fadados à morte sacrificava-se assim aos moribundos o que ainda restava à coluna de força e futuro. Já desde a irrupção da peste perdêramos muito mais de cem homens; uns vinte acabavam de ser enterrados no acampamento que deixáramos e com eles o Tenente Guerra.

Às 14h00 e à custa de muito trabalho tudo estava na margem direita, queimada, que fora a nossa última carreta e mortos os bois para que os comêssemos.

Multiplicaram-se durante toda a tarde os casos epidêmicos a ponto de se tornar impossível imaginar como poderíamos avançar. Novo arranjo imaginado pelo Comandante, para as padiolas, levou ao desespero o descontentamento dos soldados, que nele enxergaram um aumento de carga e de fadiga. Chegamos a pressentir que entre eles se gerava a ideia de geral "*salve-se quem puder*". Metendo-nos no mato, diziam, "*ao menos alguns de nós chegarão a Nioaque; em todo o caso deixaremos de ser escravos de moribundos, pela mor parte desvairados*".

Entretanto, tinha o inimigo vindo acampar no nosso último pouso. Veio incomodar-nos uma partida de seus atiradores; também desvaneceu-se logo diante de duas Companhias nossas. Então, como nos achássemos incapazes de pensar em persegui-los, puseram-se os paraguaios a esquadrinhar, com todo o vagar, todos os cantos do nosso último acampamento.

Como percebessem a existência de montículos recentemente revolvidos, abriram as covas, delas exumando os cadáveres para os despojar dos miseráveis andrajos, que depois, violentamente, entre si disputavam. Houve mesmo quem se desse pressa em os vestir. Permitiam-nos os óculos de alcance perceber claramente tão revoltante espetáculo, que nos punha estupefatos como se inacreditável miragem constituísse.

Aí uma de nossas granadas atiradas pela peça de Napoleão Freire que firmara a pontaria quando eles estavam em grande número, no meio das sepulturas – estourou-lhes exatamente sobre a cabeça, matando alguns. A outros atirou nas covas, dispersou os restantes, e libertou aquele local de sua presença. Tão justa represália velo trazer alguma animação ao acampamento até o pôr-do-sol desse triste dia.

À noite mandou chamar-nos o Coronel Camisão. Já com os Comandantes dos Corpos tivera várias conferências. Parecia profundamente impressionado. Falou, contudo, sem rudeza da fatalidade que acompanhava os movimentos da coluna e várias vezes repetiu o que sinceramente lhe ia n'alma:

> – Para um Chefe era a morte preferível ao espetáculo que desde algum tempo tinha sob os olhos".

Queixou-se, em termos comedidos, sem aquele tom amargo de outrora, da escolha do caminho que o haviam obrigado a seguir.

> – E Nioaque? – Exclamava. E os nossos enfermos? Ah! quanto quisera eu estar no lugar de um destes que acabaram!

Bem percebíamos que ainda tinha qualquer coisa a nos dizer; retiramo-nos, contudo, sem que conosco se abrisse. Às dez da noite vieram novamente chamar-nos, de sua parte. Deixamos o couro que com o Tenente-Coronel Juvêncio compartíamos, e ambos fomos com ele ter. Já estava o Comandante em conferência com o Major Borges e o Capitão Lago conjeturando os meios de transportar os novos doentes. Discuta-se a possibilidade de colocá-los em metades de couros presos pelas beiras, à feição de cangalhas, que as mulas carregadoras do cartuchame deviam levar. Era a empresa inexequível, quando mais não fosse, pelo acréscimo de carga que assim recairia sobre os soldados, já exaustos. Defendeu ele esta ideia com insistência e contra a opinião de todos nós. Ainda desta vez nos separamos sem lhe conhecer o íntimo pensar.

Afinal, era cerca de meia-noite, e de novo convocou os Comandantes e os médicos. Acabara de tomar a suprema resolução com que, durante os últimos dias, se embatera e cuja ideia, como recurso extremo, lhe acudira ao espírito como ao de todos, sem que, contudo, houvesse alguém ainda ousado exprimi-la.

Depois de, em concisas palavras, haver exposto o estado das coisas, e a urgência da avançada rápida, sem a qual estávamos todos perdidos e a impossibilidade, agora perfeitamente averiguada e geralmente reconhecida, de levarmos mais longe os enfermos, declarou aos Comandantes que, sob a própria responsabilidade, e em obediência a rigorosos ditames que lhe impunham este dever, iam os coléricos, exceto os convalescentes, ser abandonados nesse mesmo pouso!

Não houve uma só voz que contra esta decisão se levantasse. A si avocava o Cel Camisão toda a responsabilidade. Longo silêncio acolheu a ordem, sancionando-a. Convidou, contudo, o Coronel aos médicos que lhe apresentassem objeções, acaso inspiradas pelo dever profissional. Depois de alguma reflexão, disse o Dr. Gesteira que não ousava aprová-la nem a desaprovar, só lhe competia, então, o silêncio, pois se de um lado tinha de atender ao seu juramento profissional, por outro se achava este, no caso atual, em contradição absoluta com a sua consciência de funcionário público adido à Expedição.

Como desvairado, ordenou, então, o Coronel que, à luz de fachos imediatamente na mata vizinha se abrisse uma clareira, para onde seriam os coléricos transportados e abandonados. Ordem terrível de dar, terrível de executar; mas que, no entanto [forçoso é confessá-lo], não provocou um único reparo, um único dissentimento.

Puseram os soldados, logo, mãos à obra como se obedecessem a uma ordem comezinha; e – tão facilmente cede o senso moral ante a pressão da necessidade – colocaram no bosque, com a espontaneidade do egoísmo todos estes inocentes condenados, os desventurados coléricos, muitos deles companheiros de longo tempo, alguns até amigos provados por comuns padecimentos.

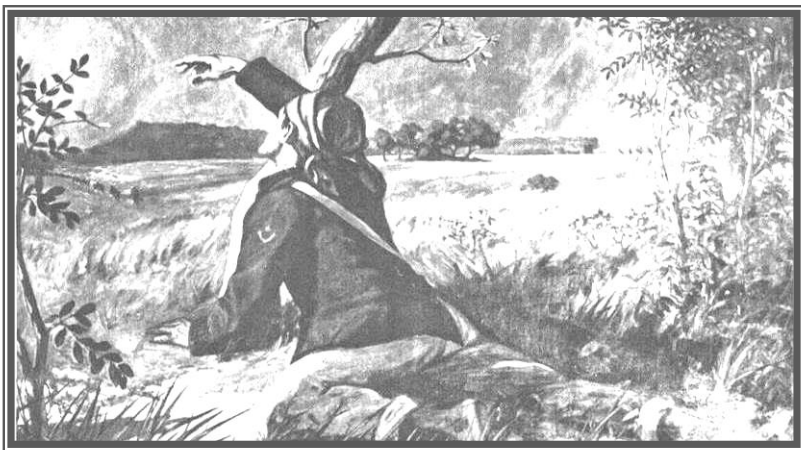



Imagem 18 – Coléricos Abandonados

E, coisa que a muitos parecerá não menos espantoso os próprios coléricos, desde os primeiros momentos, e sem que fosse necessário recorrer a subterfúgios, resignadamente aceitaram este último golpe da fatalidade. Contribuíam provavelmente as dores do horrível mal para a indiferença dos pacientes; ou talvez também a ideia do repouso substituído às torturas dos solavancos da marcha; mas acima de tudo, este desprendimento fácil da vida, próprio dos brasileiros e que deles, tão depressa, faz excelentes soldados.

Apenas pediam todos um favor: que lhes deixássemos água. Dominados por tantas e tão funestas impressões nós nos reuníramos em torno da barraca do Tenente-Coronel Juvêncio. Chamaram-nos a atenção os seus gemidos: acabara a moléstia de o saltear também! Já estava irreconhecível com a voz demudada e sinistra.

Foi o nosso primeiro ímpeto correr à barraca dos médicos; dela voltávamos quando junto a nós, reboou uma detonação, seguida de vários tiros das sentinelas inimigas. Era o soldado de plantão do Quartel-General que se suicidara; horríveis câimbras havendo-o atacado, delas acabava de se libertar.

Ocorreram todos estes ruídos sem que o Tenente-Coronel Juvêncio desejasse conhecer-lhes os motivos e até sem que parecesse percebê-los. Tomara-lhe, pouco a pouco, a agitação o caráter de frenética alucinação. Nós mesmos, ao seu lado, estafados pelo cansaço, esgotados por tantos sobressaltos, mal conseguíamos combater um sono mortificador, pejado de pesadelos, de desalento e carnificina. Durou a noite inteira a trasladação das vítimas, até os primeiros albores do dia. Neste momento de agonia dos míseros abandonados, veio o velho Guia Lopes, de regresso, desde a véspera, da excursão às suas terras anunciar a morte do filho, de cuja moléstia já nos noticiara. Tremia-lhe a voz, mas conservava uma atitude calma.

> – Meu filho morreu, disse ao Coronel, e desejo sepultá-lo em terra minha. É um pequeno favor que por ele, e por mim, solicito; sua vida, como a minha, pertencia à Expedição. Deus, que tudo determina, salvou-o várias vezes da mão dos homens para tomá-lo hoje.

Tudo, a cada momento, se ([105]) em torno de nós. Nada mais digno de inspirar a simpatia e a compaixão do que o aspecto do Coronel, depois da ordem que dera, e se cumpria enquanto começávamos a marchar. Pesar, remorso? Perturbação de espírito, na apreciação dos motivos que o haviam feito agir e parecia estar a debater intimamente, quando já as suas ordens estavam no domínio dos fatos consumados? Certo é que, pálido como um espectro, parava, para ouvir, como involuntariamente. Por mais silenciosos e tristes houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos e ruídos estranhos ao ouvido e cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento do abandono. A todos nós foi intolerável.

[105] Entenebrecia: cobria-se de trevas. (Hiram Reis)

Deixávamos entregues ao inimigo mais de cento e trinta coléricos, sob a proteção de um simples apelo à sua generosidade, por intermédio destas palavras escritas, em letras grandes, sobre um cartaz pregado num tronco de árvore:

> "*Compaixão para com os coléricos!*"

Pouco tempo após nossa partida e já fora do alcance da vista, veio um estrépito de viva fuzilaria apertar-nos os corações. E que clamores indescritíveis, então, ouvimos! Ninguém de nós ousava olhar para o companheiro! Pelo que depois nos contou um dos pobres abandonados, salvo milagrosamente, vários enfermos [ele não sabia bem se houvera ou não geral chacina] se haviam soerguido convulsamente e, reunindo todas as forças, corrido para nós.

Nenhum, porém, conseguira atingir-nos, devido à fraqueza física ou à crueldade do inimigo. Nossa coluna tinha, contudo, demorado a marcha, instintivamente, como à sua espera.

Já os nossos armões estavam sobrecarregados de novos enfermos, de permeio com os convalescentes; e o Corpo de Exército, tomado do mais sombrio desespero, vencera, apesar do cansaço, duas léguas! A necessidade do repouso deteve-o à margem de volumoso Ribeirão que atravessava as dependências da estância do Jardim.

O filho de Lopes, até então transportado num reparo de peça, e escoltado pelos antigos companheiros de cativeiro no Paraguai, foi enterrado à margem direita. O pai que, enquanto se abria a sepultura, se mantivera a alguma distância, disse, ao lhe contarem que o solo estava muito úmido e até encharcado:

– Agora que importa? Entreguem à terra o que lhe pertence!

Voltava pouco depois colocar-se-nos ao lado, pálido e como exausto do cansaço, dominando-se, contudo. Sob os nossos olhos se dilatava a sua imensa propriedade; assinalou-nos diversos pontos, por ele consagrados pelas recordações da vida plácida que ali fora a sua. Naquele ponto, ao longe iam suas vacas beber a água de um solo nitroso. Em outro encontrava o seu gado, do qual parte era meio alçado, pastagens das melhores que o detinham ou logo o faziam voltar. Outros lugares despertavam-lhe imagens de cenas patriarcais; dominava-o febril expansão que não conseguia reprimir.

Quando o deixamos, justamente preocupados, e apressurados pelo encontro do Tenente-Coronel Juvêncio, vimos que nada mais havia a esperar do estado em que se achava e como tanto receávamos.

Indo levar notícias ao Comandante, qual não foi o nosso pavor quando o encontramos, ele próprio, por sua vez, atacado. Deitado de costas na macega, com o chapéu no rosto desde que se levantou e descobriu, para nos falar, vimo-lo irremediavelmente perdido; os estigmas da cólera sobre ele se haviam impresso. Conservava, no entanto, uma calma que a situação tornava admirável. "*Vou morrer, também, pronunciou; era fatal. Salvei a Expedição. O Sr. que o sabe, há de o dizer*."

Ao recomeçarmos a marcha, nem sequer experimentou montar a cavalo, carregaram-no para um armão ([106]), onde o puseram ao lado do Tenente Sílvio, já agonizante; dois cadáveres, um perto do outro. Era-lhe a impassibilidade completa; mãos cruzadas sobre o peito com o chapéu desabado sobre os olhos, procurava subtrair-se aos raios do Sol deslumbrante que a esta triste cena iluminava.

[106] Armão: carro ligeiro de tração animal, de quatro rodas. (Hiram Reis)

Queixando-se Juvêncio de tão ofuscante claridade, corremos em busca de um guarda-sol que vimos aberto; não conseguimos reprimir um grito de dor, encontrando sob este abrigo um dos mais amáveis moços da coluna, o Alferes Mirá, que expirava por entre indizíveis padecimentos.

De manhã ainda o víramos válido e bravo; derreado agora, sobre o cavalo, mal se sustinha entre os braços de um patrício e amigo, o Capitão Deslandes, que não tardaria em entregá-lo à terra.

Determinou-se o ponto do pouso: no meio da mangueira de Lopes. Estava a findar o desempenho completo da missão do velho Guia e este dever parecia ser o último liame que à vida o prendia. Dissera-nos algumas horas antes:

> – Reparem neste campo verde-escuro; é o meu retiro. Não chegarei até lá. Os senhores é que breve estarão em Nioaque.

Enfraquecido, arcado, caminhava cabisbaixo sobre o arção da sela. Escaparam-lhe de repente os estribos e rolou ao chão, assaltado pela cólera. Colocado sobre um reparo, reanimou-se um pouco, e ainda assim dirigiu a marcha. Como o genro, Gabriel, quisesse atalhar por um capão, recomendou com voz sumida:

> – Contornem o mato, que é muito sujo.

Ao cair da noite estávamos à vista da colina, ao pé da qual se acha o retiro, o antigo local do rodeio de gado da estância, que Lopes de longe nos mostrara. Declinava o Sol, do seu disco grandes raios alaranjados se desferiam, na fímbria do horizonte, realçando a mais admirável perspectiva, tão bela que a memória nô-la reproduz ainda agora. Estes esplendores eternos da natureza ainda mais pungentes nos tornavam o sentimento de nossa próxima ruína.

Absorvia-nos esta contemplação quando um Esquadrão paraguaio chegou a galope com a intenção de cortar nalgum lugar a nossa linha indecisa e descontínua. A parada instintiva que, por toda a parte se realizou, preservou-nos do ataque.

Acampamos naquele local, tendo vencido quatro léguas de estafante marcha, privados como fôramos de alimentos e de sono; tangia-nos a necessidade e entramos nos cercados do retiro.

Foram o Coronel Camisão, o Tenente-Coronel Juvêncio e o guia Lopes instalados num galpão arruinado, perto do qual acendemos grandes fogueiras, para ver se os aquecíamos. Alguns limões e laranjas, que lhes foram dados, acalmaram-lhes um pouco a sede. Quis ainda o Dr. Gesteira experimentar um medicamento.

"*Dr., disse-lhe o Coronel, trate dos soldados. Não se canse inutilmente comigo, sou homem morto*". A calma não o abandonou um só momento. Quando muito deixava escapar alguns gemidos surdos, ao sofrer torturas cujo exacerbamento fazia gritar e estrebuchar os companheiros de agonia. Passou-se a noite, para todos, numa agitação enorme. Aos lamentos respondiam outros lamentos; aos horrores da moléstia acresciam os desfalecimentos da fome.

Na manhã, de 27.05.1867, ainda de nós se aproximou o inimigo, fazendo menção de nos disputar a passagem do Ribeirão a que dá o nome o retiro. Conteve-se, porém, ante a atitude do 17° de Voluntários, que formava a nossa retaguarda, e assim continuou a nossa marcha, como a da véspera.

Já sem voz, era o Coronel Camisão carregado sobre um reparo de peça, Lopes sobre outro e o Tenente-Coronel Juvêncio, assim como vários outros oficiais e inferiores, em redes.

Durante a última parada três haviam morrido. À meia légua do retiro atingimos afinal a margem do Miranda, demasiado abatidos e acabrunhados, porém, para podermos experimentar a alegria com que contáramos. Via-se, à margem oposta, a casa do Guia, o teto hospitaleiro onde o viandante sempre encontrara boa acolhida e a abundância de tudo. No momento de ali chegar expirou o nobre velho, insensível à vista daquilo que tanto amara. Foi enterrado no meio do nosso acampamento, em terra que era sua. Os amigos lhe puseram sobre a sepultura tosca cruz de madeira.

XVIII

Chegada às Margens do Miranda. Mantém-se o Inimigo Afastado Para Evitar o Contágio da Cólera. O Miranda não dá Vau. Alguns Homens o Atravessam, Entretanto, a Nado, Trazendo a Boa Notícia da Existência de Grande Laranjal, Coberto de Pomos Maduros. Os Caçadores Recebem a Ordem de Tentar, em Corpo, a Passagem e Conseguem-no. Morte Do Tenente-Coronel Juvêncio. Morte do Coronel Camisão. Substitui-o, no Comando, o Major José Tomás Gonçalves. Instala-se um Vaivém Sobre o Rio. Chegam Abundantes as Laranjas. Seu Efeito Benéfico Sobre os Esfaimados e Coléricos.

Irremediável se afigurava a nossa situação. Os paraguaios, em torno de nós, de observação, pareciam, como bem disse "*El Semanario de Asunción*", anexo a esta narrativa, gozar sem perigo, e tranquilamente, do espetáculo de nosso aniquilamento pela fome e a peste. Tínhamos, com efeito, diante de nós um grande Rio transbordado a nos cortar a única via de salvação.

A estação de abril a setembro não é a das águas; mas como se toda a natureza se houvesse contra nós coligado, tais, desde 13.05.1867, haviam sido as chuvaradas que o Miranda intumescera de modo assustador, bramindo e espumando sobre as raízes desnudadas das árvores da barranca, não dando esperanças de permitir vau antes de alguns dias.

Era, no entanto, para a coluna, o único meio de transpô-lo. Não podíamos pensar em alçar uma ponte quando mal dispúnhamos de gente suficiente para o serviço das guardas: homens, no entanto, bem capazes ainda de ardor e energia num combate, mas não de contínuo trabalho manual, como este que exige uma construção de vulto.

Estávamos, pois, sob os olhos dos paraguaios, seg-undo uma expressão destes peões, como gado em-curralado e destinado ao corte. Malgrado, entretanto, o aspecto ameaçador do Rio, lançaram-se à água alguns nadadores intrépidos, impelidos pela fome, e, contra a expectativa geral, após muitos esforços, atingiram a outra margem, onde não encontraram vestígio algum do inimigo. O que descobriram foi a tranquila morada de nosso valoroso Guia rodeada de belo laranjal, cumprimento, tão agradável quanto completo, das promessas do velho e de todas as maravilhas que do seu pomar nos referira.

Não tardou que um dos primeiros exploradores dessa terra de promissão, lembrando dos companheiros de miséria, tivesse a audácia e o mérito de, sem deten-ça, atravessar de novo o caudal.

Com a descrição animada de tudo o que defrontava-mos – veio inflamar a mente daqueles que ainda há-viam conservado algum resquício de iniciativa. Como a ausência, já muito sensível, do Chefe nos deixasse larga autonomia, muitos foram os que, em tropel, correram à beira do Rio, para tentar a passagem.

Imagem 19 – Um Tipo de Pelota

Muitos a experimentaram: os mais fracos ou os menos favorecidos, traídos pelo desfalecimento, desapareceram na correnteza; outros dali, contemplando os felizes ocupantes da margem fronteira, tomaram-se como de desespero que quase desfechou supremo golpe nos restos da disciplina, sobrevivente a tantos desastres. Do próprio couro em que jazia quase agonizante ainda dava ordens o Coronel, umas, por vezes, incoerentes e inexequíveis, mas outras lúcidas, e práticas. Mandou que o corpo de caçadores a pé, o único ainda não contaminado pelo espírito de desorganização, atravessasse, quanto antes, o Rio. Guarnecendo a outra margem, devia impedir o saque do pomar até que ele, Comandante, ali pudesse ir ter a fim de proceder à justa distribuição de quanto lá havia.

De acordo com esta prudente determinação, teve o Capitão José Rufino de fazer passar toda a sua gente junta. Pensou, a princípio, na construção de uma jangada, mas faltavam-lhe materiais e, sobretudo, operários. Tomou-se de impaciência; podia contar com toda a sua tropa afeita a hábitos de austera disciplina e, em absoluto, obediente às suas ordens. Viu os soldados porfiarem entre si, no afã de facilitar

a passagem dos oficiais. Foi ele próprio o primeiro a entrar dentro do couro, com as quatro pontas levantadas e amarradas em forma de saco [o que se chama pelota], a que um nadador puxa por uma corda presa entre os dentes. Assim se pôs à frente daquela massa tumultuosa de homens. Não os perdíamos de vista. Quando atingiram o meio da torrente, ainda os ouvíamos, entre o marulho dos cachões ([107]), incitarem-se uns aos outros. Houve, segundo nos pareceu, então, a todos, um momento de luta e hesitação que nos fez por eles temer, mas não tardaram a reaparecer, descambando para a outra margem, embora com grande descaída.

Vimo-los, enfim, sãos e salvos chegar à fazenda do Jardim: era um consolo e uma esperança. Longe de amortecer, redobrara a cólera de violência. Crescia o número dos enfermos e receávamos que, quando o Rio baixasse, a ponto de nos dar vau, não tivéssemos remédio senão abandonar segundo grupo de moribundos, à mercê do inimigo inexorável; e só esta ideia nos causava a angústia de um pesadelo. Acabara o Corpo de Artilharia de se extinguir. Depois dos mais fracos tombados nos primeiros dias, tocara a vez aos mais robustos; caíam como para se aniquilar a arma a que devêramos a salvação. Nada, entretanto, do que pudesse evitar ou combater o mal haviam poupado os seus chefes. Dava o Ten Nobre de Gusmão, constantemente o exemplo da dedicação pelos enfermos, e os soldados imitando-o, entregavam-se à prática de socorros mútuos que os demais Corpos ignoravam. Tal o estado, cada vez mais deplorável, em que veio o dia 28.05.1867 encontrarnos.

---

[107] Cachões: impedimento causado por uma espécie de "*fervura*" ou cachão, causado pelas pedras, ou penhascos que o Rio tem em seu álveo; ou quando um desnível maior que o ordinário produz corrente mais rápida. (REVISTA LITTERARIA, 1839)

De tempos a tempos íamos examinar o nível das águas para ver se baixava; pois seria isto a nossa única via de salvação. Nada tínhamos que comer e a custo conseguíramos, a peso de ouro, arranjar algumas laranjas que os nadadores mais ousados traziam com largos intervalos. Foi este, aliás, o único conforto a que se não mostraram insensíveis o Cel Camisão e o Ten-Cel Juvêncio, na sede da agonia exasperada pela água. Após a passagem do Corpo de Caçadores, cada vez mais considerável se tornara o ajuntamento à beira do Rio.

Todos os movimentos daquele Batalhão, na outra margem, acompanhados pelas nossas vistas alongadas, nós os comentávamos. De tempos a tempos precipitava-se alguém a nado ou arriscava passar em pelota para procurar reunir-se aos camaradas, apesar das ordens em contrário. A morte de vários soldados, afogados, mostrara a urgência de se manter, mais rigorosa ainda, a proibição. Não houve, entretanto, ameaças nem objeções capazes de dissuadir um Capitão do 20° que, todo vestido, entrou numa pelota, conduzida por dois nadadores. Cria poder com eles contar, mas, no meio do Rio, como as forças lhes faltassem, entregaram-no à correnteza. Vimo-lo envidar longos esforços para se manter à tona e depois submergir-se, pouco a pouco a desaparecer, com gritos de desespero a que, à míngua de socorro, respondiam os da multidão reunida no lugar de onde partira.

Pouco depois um nadador, chegando da margem oposta, declarou ter escapado de morrer, graças à impetuosidade da correnteza, que, no centro, era quase irresistível, fazendo-nos assim perder a esperança que nos trouxera súbito abaixamento das águas.Tornamos a nos capacitar de que, tão cedo, não haveria vau praticável; e, então, não teve mais limites o desalento dos soldados.

Era o receio infundado, porém; pois é coincidência comum a todos os caudais – depois de demorados nos transvasamentos pela própria expansão – adquirirem, quando voltam ao leito, maior velocidade, embora transitória, que progressivamente diminui, se não se renovam as chuvas, até o momento em que as águas voltam ao regime normal. Neste ínterim, e por causa da afluência dos soldados à beira do Rio, foi o nosso pouso ficando deserto.

Em busca de lugar fresco haviam os doentes transposto algumas braças de um pântano que nos envovia o acampamento e corrido mais longe arrumar-se num bosque, bastante espesso, de ambos os lados de uma estrada aberta que era a de Miranda. Haviam-nos seguido parentes e amigos e ali todos se instalavam, como para ficar. Já vários soldados se tinham metido no mato, a procura de caça, ouvindo-se os tiros que ao longe disparavam. Supusemos a princípio fosse o inimigo, que não sabíamos onde parava. Desaparecera, ou para procurar passagem que lhe permitisse preceder-nos na outra margem, ou para se preservar do contágio da epidemia que conosco arrastávamos.

Neste mesmo dia 28 morreram algumas mulheres, mais desvalidas ainda que os demais doentes, mais desprovidas de recursos e, por motivo de sua natural fraqueza, mais ferreteadas pelos estigmas da miséria absoluta. Quase não existia mais entre nós a autoridade. Fora, desde o começo, frouxa às mãos do Cel Camisão, sempre que se tornara precisa e iniciativa de uma decisão ou proceder a uma escolha entre diversos alvitres e alternativas. Tornara-se, é certo, mais firme quando os reveses nos acabrunhavam, uns sobre outros; para o fim atingira o heroísmo quando, com uma abnegação, cujo esforço indubitavelmente lhe arrancara a vida, abandonara os enfermos para a salvação da coluna.

Desde, porém, que a cólera o atacara ia tudo ao Deus-dará; sentíamos todos quanto nos era indispensável novo Chefe.

A 29.05.1867 tornou-se evidente que o Coronel morreria. Por vezes, vencera o sofrimento aquela dignidade que tanto zelara: "*Dizem que a água mata, exclamava, deem-ma; quero morrer!*" Caiu num estado de torpor e sonolência e o corpo cobriu-se-lhe de manchas violáceas.

Às sete e meia fez supremo esforço; levantou-se do couro em que estava deitado, apoiou-se sobre o Capitão Lago, perguntou-lhe onde estava a coluna, repetindo ainda que a salvara. Depois, voltando os olhos, já vidrados, para o seu ordenança, exclamou em tom de comando:

– Salvador! Dê-me a espada e o revólver.

Procurou afivelar o talim e exatamente nesta ocasião deixou-se rolar no chão murmurando:

– Façam seguir as forças, que vou descansar.

E assim expirou.

A alguns passos dali, numa barraca a todos os ventos aberta, achava-se o Tenente-Coronel Juvêncio. Recobrara um fio de voz e livrara-se da horrível tortura das câimbras, queixando-se, todavia, de forte dor no fígado. O Tenente Catão, a quem do melhor modo auxiliávamos fazia-lhe continuamente aplicações novas, que, contudo, não o aliviavam.

Tinha, constantemente, os nossos nomes nos lábios para nos recomendar à família. Ao meio-dia acalmou-se, caiu numa letargia entrecortada de sobressaltos, e, às três horas, expirou depois de nos entregar, para a mulher e os filhos, uma bolsinha de couro contendo algumas economias de campanha.

Numa cova aberta, sob grande árvore, no meio da mata, enterrou-se o Coronel com o seu uniforme e insígnias. Em outra cova, imediata, e à direita, foi o corpo do Ten Cel Juvêncio colocado pelos seus companheiros da Comissão de Engenheiros e alguns oficiais do Corpo de Artilharia. Jamais se nos varrerá da memória esta lúgubre cerimônia a que a escuridão da noite e da mata ainda mais soturna tornavam.

Eram quase sete horas quando de lá voltamos. Descansam os nossos infelizes chefes à esquerda do Miranda, a alguma distância da entrada do bosque e em altura correspondente à estância do Jardim, à margem direita. Se lhes não profanarem os túmulos é de esperar que, um dia ou outro, alguma cruz de material duradouro, com uma inscrição, aponte à memória dos brasileiros o lugar que recebeu os despojos destas nobres vítimas do dever.

Providências sabiamente combinadas seguiram de perto a morte do Cel Camisão. Cumpria não surgisse alguma rivalidade que mantivesse a autoridade incerta. Fora, era certo, já prejulgada a questão dos postos em Comissão, por dois ofícios do Ministro da Guerra, datados do ano anterior. Neles declarara o governo não ter aprovado que o Ten-Cel em Comissão, Enéias Galvão, simples Tenente nos quadros do Exército, comandasse, como Chefe interino de uma Brigada, oficiais mais antigos que ele e até Capitães.

O posto efetivo na primeira linha era evidentemente, pois, uma condição de preferência e o mais antigo Capitão, de todo o Corpo ex-pedicionário, vinha a ser José Tomás Gonçalves, aliás Major em Comissão.

Parecia assim o único que, de acordo com as instruções ministeriais, estava nos casos de suceder ao Ten-Cel Juvêncio, substituto legal do Cel Camisão, mas que também desaparecera.

Para evitar qualquer dissídio na eleição foram os Tenentes Napoleão Freire e Marques da Cruz, a pedido de todos, ter com o Tenente-Coronel, em Comissão, Enéias, convencendo-o da conveniência que, nas nossas circunstâncias, havia, para se evitar maior demora, de alegar ele moléstia que o forçasse a passar a outro oficial, momentaneamente, o comando do seu Batalhão. A boa vontade com que abriu mão de pretensões, pelo menos especiosas, que nos poderiam ter criado embaraços, valeu-lhe a bem merecida gratidão de todos os camaradas.

Reuniu-se, ao meio-dia, o conselho dos Comandantes. Sem o menor preâmbulo, para firmar os seus direitos, e com este tom de confiança que subjuga, este ar de superioridade indiscutida, a que se prestava a sua fisionomia vivaz e inteligente, anunciou o Major José Tomás Gonçalves a morte do Cel Camisão e a do Tenente-Coronel Juvêncio, seu imediato legal.

Daí lhe resultara a obrigação de assumir o comando, como o Capitão mais graduado em antiguidade. Nada lhe foi objetado. Deu-se parte da moléstia do Tenente-Coronel em Comissão, Enéias, assim como se notificou a entrega do comando do seu Corpo a seu imediato: o Major em comissão José Maria Borges.

Esta transmissão de poderes, regulada pela razão e o direito, e habilmente subtraída ao jogo das paixões que podiam despertar, obteve completa sanção na aprovação de todo o Corpo do Exército.

Havia, neste ínterim, baixado o Rio, já oferecendo contínuo vau, embora muito difícil ainda, devido à rapidez das águas. Teve o novo Comandante a ideia de assegurar a comunicação de uma para outra margem por meio de cabo fortemente amarrado às árvores de ambas as barrancas.

Desde o momento em que funcionou este vaivém chegaram as laranjas, copiosamente. Teve a sua abundância este primeiro efeito de distender estômagos desde muito vazios. Eram, por vezes, devoradas com casca e tudo, no ardor da fome e da sede que nos consumia. Sua maturidade e doçura convidava-nos, aliás, ao abuso, mas os princípios medicinais que residem na essência da casca agiram mais eficazmente ainda: diminuiu a epidemia, e quase cessou.

Haveria nisto mera coincidência? Já Lopes, contudo, nos predissera esta melhoria do estado geral. Certo é que foram coléricos vistos – a mor parte dos quais se curaram – passar longas horas a devorar montes de laranjas de que mal deixavam alguns restos.

Ainda neste dia vimos chegar ao acampamento, quase nu, e semelhante a um cadáver, um dos desvalidos abandonados de 26.05.1867, que, no próprio excesso do terror encontrara restos de vitalidade que o salvaram.

Caminhara de noite arrastando-se pelos mais espessos cerrados, e seguindo-nos as pegadas. Nem sempre conseguira, contudo, evitar os paraguaios, que, vendo o estado em que o pusera a moléstia, se contentavam por divertimento com o moerem de pancadas. Como lhes pedisse que o não matassem respondiam:

> – Não matamos defuntos, queremos é o teu Comandante.

E atiravam o mísero ao solo com o conto ([108]) das lanças. Assim pôde o pobre homem voltar ao nosso grêmio, após sofrimento a que poucos organismos teriam podido resistir.

---

[108] Conto: parte inferior. (Hiram Reis)

XIX

Renasce a Confiança. Restabelece-se a Disciplina. Passagem do Miranda. Os Canhões. Ainda o Inimigo. Tomamos-lhe Alguns Bois que Oferecem Ótimo Recurso. Marcha Forçada. Vencemos Sete Léguas! Canindé.

Apenas assumiu o comando, publicou o Major José Tomás Gonçalves uma Ordem do Dia em que, apelando para a coragem e os sentimentos de honra individuais para conjurar o perigo geral, assinalava, como única tábua de salvação, a marcha rápida sobre Nioaque, a todo o transe.

Imprimiu o tom vivaz desta proclamação um frêmito de excitação moral útil para a restauração de um estado sanitário que, dia a dia, melhorava, e fazer seguir ao abatimento dos espíritos as felizes disposições ardorosas do novo Chefe. Recomeçando os clarins a dar os toques de ordem, às horas fixas tocaram a recolher.

Já havia alguns dias que não os ouvíamos mais; e uma única corneta do Quartel-General, tristemente, indicava a sucessão das horas. Mas o que, sobretudo, causou viva e agradável surpresa foi, da outra margem do Rio, escutarmos as cornetas do nosso Corpo de Caçadores, que nos davam o troco. Velava, pois, ainda, sobre nós, a regra militar; cessara o isolamento.

A distribuição de nossas forças parecia tê-las dobrado, por toda a parte, restabelecendo a confiança e o prestígio da disciplina. Desperta sempre uma mudança de Chefe a atenção geral e poderosamente a agita, à espera da primeira manifestação sensível. O que não dissera a Ordem do Dia do novo Comandante exprimiram-no os atos.

Tornara-se José Tomás Gonçalves a personificação da ordem e era o seu órgão. Fez sentir-lhe a força a alguns recalcitrantes que ousavam tentar desobedecer-lhe. Foi a repressão rápida, o que para as turbas constitui o sinal da legitimidade do poder.

Estávamos a 30.05.1867; fora dada a ordem de se transpor o Rio e tudo se determinara previamente. Regularizou-se o vaivém já colocado. Soldados que, isoladamente, haviam passado sem autorização foram chamados da outra margem e reincorporados às unidades a que pertenciam após severa admoestação por esta falta que, em campanha, e diante do inimigo, facilmente se transmuta em crime contra a segurança geral. Um sargento que, nesta ocasião, faltara ao dever foi imediatamente rebaixado.

Bastou este ato de firmeza para reparar os males que os quatro dias de moléstia do Comandante haviam causado à disciplina.

Fizera o Cel Camisão o máximo empenho em mantê-la; mas ele não dispunha, como o sucessor, nosso novo Chefe, do dom de tornar fácil e agradável o cumprimento do dever, graças aos modos afáveis; e embora estimado e respeitado pelas tropas, que nele viam um militar leal, vigilante, dedicado aos interesses da justiça e da humanidade, como o gênio concentrado lhe desse um aspecto habitualmente sofredor, acabara como por incutir que, com efeito, a desgraça sobre ele adejava, coisa que ele próprio parecia recear.

Nada há mais funesto ao crédito da autoridade: seja este o nosso último conceito sobre tão atribulada existência.

Quando, ao sinal convencionado, começou a passagem que, como já dissemos, fora determinada, tivemos sob os olhos um espetáculo interessante.

Já se verificara, por meio de bons nadadores, a força de resistência do cabo, sob pesos assaz consideráveis. Agora, homens, em número sempre crescente, mas calculado, dele se suspendiam mudando as mãos, enquanto os corpos, completamente estirados pela velocidade da água à superfície, avançavam de empuxão em empuxão acabando, não sem esforço nem perigo, por atingir a margem oposta.

Assim passou todo o 20° Batalhão. Depois dele vimos coléricos tentar vencer o passo, e consegui-lo não somente, como até ainda da prova se saírem alguns completamente curados.

Alguns houve também que se afogaram; procurává-mos no começo, por meio de boas palavras, convencê-los a que esperassem; mas como tivessem presenciado o abandono dos enfermos, ainda tão recente, não lhes saía da mente a previsão de igual destino. Não houve consideração que os levasse a aceitar manterem-se à retaguarda. Teria sido preciso empregar a força para contê-los; fora prudente e justo deixá-los correr os riscos de um acaso cujos perigos queriam afrontar como se alguma mercê implorassem.

Neste ínterim haviam armas e cartuchame sido transportados, em pelotas, com alguns enfermos quase agonizantes, a quem este favor não pudera ser recusado, no estado de agitação convulsiva em que os punha a rapidez dos nossos preparativos e, principalmente, a partida de outros coléricos que tinham tido forças para passar pelo cabo. Achando o comandante que já havia bastante gente do outro lado do Rio, resolveu que, no dia seguinte, se transportassem as nossas quatro peças de artilharia.

No meio de todas as nossas calamidades haviam-se elas constituído em motivo de viva inquietação.

Abandoná-las como troféus ao inimigo era inadmissível. Já outrora, em Conselho de Guerra, deliberara o Cel Camisão a seu respeito, daí resultando uma ata autorizando o comandante a fazê-las, em caso de premente necessidade, desaparecer no leito de algum caudal, à maior profundidade possível, de modo que se pudesse sempre, mais tarde, ir buscá-las, acaso por elas se interessasse o sentimento nacional.

Conhecíamos os paraguaios, porém; que precauções poderiam ocultar-lhes tal depósito? De sobra sabiam o que tais armas lhes haviam custado para que elas pudessem escapar às pesquisas prováveis que não deixariam de fazer. Fosse como fosse, ainda não nos havia sido imposto tal sacrifício, era, sobretudo, para salvar os canhões que o Major José Tomás Gonçalves tivera a ideia da instalação do cabo, e, tomado de legítimo entusiasmo, assistira ao seu feliz ensaio.

A 31, com a mais viva animação, puseram todos mãos à obra; não houve quem se não prestasse, quer para trazer à ribanceira a primeira peça, quer para multiplicar os nós da amarração em torno dos troncos de árvores da margem e os consolidar, quer ainda para a fixação das polias que deviam facilitar o transporte.

Moveu-se, afinal, a boca de fogo e quando puxada, de modo a escorregar ao longo do cabo, por diversas juntas de bois colocadas na ribanceira oposta, pareceu seguir regularmente, estrepitosas aclamações ergueram-se, em ambas as margens, acompanhando-a até que saísse d'água. No meio da corrente tanto fizera o cabo bojar ([109]) que lhe receáramos o desaparecimento completo. Menos feliz foi a segunda peça: escapou de uma das alças, arrancou as demais e caiu no fundo do Rio.

---

[109] Bojar: tesar, esticar. (Hiram Reis)

Pouco faltou para que o cabo se não rompesse. Resistindo a tão forte tensão e, de repente, liberto do peso que o sobrecarregava, fustigou a água com enormes jatos de espuma, deixando, contudo, o canhão no fundo d'água. Felizmente, a nenhuma vida comprometeu o incidente que, em ambas as margens, provocou intensa agitação. Um soldado, cujo nome merece ser recordado, Damásio, ofereceu-se imediatamente para mergulhar no ponto da imersão, e, tendo conseguido reconhecer o fundo, pode, após 2 ou 3 emersões, para tomar fôlego, passar em torno da peça uma corda de que se provera e serviu para a puxar. Foi a lição aproveitada quanto aos cuidados tomados com a amarração das demais bocas de fogo e apressou o resto da operação, permitindo completar a passagem à tarde daquele dia e na manhã seguinte.

A 01.06.1867, à tarde, achamo-nos todos, afinal, reunidos em torno da casa de Lopes, no seu pomar por nós despojado dos frutos, e logo, sem mais repouso ou alimento, recomeçamos a caminhar. O inimigo, que passara para a margem direita, lançou então os seus atiradores contra a nossa retaguarda. O bizarro Pisaflores, que, com a costumada galhardia, não tardou em repelir este novo assalto; o único inconveniente daí resultante foi obrigar-nos a uma parada que nos deteve até a vinda da noite, que nesta estação chega cedo. Embora não tivesse havido contramandado algum, e apenas se interrompesse a marcha, não foi sem alguma surpresa que, logo após o toque de recolher costumeiro, ouvimos as cornetas dar o sinal da partida imediata. Tornou-se a impressão tanto mais viva e penosa quanto a escuridão se tornara mais profunda, prenunciando-se próximo temporal e mais violento ainda. Cada qual, no entanto, compreendeu a necessidade urgente de transpor, custasse o que custasse, o espaço que nos separava da Vila de Nioaque, quando o menor atraso

de nossa parte podia causar-nos o aniquilamento total. Recomeçamos, pois, a marcha, indo à vanguarda o Cap José Rufino, que conhecia bem o caminho. Por mais sombria e tempestuosa que estivesse a noite não nos ocultava a estrada que diante de nós se abria, larga e plana.

Caminhávamos a passo dobrado. Restavam-nos poucos doentes, havendo vários falecido nos dias antecedentes, e entre eles o Alferes Muniz. No entanto, os soldados que se revezavam em carregar as padiolas começavam a murmurar ameaçando desvencilhar-se da carga. Este princípio de insubordinação que tudo poderia arruinar, não teve, contudo, tempo para progredir. Avisado, saiu o Comandante, a todo galope e de espada desembainhada, sobre os rebeldes, encontrando-os a implorar perdão. Desde este momento reinou o silêncio na coluna, em obediência às ordens dadas.

Subitamente, no meio da estrada, surgiu uma patrulha paraguaia, a quem o zunir do vento e o ribombo do trovão haviam encoberto qualquer suspeita de nossa aproximação; e, ainda, sem que os seus cães, a ladrar, ou o gado, a mugir, houvessem dado o alarma. Caminhando à frente da coluna, mandou nosso Comandante que estacássemos e deu ordem que nos preparássemos a carregar à baioneta sobre o acampamento inimigo. Mas já este a toda a pressa se retirava, deixando-nos o passo livre; nem tempo teve de reunir todo o gado que tangia; estremalharam-se alguns bois que apresamos; circunstância para nós de inestimável valor; era a própria vida. Apesar da urgência que nos impelia a avançar, não foi possível recusar aos soldados o tempo necessário para carnear algumas das reses apanhadas e comer um pouco da carne, às pressas assada. Carregou-se o resto para as necessidades futuras.

Atravessando o posto abandonado, tomaram os soldados o que ainda ali havia de víveres e até couros, que a penúria de dias precedentes lhes fazia considerar como último e precioso recurso contra a inanição. Recomeçando a caminhar acompanhou-nos a chuva ainda, sem que a nossa marcha por isto se atrasasse, embora, de tempos a tempos, nos víssemos forçados a estacar à espera da artilharia.

Nos lugares piores retardava-se e, com ela, o Batalhão da retaguarda, encarregado de escoltá-la. Daí, frequentemente, resultava, para a nossa marcha, perturbação tanto maior quando as ordens eram transmitidas ao longo da coluna, por meio de agudos gritos, sujeitos a interpretações diversas.

Avançamos, apesar de tudo, até às 04h00. Dado, então, o sinal de alto, estropiados, e quase sonâmbulos deixamo-nos cair no chão enrolados nos ponchos encharcados como o capim que nos servia de colchão.

Duas horas mais tarde, às 06h00, estávamos de pé e graças ao que havíamos ingerido, sentindo-nos mais fortes prosseguimos, sob um céu sereno e uma atmosfera tépida, a nossa intérmina caminhada para Nioaque, por toda a parte percebendo, sobre a estrada, onde os paraguaios nos precediam, o rasto de seus cavalos.

Desde a última parada atravessávamos cerrado matagal, onde os soldados, já não mais temendo o ataque da cavalaria, marchavam com segurança, mais afastados uns dos outros. Sabíamos que graças ao campo raso só os veríamos depois de Canindé.

Foi às 14h00 que avistamos a mata desse nome, que é o do Rio que a corta. A ele chegamos às 15h00, tendo vencido sete léguas, motivo de espanto geral, dada a fraqueza em que nos achávamos.

Ao atravessarmos o Rio deparou-se-nos o cadáver de um capataz de carretas, chamado Apolinário, a quem os paraguaios acabavam de matar. Pertencia ao comboio daqueles mascates parados na Machorra, à espera de notícias e que, com os boatos dos combates de 08 e 09.05.1867, segundo os quais passáramos como perdidos, cuidaram de retroceder. Vinte dias tinham gasto para atingir o Canindé, onde encontraram os boiadeiros que ali nos deviam entregar uma boiada, mas, antes de nossa chegada, haviam uns e outros caído nas mãos do inimigo.

XX

Marcha Sobre Nioaque, que Apenas Dista Duas Léguas. O Inimigo Rodeia Continuamente a Coluna. O Mascate Italiano Saraco.

À vista do cadáver estendido à margem do Canindé, não tivemos mais dúvida a respeito da perda do comboio todo, da morte dos mascates e o saque das provisões que traziam, além dos objetos que se propunham comercializar por conta própria. O que houvera sido necessário fazer, fora chegar dois dias mais cedo ao Canindé.

Teríamos, então, encontrado e protegido estes viajantes desarmados, que regulavam sua marcha pela nossa e de quem dependera sempre grande parte do nosso abastecimento; enfim, e, sobretudo, preservaríamos de triste fado a Vila de Nioaque que, evidentemente, ia ser completamente arrasada. Tudo isto compensaria, bastante, um pouco de diligência, se para tanto fôssemos capazes.

A observação maligna que daí decorreu, formulada a modo de acusação, como sói sempre acontecer na adversidade, provocou entre os oficiais, naquele mesmo local, discussão bastante azeda.

Não foi, porém, difícil daí deduzir-se uma justificação completa dos movimentos da coluna, desde que se soubera da chegada a Machorra do desastrado comboio.

Para apenas falar dos últimos dias: acaso fora exequível mais rápida marcha? Não estava de sobra provada a fadiga excessiva que ela nos valera?

Não devêra-mos à obrigação de salvar os canhões, o atraso de dois dias, decorridos entre a morte do Cel Camisão e a partida da estância do Jardim?

E se quiséssemos ir além, até o momento em que preferíramos o atalho proposto por Lopes, convinha não esquecer que, para tal escala, entre diversas vantagens, preponderara a consideração do interesse dos mercadores que era deles desviar o inimigo, atraindo-o sobre nós.

Tomássemos a estrada batida para ir ao seu encontro, e protegê-los, como parecia plausível, era mais que provável houvéssemos todos sucumbido, nós e eles, até o último. Apanhando-os conosco não os teria a cólera poupado menos do que a nós no itinerário então escolhido, fosse porque já lhes transportássemos o germe ou os paraguaios nos houvessem contaminado.

Quanto aos contínuos ataques com que nos haviam atormentado, muito maior número de ensejos lhes teríamos proporcionado se precisássemos atravessar tantos Rios: o Feio, o Santo Antônio, o Desbarrancado. Aí o comboio mais nos estorvaria, pois não estaríamos em condições de defendê-lo.

Se algum erro se cometera, devia ser atribuído aos próprios mascates, quando ao passarem pela Colônia de Miranda, tinham recusado ouvir os conselhos de Vieira de Resende, um deles, o mesmo que víramos figurar na tomada de Bela Vista.

Propusera-lhes este homem, Tenente da Guarda Nacional de Goiás, nortear a marcha do comboio para a estância do Jardim, a cinco léguas, apenas, da Colônia. Ali tratariam de se emboscar na mata do Rio, à espera de nossa coluna, que não podia deixar de lá chegar.

E, com efeito, sua marcha para o Norte assinalava-a no horizonte a fumaça dos incêndios que diante dela se renovavam sem conseguir detê-la.

Mesmo que se aventasse alguma hipótese funesta, as vinte e duas carretas de mercadorias teriam formado excelente entrincheiramento contra o embate, quando muito momentâneo, de um troço de cavalaria, pois que, aliás, não podíamos, de modo algum, tardar em vir libertá-los.

Debalde tentara Vieira Resende fazer ainda valer uma consideração decisiva, em relação a mercadores; acenara-lhes com o ensejo de venderem as mercadorias com belo lucro, exatamente no momento em que famintos iríamos sair daquelas planícies devastadas pelo fogo.

Nada pudera persuadi-los. O lado militar de tal projeto, muito de acordo com as tendências aventurosas de quem o advogava – era esta a opinião geral – assustou aquela gente cujos sobressaltos cresciam na razão direta dos boatos de catástrofe que por toda a parte propalavam os nossos desertores.

Persistiram na marcha para Nioaque, pelo Canindé.

Ali os alcançaram os paraguaios e os dispersaram, à primeira descarga; depois, saqueadas as carretas, empenharam-se em lhes prender os retardatários donos, atrapalhados como muitos deles estavam pelos objetos mais preciosos de suas cargas, que se não haviam disposto a abandonar.

Inexoravelmente perseguidos fácil lhes fora, no entanto, graças a um pouco de firmeza, colocar-se sob a nossa salvaguarda. Ao chegarmos ao Canindé nada mais ali havia do que destroços de toda a espécie, juncando os dois lados da estrada alguns montes nauseosos de farinha e arroz, amalgamados pelas bátegas de chuva, no meio das poças d'água do solo. Ninguém jamais imaginara que este horrível amontoado de gêneros, quase irreconhecíveis, pudesse ser a causa de séria colisão, quase de um motim.

Tal, porém, o império do organismo debilitado, tais os reclamos dos estômagos desde muito privados de alimento, que os soldados nele procuravam repasto com a avidez das feras que devoram uma presa.

Todos para ali quiseram precipitar-se; romperam-se as fileiras, num tumulto inexprimível, no meio de um misto ensurdecedor de queixas, ameaças, vociferações e risadas idiotas, à vista daquele pasto imundo onde cada qual pretendia saciar-se. Quiseram a princípio os oficiais interpor a sua autoridade, vendo-se, porém, desrespeitados. Então um deles, o Tenente Benfica, injuriado por estes alucinados, atracou-se com um deles, derrubou-o e o dominou com o revólver.

A surpresa causada por este ato de energia começou por conter a multidão. Passado este primeiro momento apaziguara-se geralmente, quando súbito irrompeu o grito: o inimigo! Quer houvesse este sido realmente divisado, quer se tratasse de expediente empregado, graças à feliz inspiração, para que surgisse uma diversão, ficou o asqueroso repasto esquecido.

Não teve esta desordem consequências. Fingiu o Comandante ignorá-la como provindo do excesso de nossas misérias e ativando, para um pouco mais longe, esta marcha, para a qual já se não tornavam

suficientes as nossas forças, ordenou logo que fizéssemos alto e tratássemos de acampar.

Foram as disposições tomadas pelo novo Ajudante do Quartel-Mestre, Tenente Catão Roxo, nomeado substituto do Ten Cel Juvêncio. Passara o Cap Lago a exercer o cargo de Assistente do Ajudante General, o Tenente Escragnolle Taunay o de Secretário-Geral adido ao comando. Ficara o Tenente Barbosa o único representante da Comissão de Engenheiros recém-dissolvida. Duas léguas, apenas, nos separavam de Nioaque e o Comandante, para avisar a nossa chegada, fez disparar, ao mesmo tempo, as nossas quatro peças, acompanhadas de um fogo rolante ([110]) de todos os Batalhões.

Nesta ocasião percebeu nossa gente a irregularidade do tiro pelo fato de que muito haviam as últimas chuvas deteriorado o armamento. Assim, pôs-se logo, e por si, a repará-lo e experimentá-lo várias vezes, a apostar quem atiraria melhor e mais depressa: luta improvisada que desvaneceu qualquer vestígio de torpor, chegando, aos últimos clarões do dia, a tomar festivo aspecto.

A esperança de melhores dias está sempre pronta a renascer no coração dos homens. Nova fase de existência, realmente, como despontara; despertara a vida e o nosso horrível passado da véspera a fome, a morte, sob todos os aspectos já não nos apareciam mais senão como as alucinações de um pesadelo.

Não é que os pensamentos tristes não nos assaltassem mais, após as realidades que presenciáramos. Contássemos quantos agora éramos! Quantos faltavam! Soavam os clarins e folgávamos em ouvi-los; mas que era feito das músicas de nossos Batalhões?

---

[110] Fogo rolante: disparo sucessivo e contínuo. (Hiram Reis)

Companheiras das primeiras provações da Expedição nos pantanais de Miranda, ainda luzidas, ao invadirmos o solo paraguaio, não demorara que as dizimasse o fogo inimigo. Logo depois, à medida que as nossas fileiras rareavam, fora necessário dentre elas recrutar soldados. Viera a cólera acabar a obra destruidora, prostrando quatorze músicos dos que haviam pertencido ao Batalhão de Voluntários de Minas.

Rapidamente percorremos, no dia seguinte, a distância até Nioaque, observando com rigor a formatura adotada para atravessar os campos; e o inimigo que nos perseguia a retaguarda não ousou empreender nenhum ataque. Mostrou-se, pelo contrário, muito afoito em bater em retirada, sempre que lhe aconteceu ficar ao nosso alcance.

Costeávamos a margem esquerda do Nioaque, e como estivessem a pastar uns bois de tiro, que os carreiros do comboio de mascates haviam abandonado, puseram-se alguns cavaleiros paraguaios a persegui-los. Uma companhia do nosso 21° e uma peça foram então mandadas contra eles.

Voltaram rédeas incontinentes e com tanta precipitação que provocaram o riso geral e as vaias de nossa gente. Era o vau bom; e sem mais demora o atravessamos. À margem direita encontramos o rasto ainda fresco da passagem de muita cavalaria e grande quantidade de papéis rasgados, livros, talões oficiais, sujos e dilacerados que evidentemente provinham do saque de alguma carreta brasileira, aprisionada naquele ponto pelo inimigo e destruída, ou por ele levada.

Algumas fumaças no horizonte ainda nos revelavam a presença do adversário e, pelo conhecimento que da permanência naquelas localidades obtivéramos, supusemos que os paraguaios acabavam de incendiar uma espécie de aldeia, de palhoças, que ali

havíamos construído. Fez-nos isto apressar o passo e ao primeiro relance reconhecemos que não nos enganáramos.

As 15h00, estávamos no meio dessas ruínas abrasadas que habitáramos e a que deitamos último e melancólico olhar; o soldado e o viajante interessam-se sempre pelos lugares onde repousaram. Muito a propósito veio um incidente de ópera-bufa distrair-nos desta impressão tristonha: a reaparição daquele italiano que, já no acampamento da Laguna, nos divertira com as suas jogralices ([111]). Contara-se, mas inexatamente, que morrera, com os outros mascates que, por assim dizer, haviam desertado das nossas fileiras ao atravessarmos o Rio Miranda.

Deles, habilmente se separara, vagara entre Canindé e Nioaque, sem noção do ponto para onde devia rumar, indo de moita em moita, a tremer de medo, não encontrando uma só que lhe inspirasse confiança. Acabara, no entanto, fazendo uma escolha e com tanta felicidade que, naquele mesmo dia, pudera do seu refúgio ver o avanço da nossa coluna. Fora-lhe a alegria tão viva que, por pouco, lhe ia sendo funesta.

O vestuário estrambótico e a precipitação dos movimentos fizeram-no passar por paraguaio. Nossos atiradores da vanguarda sobre ele atiraram. Deixou-se, então, cair como morto, na macega. Após um lapso de prudente imobilidade começou a levantar devagarzinho, no ar, na ponta de uma varinha, o cachecol; e depois, vendo que as balas não vinham, um braço, a cabeça; e, afinal, o corpo todo, que não era senão o do nosso amigo e velho conhecido Saraco. Reconhecendo-o imediatamente, encheram-no os soldados de abraços, cumprimentos e perguntas.

---

[111] As suas jogralices: a sua falta de seriedade; as suas palhaçadas; as suas zombarias. (Hiram Reis)

Estava num estado de inexprimível êxtase, vendo-se escapo aos perigos onde crera deixar a vida, e de que se via salvo, e ainda barato, à custa da trouxa e de tantos momentos de pavor. Quanto ao inimigo haveríamos de nos avistar com ele apenas uma última vez, embora lhe tivéssemos ainda que sofrer o efeito da pérfida e cruel animosidade.

XXI

Nioaque. Decepção; Encontramos a Vila Saqueada, Incendiada e Quase Destruída Pelos Paraguaios. Infernal Ardil de Guerra. Desaparece o Inimigo, Definitivamente. Regresso Pacífico do Corpo de Exército. Ordem do Dia Sobre Esta Campanha de Trinta e Cinco Dias.

O oficial encarregado da defesa de Nioaque, durante a nossa incursão em território paraguaio, ausentara-se da Vila, a 01.06.1867, sem que ali se tivesse notícia da aproximação do inimigo, procedendo assim contra as ordens terminantes de 22.05.1867 que lhe impunham a defesa, a todo o transe, de um ponto que era a nossa base de operações.

Não é que os víveres lhe faltassem, longe disto, deixara-lhos abundantes o Chefe da Intendência. Dar-se-ia o caso que os seus comandados, seduzidos pela vizinhança do Rio, e suas matas, houvessem desertado, um após outro, até o largarem inteiramente só? Mas aí estavam todos os oficiais do nosso corpo de Exército concordes em atestar o espírito de submissão de nossos soldados aos chefes.

Acaso se houvesse dado um "*salve-se quem puder*" geral não teria podido aquele Comandante manter-se em observação pela vizinhança, onde tantos acidentes de um terreno florestado lhe podiam servir de abrigo, à espera de nossa chegada?

Afastaria, assim, de si, a responsabilidade, não somente da enorme perda de material como do novo sacrifício de vítimas humanas fruto de tão funesto abandono. Faltou-lhe o ânimo; desapareceu deixando ligado ao nome a reminiscência de uma deserção em frente ao inimigo... Tanto mais sensível e mais notada esta infidelidade quanto às demais providências do Cel Camisão, no mesmo ofício, haviam com cuidado sido observadas.

As provisões de guerra e de boca, o arquivo, o dinheiro da pagadoria, esperavam-nos nos morros, para onde os transportara o Coronel Lima e Silva; enquanto ele próprio, de acordo com as instruções, estacado à margem do Aquidauana, providenciava no sentido de encaminhar em primeiro lugar tudo o que poderia preceder-nos, enfermos, mulheres, crianças, soldados desgarrados ou inválidos. Cuidadosamente ordenara, aliás, aos condutores das carretas, que serviam para estes diversos transportes, voltassem sem demora, apenas desocupados, retendo ao mesmo tempo, ao seu lado, a maioria das viaturas carregadas de víveres, de que fizera um depósito volante, tendo em vista a nossa próxima chegada.

Assim abandonada passara Nioaque a ser a presa dos paraguaios. Tudo haviam saqueado e queimado, salvo a igreja, poupada não por espírito religioso, mas, pelo contrário, com o fito de a utilizarem num ardil infernal. Retirara-se a sua infantaria ante a nossa aproximação, entrincheirando-se no cemitério. Seguira, então, pela mata em direção a um vau do Orumbeva que a cavalaria reconhecera. Sem preocupações quanto ao inimigo, fomos a toda a pressa ver o que haveria ainda a salvar. Esta bonita povoação, abandonada, ocupada e pela segunda vez, desde o início da guerra, devastada, convertera-se num montão de destroços fumegantes.

O grande galpão que, outrora, nos servira de armazém de mantimentos e ainda o achamos de pé, sobre os esteios incendiados, mostrava renques de sacos que nossa gente, sem dúvida, não tivera tempo de carregar e já serviam de pasto ao incêndio. O arroz e a farinha carbonizados, exteriormente; o sal, gênero este tão escasso e precioso no interior do país, negrejara e fundia sob as nossas vistas.

Não pouparam esforços os nossos soldados em salvar o que puderam. Aqui e acolá jaziam muitos cadáveres, todos de brasileiros. Constatamos que muitos dentre estes infelizes mortos haviam servido em nossas fileiras.

Desertando por ocasião do exacerbamento de nossas misérias, e morrendo de fome pelas matas, haviam se apressado, embora correndo o perigo de serem reconhecidos, em tomar parte no saque. Fora um deles, de pés e mãos amarrados, sangrando como um porco. Jazia outro, crivado de feridas, e uma velha, estirada a seu lado, de goela aberta e seios decepados, nadava no próprio sangue.

Foi quase toda a coluna acampar por esta noite atrás da igreja, sobre o grande terrapleno que descrevemos e onde, escalonados com os canhões nos ângulos, para maior segurança contra o inimigo, nos apoiávamos à mata do Rio. Ali gozamos, enfim, um pouco de verdadeiro descanso. Dupla e tripla ração se distribuiu; permitiam-no as circunstâncias; sentia-se o Comandante feliz por contentar os soldados, quanto possível. Pela primeira vez, e desde muito, podíamos contar com o dia de amanhã.

Restavam-nos, apenas, para nos pôr fora de qualquer perigo eventual, fazer quinze léguas, a caminhar por excelente estrada, de Nioaque ao Aquidauana, onde éramos esperados. E para tal marcha tínhamos víveres sobejos.

Foi a noite calma, como tudo prenunciava dever suceder. Apenas amanheceu fizeram os soldados uma visita às ruínas da aldeia. Acabaram tomando tudo o que aos paraguaios escapara. Graças a esta sucessão de roubos desaparecera, em alguns meses, destas terras novas o pouco que o incipiente comércio ali introduzira, como mecanismos e ferramenta, tudo, enfim, o que o trabalho conseguira juntar de frutos e poupança.

Durante a última estada em Nioaque depositáramos na igreja muitos e diversos objetos, o instrumental das bandas de música, munições de guerra etc.

Consta que os paraguaios encontraram ainda muita coisa deste apetrechamento, não lhes havendo chegado o tempo para tudo carregar. Existia ali grande reserva de cartuchos e foi, talvez, o que lhes sugeriu a primeira ideia da horrível maquinação que tanto lhes condizia à feição cruel.

Depois de carregarem o que mais poderiam aproveitar, deixaram o resto por destruir, para nos engodar e nos reter o maior lapso de tempo possível em torno de um amontoado de objetos, sob o qual colocaram um barril de pólvora com rastilhos.

Não podíamos ter a menor suspeita de semelhante cilada; e, à vista dos cartuchos que devíamos transportar, tomamos as precauções costumeiras contra as eventualidades de uma explosão. Enquanto na igreja trabalhava o nosso pessoal sentinelas vigiavam, a fim de que nenhum fogo se acendesse pela vizinhança.

Ocorreu, contudo, que um infeliz soldado encontrasse pelo chão um isqueiro, dentro do edifício, e lhe viesse a estapafúrdia ideia de utilizá-lo. Saltou logo uma faísca sobre alguns grãos de pólvora dos que coalhavam a nave.

Sem a umidade do solo, então muito grande ou acaso fossem os rastilhos contínuos, instantânea ocorreria a explosão. Para melhor nos enganarem haviam os paraguaios espalhado a pólvora sóbria e desigualmente com o minucioso cuidado, e os cálculos ardilosos do selvagem que preparara os seus malefícios. Só se viu, a princípio brilharem pequenas chamas e aqui e acolá se levantarem sucessivamente ligeiras espirais de fumaça.

Já os soldados se precipitavam para conter o fogo, no momento em que ele tomava corpo, quando os oficiais presentes, compreendendo melhor o perigo, ordenaram que imediatamente fosse a igreja evacuada. A esta voz correram todos, em massa, para as portas; como o atropelo perturbasse a saída, deu-se a explosão antes que toda a gente se achasse do lado de fora. Pouco faltou para que todo o edifício voasse aos ares; foram as paredes sacudidas, mas o conjunto resistiu; assim não sucedera e teriam todos os nossos, que ali se achavam, infalivelmente perecido esmagados sob os escombros.

Terríveis de se ouvir, até no ponto distante em que nos achávamos com o Comandante, foram o estampido e o abalo. Grande grito acompanhou a explosão seguida de silêncio, depois novo e horrível clamor e ainda pausa. Soaram os clarins; julgando todos que era o inimigo, os corpos entraram em forma.

Já nos precipitáramos para a igreja; dela saíam, dentre turbilhões de fumo, irreconhecíveis formas, fantasmas enegrecidos e avermelhados pelo fogo. Ardiam uns com as roupas em chamas, outros completamente nus e cuja pele pendia em frangalhos, soltavam urros; alguns ainda rodopiando como alucinados já se debatiam nas angústias da agonia. Perdera um soldado negro toda a epiderme do rosto, arrancada como uma máscara.

Era-lhe o corpo sangrenta chaga. Um sargento, cujas carnes se achavam inteiramente desnudadas, implorava, por misericórdia, que o acabassem com uma bala ou um pontaço.

Morreram ali mesmo, no local, uns quinze desventurados. Todos aqueles a quem podia a arte valer, ou para lhes diminuir o sofrimento ou para salvá-los, passaram a ser o objeto do desvelo dos médicos e das nossas preocupações. À nossa compaixão para com eles acrescia a indignação contra os autores deste cruel atentado; não houve depois dentre as vítimas arrebatadas à morte nenhuma cuja cura não saudássemos como verdadeira felicidade geral.

Foi o adeus dos paraguaios, a última demonstração de seu ódio contra nós. Sem nos abandonar de todo, porfiavam, contudo, em só se deixar entrever fora de alcance.

A 05.06.1867, entretanto, ao raiar do dia, saímos da infeliz e bela Nioaque, afinal, aniquilada com a sua igreja. Seguía-mos a estrada do Aquidauana e marchávamos penalizados sob a impressão do funesto sucesso da véspera. A todas as vicissitudes atravessadas viera ajuntar-se a angústia da véspera. Já era muito, porém, era legítimo triunfo estarmos de pé e ter dominado um inimigo tão perfidamente encarniçado em nos arruinar.

Foi o Orumbeva facilmente transposto. À margem direita se nos deparavam destroços de carretas que os paraguaios acabavam de queimar, muitos víveres e objetos de apretrechamento espalhados e todos sujos de terra como já na barranca do Canindé encontráramos; cadernos dilacerados, folhas soltas ao vento, notas, entre as quais o autor desta narrativa reconheceu a própria letra, e agora truncadas e inúteis.

A alguma distância deste caudal aguardava-nos, tal a primeira impressão, nova cilada, cujos efeitos foram, contudo, muito diversos de um desfecho trágico. Duas pipas, daquelas em que se conserva a aguardente de cana, ocupavam o meio da estrada. Lembrando-se da explosão da igreja e temendo algum novo estratagema, da parte de um inimigo que nenhum escrúpulo parecia poder conter, apressou-se o Capitão Pedro José Rufino e precipitando-se sobre os tonéis arrombou-os com os copos da espada.

À vista do líquido, que a jorros corria, alguns soldados não podendo conter-se, ajoelharam-se ou deitaram-se de bruços, para alcançar o seu quinhão, espetáculo acolhido pelas gargalhadas, que se generalizaram em toda a linha.

Não teve o incidente outras consequências: pacificamente continuamos a marcha até o Ribeirão da Formiga, perto do qual acampamos, ainda contemplados nesta nova fase de abundância pelo encontro de bom número de bois, em ótimas condições.

A 06.06.1867, rumamos para Nordeste, seguindo grande caminho a que numerosas moitas de taquaruçus dão o nome e aberto através da mata cerrada, que tanto se presta a surpresas. Nada, porém, ali, nos sobressaltou a marcha.

À medida que percorríamos estes terrenos a nós familiares e aos paraguaios menos conhecidos, cada vez mais frouxa e inofensiva se tornava a perseguição, embora não houvesse inteiramente cessado. Fizemos neste dia ponto, junto a um lindo Ribeirão chamado das Areias.

No dia seguinte, 07.06.1867, quase vencemos as quatro léguas que medeiam deste ponto ao Rio Taquaruçu.

Atingimo-lo a 08.06.1867 e, como a altura das águas não nos permitisse vadeá-lo, acampamos à sua margem. Noite para nós memorável, esta! Foi aí que os paraguaios, avistados a alguma distância, se decidiram, enfim, a desaparecer. Deles próprios partiu o aviso da retirada, com uma fanfarra prolongada de clarins que tal sinal deu, mais lisonjeiro a nós outros de que a eles. Não se fizeram nossas cornetas rogadas, aliás, em associar-se àqueles toques com um estrépito a cujos ecos estremeceram longamente aquelas solidões. Soubemos, alguns dias mais tarde, que se haviam dirigido para Nioaque, e, depois de recolhidas todas as suas patrulhas, pelo Apa regressado ao território de sua República.

Quanto a nós, cada vez mais bem providos de víveres, graças a um rebanho enviado das margens do Aquidauana, depois de um ofício do nosso Chefe, ao Cel Lima e Silva, transpusemos, a 09.06.1867, o Taquaruçu e, a 10.06.1867, duas léguas adiante, um Rio chamado Dois Córregos.

A 11.06.1867, chegamos ao porto do Canuto à margem esquerda do Aquidauana. Tal o último trecho de nossa penosa retirada. Ali findou o doloroso itinerário que, como expiação de nossas temeridades, nos fizera curtir tantas misérias quantas pode o homem suportar sem sucumbir.

No Canuto nos despojamos dos miseráveis andrajos que nos cobriam, libertando-nos, afinal, da mais horrível sevandija ([112]) e dos parasitos do campo, que, perfurando a pele, nela produzem dolorosas úlceras.

Oferecia-nos o magnífico ensejo para as nossas abluções. Todas estas paragens podem ser chamadas: a terra das águas belas.

[112] Sevandija: insetos parasitas ou vermes imundos. (Hiram Reis)

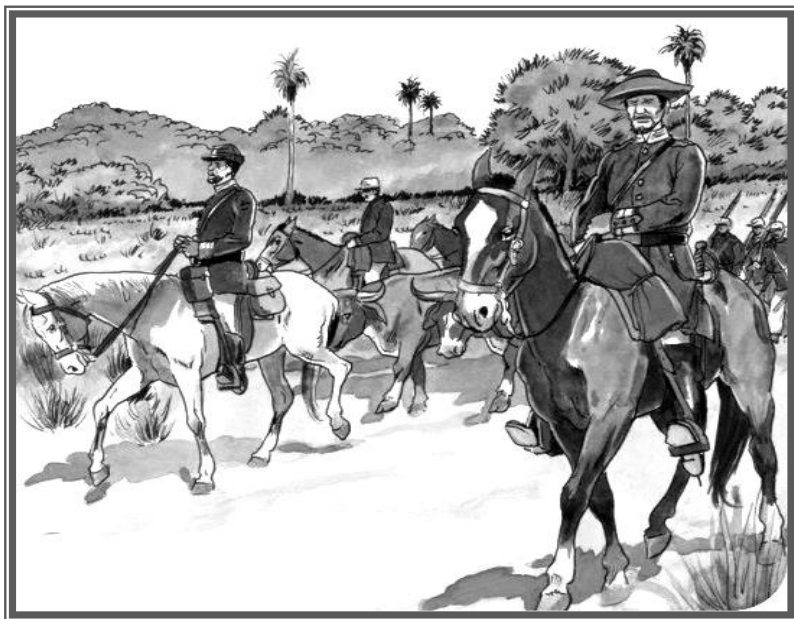



Imagem 20 – A Retirada da Laguna (VETILLO)

A 12.06.1867 baixou uma ordem do dia do nosso valente Chefe José Tomás Gonçalves, em poucas palavras resumindo os acontecimentos desta terrível campanha de trinta e cinco dias:

> A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou em dois dias o vosso Comandante, o seu substituto e ambos os vossos Guias, todos estes males, todos estes desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que parecia contra vós conspirar. Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras! (TAUNAY, 1874)

El Semanario – A Visão Paraguaia

Sábado 13 de Julio de 1867. ASUNCION Número 690

CONDICION DE LA SUSCRICION.

Por cada 12 números 3 pesos.
Número suelto 4 reales.

EL SEMANARIO DE AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES.

CONDICIÓN DE LAS INSERCIONES

Se inserta toda clase de anuncios y comunicados garantidos, á precio convencional
Los artículos de interes general gratis

AÑO XV. ADMINISTRACIÓN GENERAL En la Imprenta Nacional Calle del Sol N. 44. CUARTA EPOCA.

Imagem 21 – El Semanario n° 690, 13.07.1867

Alguns cronistas e historiadores, de todas as eras, se preocupam em atrelar os relatos dos eventos históricos às suas convicções ideológicas, ressaltar o heroísmo das tropas nacionais, a pusilanimidade dos adversários ou ainda a autopromoção pessoal comprometendo, com isso, a veracidade dos acontecimentos.

Depois de apresentarmos a Retirada da Laguna, segundo Taunay, vamos repercutir a versão paraguaia em que a mídia, sob a égide de um atroz e onipotente "*Déspota Nada Esclarecido*" ([113]) forjava os fatos, transformando derrotas em vitórias, manipulando o números de mortos e prisioneiros nos embates sempre a seu favor e apontando as crueldades promovidas pelos seus cruéis sequazes como se tivessem sido promovidas pelos brasileiros. O crédulo e ignaro povo paraguaio ainda considera como seu maior herói o facinoroso ditador Francisco Solano López que há 150 anos invadiu o Brasil e deflagrou a Guerra do Paraguai (dezembro de 1864 a março de 1870).

---

[113] Déspotas esclarecidos: os chamados "*Déspotas Esclarecidos*" adotaram, na época, algumas ideias iluministas desde que estas se adequassem aos seus interesses pessoais, rejeitando quaisquer propostas de maior liberdade política. (Hiram Reis)

Imagem 22 – Solano López – A Vida Fluminense n° 117

Solano López foi convertido ao longo dos anos em uma espécie de religião cívica, um culto disparatado embora tenha deixado como herança apenas a derrota e a humilhação. O Paraguai foi destroçado, perdeu partes do seu território para a Tríplice Aliança e a maioria dos historiadores estimam que ¾ de sua população tenha perecido em combate, de fome ou doenças nos cinco anos do conflito.

Origem do Conflito

O Paraguai mantinha estreitas relações comerciais com o Uruguai, pois dependia do seu porto em Montevidéu ao mesmo tempo que considerava o Brasil e a Argentina como imperialistas. Quando, em outubro de 1864, o Brasil invadiu o Uruguai para afastar do poder o setor "*Blanco*" radical, estes convenceram o Solano López de que os brasileiros iriam atentar, mais tarde, contra sua soberania. O resultado da guerra de curta duração (6 meses) atendia aos interesses brasileiros e argentinos, porém, Solano López interveio apoiando os Blancos.

Como D Pedro II ignorasse seus protestos o Marechal tomou duas decisões radicais:

– Em novembro, apreendeu o nau brasileira Marquês de Olinda, que navegava no Rio Paraguai, nas proximidades de Assunção, rumo a Cuiabá;

– Em dezembro, determinou que o Exército Paraguaio atacasse a Província do Mato Grosso.

Em abril de 1865, as tropas paraguaias invadem a Província de Corrientes, na Argentina e, em maio, o Brasil, a Argentina e o Uruguai formam uma coalizão – a Tríplice Aliança, com o intento de derrubar Solano López. O Marechal consegue alcançar algumas vitórias no início da Guerra, mas, em seguida, sofre uma série de derrotas, vendo-se obrigado, finalmente, a convocar até crianças e idosos às armas.

As tropas brasileiras ocuparam Assunção, em janeiro de 1869, e em março de 1870, o "*Marechal*" foi encontrado nas Cordilheiras do norte do país e morto na Batalha de Cerro Corá.

A lembrança que os paraguaios de antanho guardaram de Solano López foi a de um "*Déspota Não Esclarecido*" que mergulhou o Paraguai numa desastrosa guerra. Os ditadores paraguaios que o sucederam construíram, uma nova imagem, a de um valoroso comandante que pelejou bravamente para defender os interesses de seus compatriotas com o sacrifício de sua própria vida.

Apesar de se tornar um país democrático em 1989, o culto a López permanece e o povo paraguaio continua acreditando que a independência de seu país estava sendo ameaçada pelo Brasil e pela Argentina.

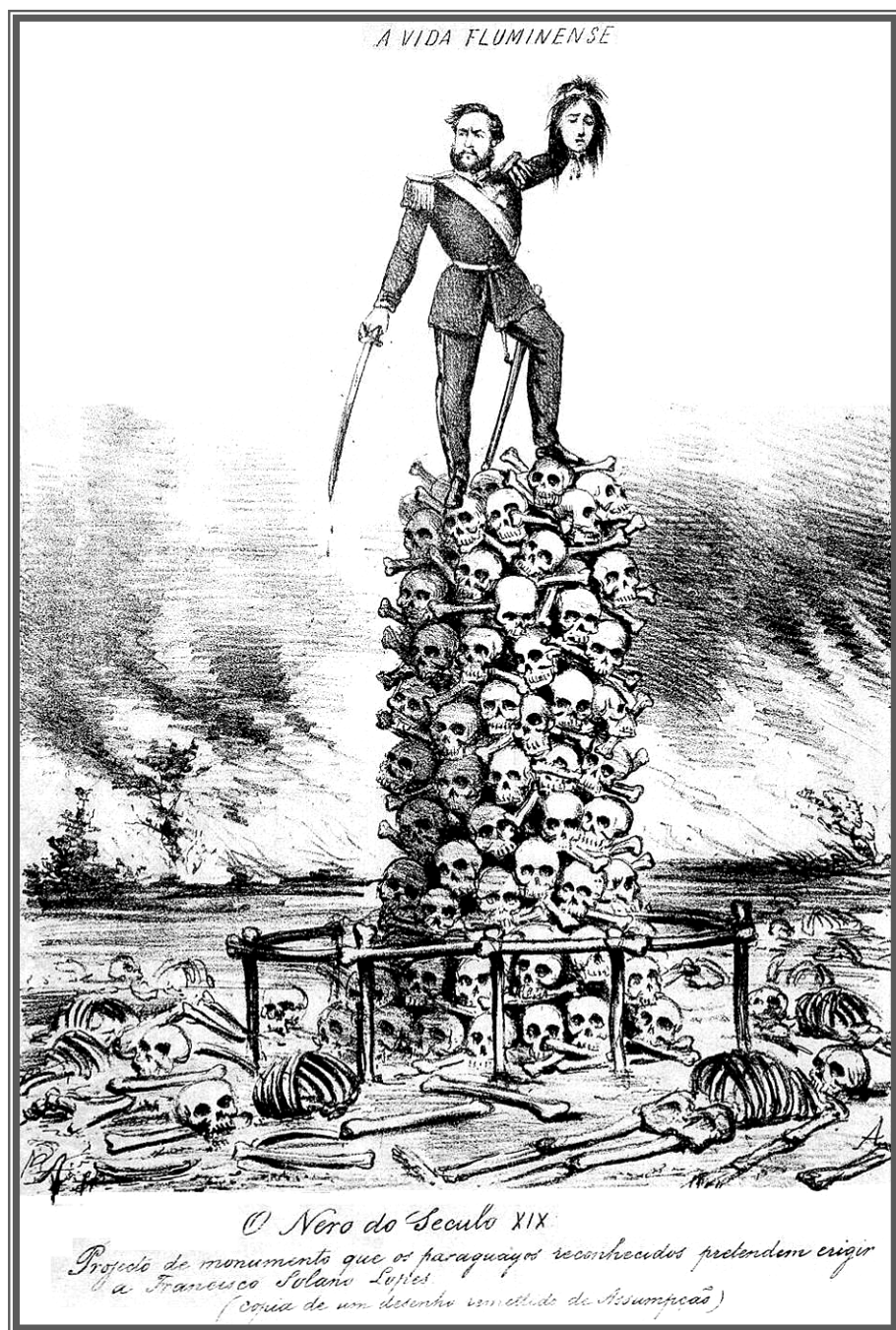



Imagem 23 – Nero – A Vida Fluminense n° 117

Taunay lembra na sua obra que o Tenente João Batista Marques da Cruz achou um exemplar do Jornal "*El Semanario n° 690*" em Curupaití que fazemos questão de reproduzir para ilustrar o que acima reportamos:

À amizade do nosso infeliz companheiro de armas Marques da Cruz, devemos este número do jornal paraguaio "O Semanário" de Assunção, achado por ele nas linhas de Curupaití, em maio de 1868, pouco tempo antes de sua morte, e que para nos é de mui grande valia, como testemunho contraditório.

Esse espelho tão fiel na sucessão dos fatos quão mentiroso em suas apreciações, mostra claramente a exatidão de nossa narrativa e a natureza terrível dos perigos em que se achou a coluna brasileira.
(TAUNAY, 1874)

El Semanario n° 690
Asunción, Paraguay – Sábado, 13.07.1867

La Invasión del Norte

La presente guerra es un tejido de gloriosas coronas que formará el más precioso monumento nacional, en los anales de su historia. Donde quiera que los hermosos colores de la República flamea ante el trapo de los conquistadores, el triunfo es el séquito que lleva como el símbolo de la justicia, y de los buenos principios.

Cuando la ofensa inferida a la nación nos obligó a la guerra que llegó a ser el único desagravio que podía alcanzar nuestro honor ofendido, nos dirigimos a Mato Grosso, donde los imperiales habían acumulado formidables elementos de guerra (**???**).

¿Qué sucedió entonces? Coímbra fue el único punto que ha hecho frente a nuestras armas por dos días, para que pudiera revelarse allí por primera vez el temple ([114]) del soldado paraguayo, que iba a luchar por la libertad americana, y la cobardía del enemigo que huyó, entonces, como huye constantemente a la sola vista de nuestros guerreros.

Despejado aquel terreno, nuestras armas corrían hacía el E. y S. donde el enemigo no osó hacernos frente como en Mato Grosso. El tricolor nacional dominó entonces de Corumbá a Goya, de Miranda a Uruguaiana.

La traición de Estigarribia fue uno de aquellos accidentes dolorosos de la guerra; pero allí mismo el enemigo cargó todo el baldón ([115]) de aquel acto, porque no teniendo la resolución de vencer con los armas, tuvo el cinismo de comerciar con las intrigas y el oro.

No es necesario recordar las glorias que hemos recogido en nuestro territorio, pues esos recuerdos palpitantes son los que levantan nuestra frente con orgullo, los que agitan nuestro corazón de entusiasmo, y nos prestan la fe en el favorable resultado final de la lucha.

El enemigo agobiado bajo el peso de las derrotas, y de toda clase de calamidades, vegeta tristemente en el lugar que le hemos designado, perdiendo toda esperanza de avanzar con ventaja por esta parte en protección de sus fines.

Pero no por eso esos infames han depuesto sus pretensiones, y por do quiera buscan los medios de echarnos al cuello la coyunta del esclavo.

[114] Temple: vigor. (Hiram Reis)
[115] Baldón: arrependimento. (Hiram Reis)

Creyendo que nuestra atención, y nuestras fuerzas estaban concentradas en Paso Pucú, pensaron dar un golpe estratégico, atacándonos por el Norte, allá donde nuestras legiones habían hecho ya sentir a los cobardes negros del imperio el poder de los que enarbolan la bandera tricolor de la República.

Más de tres mil hombres de las tres armas se precipitaron sobre nuestro territorio con la consigna ([116]) de apoderarse de la Villa de Concepción, y establecer la línea divisoria entre el imperio, y el Paraguay, por el Ypané, y el Jejuy quizá.

El Coronel Carlos de Moraes Camisão era el Jefe de la columna que venía a ejecutar las órdenes imperiales, acompáñale un gran tren, y considerable número de mujeres, con que decía venir a repoblar Concepción, y todos sus movimientos, y aparatos estaban explicando que se encaminaba a cosa hecha, y que nadie le disputaría la posición de las nuevas tierras que venía a ocupar en nombre de su soberano.

Mas, los cálculos militares, y políticos concebidos en el Gabinete del imperio, y de que se prometía resultados de grandes consecuencias, fueron desbaratados del modo más cumplido y ignominioso en el campo de la acción por la alta previsión, y acertadas disposiciones del Mariscal López, y el valor marcial do los intrépidos soldados que vigilan aquella frontera.

No hemos tenido aun una campaña tan corta, fácil y tan gloriosa como la que acaban de hacer nuestros bravos en el Norte, aniquilando con una serie de triunfos, la columna conquistadora que ha llevado el estupendo castigo que merecía su audaz atentado.

[116] Consigna: objetivo. (Hiram Reis)

Los pormenores de esta campaña, es la apología de la disciplina, y valor paraguayos: y la completa nulidad, y cobardía del enemigo en la guerra; es una página importante, y gloriosa en la historia de la presente lucha, y explica el robusto apoyo que el hecho ([117]) del Norte presta a la victoria final sobre el enemigo. Vamos a exponer brevemente a nuestros lectores.

El enemigo con cuatro batallones de infantería, un regimiento de Caballería, cuatro piezas de cañón, y muchos indios Mbayas, sus aliados, todo en número como se ha dicho de más de tres mil hombres, invadieron nuestro territorio, y pasaron el Apa en el paso de Bellavista el 28 de abril. Nuestra fuerza al mando del mayor Urbieta se hacía perseguir del enemigo con el objeto de concentrarlo todo lo posible, para hacer más certero el golpe que le preparaba.

Camisão avanzó hasta el arroyo primero siete leguas del Apa; pero la mañana del siete de mayo, su descubierta llegó a divisar el regimiento N° 21 de caballería, que al mando del decidido Mayor Ciudadano Blaz Montiel había llegado en protección el día anterior. La descubierta fue sacudida por algunos tiros de cañón y fusilería, y volvió a incorporarse a la columna.

Sin más precedente que esto, el enemigo se detuvo, y ya al día siguiente se disponía emprender la fuga, volviendo sobre sus pasos. Estaba claro, ellos venían a posesionarse tranquilamente de nuestras poblaciones, no contaban con ninguna oposición, porque creían indefensas nuestras fronteras, y por eso la vista de nuestros bizarros defensores les bastó, para emprender el camino del cobarde.

[117] Hecho: feito. (Hiram Reis)

Más, para entonces, el denodado Capitán Ciudadano Crescencio Medina con un escuadrón del Regimiento N° 3, y una mitad de la compañía de cazadores del Batallón N° 18 al mando del Teniente Soilo Almada se había adelantado, y se encontraba en el camino que debía llevar el enemigo. Era el día ocho de mayo; este marchaba en columnas compactas formando cuadro ([118]), dentro del cual llevaba su abasto, pertrechos ([119]) y demás bagajes.

El Capitán Medina ocultó su infantería, y él con su escuadrón se colocó, de manera a caer sobre la columna a la primera descarga de la infantería. Era un acto atrevido de especial arrojo; pero que podía traer consecuencias muy favorables, como realmente sucedió.

El enemigo emprendía su fuga descuidado, y muy lejos ([120]) de pensar que nuestras fuerzas se encontrasen ya a su paso así fue que la descarga do la infantería hecha a boca de jarro ([121]), y la inmediata arremetida de lo caballería le sorprendió completamente, y la lanza y la bayoneta, se empaparon en la sangre de los invasores, que se pusieron en dispersión cubriendo el campo con sus cadáveres.

Como dos batallones de una de las alas tuvo lugar de reunirse, y formar cuadro, el Alférez Alejos Torres con una guerrilla cargó el cuadro ([122]) que encontró todavía descubierto un costado por donde entro y lo dispersó completamente. Se calcula al enemigo una pérdida de 200 hombres en esta acción, mientras de nuestra parte no alcanzó a 16.

---

[118] Cuadro: quadrado. (Hiram Reis)
[119] Pertrechos: armamentos e munições. (Hiram Reis)
[120] Lejos: longe. (Hiram Reis)
[121] A boca de jarro: à curta distância. (Hiram Reis)
[122] Cargó el cuadro: atacou o quadrado. (Hiram Reis)

El castigo fue terrible, y las proezas de nuestros bravos son dignas de toda ponderación, pues ha vencido allí a un enemigo infinitamente superior en número, y elementos.

Esta prueba de intrepidez ha hecho temblar ([123]) al enemigo, pensando en un ataque general de nuestras fuerzas, y así fue que no pensó un momento en hacer la más leve oposición, sino en huir ([124]) con la mayor presteza, pues desde entonces comenzó ya por quemar sus bagajes pesados.

El 10 de mayo, se encontraba otra vez ya repasando el Apa por el mismo paso que, encontrando a nado tuvo que hacer una puente para su pasaje; por activo, y denodado Capital Medina que había engrosado sus fuerzas con el regimiento N° 21, y una compañía de infantería de Concepción al mando del Teniente Zarate, y Alférez Roa, se encontraba otra vez ya en su camino; mientras que el resto de las fuerzas guardaban sus espalda ([125]).

El enemigo marchaba en el mismo orden, y buscaba el lugar llamado Machorra, cuando de repente cayó sobre él con el ímpetu de la carga que sabe dar nuestra caballería, la fuerza que llevaba a su cabeza el Capitán Medina. La infantería enemiga no tuvo tiempo de hacer sino una descarga, cuando nuestra caballería había envuelto el cuadro, y hacia la más grande carnicería a sable y lanza; el enemigo que no pude resistir en el arroyo primero, fue incapaz de hacerlo aquí acometido por mas fuerzas, y así se dispersaron sus soldados como ovejas acosadas por los lobos.

---

[123] Temblar: tremer. (Hiram Reis)
[124] Huir: fugir. (Hiram Reis)
[125] Espalda:retaguarda. (Hiram Reis)

El objeto de esta carga era dar un otro golpe al enemigo y quitarle el resto del ganado que le quedaba, para desnudarlo ([126]) de todo recurso. Esto fue llenado satisfactoriamente, porque después de la gran mortandad nuestros soldados le arrebataron cerca de 300 reses, cargueros en bueyes y mulas, y no le quedaron sino los bueyes que estaban uncidos a sus carros ([127]). Esta jornada fue espléndida para nuestras armas y muy gloriosa para los bravos soldados que en ella recogieron la palma del triunfo.

La caballería se ha portado brillantemente y la infantería con el denuedo ([128]) que le es propio. Ha habido interesantes episodios del heroico valor de nuestros soldados que la premura ([129]) e la narración nos hace desistir de consignar aquí.

Sin embargo no podemos dejar de hacer especial mérito de la bravura del soldado de caballería Leonardo Ayala, del Regimiento N° 21, vecino de San Ignacio, que en el ímpetu de la carga se dirigió resueltamente sobre un cañón para tomarlo y ya había conseguido enlazarlo, cuando cayó gloriosamente en su empeño; pero deja su nombre a la posteridad, y su ejemplo a sus compañeros de armas.

Sigamos ahora los pasos del descalabrado ejército, así como hicieron nuestros valientes para completar su desastre. Aliviaron más sus bagajes quemándolos, y continuaron su camino tomando la dirección de Nyoac; pero ya bajó la guardia de nuestra caballería que a vanguardia, retaguardia, y costado les cerraban, quitándoles todo recurso y esperanza de salvación.

[126] Desnudarlo: despojá-lo. (Hiram Reis)
[127] Uncidos a sus carros: atrelados às carroças. (Hiram Reis)
[128] Denuedo: ousadia. (Hiram Reis)
[129] Premura: pressa. (Hiram Reis)

Arrebatándoles sus provisiones de boca no les quedaba sino los bueyes de sus carros: aceleraron so fuga; pero nuestros soldados cuando querían detenerlos prendían fuego a los pajonales ([130]) que se encontraban en su camino.

Cada día que pasaba, la mortandad se aumentaba en sus filas dejando 16, 20 y 30 muertos en los lugares que acampaban, registrabase al principio en casi todos los cadáveres las huellas del sable ([131]) do los días ocho y diez; pero bien pronto acosados del hambre fueron víctimas de él.

Nuestra caballería retirando todo recurso y cerrándoles siempre por todas partes, hacia acrecentar en ellos el padecimiento del hambre, y tuvo que recurrir a las tunas, a la raíz y corazón de los árboles ([132]), y hasta comieron perros por alimento.

Y para el colmo del desastre, Dios había reservado a esos infames para expiar su crimen un castigo aún mayor. El cólera, esa terrible peste que había asomado hasta poblaciones de los aliados, y arruinado el ejército enemigo del S. apareció entre ellos con todos sus horrores, haciendo el más espantoso estrago.

Expiación justa que la providencia ha descargado sobre la cabeza de los infames que han venido a querer esclavizar a un país Cristiano y libre.

Al principio enterraban sus cadáveres; pero después ya no pudieron hacerlo por su mucho número, y abandonaban sus muertos, entre los que se encontraron muchos oficiales y mujeres.

[130] Pajonales: pradarias. (Hiram Reis)
[131] Sable: sabre. (Hiram Reis)
[132] Corazón de los árboles: palmitos. (Hiram Reis)

La mortandad fue acrecentando de día en día en sus filas, sin embargo marchaban constantemente, siempre conducido por nuestra caballería que formaba un círculo de fierro a su derredor. El enemigo que en todo su vigor y fuerzas había sido imponente para competir con nuestros soldados, enfermo y débil no tuvo la resolución da hacer la más mínima tentativa de ataque. Siguió su destino, vencido, y resignado a la merced de nuestras armas.

Nuestros soldados clamaban por llevar sobre aquellos restos un ataque, seguro de encontrar una victoria barata: sus Jefes no les permitieron; no era necesario, iba a derramarse inútilmente la sangre, y cuando se puedo vencer al enemigo sin ella, es más glorioso, y más conforme con la humanidad que siempre hemos tenido en cuanto es compatible con la guerra.

El resto de la columna seguía adelante dejando gran número de desertores y cadáveres. Llegó sobre las orillas del Mobtetey que encontró a nado, y tuvo que permanecer allí cinco días. Aquí fue donde la epidemia hizo en sus filas los estragos más grandes, y aquí fue también donde el Jefe de la Expedición Camisão murió, siguiéndole en el sepulcro su segundo el Teniente Coronel Galvão. El Mayor José Tomas quedó entonces a la cabeza de las fuerzas que pasaron el Mbotetey, y siguieron el rumbo de las cordilleras.

Allí quedaron cientos de cadáveres, y hasta moribundos, armamentos de todas clases, carros, etc. Cada día se aumentaba entre ellos el hambre y la peste; pero marchaban adelante. Nuestra caballería los pastoreaba día y noche. Entraren nuestros soldados en Nyoac que estaba completamente evacuado, y sacaron de allí gran número de fusiles, uniformes, pólvora y provisiones de boca.

Pasaron adelante, y siempre molestando al enemigo, lo llevaron hasta tirarlos el día cuatro de junio al otro lado del Aquidaban. Estaba reducida entonces la columna enemiga a menos de quinientos hombres; pero eran cadáveres ambulantes, reducidos al estado más calamitoso y desesperante.

Nunca un ejército había sufrido desastre tan terrible, y expiación más justa. Sus padecimientos han sido inmensos, su camino está trazado por sus cadáveres. Hasta 800 víctimas se han contado muertos solamente de la peste.

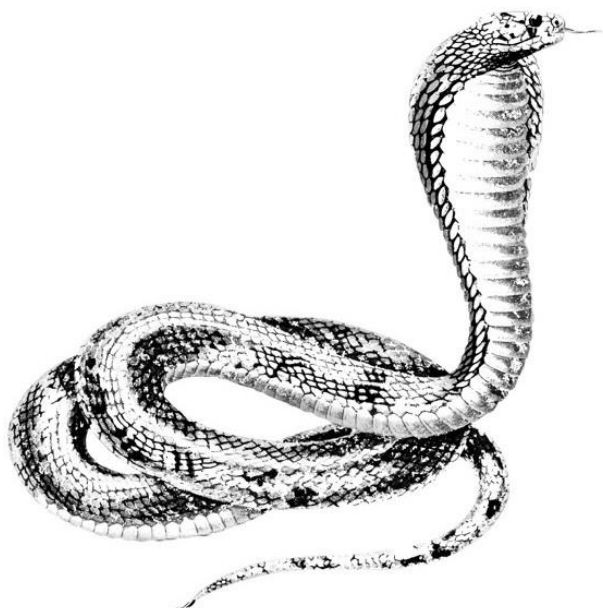
Dios ha auxiliado nuestras armas, para confundir a los osados que quieren exterminarnos. El ejército que quiere exterminar nuestra Patria, el ejército enemigo del Norte ha sido desecho. Se le han tomado 38 carretas con provisiones, y municiones, armas y ropas en cantidad, ganados y mulas.

El Regimiento N° 21 que siempre se ha distinguido por el ímpetu de sus cargas, ha sobresalido blandiendo esta vez sus armas, sobre la cabeza de los invasores del Norte, y digno es de notarse que siendo uno de los Regimientos que más ha peleado es el que menos ha sufrido.

Esto advierte, que la impetuosidad de la carga sobre el enemigo es una inmensa ventaja, que deben no olvidar nuestros valientes del ejército. Pero al recomendar al Regimiento N° 21, debemos colocar en las misma escala al Regimiento N° 3, la infantería de Concepción, la Compañía de Cazadores del Batallón N° 12, que son lo que más han trabajado en esta laboriosa Campaña. El ejército que venía a apoderarse de nuestras poblaciones esclavizar nuestras familias, y trazar su línea divisoria, despedazando nuestro país, ha sucumbido a la aparición de la falange Paraguaya del Norte.

Ella puede decir, como Cesar: llegué, vi, vencí. El desastre de ese Ejército repercutirá como un golpe terrible sobre el ambicioso Emperador, que ve desecha ([133]) una de sus más glandes esperanzas, y le llevará una convicción más, de que sus esclavos jamás conquistarán la tierra de los libres.

Estamos pues de felicitaciones por el importante suceso que acaba de alcanzar et esfuerzo de nuestro brazo: es una venganza terrible que debe horrorizar al invasor y echar por tierra su espíritu abatido. Felicitamos ardientemente a la Patria por la nueva gloria, y al Jefe Supremo de la República, cuya previsión y tino guerrero han arrancado del enemigo tan valioso laurel.

Felicitamos a la denodada columna del Norte, castigo y terror del cobarde invasor. (EL SEMANARIO N° 690)

[133] Desecha: descartada.

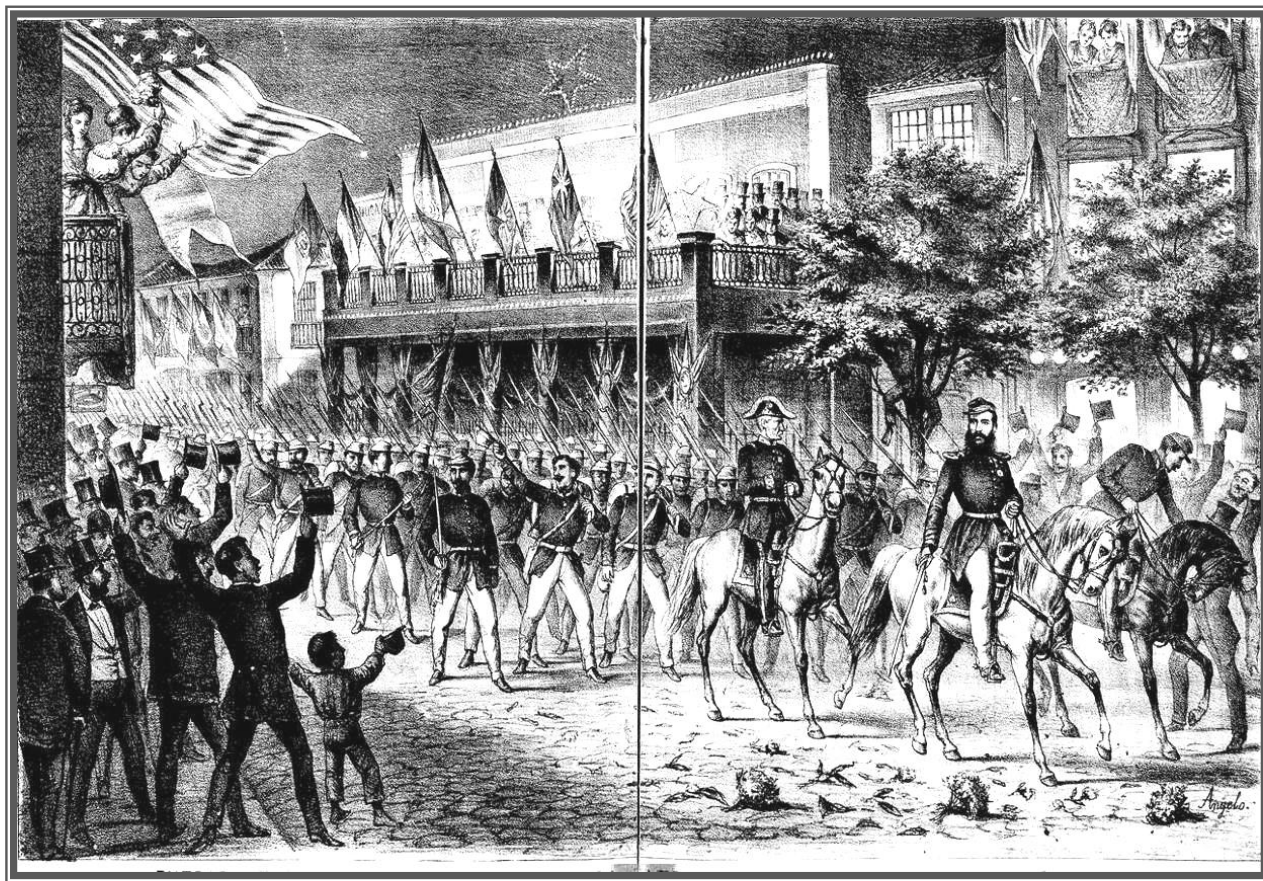
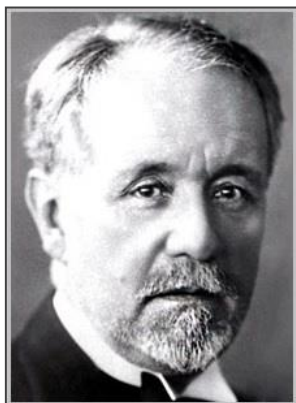



Imagem 24 – A Vida Fluminense n° 117, 26.03.1870

Francisco Solano López (Biografia)

O advogado, professor, magistrado, contista, cronista, poeta e memorialista Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, nasceu em Campinas, SP, em 11.10.1866, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28.02.1944.

Participou do grupo de escritores fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Estudou Direito na Faculdade de São Paulo, formando-se aos 20 anos, em 1886. Foi nomeado, em 1894, secretário da Presidência da República no governo de Prudente de Morais (1894-1896) e, posteriormente, advogou até 1929, quando foi nomeado, pelo Presidente Washington Luís, Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo em que se aposentou em 1934.

Rodrigo Octavio publicou na Revista Brasileira, em 1896, uma interessante biografia do controverso líder paraguaio baseado na obra "*Monografias Históricas*", publicada em 1893, pelo Sr. D. Juan Silvano Godoy que fazemos questão de repercutir.

O introvertido e antipático Déspota tinha no carismático General José Eduvigis Díaz Vera um de seus raríssimos amigos e confidentes.

Revista Brasileira – Segundo Ano – Tomo VI
Rio de Janeiro, RJ – 1896

Sociedade Revista Brasileira

Homens e Coisas do Paraguai

Solano López e José Diaz

Um ilustre literato e homem público do Paraguai, que ultimamente esteve entre nós, o Sr., retirando-se para a sua terra, teve a gentileza de me oferecer o interessante livro das "*Monografias Históricas*" que publicou em 1893 na cidade de Buenos Aires. É um farto volume belamente impresso e intercalado de fototipias, em que o autor reuniu vários capítulos do história escritos em épocas diversas. É escusado dizer que a maior parte das páginas do livro se ocupa da grande campanha Sul-americana em que a pequena e valorosa república se empenhou com heroísmo impetuoso e fanático.

Não foi pois, sem receio que tomei do livro para o ler. Era natural que fosse pouco agradável ao amor próprio brasileiro, a leitura de episódios de nossa Guerra narrados por um patriota paraguaio. É bem conhecida a "*História*" de Thompson que mereceu a valente e vitoriosa contradita do bravo e malogrado Senna Madureira. Breve, porém, se me dissipou tal expectativa. O autor, dotado de notável espírito de justiça, soube reconhecer a bravura dos nossos soldados e a tática dos nossos Capitães, como não deixou de assinalar os erros do seu General e mesmo as culpas de seus oficiais, aliás de não contestado valor.

E muitas coisas interessantes se respiga ([134]) no livro de D. Silvano Godoy. Especialmente, sobre as figuras proeminentes de López e Diaz, encontrei pelas páginas das "*Monografias Históricas*" informações e notas que oferecem bastante curiosidade ao leitor brasileiro. Essas notas e informações forneceram os elementos para o estudo que se vai ler.

I

Francisco Solano López, Marechal do Exército do Paraguai, foi investido do supremo e absoluto poder em sua terra natal por verba testamentaria manifestada em artigo de morte por seu pai, Carlos Antonio López, que durante vinte anos exercera o poder discricionário, conquistado após as perturbações que se seguiram, em 1841, à morte do ditador José Gaspar Francia, cujo Governo, singular, retrógrado e sanguinolento durara desde 1814...

A autoridade do Marechal-Presidente era constituída pela soma dos poderes públicos que ele enfeixava autoritariamente em sua vontade omnímoda ([135]), prestigiada pela submissão incondicional e unânime de súbditos que cinquenta anos de tirania haviam acostumado a obedecer. Nem o povo, nem a nação, nem Deus, nesse país de religião, estavam acima dela.

López era o todo poderoso. Nos quarenta templos espalhados pelo território da república o sacerdote católico todos os dias pronunciava humilde, no momento santo do sacrifício da missa, o nome augusto do moderno César, pedindo à providência divina graças, honras e uma existência venturosa e longa para o General e Senhor.

[134] Respiga: percebe. (Hiram Reis)
[135] Omnímoda: ilimitada. (Hiram Reis)

Assim, no espírito inculto, quase selvagem do povo cuja educação primitiva foi obra exclusiva do jesuíta, López não era somente o chefe temporal, visível, mas também elemento necessário do culto religioso.

Não havia, pois, receio de que conjurações e shismas ([136]) pudessem vir perturbar essa tranquilidade onipotente contra a qual ninguém se atrevia a revoltar-se mesmo em pensamento.

Ele era um autocrata que governava sem parlamento, nem tribunais de justiça; por si só ditava as leis e decidia os pleitos judiciários; era senhor da vida dos seus súditos e da fortuna pública e particular, e os seus patrícios pagavam-lhe tudo isso com uma confiança absoluta, uma sujeição sem limites.

Tendo todos a vida e os bens pendentes dos lábios do ditador, estavam dispostos entretanto a sacrifícios sem nome, não desejando senão penetrar em seu oculto pensamento, para correr à morte com a impávida e serena vontade do estoico se assim ele quisesse.

López era a todos os respeitos a primeira figura de sua terra. Em ilustração só lhe excedia D. José Bergés, Ministro das Relações Exteriores no início da Guerra e que havia sido plenipotenciário junto ao Governo Brasileiro.

O Paraguai nesse tempo jazia no mais completo atraso cultural; não tinha um só estabelecimento de ensino superior, apenas possuindo escolas de primeiras letras. Pode dar uma ideia do seu deplorável estado a circunstância extraordinária de não haver a esse tempo um só paraguaio advogado,

---

[136] Shisma (latim) ou cisma: falta de acordo diante de um assunto, divergência. (Hiram Reis)

médico ou engenheiro, nem um só homem de ciência com título universitário. A Solano López, entretanto, não haviam faltado os elementos precisos para a cultura da nativa e exuberante vivacidade intelectual.

Desde a mais tenra idade, criado entre as adulações, as homenagens dos que formavam a Corte do severo pai, não lhe faltaram carinhos e cuidados de todo o gênero.

Aos 18 anos, em 1846, era General de Brigada e comandava um Exército de sete mil homens sob as ordens superiores do General Paz.

Em 1853, na qualidade de enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário acreditado junto às cortes europeias, percorreu, dispondo de recursos ilimitados, as principais capitais do velho mundo, acompanhado de numerosa comitiva.

Em Paris, sobretudo, achou-se bem em meio das suntuosas festas da Corte imperial que o acolhia festivamente nos esplêndidos salões das Tulherias.

Assim, em contato com as sumidades da política europeia, e viajando com o espírito instintivamente observador, López, sem dedicar-se com seriedade a estudos e práticas universitárias adquiriu boa cópia de conhecimentos convenientes para o homem que se destina ao Governo autoritário de uma nação.

No velho mundo, cercado da atmosfera oficial que lhe criava a sua posição singular, em meio dos cortejos e pompas das festas dos paços de reis e imperadores, avolumou-se nele o desmarcado orgulho, a ambição desarrazoada que constituíam os predicados principais do seu espírito. Sobre todos os vultos da humanidade o vulto de Napoleão I impressionava-o principalmente.

Perdia-se durante longas horas, esquecido sob o dourado Zimbório ([137]) dos Inválidos ([138]), na contemplação absorta do túmulo marmóreo do grande capitão. Era nessas contemplações místicas que a imaginação doentia se desdobrava nas perspectivas incoerentes de grandezas e poderio que lhe atormentavam o espírito febril.

Ora via-se ele o fator da homogeneidade republicana em todo o solo da livre América; ora não se contentava já com ser um Cônsul vitalício, absoluto e todo poderoso; ambicionava mais... Bonaparte, também Cônsul e poderoso, ambicionou mais e fez-se imperador; Luiz Napoleão, príncipe e presidente de um grande pais, também ambicionou mais e fez-se imperador... Por que não faria ele outro tanto? ...

II

Em 16 de outubro de 1862 assumiu a presidência da República.

---

[137] Zimbório: espaço onde se alojam os astros. (Hiram Reis)

[138] Carta 253 – Hotel dos Inválidos.
Paris. Fui hoje visitar o Hotel Real dos Inválidos. Este magnifico edifício foi levantado por Luiz XIV, para os antigos militares. Mais de dois mil velhos guerreiros ai gozam de um retiro honroso e de um tratamento conforme a seus postos respectivos. O Zimbório dos Inválidos é considerado como uma obra prima, e também a igreja é belíssima. Cada soldado tem no jardim uma porção sua de terreno de que ele mesmo trata, ai é que ele vai fumar seu cachimbo e beber sua garrafa de cerveja. É um espetáculo grandioso ver esses velhos guerreiros rabugentos, mutilados a maior parte deles, cobertos todos de cãs, com o rosto sulcado de cicatrizes, gozando enfim de um descanso comprado tão caro.
De ordinário, é um Marechal da França que é o governador dos Inválidos. Os doentes são tratados pelos médicos os mais hábeis.
A entrada dos Inválidos é defendida por um largo fosso e guarnecida de peças. Os velhos soldados é que estão encarregados de dar as salvas de alegria, e experimentam uma espécie de felicidade ao cheiro dessa pólvora que ainda lhes lembra seus anos de juventude. Adeus, (NOVO SECRETÁRIO, 1874)

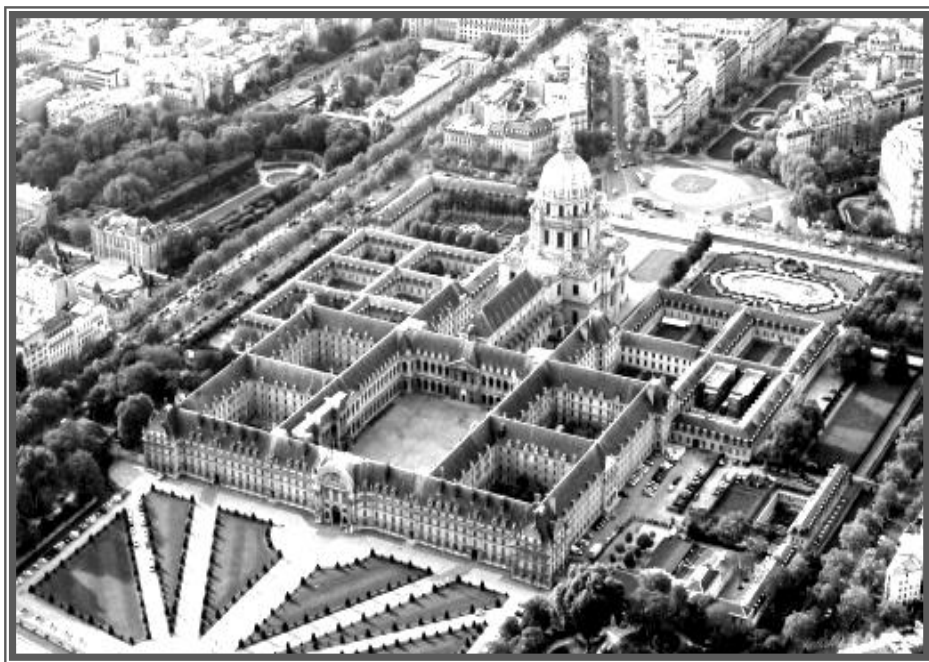



Imagem 25 – Hotel Real dos Inválidos (Come to Paris)

Entrava nos planos da acentuação de sua autoridade ante o mundo civilizado uma grande Guerra. O Império do Brasil tinha a hegemonia da América do Sul. O Brasil era pois o inimigo, natural.

Desde os primeiros dias do seu Governo a preocupação da Guerra o dominou; mandou desde logo construir na Europa 3 encouraçados e adquirir 50 canhões modernos. Tudo serviria de pretexto.

O "*ultimatum*" do plenipotenciário brasileiro, Conselheiro Saraiva, ao Governo da República Oriental do Uruguai motivou do Governo do Marechal López o protesto de 30.08.1864. Estava lançada a luva, e a 12.11.1864, deu-se o apresamento, no porto de Assunção, do "*Marquês de Olinda*" a cujo bordo seguia o Coronel Carneiro de Campos, novo Presidente do Mato Grosso que morreu prisioneiro tendo sofrido as mais duras provações.

Após esse ato de hostilidade que nenhum princípio autorizava, o Marechal rompeu as relações diplomáticas com o Império, com fundamento na ocupação por forças imperiais da cidade do Mello capital do Departamento Oriental de Cerro-Largo, conforme reza a nota do Ministro de Estrangeiros D. José Bérges ao Sr. Vianna de Lima, plenipotenciário do Brasil.

Dois dias antes, 10.11.1864, López havia reunido no acampamento do Cerro Leon os notáveis de Assunção, entre os quais figuravam os personagens mais importantes da hierarquia civil, militar o eclesiástica, e submetera à consideração da assembleia, pela última vez, a grave questão do momento.

Pela undécima vez a seleta reunião manifestara unanimemente a afirmação de que a Guerra era necessária e imprescindível.

De entre todos, um homem apenas conservara-se reservado e silencioso, sem proferir uma palavra, se bem que houvesse aderido à resolução final da assembleia.

Esse homem era o Ministro das Relações Exteriores, D. José Bérges, ilustrado cidadão e o personagem de mais respeito e competência nos negócios do Estado; era dotado de apreciáveis qualidades pessoais que lhe haviam granjeado a maior consideração no conceito de todos.

Esse homem ilustre que não se deixara arrastar pela vertigem sanguinolenta que transviava todos os espíritos nessa época sombria de sua terra, calava, profundamente comovido, no fundo da alma desolada de patriota, a certeza do desastrado insucesso da temerária empresa em que a nação ia ser caprichosa e cegamente empenhada.

D. José Bérges havia sido plenipotenciário no Rio de Janeiro e conhecia perfeitamente os extraordinários recursos de que poderia dispor o Império na eventualidade de um conflito internacional, e não duvidava do resultado inevitável da campanha.

Calou, porém, dentro do peito tudo o que o conhecimento real das coisas lhe ditava; conhecia tão bem a tenebrosa situação histórica da sua terra que compreendia que a manifestação sincera do seu pensamento, a externação franca de seu conselho privaria por certo a nação de serviços que ele estoicamente considerava que lhe seriam muito precisos no período difícil em que ela ia entrar, para que os fosse comprometer sem proveito opondo-se a uma resolução a que fatalmente arrastaria a desvairada exaltação dos ânimos.

López porém, conhecia o modo de pensar do seu ilustre Ministro.

E é curioso saber-se agora que no correr da campanha o ditador processou e fuzilou todos os principais funcionários que lhe aconselharam a declaração da Guerra e cujos nomes guardava cuidadosamente em uma lista, não excluindo mesmo seus dois irmãos e cunhados e o que é mais, o próprio D. José Bérges.

Dissolvida a reunião, López até alta noite indeciso e preocupado passeou, completamente só pelos sombrios corredores do Quartel General. Nessas longas horas de tenebrosa meditação a cabeça febril do Presidente deveria ter sido teatro de uma luta desesperadamente travada entre a razão serena, calma e vidente e a ambição impetuosa, sôfrega e desvairada.

Uma circunstância ocasional determinou talvez a resolução desastrada de López.

A madrugada o veio surpreender na terrível insônia. O clarim da casa da ordem ressoou estridente e musical, levando os acordes matutinos ao dormido acampamento. Logo outros clarins responderam, e outros e outros ainda, e os tambores vieram juntar ao concerto original o acompanhamento monótono dos seus rufos marciais.

Em pouco, no meio dessa música desencontrada, que sucedeu ao longo silêncio mortal daquela noite sem fim, o Corpo de Exército formava-se em frente à casa em que, ignorado, velava o Presidente e as fanfarras marciais estrugiram em meio dos vivas e aclamações entusiásticas levantados ao General e que se foram repetindo, como o desdobramento de um eco fantástico, de Divisão em Divisão, de Corpo em Corpo, às derradeiras linhas dos últimos Batalhões.

López, nesse momento conteve com as mãos ambas no peito o coração palpitante. O inesperado espetáculo acabava de lhe transviar a exaltação ambiciosa. A Guerra estava resolvida.

III

Durante a longa campanha, López teve ocasião de desenvolver toda a energia e tenacidade de que era capaz uma têmpera de ferro. Não foi propriamente um guerreiro; sempre se conservou fora das linhas de combate e não dirigia pessoalmente a ação dos seus exércitos. E ele tinha razão para colocar a sua pessoa ao abrigo das contingências da Batalha.

Realmente, concentrando em si todos os poderes da Nação, era o símbolo vivo do Governo, encarnava todo o seu sistema administrativo e uma vez suprimido o ditador ou desaparecido do Teatro da Guerra, estava tudo acabado.

Ele era sobretudo um audaz e um voluntarioso, de tal sorte que exercia entre seus súditos uma influência dominadora e absoluta. Todos tremiam ao seu aspecto e ninguém ousava falar em sua presença sem ser interrogado. Cruel e sanguinário, era muito irregular nas suas afeições.

Tão facilmente cumulava de honras e proventos a um obscuro soltado, como desautorizava e rebaixava o mais prestimoso e reputado General.

Desconfiava de todos, não acreditava na honra do cavaleiro, na lealdade militar. Tinha um número muito pequeno de íntimos; nunca fazia elogios aos soldados e oficiais e ostentava não ligar importância alguma aos Generais. Nada comunicava do que ocorria de notável nem permitia que qualquer pessoa, sem exceção, comunicasse a outrem os sucessos de que tinha notícia ou fizesse a quem quer que fosse perguntas a respeito do que porventura soubesse.

No Exército apenas cumpriam-se, às vezes mecânica e inconscientemente, as ordens do ditador assim se explica como acontecimentos de grande importância não se tornavam públicos e sobretudo não chegava notícia deles ao campo dos aliados senão muito tempo depois de ocorridos.

Mesmo sobre questões de detalhe, cujo conhecimento interessava à boa administração das Forças, López guardava a mais absoluta reserva.

O chefe do Estado Maior não soube jamais a cifra exata das forças efetivas do Exército. Desta e de outras circunstâncias que López queria conservar secretas, apenas ele e mais um ou dois íntimos tinham ciência e se porventura qualquer de seus Generais houvesse cometido a indiscrição de pretender devassar qualquer destes segredos, teria sido imediatamente fuzilado.

A essa atmosfera pesada, a esse regime de terror que o Marechal infundia em torno de sua autoridade, correspondia uma obediência incondicional e tácita que não era a subserviência podre dos tímidos e covardes porque era o fruto de uma educação religiosa absolutamente passiva e do um exaltamento patriótico levado ao delírio que faziam da pessoa do ditador a simultânea encarnação de Deus e da Pátria.

Alguns fatos se deram que pintam caracteristicamente a intensidade da força autoritária do ditador.

Certo dia, em 20.07.1865, López ordenou a um dos Generais que fosse prender o General Robles, Chefe Superior da Divisão do Sul e o trouxesse com segurança à sua presença.

> – Que forças levo, senhor?

Perguntou o emissário, que era o General Barrios, cunhado do ditador.

> – Um Ajudante de Ordens e esta nota escrita, respondeu o Marechal entregando-lhe um pedaço de papel dobrado e lacrado.

O emissário partiu, embarcou no vapor "*Igurei*" e saltando no porto do Empedrado dirigiu-se à tenda do General em Chefe, que ao avistá-lo veio ao seu encontro de mãos estendidas.

> – Alto lá, disse Barrios, entregando-lhe o papel, não aperto a mão de quem venho prender por ordem superior.

O General Robles, quebrou o selo da carta e leu tranquilamente a ordem do ditador. Achava-se ele no meio de trinta mil homens a que disciplinara e que lhe votavam uma dedicação extrema. Era a única autoridade a que obedeciam havia três anos, desde a formação do acampamento de Cerro Leon.

Pois bem, terminada a leitura, o velho General, cheio de serviços e fadigas, tirou calmamente a espada do cinturão e a entregou ao companheiro. Ao outro dia, chegava à presença de López e era fuzilado como réu de alta traição à Pátria.

Esse mesmo Barrios pouco tempo sobreviveu ao infeliz camarada. Era o cunhado do López, então General de Divisão e Ministro da Guerra e da Marinha; na manhã de 12.08.1866, apresentou-se ele, em S. Fernando, ao Presidente que estava escrevendo; cortejou polidamente e esperou a dois passos de distância. Decorridos quinze minutos, López, que não lhe havia correspondido ao cumprimento, levantou a cabeça e, fulminando-o com o olhar formidável dos maus momentos, rugiu:

> – Fiz-lhe depositário de minha confiança, supondo-o um leal servidor; estou persuadido do que você é indigno dela. Retire-se de minha presença.

Barrios, o homem então de mais importância no Exército, tremeu dos pés à cabeça, dificilmente encontrou a porta e seguiu pela rua cambaleando como um ébrio. Em casa atirou-se como um louco à esposa, que era irmã de López; segurando-a pelos cabelos, arrastou-a pelo chão, pisou-lhe o rosto com o tacão das botas até ensanguenta-la toda e, deixando-a prostrada e desfalecida, degolou-se com uma navalha.

IV

Houve um oficial a quem o ditador sobre todos prezava e distinguia e que sempre se mostrou digno de tão grande confiança. Entretanto, se não houvesse morrido em 1867, era pouco provável que chegasse ao fim da campanha sem incorrer no desagrado de López. Como quer que fosse, este teve especial estima por José Eduvigis Díaz Vera, Chefe de Polícia e Capitão Comandante do 40° Batalhão de Infantaria, quando a Guerra foi declarada.

Imagem 26 – General José Eduvigis Díaz Vera

Diaz era um valente e destemido oficial, inteligente e perspicaz e talvez o único auxiliar consciente do Marechal. Tinha 33 anos e levou para o Campo de Batalha todo seu entusiasmo de moço e de patriota.

Foi uma das figuras proeminentes da campanha e praticou atos de verdadeiro heroísmo em todos os combates em que entrou. Verdadeiro tipo do espanhol, visionário e audaz, há um pequeno episódio curiosíssimo que dá a medida de seu caráter arrojado e fogoso.

Em fevereiro de 1865, o Presidente, após uma visita que fez ao 40° Batalhão, há pouco organizado e disciplinado pela perícia e energia de José Diaz, como sinal de satisfação pelo que viu, convidou o comandante para jantar em sua mesa, onde também se sentaram, entre outros distintos oficiais, o Coronel Barrios que chegara da Expedição de Mato Grosso, Francisco Sanchez, Presidente do Conselho de Ministros e o Major Estigarribia.

Em meio da conversa, que era toda sobre a próxima campanha, o Marechal perguntou ao capitão Diaz se já tinha meditado algum Plano de Guerra e que o expusesse.

> – Nenhum, senhor! Respondeu o oficial, porque nada mais quero senão conhecer o que V. Exª tenha resolvido, para o executar.

López, lisonjeado com a resposta do seu subordinado, voltando-se para os oficiais, observou que eram eles os Generais de amanhã e os depositários de sua confiança; que apesar do alto apreço que lhe merecia a modéstia de seus amigos e servidores, contudo ouviria com prazer a opinião deles franca e sincera.

> – Nesse caso, senhor!
>
> Exclamou Diaz, erguendo-se, direi que o mais ardente anseio de minha vida seria receber de V. Exª ordem para escolher sete mil homens do Exército e, embarcando-os nos melhores vapores da nossa Armada, tomar sem perda do tempo o rumo do Atlântico; passar pelo Rio da Prata, iludindo a vigilância dos navios brasileiros surtos ai; apresentar-me à vista do Rio do Janeiro, no nono dia.
>
> Penetrar na baía à meia noite por entre os Fortes cujos canhões não me fariam danos; desembarcar, em trinta minutos, debaixo das maiores precauções, atravessar a cidade rapidamente, cercar o Palácio de S. Cristovão e cair sobre ele, arrebatando a família imperial inclusive D. Pedro II; voltar para bordo trazendo bem guardada a minha presa e vinte dias depois entregá-la a V. Exª, nesta capital, de onde imporíamos a paz!

O assombroso projeto do moço desvairado foi ouvido em meio do maior silêncio. López, visivelmente

comovido, ao terminar o Capitão Diaz a incisiva narração, levantou o copo de champanhe e saudando o sonhador mancebo brindou ao patriotismo paraguaio ([139]).

De um relance López devia ter visto a inexequibilidade do projeto alucinado do seu oficial; mas, certamente esse plano de se apoderar do soberano brasileiro, cuja autoridade e prestígio o ditador tanto ambicionava ferir e abalar, deveria ter emocionado profundamente a vaidade do orgulhoso caudilho.

Daí, desse simples fato, talvez proviesse a grande afeição que consagrou a Diaz, em quem aliás sempre encontrou a mais dedicada resolução para todas as empresas que fantasiava a ilusão em que entretinha o espírito do General a corte aduladora e imprevidente que o cercava.

---

[139] É curioso saber-se que apesar do senso crítico que se lhe nota, tomou a sério o original projeto do capitão Diaz. Em seu livro o autor Sr. D. Silvano Godoy o comenta da seguinte forma: "*Não podia ser mais transcendental o plano apresentado pelo Comandante do 40°, nem mais propriamente, digno da sangrenta Epopeia Paraguaia. Com a metade de sua gente que conseguisse desembarcar, não havia obstáculo humano que o impedisse de levar a termo, até o último detalhe, seu arriscado cometimento. A vontade, energia e entusiasmo incontestáveis, ao lado da indiscutível competência – amplamente justificada na duração da guerra – auguravam pressentimentos felizes quanto ao resultado do gigantesco pensamento. E se atentarmos à qualidade da tropa encarregada de sua realização e que não existiam linhas telegráficas, redes de torpedos, nem encouraçados e que as baterias do Rio estavam artilhadas com canhões de sistema velho, ainda admitindo o caso de que ele preferisse forçar a barra ao desembarque fácil e simples na Praia Vermelha, Copacabana ou Gávea, o êxito não podia ser duvidoso. A experiência, todavia, encarregou-se de comprovar nossa afirmação em época recente, por ocasião da sublevação do Sargento Silvino de Macedo em 29.01.1892. A Fortaleza de Santa Cruz, considerada inexpugnável, foi atacada, dominada e tomada à baioneta por quatro companhias do 7° e 10° Batalhões às ordens do Tenente-Coronel Carlos Olympio Ferraz, e a ilha da Lage levantou a bandeira de parlamentar, rendendo-se à descrição, ao primeiro tiro de canhão da esquadra*". (LANGGAARD MENESES)

> Assim é que Diaz vai aparecendo sempre em todas as mais notáveis peripécias da guerra, sucessivamente promovido, até que após a sanguinolenta Batalha de 24.05.1866 ([140]), Tuiuti, para os aliados, Estero-Bellaco, como a chamam os paraguaios, o vemos elevado ao alto posto de General de Brigada.

A esse tempo, já a fama levara aos quatro cantos do país o nome glorioso do valente soldado. Era o mais popular dos guerrilheiros de López e a crônica dos seus feitos, engrandecidos pela ardente imaginação popular, era repetida com entusiasmo de boca em boca.

Entretanto, depois que José Diaz se viu General, foi que manifestou em sua plenitude as raras qualidades de homem de Guerra. Posto que sempre gozasse da confiança absoluta do Marechal, a inferioridade da patente em relação a outros com quem servia, embarcava-lhe a externação completa do seu pensamento, e tirava-lhe toda a iniciativa fora daquilo que lhe era especialmente cometido.

---

[140] A respeito dessa importantíssima Batalha, assim se exprime o autor Sr. D. Silvano Godoy: "*A batalha de 21 de maio foi das mais sangrentas de toda a Guerra e seu resultado um completo desastre. Cinco horas consecutivas de furiosa e desigual peleja quase exterminaram o Exército de López, que teve cinco mil mortos e sete mil feridos, enquanto as perdas aliadas chegaram apenas à metade. Os chefes superiores das três Divisões paraguaias tinham comando independente, o único porém, que cumpriu irrepreensivelmente o seu dever, porque esgotou os recursos desesperados de sua atividade e energia, foi o Coronel Diaz que dirigiu pessoalmente os seus Batalhões, combatendo ao lado do último de seus soldados. O General Resquin, que comandava a ala esquerda, se portou covardemente, desaparecendo desde o primeiro momento da ação – sem dar uma só ordem – e sem que os ajudantes dos Comandantes de Brigada que solicitavam instruções dele, conseguissem descobrir o seu paradeiro. López rugiu de cólera ao ter conhecimento disso, e o manifestou em termos duros, e se não fuzilou o General, foi unicamente porque seu cunhado, o General Barrrios, merecia a mesma pena pela supina inépcia com que se havia portado na ala direita. Além disso, o feito de armas de Tuiuti foi o maior erro do Marechal López*". (LANGGAARD MENESES)

Só depois que entrou para o quadro dos oficiais generais é que se sentiu com inteira liberdade e autoridade para intervir nas combinações de importância e emitir franca e desassombradamente suas ideias. Breve seu conselho tornou-se necessário em todas as deliberações, e em Passo Pucú houve momento em que exercia de fato a Superintendência Geral dos Exércitos em operações.

Apenas ele e o Coronel Aveiro eram os conhecedores dos mais pequenos detalhes da situação, guardados por López no mais meticuloso sigilo. Encontrava-se quotidianamente com o Marechal, quase sempre a horas tardias da noite. Era ele quem levava ao chefe a parte oficial das derradeiras notícias, omitidas nas comunicações telegráficas.

Penetrava na tenda sem formalidade alguma, nem prévio aviso, apenas apeava do cavalo com as armas na cintura e o chicote de prata pendente do pulso, chegando, se López já estava recolhido, até a rede em que ele na campanha repousava sempre.

Mas, era o único que gozava de semelhante liberdade, como também era o único que conversava com o ditador sobre os acontecimentos da guerra e o único que em algumas ocasiões ousava emitir observações em sua presença.

López, por seu turno, confiava-lhe as suas mais íntimas confidências. Foi com Diaz que se entendeu após a memorável conferência que, em Yataity-Corá, teve com Bartholomeu Mitre, Presidente da Confederação Argentina e então Generalíssimo dos Exércitos Aliados.

Pela meia noite, de 12.09.1866, fez López chamar com urgência o seu valido ao quartel general. O Presidente estava Betado em frente à mesa de trabalho,

completamente só e absorvido na mais profunda meditação; constantemente entregava-se a essas longas concentrações, que duravam horas, ou sentado, imóvel em uma cadeira, ou passeando automaticamente ao comprido de uma sala.

Diaz penetrou no alojamento, fez ao Marechal a continência devida e conservou-se a dois passos de distância, o seu quepe na mão. López, com a intimidade que só se permitia com o antigo Comandante do 40°, narrou ao General a entrevista com Mitre, os pensamentos que o tinham levado a solicitá-la, e as disposições que trazia desse encontro original.

Num momento do reflexão previdente López conseguira furtar-se à ilusão enganadora em que fazia viver uma Corte viciada de aduladores sem coração. Pode bem avaliar a gravidade do momento pela rememoração de alguns dos desastres irremediáveis que o já o tinham vitimado.

A perda dos doze mil veteranos nas mãos de Estigarribia e Duarte; a ruína da esquadra no Combate Naval de Riachuelo; o desbarato quase total do Exército na Batalha Campal de 24 de maio e agora a tomada de Curuzu pelo valoroso Barão de Porto Alegre.

A consciência amortecida do ditador foi subitamente iluminada pela situação dificílima em que se achava. Bem via que real perigo correra após a ação de 3 de setembro. Se Porto Alegre, animado pela esplêndida vitória, talvez o triunfo de maior transcendência das nossas armas depois da passagem do Paraná, tivesse continuado a avançar com as forças que lhe restavam, teria surpreendido o ditador pela retaguarda, dominado todas suas fortificações e abreviado consideravelmente a Guerra, se porventura lhe não desse termo.

Ao espírito de López apresentou-se nitidamente o aperto da situação; o ditador resolveu provocar uma conferência com o General em Chefe dos Exércitos Aliados e propor-lhe um acordo.

Alimentava intimamente a esperança de conseguir arredar do Teatro da Guerra Mitre e o Exército Argentino, rompendo-se assim a Tríplice Aliança e ficando apenas ele em luta contra o' Império que lhe merecia um ódio implacável.

Em todo o caso, si nada obtivesse na conferência, teria sempre ganho algum tempo para completar as fortificações de Curupaití.

Aceitando o generalíssimo a conferência, a que aliás não quis comparecer o General Polydoro, então Chefe das Forças Brasileiras, foi designado para sua realização o dia 12 de setembro, às onze horas da manhã, no lugar denominado Yataity-Corá, entre as guardas avançadas dos dois Exércitos.

Nessa manhã, às 7 horas, López, tomou a sua carnagem e acompanhado de um piquete do vinte cinco homens da sua escolta e de um luzido e numeroso Estado-Maior de chefes e oficiais, dirigiu-se ao lugar da entrevista. Em Passo Gomez tomou o seu fogoso cavalo branco e galopou só pela campina, mas não antes de haver com o binóculo percebido na orla do um capão, a dois quilômetros afastados, a sombra de um contingente de homens.

Realmente, precaução maquiavélica, mil soldados destacados do mais seleto das suas forças e municiados com cem tiros cada um, tinham sido colocados, à meia-noite, sob o maior silêncio, em ponto estratégico e prontos ao primeiro sinal. A conferência foi extremamente amistosa. A princípio o General Oriental esteve também presente.

Mas Flores não quis ouvir as recriminações que López lhe fazia de haver aceito o concurso estrangeiro para invadir o território de sua Pátria e depor o governo legal, responsabilizando-o pela "*Tríplice Aliança*" e pelo sangue que se estava derramando. O valente caudilho não levantou a discussão e, tomando o seu cavalo, seguiu em direção ao acampamento de suas Forças.

Ao retirar-se D. Venâncio Flores, López, fixando a atenção, percebeu que um numeroso Destacamento Argentino fazia exercícios militares nas cercanias de Yataity-Corá e compreendeu que o seu adversário também tomara as precauções de que ele não se havia esquecido.

O ditador se havia apresentado vestido na mais rigorosa etiqueta: casaca bordada do Marechal, botas de verniz, espada com os copos cinzelados de ouro, e um ponche de seda tricolor ricamente bordado. Mitre tinha apenas uma blusa militar sem galões, um chapéu desabado de feltro e uma espada comum.

A conferência prolongou-se e aqueles dois homens, ambos na culminância do poder, mas provindo de origens tão diversas, de caráter e tendências tão desarmônicas, de sentimentos e costumes tão radicalmente opostos, debateram por cinco horas a Paz e a Guerra.

Rememorando os incidentes que determinaram as hostilidades e o direito positivo de cada um dos estados beligerantes; as ofensas, os agravos, as provocações que se trocaram de parte a parte; os atos irregulares, violadores do direito das gentes e das leis da Guerra que levaram ao Tratado da "*Tríplice Aliança*", pacto solene garantido pela fé pública das nações contratantes e que de modo algum poderia ser quebrado sem prévio e comum acordo.

Em todo o caso Mitre chegou a apresentar a possibilidade da Paz assentando na separação definitiva de López do governo e da terra paraguaia.

– Isso só me imporão, atalhou com vivacidade o ditador, sobre a minha última trincheira, nos confins de minha, terra!

Finda a conferência, consignaram a notícia dela em um memorando, escrito em três vias pelo Coronel Alem, antigo Chefe da Secretaria de López; ao se separarem, depois de frases de amável cortesia, Mitre aceitou um cálice de rum que o ditador lhe ofereceu, e, saudando a próxima terminação da Guerra, trocaram os rebenques de uso em lembrança do memorável acontecimento.

V

Penetrando no alojamento do Marechal, Diaz veio interromper uma profunda meditação que já durava horas. Depois da entrevista em que se malograram todas as suas perspectivas, López tinha inexoravelmente tomado a resolução desesperada de lutar até o último instante e sucumbir por fim, mas depois de aniquilados completamente os seus Exércitos, morto o último soldado, postas em ruína todas as cidades e aldeias de sua pobre terra, refugiado com todos os habitantes que lhe restassem, mulheres e crianças, nos mais longínquos páramos ([141]) desertos onde não houvesse ainda pisado a planta humana.

Com Diaz conversou por longo tempo e sobre tudo lastimava que Mitre houvesse entrado em acordo com o Imperador em relação à política internacional.

[141] Páramos: campo situado nas terras altas dos Andes, na América do Sul, não queria se referir, certamente, ao local onde habitam os espíritos puros. (Hiram Reis)

Nada mais pois, havia a se esperar dele, a cujo respeito, verificava agora, quanto se tinha iludido. Sentia profundamente que o General argentino o privasse da glória de levar a termo o grande ideal do Libertador Simão Bolívar, expelindo para o outro lado do Atlântico a única testa coroada que maculava a democracia americana e o que o General Alvear não tinha conseguido fazer na memorável ação de Ituzaingó.

Por fim, López referiu a Diaz que Mitre lhe havia anunciado para antes do fim da semana como ele já havia previsto ([142]), um ataque decisivo por terra combinado com as Forças Navais, e o encarregou de ativar e dirigir pessoalmente as fortificações de Curupaití.

Não se havia enganado López. As Forças Aliadas, a 22 de setembro, dez dias após a conferencia do Yataity-Corá, ofereceram a formidável Batalha a que as fortificações do Diaz conseguiram opor uma resistência invencível.

Foi uma ação sanguinolenta desastrada em que o estoico heroísmo das nossas Forças valorosamente sucumbiu nas muralhas de Curupaití que vomitavam fogo incessante.

As valentes hostes aliadas chegavam por entre a metralha mortífera até os fossos principais das Fortificações para serem exterminadas pela intensa linha de fuzilaria das trincheiras, e era horrível de se ver a loucura sagrada dos oficiais e simples soldados disputando à porfia os postos de maior perigo com ostentação sublime de valor inexcedível e de desprezo pela vida.

---

[142] Sabemos que o Sr. General Mitre contestou esse tópico do livro do Sr. Dr. Godoy, pela Imprensa platina. (LANGGAARD MENESES)

Se no espírito do Marechal houvesse a compreensão perfeita do patriotismo, após a vitória que suas Forças tinham alcançado a 22 de setembro, ele, por certo, iria tentar a Paz, talvez possível dentro dos termos esboçados por Mitre.

Mas López proferia o extermínio da Pátria, o sacrifício infecundo de todos os seus concidadãos, a despir-se do poder absoluto que usurpava à nação, abandonando o governo e retirando-se para o estrangeiro como um simples mortal. Continuou a luta desesperada e sangrenta até que a morte o alcançou também nos areais inóspitos de Aquidaban.

VI

Depois da funesta ação de Curupaití, quatro meses decorreram sem que nenhum novo ataque fosse tentado de parte a parte. Apenas a Esquadra Brasileira não cessava os formidáveis bombardeios, tendo havido dias em que laçou mais de quatro mil projetis sobre as fortificações paraguaias.

O Gen Diaz costumava galhofar desse fogo contínuo, e, apregoando a inocuidade do divertimento dos brasileiros, afrontava, sentado nas muralhas das fortificações bombardeadas, a chuva das granadas que caiam por toda a parte e que ele dizia inofensivas e imprestáveis mesmo para dar lume ao seu cigarro.

Na manhã de 20.01.1867, em companhia de alguns ajudantes embarcou o arrogante oficial em uma pequena canoa e foi pescar no Rio Paraguai nas proximidades de Curupaití que a esquadra bombardeava. Logo que a canoa foi vista, de bordo de um dos navios brasileiros rebentou a fumarada de tiro e um projétil enorme explodiu sobre a embarcação que espedaçou, ferindo gravemente a dois oficiais e arrojando Diaz no meio da corrente.

Salvo pelo seu ordenança José Cuti, foi o General, tendo na perna direita grave ferimento, levado à sua barraca. López, logo que teve ciência do desastrado sucesso, fez cercar o amigo de todos os cuidados médicos, entregando-o ao Dr. Skiner, o melhor cirurgião do país, que procedeu à amputação da perna ferida.

Logo que se tornou possível foi Diaz trasladado em carruagem para o Quartel General, em Passo Pucú, onde foi tratado com especial atenção, aos olhos de López que velava horas inteiras junto do seu leito.

Duas semanas se passaram na alternativa da esperança e da dúvida. Ao fim desse tempo porém, graves sintomas sobrevieram e a morte tornou-se inevitável.

Aos 7 de fevereiro, pediu o moribundo que o deixassem só com o fiel Cuti, que ainda lhe não havia abandonado a cabeceira um só instante. Ao velho ordenança comunicou suas disposições de última vontade, recomendando que no caixão fúnebre colocasse, no lugar próprio, a perna amputada que havia sido convenientemente embalsamada.

Dadas todas as instruções ao caboclo, pediu que o vestisse todo com a farda de General e logo que foi satisfeito esse desejo mandou chamar o Marechal. López compareceu imediatamente e, alguns minutos depois, Diaz expirava, tendo comunicado ao seu amigo e senhor que ordenara ao Sargento Cuti que depois dos seus funerais lhe fizesse entrega da espada que ele ainda trazia à cinta.

Havia sido presente de López, após a batalha de Corrales e ele a tinha desembainhado em 2 e 24 de maio, em Sauce, em Curupaití. Era tudo o que possuía.

Seu último desejo foi despedir-se do Exército que devia desfilar ante seu corpo, logo em seguida à sua morte. López porém, contrariou essa póstuma vontade, com o intuito, talvez, de ocultar o desaparecimento do prestimoso guerreiro, como sistematicamente costumava fazer em relação aos mais notáveis sucessos da Campanha.

Às duas horas da madrugada, foi o corpo do General transportado a ombro até Humaitá, seguindo pelo Rio para Assunção, onde lhe foram feitos os mais solenes e opulentos funerais que jamais se realizaram naquela terra. Nem igual os haviam tido o ditador Francia e o presidente Carlos Antonio López.

Conta-se que as Forças Aliadas quando entraram triunfantes em Assunção, após cinco anos de um pelejar sem tréguas, entregaram-se aos mais condenáveis excessos, não respeitando mesmo o sagrado retiro em que repousam os mortos.

O mausoléu que recolhia o corpo do legendário caudilho foi porém, religiosamente respeitado. A soldadesca embriagada pela vitória, na sua infrene ([143]) destruição, não ousou tocar no sarcófago do valente inimigo. Posteriormente porém, esse monumento fúnebre que havia merecido o respeito de adversários triunfadores, foi profanado irreverentemente pelo próprio governo do Paraguai.

D. Candido Barreiro, quando Presidente, fez abrir o mausoléu sagrado e nele colocou, junto ao corpo do morto batalhador, o cadáver de Francisco Lino Cabriza, um sicofanta ([144])...

Rodrigo Octavio (LANGGAARD MENESES)

---

[143] Infrene: descontrolada. (Hiram Reis)
[144] Sicofanta: mentiroso, patife, velhaco. (Hiram Reis)

Quarta Carta à Tia Chica

(João Nicodemos)

Tia Chica

Maldito mil vezes seja
Solano López Francisco!
Danado o perro se veja
Até morrer sobre o cisco
Ou em fogo de carqueja!

Seja seu nome notado
Como o de febre maligna,
Como o de lobo esfaimado.
Como o de ave de rapina,
Como o de tigre assanhado!

Cego de negra ambição
Quis ostentar de valente,
Perdido em tanta ilusão,
Julgou-se, pobre demente! –
Igual a Napoleão.

Não lhe bastou ter atado
Ao equileo ([145]) da tortura
O peso seu desgraçado;
Na sua feroz loucura
Inda mas quis o malvado.

Seu futuro é um presente
Jogando ao azar da sorte,
Mandou a mesquinha gente
A certeira crua morte
Da guerra na luta ardente.

Ah! minha tia e senhora,
É lei de verdade eterna –
Que do mau chegando a hora
O sizo mais não governa:

---

[145] Veja na imagem 27. (Hiram Reis)

Mais que nunca vê-se agora.
López no mal, que sofrer,
De si se queixe somente
Se na forca padecer,
Foi sua mão imprudente,
Que quis a corda tecer.

Não pode encontrar piedade
Quem tem gosto em ser cruel
Indulgência, humanidade,
Mercê, guarida, quartel
Pode esperar, na verdade?

Com Solano, compassivo
Não pode ser o Brasil:
Provém dele o nosso dano;
Os nossos desgostos mil
Provém do feroz tirano.

Ai! minha tia, esta guerra
É penosa provação,
Se a minha razão não erra,
Em tão crua entalação ([146])
Nunca se viu nossa terra.

Já o País caminhando,
A passo lento, é verdade
De um Rei justo sob o mando,
Podia a prosperidade
Ir pouco a pouco alcançando.

Dos anos no rodear,
Não muito longo, podia
Os altos cimos galgar,
Onde as nações, minha tia,
Mais possantes tem lugar.

---

[146] Entalação: situação crítica, embaraço. (Hiram Reis)

Dessa vereda formosa
Foi de súbito afastado:
Na porfia gloriosa
Infelizmente estorvado,
Cessa-lhe a ação poderosa.

As forças, que ele aplicava
Da paz às belas feituras;
O vigor, com que arrostava
Revezes e desventuras
E, vencedor, os domava:

De seu destino fecundo
Transviados de repente
Se vão sorver no profundo
Abismo, que a mão furente ([147])
Abriu de López Segundo.

Eu bem sei, tia e senhora,
Que em breve da punição
Soará tremenda hora
Para o tigre de Assunção,
Por quem tanto a forca chora;

Eu bem sei que a Pátria nossa
Possui recursos bastantes
Para que de novo possa
Tornar ao que era de antes,
Sem dos golpes ficar mossa.

(SEMANA ILLUSTRADA N° 257)

[147] Furente: enfurecida. (Hiram Reis)

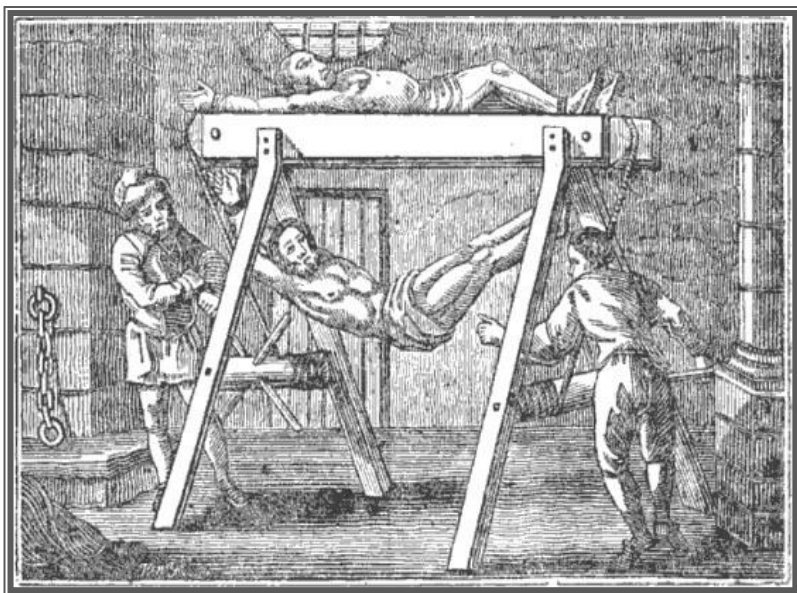



Imagem 27 – Equileo (O Jardim Litterario, 1949)

A estampa que hoje apresentamos dá uma sucinta ideia do horroroso suplício que em Roma-pagã se infligia aos considerados criminosos, especialmente sectários da sólida e verdadeira doutrina cristã.

Era uma espécie de cavalete de pau, a que os romanos bárbaros, adoradores das falsas divindades, deram o nome de Equileo. Só em o imaginar concebemos terror.

Ao padecente, deitado sobre duas traves unidas, com a cara voltada para cima, e as pernas cruzadas, eram ligados os braços e pernas com cordas, a que chamavam Fidiculœ, e puxando-as por meio de roldanas, ou serilhos, as apertavam de sorte que lhe torciam ou deslocavam os membros, esmagavam-lhe os pés e mãos, e pelo cruel apertão, até lhes saltavam muitas vezes fora as unhas dos dedos; para depois lhes rasgarem os lados com ganchos do ferro, e curarem suas feridas com fachos acesos. (O JARDIM LITTERARIO, 1949)

Plágio Sesquicentenário

Rio Aquidauana...
(Agenor Martinho Correa)

Sentado à margem do teu leito amigo,
Na paz que na cidade não consigo
Ante a balbúrdia de todos os instantes,
Vejo passarem tuas águas murmurantes
Entoando doce canção levada ao vento,
Vejo tu desceres preguiçoso, lento,
Beijando as barrancas timidamente...
E a tua paz misteriosa, envolvente,
Faz-me esquecer dos conflitos meus. [...]

Compulsado, em 2020, à uma quarentena indesejada, estava revisando meu 25° livro – "*Jornada Pantaneira*" quando esbarrei, ao analisar o perfil do asqueroso Francisco Solano López, com uma "*Ode*" ao abominável "*Mariscal*".

A poesia dedicada Exm° "*Mariscal Presidente*" tinha sido publicada originalmente no Jornal "*El Cabichuí*" n° 47, no dia 16.10.1867, e, mais tarde divulgada em todos os periódicos paraguaios.

El Cabichuí

O jornal "*El Cabichuí*", fundado por Juan Crisóstomo Centurión Y Marttínez, o Padre Fidel Maíz e Natalício de Maria Talavera, seus redatores chefes, foi impresso, durante a Guerra da Tríplice Aliança, no Quartel General Paraguaio de "*Paso Pucú*" pela "*Imprensa Del Ejercito*". O periódico, de duas edições por semana, impresso de 13.05.1867 a 20.08.1868, depois da 95° publicação foi extinto por falta de matéria prima e pessoal especializado.

CABICHUI

Miércoles 16 de Octubre de 1867. PASO PUCU. Año 1. N. 47.

Imagem 28 – El Cabichuí n° 47, 16.10.1867

Ricamente ilustrado, repercutia caricaturas satíricas dos principais líderes políticos e militares envolvidos na conflagração.

A redação tinha a intenção premeditada, devidamente manipulada pelo neroniano "*Mariscal*", de usando uma crítica mordaz denegrir a imagem dos seus adversários taxando-os de pusilânimes e bárbaros e de exaltar o heroísmo e determinação dos militares e povo paraguaio, ao mesmo tempo que transferia, sem pejo, as ações criminosas do seu exército como se estas tivessem sido promovidas pelos adversários.

Imagem 29 – Silveria Espinosa de Rendón

Silveria Espinosa de Rendón

A poetisa Silveria Engracia Antonia de los Dolores, nasceu, no dia 20.01.1815, na Hacienda Zamora, em Sopó, na antiga Nova Granada, hoje município da Colômbia no Departamento de Cundinamarca, cuja sede municipal está localizada 39 km ao norte de Bogotá. Silveria Espinosa faleceu em Bogotá no dia 16.08.1886. Sua família administrava "*La Imprenta Granadina*", que, desde 1776, tinha sido encarregada oficialmente, pelo Vice-rei Manuel Antonio Flórez, como "*Impressora Real*". Silveria Espinosa foi educada em um ambiente extremamente intelectualizado na cidade de Santa Fé, despertando nela, desde cedo, um interesse muito especial pela literatura em geral e, em especial, pela poesia. Nos saraus de que participava com os familiares e conhecidos recitava com entusiasmo invulgar seus poemas e poesias que logo em seguida, incentivada pelos familiares, passou a editá-los. Sua poesia rompeu o círculo dos familiares e amigos quando divulgou suas criações nos periódicos colombianos como "*La Guirnalda*", "*El Papel Periódico Ilustrado*", "*La Caridad*" e "*La Lira Granadina*". Foi a primeira poetisa colombiana que teve suas obras publicadas na Europa e defendeu veementemente o direito das outras mulheres se tornarem escritoras.

Plágio Sesquicentenário

Vejamos, a poesia original de Silveria e depois o plágio do "*El Cabichuí n° 47*" de 16.10.1867, atentando para os textos sublinhados:

FLORES
DEL JÉNIO.

Le génie de notre époque peut être aussi beau que celui des époques les plus illustres.

V. Hugo.

TOMO 1° Entrega 3ª.

ABRIL.

COCHABAMBA:
IMPRENTA DEL SIGLO.
Calle del Comercio, Número 10

1864.

— 112 —

En distintas atmósferas jiramos
Al influjo de un astro malhechor.
Nuestras almas tal vez se encuentren puras
En la santa mansion que el justo alcanza,
I en alas volarán de la esperanza,
Ante el trono de fuego del Creador;

Cual dos arroyos, al nacer unidos,
Su vida empiezan en el cauce mismo;
Mas las rocas dividen el abismo;
La fuerza los obliga a separar.
Montes i selvas los apartan; corren
Campos distintos en su curso vario;
Pero ambos, en su paso solitario,
Van a perderse juntos en la mar.

Salvador Bermudez de Castro.

PARA EL ALBUM DE LA SEÑORITA M. Q.

La hermosa flor que nace en la pradera
I que embalsama el aura con su aliento,
¡Oh! siempre, Margarita, un pensamiento
De santa gratitud despierta en mí:
El mismo que me inspira tu sonrisa,
Tu gracia virjinal, tu donosura;
Que si Dios a las flores da hermosura,
Inocencia i candor te ha dado a tí.

Si alguna vez, al despertar, escucho
Del canto de las aves la armonía,
Uno a sus écos la plegaria mia
I es mas férvida, entónces mi oracion:
I si vibran, por dicha, en mis oidos
De tu voz los armónicos acentos,
Suben a Dios, tambien, mis pensamientos
De santa gratitud i admiracion.

Mas, algo admiro en tí, que es mas hermoso
Que tus gracias i noble jentileza,
Que con mayor placer i mas viveza
Arrebata mi mente hasta el Señor:

Flores Del Jénio, 1864
Cochabamba, Bolivia – Abril de 1864

Para el Álbum de la Señorita M. Q.
(Silveria Espinosa de Rendón)

La hermosa flor que nace en la pradera
Y que embalsama el aura con su aliento,
¡Oh! siempre, Margarita, un pensamiento
De santa gratitud despierta en mí:
El mismo que me inspira tu sonrisa,
Tu gracia virginal, tu donosura ([148]);
Que si Dios, a las flores da hermosura,
Inocencia i candor te ha dado a ti.

[148] Donosura: honra. (Hiram Reis)

Si alguna vez, al despertar, escucho
Del canto de las aves la armonía,
Uno a sus ecos la plegaria mía
I es más férvida, entonces mi oración:
I si vibran, por dicha, en mis oídos
De tu voz los armónicos acentos,
Suben a Dios, también, mis pensamientos
De santa gratitud y admiración.

Más, algo admiro en ti, que es más hermoso
Que tus gracias y noble gentileza,
Que con mayor placer y más viveza
Arrebata mi mente hasta el Señor:
Algo que vale más que tu sonrisa,
Que tu precioso talle y que tu acento;
Algo que vale más que tu talento...
¿Sabes qué es, Margarita? – ¡Tu pudor!

¡Oh! guarda, pues, mi candorosa amiga,
Ese santo y riquísimo tesoro,
Que es de una virgen la corona de oro
Y el blasón de su bella juventud:
Guárdalo, sí, con todos los encantos
Que bondadoso te concede el cielo;
Y si brillas espléndida en el suelo,
No olvides que tu gloria es la virtud.

(FLORES DEL JÉNIO, 1864)

Cabichuí n° 47
Paso Pucú, Paraguay – Miércoles [149], 16.10.1867

Al Exm° Señor Mariscal Presidente de la República
En el día 16.10 1867 – Quinto Aniversario de su Magistratura Suprema – Poesía

[149] Miércoles: Quarta-feira. (Hiram Reis)

La hermosa flor que nace en la pradera
Y que embalsama el aura con su aliento.
¡Oh! Siempre, Gran Guerrero, un pensamiento
De santa gratitud despierta en mí;
El mismo que me inspiran tus bondades.
Tu coraje sin par y tu bravura;
Que si Dios a las flores dio hermosura
La clemencia y bondad te ha dado a ti.

Si alguna vez, al despertar, escucho
Del canto de las aves la armonía,
Uno a sus ecos la plegaria mía,
Y es más férvida entonces mí oración:
Y si vibran por dicha en mis oídos
De tu voz paternal dulces acentos,
Suben a Dios, también, mis pensamientos
De santa gratitud y admiración.

Más, algo admiro en ti, que es más hermoso
Que tu bondad y noble gentileza,
Que con mayor placer y más viveza
Arrebata mi mente hasta el Criador:
Algo que vale más que regias pompas,
Que ese de esclavos terrorozo acento;
Algo que vale más que joyasciente:
Esta prenda, Señor, es tu valor.

Hoy más que nunca reconoce el Pueblo
Ese santo y riquísimo tesoro,
Que es de esta Patria la corona de oro
Y de esclavos abyectos el terror.
Los ha mostrado Señor, en las victorias
Que bondadoso te concede el Cielo;
Y si brillas cual astro en el suelo,
¿Quién duda que tu gloria es el ***valor****?*

(CABICHUÍ N° 47)

¡ Viva el 16 de Octubre !
¡ Salud al Mariscal Lopez !

AL EXMO. SEÑOR MARISCAL

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA

EN EL DIA 16 DE OCTUBRE

DE 1867.

QUINTO ANIVERSARIO

DE SU

MAGISTRATURA SUPREMA

Poesía.

La hermosa flor que nace en la pradera
Y que embalsama el aura con su aliento,

Oh! siempre, Gran Guerrero! un pensamiento
De santa gratitud despierta en mí
El mismo que me inspiran tus bondades,
Tu coraje sin par y tu bravura;
Que si Dios á las flores dió hermosura
La clemencia y bondad te ha dado á tí.

—o—

Si alguna vez al despertar escucho
Del canto de las aves la armonía,
Uno á sus ecos la plegaria mia,
Y es mas férvida entónces mi oracion:
Y si vibran por dicha en mis oídos
De tu voz paternal dulces acentos,
Suben á Dios tambien mis pensamientos
De santa gratitud y admiracion.

—o—

Mas algo admiro en ti q' es mas hermoso
Que tu bondad y noble gentileza,
Que con mayor placer y mas viveza
Arrebata mi mente hasta al Criador;
Algo que vale mas que régias pompas.

Que ese de esclavos terroroso [illegible];
Algo que vale mas que joyas [illegible]
Esa prenda, Señor, es tu **valor**.

—o—

Hoy mas q' nunca reconoce el Pueblo
Ese santo y riquísimo tesoro,
Que es de esta Patria la corona de oro,
Y de esclavos abyectos el terror.
Lo has mostrado, Señor, en las victorias
Que bondadoso te concede el Cielo;
Y si brillas cual astro en este suelo,
¿Quien duda que tu gloria es el **valor**?

[illegible] Cabichuí.

Imagem 30 – El Cabichuí n° 47, 16.10.1867

EL MARISCAL LOPEZ RECIBIÉNDOSE DE LA MAGISTRATURA SUPREMA DE LA REPÚBLICA.

Imagem 31 – Cabichuí n° 47, 16.10.1867

A Campanha do Paraguai

(Bernardo Joaquim da Silva Guimarães)

I

INVOCAÇÃO

Ó musa, deixa do vergel sombrio
O asilo perfumoso;
Cerra o ouvido ao suave murmúrio
Do arroio suspiroso.
Pendura ao ramo a lira maviosa,
Em que cantas ao céu da solidão
No remanso da sombra deleitosa
Sonhos do coração.

Além, não ouves? O leão da Guerra
Ruge, e sacode a ensanguentada juba;
Se o fragor das Batalhas não te aterra,
Se podes tanto, emboca ([150]) a heroica tuba,
E em valentes, altíssonos clangores ([151])
Da Guerra canta as glórias e os horrores.

Vamos além, as vagas açoutadas ([152])
De rabidos ([153]) pampeiros
Cortando afoita em rápidas jornadas,
Vamos do Sul aos plainos derradeiros.

Entremos pela foz do imenso rio,
Que o ribombo escutou de cem Batalhas,
Inda de sangue tinto, inda sombrio
Do fumo das metralhas:
Desse rio, que em fogo enovelado,
Refletindo clarões sanguinolentos
Vomitou no oceano horrorizado
Cadáveres aos centos.

---

[150] Emboca: põe na boca para tocar. (Hiram Reis)
[151] Clangores: clamores. (Hiram Reis)
[152] Açoutadas: açoitadas. (Hiram Reis)
[153] Rabidos: raivosos. (Hiram Reis)

Por essas margens onde quer que passes,
Que de ruínas! Que de sangue e luto!
Do órfão, da viúva inda nas faces
Não está o pranto enxuto.
Ainda no barranco escalavrado
De ardente bombardeio
O rio lambe o sangue derramado.
Nos páramos ([154]) infestos ([155])
Inda dos charcos pútridos em meio
Devora o corvo os asquerosos restos
Do festim, que dos povos a vingança
Lhe preparou nos campos da matança.

Vamos; não temas transviar-te, oh! musa;
Armas quebradas, corpos espargidos
Aqui e além pela floresta escusa,
Rotas trincheiras, Fortes derruídos,
Montes de ossadas, poças de sangueira
Nos guiarão ao termo da carreira.
Troféus sanguinolentos, que recordam
Os nomes de uma plêiade de heróis,
Que mil proezas na memória acordam,
Serão nossos faróis.

Ali se pelejou luta gigante
Em fervidas Batalhas;
Ali dos nossos o valor pujante
Fossos rompeu, tranqueiras e muralhas,
E no próprio covil duro castigo
Foi fulminar ao pérfido inimigo.

Reivindicaram-se ali da espada aos fios,
Ao ronco dos canhões,
De três nações os ultrajados brios:
– Nobre desforra dos mais vis baldões ([156])!

---

[154] Páramos: desertos. (Hiram Reis)
[155] Infestos: malignos. (Hiram Reis)
[156] Baldões: ultrajes. (Hiram Reis)

Por esse longo esteiro sanguinoso
Que ampla ceifa de louros! Que vitórias!
Que estádio ([157]) luminoso
Tropel de heróis abriu às Pátrias glórias!

Que nomes imortais! ... Riachuelo,
Sepultura da Armada Paraguaia;
Humaitá, o horrível pesadelo,
Perante o qual todo o valor desmaia;
Cuevas, Itapiru,
E as alagadas, pérfidas campinas,
Que cingem Curuzu,
Itororó e Lomas Valentinas,
São páginas de luz em nossa história,
São brilhantes fanais ([158]),
Em que resplendem da brasília ([159]) glória
Reflexos imortais.

Saúda, ó musa, os sítios afamados,
Que viram tais portentos,
E da guerra aos heróis assinalados
Um hino entoa em másculos acentos.
Eia! com tuas mãos imaculadas,
Coroas tece aos filhos da vitória
De louros e perpétuas entrançadas,
E no festim da glória
Dá-lhes assento entre os mais altos vultos.
Que alcançarão no mundo eternos cultos.

Canta os heróis; – do bardo é grato o canto
Ao coração do bravo,
Bem como roto favo,
Que mel em fio escorre; – mago encanto,
Que ao lidador ([160]) a fronte desenruga,
Em quanto o sangue do montante enxuga.

---

[157] Estádio: período, era, época (Hiram Reis)
[158] Fanais: faróis. (Hiram Reis)
[159] Brasília: brasileira, brasiliana, brasílica. (Hiram Reis)
[160] Lidador: guerreiro. (Hiram Reis)

Da lira o canto, que consagra a fama
De ilustres lidadores,
E aos séculos proclama
Os nomes seus da glória entre os fulgores,
De um povo inteiro o culto respeitoso,
Apoteose, que lhes sagra em vida
Do peito no sacrário generoso
A Pátria agradecida,
Dos bravos eis o nobre galardão,
E nem por ai lhes bate o coração.

Longe de nós os títulos balofos ([161]),
Vistosas fitas, nítidos pendentes ([162])!
Esse falso ouropel de brasões fofos
Não tem valor aos olhos dos valentes
Bofé ([163]), que não são mais que torpe engodo,
Que nos arrasta à podridão do lodo.

Deixai, que dos heróis fuljam ([164]) na história,
Puros os nomes de apelidos vãos,
Que só podem dar lustre à vida inglória
De fofos cortezões.
De enfeites pueris limpo apareça,
Livre respire o peito do guerreiro,
Jamais dobre a cabeça
Da corrupção ao jugo lisonjeiro,
Que o prêmio no vil peito do covarde
Também verás brilhar ou cedo ou tarde.

Fundo golpe, que abriu atroz metralha,
Ou lança aguda em preito encarniçado,
Eis o brasão do herói, eis a medalha,
Que assenta mais no peito do soldado.

---

[161] Balofos: vãos. (Hiram Reis)
[162] Pendentes: pingentes. (Hiram Reis)
[163] Bofé: boa-fé, em verdade, francamente. (Hiram Reis)
[164] Fuljam: resplandeçam. (Hiram Reis)

O povo inteiro bem vos sabe o nome,
Do Paraguai altivos vencedores;
Dos feitos vossos o gentil renome
Não precisa dos pálidos fulgores
De frívola honraria,
Que brasões tendes de maior valia.

Adornos vãos de estólida ([165]) vaidade
Não conhece da história a musa austera,
Que o livro escreve da posteridade,
E nos domínios do porvir impera.
Para a fronte de seus heróis queridos
Só tem louros singelos
Por suas próprias mãos entretecidos;
Esses da glória os fulgidos emblemas,
Que têm maior valor, que são mais belos
Que os régios diademas.

Mas ai! ... Dessas coroas invejadas
Quantas já vão de fúnebre cipreste
Tristemente enramadas!
Quantos lá jazem na campanha agreste
– Desamparados sobre a terra nua,
– A quem aguda lança ou bala ardente
– Tão longe da querida Pátria sua!
– Lá deixaram dormindo eternamente!

Mas se acaso não pode a Pátria em pranto
Seus restos recolher em urnas de ouro,
Ergue-lhes, musa, em sonoroso canto
Padrão mais duradouro,
E os nomes seus e os louros gloriosos
Regados pelo pranto da saudade
Brilhando chegarão sempre viçosos
A mais remota idade.

---

[165] Estólida: estúpida. (Hiram Reis)

Eis, ó musa, a missão, que te confia
Da Pátria o amor sagrado;
Ele te inspire sonoroso brado
De máscula harmonia;
Ele me alente neste nobre empenho,
Digno por certo de mais alto engenho.

II

López e Humaitá

No seio lá do paraguaio solo
Sanhudo leopardo se aninhava,
Com a pata feroz calcando o colo
De uma nação escrava.

Com torvo olhar a malfadada gente
Cioso guarda, – pavorosa esfinge;
Todos os dias o faminto dente
Em sangue humano tinge;

Do cacique na lôbrega ([166]) espelunca
Do despotismo a furibunda ([167]) harpia,
Feroz desconfiança a garra adunca
Amola noite e dia.

De seus escravos a caterva ([168]) muda
Somente ao nome seu descara e sua;
E de joelhos tremula saúda
Até mesmo a sombra sua.

Sem nunca descansar sanguenta fúria
Ao cutelo do algoz afia o corte;
Vela incessante na sombria cúria
Por sentinela a morte.

---

[166] Lôbrega: medonha. (Hiram Reis)
[167] Furibunda: colérica. (Hiram Reis)
[168] Caterva: corja. (Hiram Reis)

Folga nas trevas qual sinistro mocho ([169]),
E do mistério a escuridão só busca;
Da luz do céu um raio inda que frouxo
Os olhos seus ofusca.

Com vesgo olhar desconfiado espia
O forasteiro, que lhe bate à porta;
Vê-lo é crime; falar-lhe é ousadia
Que pouca vez suporta.

Feroz rudeza, estúpida indolência
Por seus domínios sem contraste impera,
Nem um raio da luz da inteligência
Nos antros seus tolera.

Com muralha de bronze bem quisera
Cingir em torno as terras paraguaias,
E ai daquele que ao covil da fera
Transpor ousasse as raias!

Sim, bem quisera qual em turvo mangue
Bojuda sucuri, torpe réptil,
Devorar em segredo a seiva, o sangue
De seu rebanho vil.

Mas vede lá, na esquerda ribanceira
Onde em crescente encurva-se a barranca,
Do rio seu com hórrida tranqueira,
As portas atravanca.

Como bulcão ([170]) de feia catadura
Ao longo da ribeira ei-la acolá,
A colossal, terrifica estrutura,
Soberba Humaitá!

---

[169] Mocho (Asio stygius): a coruja-diabo é uma ave da família dos estrigídeos, encontrada no México, Antilhas e na América do Sul, principalmente, no Paraguai, Brasil e Argentina. (Hiram Reis)
[170] Bulcão: vulcão. (Hiram Reis)

É qual montanha de vulcões coroada,
De baluartes um congesto enorme;
A mole ([171]) imensa de canhões crivada
Estende-se disforme.

Da riba ao longo o bastião sombrio
Em vasto semicírculo se encurva,
E o sinistro perfil no longo rio
Estampa a sombra turva.

Ali com a hiante ([172]) face aterradora
As portas guarda à barbara nação,
Como estendida garra ameaçadora
De colossal dragão.

Por traz desse reduto alapardado ([173])
O monstro as rédeas solta ao desatino,
E cuida ter em suas mãos fechado
Da América o destino.

[171] Mole: construção colossal e pesada. (Hiram Reis)
[172] Hiante: escancarada. (Hiram Reis)
[173] Alapardado: escondido. (Hiram Reis)

Decisiva Batalha

O mal que os homens cometem sobrevive depois de suas mortes; o bem que fizeram quase sempre enterra-se junto com seus ossos.
(William Shakespeare)

O conflito não é entre o bem e o mal, mas entre o conhecimento e a ignorância.
(Sidarta Gautama)"

O Combate da Ilha da Redenção (também conhecida como Ilha de Carvalho, Ilha do Cabrita ou Ilha da Vitória) teve lugar no dia 10.04.1866, durante a Guerra do Paraguai, e foi o ponto de inflexão da Guerra contra o tirano Solano López.

É minha opinião inabalável que não houve nunca soldado que mais fizesse do que os da guarnição desta ilha; soldados que depois de quatro dias de bombardeamento vivo, suportando toda sorte de incômodos e privações, acabrunhados de fadigas, elevam tão alto a Bandeira Nacional, merecem toda a consideração e respeito dos seus concidadãos. Eu direi sempre com orgulho que comandei uma bateria no dia 10 de abril de 1866, na ilha de Itapiru.
(Capitão Francisco Antonio de Moura)

Ninguém superava na técnica e no espírito de ofício o indômito Tenente-Coronel Cabrita. Bruguez ([174]), prostrando Villagran Cabrita, criava o Patrono – daí por diante exaltado nos quartéis, e celebrado pelo patriotismo, como o exemplo e o guia: acima das vicissitudes históricas, o padrão do vigor moral, a quem o sacrifício sublima, na galeria dos brasileiros imperecíveis. (Pedro Calmon Moniz de Bittencourt)

---

[174] José Maria Bruguez: General paraguaio, Comandante da Artilharia que vitimou o Tenente-Coronel Villagran Cabrita. (Hiram Reis)

Imagem 32 – Villagran Cabrita (S.A. Sisson)

TCel João Carlos de Villagran Cabrita

O Decreto n° 51.429, de 13 de março de 1962, consagra o Tenente-Coronel João Carlos de Villagran Cabrita, Patrono da Engenharia Militar Brasileira. O site do Exército Brasileiro assim o apresenta:

> João Carlos Villagran Cabrita nasceu em Montevidéu, onde seu pai – oficial brasileiro – estava a serviço, no dia 30.12.1820. Vinte e dois anos mais tarde, foi declarado Alferes-aluno. O 1° Batalhão de Engenheiros, em junho de 1865 – tendo Villagran como fiscal administrativo, partiu de seu quartel na Praia Vermelha [RJ] para o Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança, vindo a empenhar-se em sérios embates no final daquele ano.
>
> Em 1866, o Major Villagran Cabrita assumiu o comando do Batalhão em decorrência do afastamento do comandante efetivo que fora comandar uma Brigada auxiliar de Artilharia. [...]

Deixemos, porém, o Dr. Francisco, mais adiante, fazer a apresentação devida de nosso Patrono, através dos eventos ocorridos no "*Ataque da Ilha do Cabrita*" através de artigo publicado no "*O Globo n° 97*".

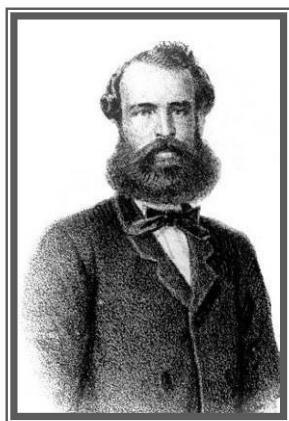



Imagem 33 – Dr. Francisco Pinheiro Guimarães

Dr. Francisco Pinheiro Guimarães

O poeta, jornalista e dramaturgo Dr. Francisco Pinheiro Guimarães nasceu no Rio de janeiro, em 24.12.1832, e faleceu, com 44 anos, na sua cidade natal, em 05.10.1877. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1856, defendendo a tese "*Pântanos do aterrado e sua influência sobre a saúde dos vizinhos*".

Foi um dos redatores, de 1862 e 1864, do periódico "*Gazeta Médica*" do Rio de Janeiro e colaborador das folhas do "*Comércio Mercantil*" e do "*Jornal do Comércio*". Atuou como Deputado pela província do Rio de Janeiro e pelo Município Neutro ([175]).

Em 1859, foi médico substituto da Seção Médica e, em 1860, Chefe da Clínica Médica, e, em 1870, lente catedrático de Fisiologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

---

[175] Município Neutro: unidade administrativa criada no Império, de 12.08.1834 a 15.11.1889, correspondente ao território do atual do município do Rio de Janeiro. (Hiram Reis)

Foi 1° Cirurgião da Armada Nacional e, quando o Paraguai declarou guerra ao Brasil, alistou-se voluntariamente no posto de 2° Tenente, sendo promovido, na ativa, sucessivamente até o posto de Coronel e, depois de reformado, ao de Brigadeiro Honorário do Exército.

Participou de diversos combates, tendo sido ferido, em 24.05.1866, na Batalha de Tuiuti, vindo a fenecer, mais tarde, em consequência dessas lesões. Recebeu diversas condecorações, dentre as quais a de "*Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul*", "*Dignitário da Ordem da Rosa*", além das Medalhas da "*Rendição de Uruguaiana*" e de "*Recompensa à Bravura Militar*". É Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina e Patrono da cadeira 26.

O historiador Francisco Felix P. da Costa, no seu livro "*História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai*", faz uma série de menções ao Bravo Dr. Pinheiro Guimarães que reproduzimos:

PARTE DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR GENERAL
([176])

> Quartel-General do Chefe do Estado-Maior em Tuiuti, 26 ([177]) de maio de 1866.
>
> Ilm° e Exm° Sr. – Assaz lisonjeiro me é comunicar a V. Exª que o Exército Imperial, sob o digno comando de V. Exª, na Batalha de 24 de maio corrente executou as manobras por V. Exª determinadas, concorrendo a sua bravura para a completa vitória que alcançaram as armas aliadas sobre o ousado inimigo, que atacou-nos com todo o seu exército pela frente e flancos.

---

[176] Brigadeiro Jacintho Pinto de Araújo Corrêa. (Hiram Reis)
[177] Impresso erroneamente, no original, como dia 20 no original. (H. Reis)

HISTORIA

DA

GUERRA DO BRASIL

CONTRA

AS REPUBLICAS DO URUGUAY E PARAGUAY

CONTENDO

CONSIDERAÇÕES SOBRE O EXERCITO DO BRASIL E SUAS CAMPANHAS
NO SUL ATÉ 1852.
CAMPANHA DO ESTADO ORIENTAL EM 1865.
MARCHA DO EXERCITO PELAS PROVINCIAS ARGENTINAS.
CAMPANHA DO PARAGUAY.
OPERAÇÕES DO EXERCITO E DA ESQUADRA.
ACOMPANHADA DO JUIZO CRITICO SOBRE TODOS OS ACONTECIMENTOS QUE
TIVERAM LUGAR NESTA MEMORAVEL CAMPANHA.

Le vrai moyen d'eloigner la guerre et de conserver
une longue paix, c'est de cultiver les armes.
FÈNELON.

VOLUME III.

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE A. G. GUIMARÃES & C. — RUA DO SABÃO N. 26.

1870.

Imagem 34 – História da Guerra do Brasil, 1870

Os soldados do Exército Imperial procuraram imitar em valor ao seu distinto chefe, que foi incansável em bem dirigi-los, acudindo de pronto a todos os reclamos que exigiam as circunstâncias e percorrendo todas as linhas da frente, onde pela sua temeridade, foi ferido e perdeu o cavalo que montava. [...]

Ainda encontrámos alguns detalhes sobre a Batalha de 24 de maio, na correspondência de Buenos Aires de 27 daquele mês, que convém transcrever: [...]

Essa batalha, a mais sanguinolenta da América do Sul, durou mais de 4 horas, fugindo afinal em completa desordem os batalhões inimigos, abandonando artilharia, armamento, diversas bandeiras, como 5.000 mortos e mais de 500 feridos, que não tinham, forças para marchar.

Observou-se que, apesar da temeridade que o plano da batalha da parte dos paraguaios revelava que eles não mostraram grande denodo em sustentar-se, mas desde a primeira resistência trataram de abrigar-se em suas posições, onde se empenhou mais renhido e duradouro o combate.

Não há palavras para ponderar a bravura que nessa jornada mostraram as tropas brasileiras, desde o General em Chefe até o último soldado. Os batalhões do Voluntários da Pátria mais novos, rivalizaram com os mais antigos veteranos.

A artilharia sustentou um fogo infernal, e a cavalaria, especialmente um esquadrão da brigada brasileira, que primeiro carregou sobre o inimigo, fez prodígios de bravura. Desta vez quase não há a mencionar, pelo seu brilhante comportamento, este ou aquele Corpo, todos portaram-se bizarramente ([178]).

---

[178] Bizarramente: extraordinariamente, singularmente. (Hiram Reis)

O Sr. Vice-Almirante escreve isto: "*Eles rivalizaram em valor e denodo em todos os lugares, e causa entusiasmo o prazer com que nossos chefes e oficiais feridos relatam as façanhas de seus* soldados. Honra o gloria ao soldado brasileiro! Ao Voluntário da Pátria e ao intrépido veterano do Império honra e glória!"

Todavia há uma menção de justiça a fazer: o 4° Batalhão de Voluntários, com seu comandante, o Dr. Pinheiro Guimarães, à frente, justificou as mais brilhantes esperanças que nele se fundavam. Quase só, teve de fazer frente a dois ou três batalhões inimigos, mas sustentou sua posição, e, se saiu dizimado ([179]) dessa prova suprema, saiu também coberto da maior glória e com a fama militar que não pôde mais ser excedida.

O glorioso combate, o esplendido triunfo, não se alcançou, porém, sem perdas muito sensíveis para os Exércitos Aliados, e em maiores proporções para o brasileiro.

O Marechal Ozório, além de ter seu cavalo morto, saiu contuso do uma bala.

O intrépido Brigadeiro Antônio de Sampaio, comandante da 3ª Divisão, saiu com três ferimentos de bala que todavia não se julgam mortais.

Morreu gloriosamente no combate o Tenente-Coronel José da Rocha Galvão, Comandante do 3° de Voluntários.

O Tenente-Coronel Dr. Pinheiro Guimarães tem três ferimentos, que não se julgam mortais. Este jovem herói depois de ferido conservou-se sempre à frente do seu Batalhão. [...]

---

[179] Dizimado: alquebrado. (Hiram Reis)

Considerações Sobre a Guerra Entre a Prússia e a Áustria em 1860 [...]

Também não devemos deixar de mencionar os serviços prestados pelo Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, comandante do 4° Batalhão de Voluntários, na batalha de 24 de maio.

Sendo médico e 1° cirurgião do Corpo de Saúde da Armada, deixou a sua profissão e ofereceu-se para ir servir no Exército.

Nomeado comandante daquele Batalhão, instrui-se na Tática Militar, e instruiu os seus soldados de um modo tão distinto, que mereceu elogios do General Ozório; na Batalha de 24 de maio conduziu seu Batalhão ao fogo de um modo admirável, como se fosse um oficial habituado aos combates, e ai recebeu dois ferimentos graves.

Eis aqui como homens de outras profissões, médicos, advogados, lavradores, negociantes, etc., fizeram-se militares valentes e aguerridos, e prestaram serviços distintos e importantes na Campanha que acabou. Grande foi na verdade o heroísmo de tão distintos brasileiros, e o desejo de vingar a sua Pátria das ofensas recebidas do tirano do Paraguai. [...]

Ordem do dia n° 5 [...]

Mandei então avançar sobre a fortificação e a passo acelerado a 5ª Brigada de Infantaria, tendo à frente seu valente comandante, o Coronel Dr. Pinheiro Guimarães, mandando ao mesmo tempo seguir com a maior presteza as escadas do assalto e os salsichões ([180]), que a esse tempo haviam já chegado. [...]

[180] Salsichões: carros muito compridos, em forma de caixa e por isso apelidados com a palavra alemã "*Wurst*" (salsichão). (Hiram Reis)

São dignos de elogios, e eu os faço com grande contentamento, os Coronéis João do Rego Barros Falcão e Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, não só pelo denodo e perícia com que se houveram no comando de suas respectivas Brigadas na ocasião de assaltarem os fossos e trincheiras do inimigo, apesar do fogo nutrido de metralha, que contra suas tropas fazia a artilharia do Forte, como pelo entusiasmo, que com seu exemplo souberam imprimir em seus soldados, tomando ambos as mais enérgicas providências para que a gloriosa missão de que foram encarregados tivesse o mais feliz e brilhante êxito. (DA COSTA, 1870)

RIO DE JANEIRO. — ANNO II. — N. 97

ASSIGNATURAS

SABBADO 10 DE ABRIL DE 1875

ASSIGNATURAS

O GLOBO

Orgão dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria

PROPRIEDADE DE GOMES DE OLIVEIRA & C.

COMPLETA NEUTRALIDADE NA LUTA DOS PARTIDOS POLITICOS

Imagem 35 – O Globo n° 97, 10.04.1875

No dia consagrado, atualmente, à Arma de Engenharia do Exército Brasileiro o jornal "*O Globo*" publicou o artigo do Dr. Pinheiro Guimarães:

O Globo n° 97
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 10.04.1875

Seção Histórica
Guerra do Paraguai

Aniversário do Ataque da Ilha do Cabrita
ou Da Redenção

Corria o mês de abril de 1866. Havia pouco mais de um ano que o Chefe Supremo do Paraguai, fazendo-se o mantenedor do equilíbrio sul-americano, que só ele pretendia romper, arrojara sobre os povos vizinhos desarmados e desprevenidos suas hostes semibárbaras e fanatizadas.

Ao norte, na província de Mato Grosso, província remota, despovoada e limítrofe do Paraguai, o pavilhão tricolor do povo guarani maculava ainda com a sua sombra sangrenta o solo sagrado do Brasil; mas ao sul, revezes sobre revezes tinham sucedido aos seus primeiros triunfos, filhos da surpresa e da felonia.

O exército aliado, composto em grande parte de homens que na véspera haviam abandonado a enxada ou a lima, a pena ou o pincel, as lides do comércio ou os trabalhos do gabinete, e que, reunidos às pressas em batalhões, sem disciplina nem instrução, marcharam sobre o inimigo de que estavam separados por centenas de léguas, havia esmagado 3.000 paraguaios em Jataí, aprisionado 5.000 em Uruguaiana e enxotado da Confederação Argentina as numerosas falanges de Resquin, enquanto a esquadra brasileira escrevia nos fastos heroicos da humanidade essa página esplendente, que se chama a Batalha Naval de Riachuelo.

Deixando mais tarde os acampamentos da Lagoa Brava e de Tala-Corá, onde demasiadamente se demorara, viera ele afinal fincar as suas, tendas na margem esquerda do rio Paraná, em frente ao Passo da Pátria, Quartel General de López, e ao alcance da artilharia do Itapiru, fortim erguido na ribanceira oposta pelo pai do Ditador.

Saindo apressadamente do território argentino, o exército paraguaio abandonara a ofensiva audaciosa com que começara a luta, e que lhe dera tão

amargos frutos, para colocar-se francamente na defensiva.

Desde então começam as retiradas, retiradas seguidas de longas paradas em pontos protegidos, por obstáculos naturais, fortificados pela arte, e entremeadas de ataques bruscos, de sortidas e surpresas mais, ou menos felizes, porém sempre vigorosas e valentemente executadas. Terrível sistema, capaz de eternizar a guerra por maiores que sejam os recursos, o valor e a superioridade numérica dos adversários, quando for energicamente dirigido e posto em prática com abnegação e coragem.

E López deu provas de uma energia inquebrantável, seu exército tinha o valor e a disciplina que levam o soldado à morte certa sem cuidados, sem murmúrios, sem hesitação; seu povo possuía bastante abnegação para, em obediência a uma simples ordem, abandonar tranquilamente o lar, destruir as searas, afrontar a fome e fugir do contato de um inimigo que lhe oferecia liberdade e proteção, deixando-lhe somente campos talados ([181]), árvores cuidadosamente despidas de frutos, e a água de seus brejos, onde saciando-se a sede, muitas vezes se bebia a morte.

Além disto, o país, cortado de rios, coberto de -pântanos e de tremedais ([182]) sem fundo sobretudo na região por onde podia ser mais facilmente atacado, eriçado de matas tropicais, quase sem estradas e de séculos vedado ao estrangeiro, estava talhado para tais operações. López compreendeu tudo isto, tarde para triunfar, se triunfar podia, mas ainda em tempo de paralisar durante anos os esforços de três povos contra ele coligados.

---

[181] Talados: arrasados. (Hiram Reis)
[182] Tremedais: atoleiros. (Hiram Reis)

Tendo o exército de Resquin transposto o Paraná, o ditador reuniu-o às suas outras Forças, e postou-o na margem direita desse rio colossal, interpondo assim um fosso enorme entre os seus canhões e as baionetas da aliança. Fora executada a primeira retirada, ia ter lugar a primeira parada.

Primeira retirada, primeira parada, que deviam ser seguidas de outras muitas, durante quatro anos, através de todo o território paraguaio, desde o Passo da Pátria até o Aquidaban, e que constituem outras tantas peripécias da epopeia da defesa, epopeia brilhante, se o seu principal protagonista não aliasse a uma indomável tenacidade a fereza, do tigre; se os outros personagens, grandes ou pequenos, não deixassem transparecer, mesmo nos seus feitos mais notáveis, antes a obediência passiva do escravo que morre porque o senhor lhe ordena, do que o entusiasmo viril do cidadão que por impulso próprio à Pátria se sacrifica.

Fazendo alto na margem direita do Paraná, o Exército Paraguaio esperava o inimigo protegido por um tremendo obstáculo que o aliados deviam transpor, se as nações que representavam não se contentassem, como não se contentavam, em repelir a invasão que tão brutalmente lhes fora levada. A expulsão de López das livres terras da América, era para elas não só questão de ponto de honra; mas garantia de um futuro tranquilo e desassombrado.

Derrocar de uma vez o fatal sistema implantado por Francia no Paraguai, e que fazia do povo dessa república um grande exército, feroz e disciplinado até o automatismo, afiada espada sempre apontada aos peitos dos vizinhos, tornara-se para elas uma necessidade indeclinável, se queriam afazer ([183]) os

[183] Afazer: habituar. (Hiram Reis)

braços de seus filhos antes ao serviço do arado ou aos trabalhos da indústria, do que manejo da lança e aos exercícios da artilharia, se ambicionavam vê-los a labutar nas oficinas e herdades; e não aglomerados nas fronteiras, de espingarda ao ombro e de patrona ([184]) à cinta.

Atravessar, porém, um grande rio, guardado por um exército numeroso e valente, tendo-se de penetrar em regiões desconhecidas e misteriosas, é sempre uma operação arriscadíssima. Era, entretanto, preciso executá-la, o quanto antes. O tempo necessário para prepará-la já parecia por demais longo às nações aliadas, que, ardendo na febre da vingança, pediam em altos brados pronta e completa desforra dos insultos recebidos.

Haviam entregue aos seus generais o mais puro de seu sangue, posto a sua disposição todos os seus tesouros, nem hesitavam em comprometer o futuro, nem as assombrava a miséria e o luto.

– Vingai-nos, diziam, e vingai-nos já!

Mas a responsabilidade dos generais era imensa, as febres populares dissipam-se, a reflexão vem depressa quando a despertam o pranto das mães, os gemidos dos órfãos e a áspera voz do fisco a reclamar a maior parte do produto de afanoso labor.

Era preciso atravessar o Paraná, perseguir a fera no seu antro, mas os que estavam à testa do exército deviam assegurar, tanto quanto possível, um êxito feliz à essa perigosa operação para que mais tarde não se lhes pedisse severa conta do sangue inutilmente derramado, dos recursos esbanjados por falta de tino e de prudência.

---

[184] Patrona: cartucheira. (Hiram Reis)

Entretanto, a impaciência que lavrava no ânimo dos povos aliados, trabalhava também o espírito de seus exércitos; cumpria fazer-se alguma coisa, tirá-los da inação em que haviam caído, do contrário se criaria, talvez, o desânimo, ou, pelo menos, se adormeceria o nobre afã, a sede de combates de que estavam animados.

Foi, cremos, principalmente sob a pressão dessas considerações que o General em Chefe dos Exércitos Aliados acedeu ao plano apresentado em conselho pelo então Major Dr. José Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenheiros do Exército Brasileiro. Esse distinto oficial, que mais tarde veio a sucumbir no serviço do País, propunha, que fosse ocupada a ilha, ou antes o banco de areia, que na vazante o Paraná deixa à descoberto em frente ao Itapiru.

Essa ideia fora muito impugnada. Fizera-se notar que a ocupação da ilha não traria vantagens e sujeitaria as forças que nela teriam de permanecer ao fogo do inimigo e a penosos sacrifícios. De posse dela, sem dúvida, de mais perto se poderia bombardear o Itapiru, porém, este fortim mais facilmente seria destruído pelos pesados canhões dos encouraçados do que pela pequena artilharia do exército.

Ocupada a ilha facilitava-se a passagem do Paraná? Diretamente, de certo que não. Indiretamente, talvez que sim, servindo essa ocupação para iludir os paraguaios, se acaso estes supusessem tão loucos os aliados que fossem justamente desembarcar em frente à ilha, do ponto mais guardado da margem paraguaia, e sob o fogo dos canhões das suas fortificações.

Quer, porém, interviessem decisivamente, como cremos, as considerações de ordem moral acima apontadas, quer não, o que fato é que o plano de ocupar-

se a ilha, foi abraçado pelo General em Chefe. Na noite do dia 5 de abril algumas canoas guarnecidas por praças do exército, e conduzindo parte do 3° Batalhão de Infantaria Brasileira, acompanhavam um vaporzinho em que iam o chefe e outros membros da comissão de Engenheiros dirigindo-se da margem correntina para a ilha, onde sem novidade chegaram.

Chefe e membros da Comissão de Engenheiros, oficiais e praças do 3° de Infantaria em pouco tempo a percorreram. Estava deserta, e seu solo completamente arenoso prestava-se a que em poucas horas nela se erguessem fortificações passageiras. Feito o reconhecimento, regressou a expedição.

No dia seguinte, 6 de abril, reinava notável animação nos arraiais do Exército Brasileiro. Sabia-se já que se ia ocupar a ilha naquele mesmo dia, e esse ato de franca ofensiva exaltava os espíritos.

Na beira do rio batiam-se os últimos pregos das jangadas que deviam servir ao transporte, nos acampamentos dos corpos dava-se a última de mão aos cestões e salsichões, que se estavam preparando havia dias; no Quartel Mestre recebiam-se milhares de sacos entregues pelos fornecedores, e na Comissão de Engenheiros reuniam-se pás, enxadas e picaretas.

À tarde, estava tudo pronto e, em jangadas, canoas e pequenos vapores, foram embarcados cestões, sacos, salsichões, utensílios de sapa, munições de boca e de fogo, 4 canhões e outros tantos morteiros; os primeiros, pertencentes à 1ª Bateria do 16° Batalhão de Artilharia a pé, sob o comando do Capitão Francisco Antonio de Moura, os segundos, constituindo uma Bateria Especial, sob o comando do Capitão Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza.

Depois, chegou a vez de embarcarem-se o 14° de Infantaria, formado em grande parte por guardas nacionais do município neutro e comandado pelo Major José Martini; o 7° de voluntários, organizado em S. Paulo e comandado pelo Tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca; um contingente do Batalhão de Engenheiros, sob o comandado do Capitão Brazílio de Amorim Bezerra.

O embarque de todo esse pessoal, 900 homens, e sobretudo de tão pesado material, consumiu toda a tarde e os primeiros momentos da noite. Concluído ele, jangadas e canoas, a reboque dos pequenos vapores, puseram-se a caminho para a ilha, e a ela aportaram já a hora avançada, sem terem sido incomodados pelo inimigo, a quem, de certo, não haviam escapado os preparativos da expedição, mas que ignorava o seu destino.

A ilha como já dissemos, é um simples banco de areia, completamente submergido nas grandes cheias do Paraná. Tem uma forma um tanto oval e o seu maior diâmetro fica paralelo às margens do rio. Está muito mais próxima do território paraguaio, a que pertence do que do correntino, mas á ainda separada daquele por um canal assaz largo e, como depois se soube, bastante profundo.

Quando nela desembarcou a expedição estava em grande parte coberta de, alta e espessa macega. Dominava-a o fortim do Itapiru, ao alcance de um tiro de carabina. A bateria desse fortim, e as que os paraguaios colocassem na margem do rio, poderiam facilmente varrê-la. A posição seria, pois, insustentável, se os ocupantes não tratassem logo na mesma noite de seu desembarque, de levantar seguras trincheiras que os abrigassem na manhã seguinte das balas, que, era de esperar, choveriam sobre eles.

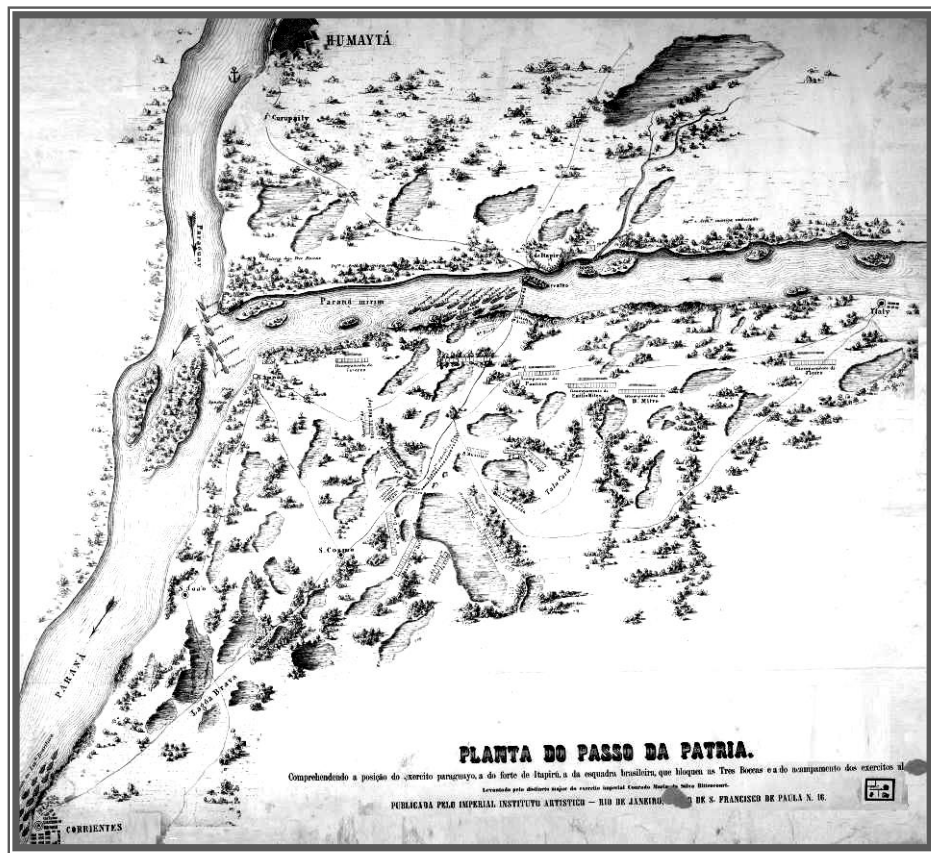



Imagem 36 – Passo da Pátria (Imperial I. Artístico)

Foi esse o primeiro cuidado do Tenente-coronel João Carlos de Villagran Cabrita, comandante da Força, Expedicionária. Com uma atividade digna dos maiores encômios traçou logo a linha das trincheiras e distribuiu o trabalho entre os seus subordinados, que com ardor puseram mãos à obra.

Os cestões e os salsichões estavam preparados; não faltava areia para encher os sacos; sobravam enxadas e pás para cavar um terreno pouco consistente; os braços eram robustos e diligentes. Estes preparam o fosso, aqueles enchem os sacos, outros os empilham e colocam cestões e salsichões.

Durante toda a noite estes novecentos homens trabalharam sem cessar, mas quando o dia surgiu uma forte linha de trincheiras, guarnecida por oito bocas de fogo, os protegia da artilharia inimiga; estavam desde então solidamente estabelecidos em um pedaço do solo paraguaio.

As trincheiras, eram duas, mas formavam uma única linha defensiva, desenvolvida pouco mais ou menos no sentido longitudinal da ilha. A da direita era um pouco oblíqua à direção das margens do rio.

Mais aproximada na sua extrema direita da margem correntina do que da paraguaia, formava depois na esquerda um angulo obtuso, cujo vértice era dirigido para o Itapiru. A parte dessa trincheira que, vindo da direita, precedia o ângulo, abrigava o 7° de Voluntários e o 14° de Infantaria; a parte que sucedia ao ângulo estava guarnecida por dois canhões.

No prolongamento dessa parte artilhada, em uma direção paralela às margens do rio, erguia-se a trincheira da esquerda, mais cuidadosamente feita do que a da direita, e guarnecida por dois canhões e quatro morteiros.

A trincheira da direita não chegava ao rio, havia ai um pequeno espaço limpo de fortificação por onde se podia passar com facilidade.

Entre a trincheira da direita e a da esquerda ficava também uma abertura, no centro da qual foi plantado o mastro da bandeira; entre a trincheira da esquerda e o rio permanecia um extenso trato de terreno sem nenhuma obra de arte, oferecendo portanto a máxima facilidade a quem quisesse contornar a fortificação e entrar nela por um flanco.

Desta tão sucinta descrição vê-se que, se essas trincheiras abrigavam a guarnição dos canhões inimigos, mal a resguardariam se ela fosse assaltada.

Mas não se temia um assalto: de dia seria ele impossível, à noite deveria ser considerado altamente temerário, pois quando mesmo os assaltantes conseguissem tomar a ilha, seriam despedaçados pelas metralhas dos grossos canhões da esquadra.

Começava-se a guerra, não se sabia até que ponto de audácia, mesmo de loucura, chegariam as agressões paraguaias e podia-se pensar assim. Mais tarde, Cabrita não confiaria nesse raciocínio: a esquadra guardaria a retaguarda da fortificação, e esta formaria um recinto fechado.

No dia 7, pela manhã, viram os paraguaios, naturalmente com pasmo, o pavilhão brasileiro hasteado na ilha. O Itapiru abriu logo fogo, a resposta não se fez esperar.

Começou um combate de canhão e de um ou outro tiro de carabina. Nessa luta realmente improfícua de lado a lado, ora vigorosa, ora fracamente susten-

tada, escoaram-se os dias 7, 8 e 9, e assim se escoariam provavelmente todos os que lhes sucedessem, se López não fosse o Diretor Supremo do Exército Paraguaio. Era López um General excepcionalíssimo. Fugindo pessoalmente do perigo, cauteloso da própria individualidade até o ridículo, só lhe apraziam, entretanto, as operações arriscadas.

Não o intimidava o plano mais audaz, contanto que outros que não ele o executassem. Cheio de estulta vaidade, desprezava os mais positivos princípios da arte militar.

Se uma operação tinha dez probabilidades a favor e noventa contra, por isso mesmo a preferia; é dotado de um profundo desprezo pela vida dos homens que derramavam seu sangue para satisfazer-lhe a ambição, empenhava-os em tentativas arriscadíssimas, mandando-os à morte com implacável serenidade.

O Coronel José Eduvigis Díaz, seu favorito então, lhe suscitou a ideia de expelir da ilha os brasileiros, tomando-lhes os primeiros canhões que nessa guerra haviam rolado sobre o solo paraguaio. Si tivesse bom êxito, esse golpe desmoralizaria o Exército Aliado, se corresse mal, perder-se-iam algumas centenas de vidas, coisa para López de mínima importância.

A ideia era atrevida, por isso mesmo agradou, e entre o Ditador, Madame Lynch e o Coronel Diaz foi logo concertado o Plano da Operação. Mil e duzentos homens, escolhidos entre as melhores praças do exército paraguaio, seriam divididos em três colunas de 400 homens cada uma. O comando da primeira caberia ao Major Romero, homem astuto e refalsado ([185]).

---

[185] Refalsado: traiçoeiro. (Hiram Reis)

Essa coluna embarcar-se-ia em canoas um pouco acima da ilha e, deixando-se levar pala correnteza, a favor das sombras da noite a deveria alcançar, desembarcar sem ser pressentida, atacar a trincheira, tomá-la de surpresa, aproveitando-se da estupefacção de seus defensores.

As outras duas partiriam, uma após outra do ponto mais vizinho da ilha, e ganhá-la-iam à força de remos, logo que a primeira tivesse desembarcado: constituiriam as reservas e deviam decidir da vitória, caso esta fosse disputada.

Na noite do dia 9, estava tudo preparado para realização, desse plano. Grande número de canoas, cercadas de aguapés amarrados às bordas, para ocultar-lhes as formas sob uma capa de verdura, esperavam os soldados que deviam transportar. Estes estavam reunidos na margem, armados e municiados. Ia dar-se a ordem de embarcar, quando ouviu-se tropel de cavalos.

Pouco depois estacou em frente da tropa uma amazona montada em soberbo ginete, tendo a seu lado um menino é atrás um numeroso Estado-Maior.

Se a noite não fosse tão escura, ver-se-ia que essa amazona era uma mulher de trinta anos, de porte elevado e de formas amplas e acentuadas. Bastos cabelos castanhos, quase louros, emolduravam-lhe a testa elevada e lisa.

Suas feições regulares podiam passar por belas, se já não estivessem como que empastadas por uma camada demasiadamente abundante de tecido adiposo, que alterava a pureza das linhas.

Seus olhos azuis, com reflexos amarelados quando a ira os acendia, tinham o brilho incomodo e frio do aço polido, se ela intencionalmente os não ameigava.

Era de certo pujante a natureza daquela mulher. Brunehaut ([186]) e Fredegunda ([187]) foram sem dúvida assim. Naquela fronte que sabia vergar-se com a mais perfeita humildade, erguer-se com soberba Imperial, e iluminar-se de uma aureola seráfica ([188]), conforme as necessidades de momento, assentava bem a coroa que cingiram aquelas duas rainhas francas.

Como elas ambiciosa, hipócrita, inteligente, perversa e lasciva, era capaz de passar ainda palpitante de volúpia da misteriosa recâmara votada a Vênus ao severo gabinete do conselho, onde, inspirada pela sede do poder, ninguém se mostrava mais calmo, mais friamente calculista, mais hábil em forjar intrigas, em formular planos, em preparar vinganças.

Essa amazona era Madame Lynch, a amásia ([189]) de López, o mau gênio do Paraguai, apanhada pelo ditador nos prostíbulos de Paris, para vir com seus pés, que pareciam destinados somente a levantar o pó das bodegas da grande capital, pisar sobre a cabeça de um povo americano, cujas donzelas prostituiu, cujas matronas chicoteou, cujos homens fez matar ou envileceu sem dó nem compaixão!

Sonhara com um Império para si e para seu amante, e queria alcançar o trono mesmo passando por cima de montões de cadáveres! Madame Lynch vinha animar os soldados e representar uma cena de comédia. A esses pobres guaranis, que ela tratara sempre com o máximo desdém, começou a distribuir charutos e sorrisos.

---

[186] Brunehaut, Brünnhilde, Brünnhild ou ainda Brunilda: na mitologia nórdica, é uma valquíria, que na Saga dos Volsungos foi encarregada de decidir a batalha entre os reis Hjalmgunnar e Agnar. (Hiram Reis)

[187] Fredegunda: foi rainha cônjuge de Quilperico I, rei franco, envolvida em inúmeros assassinatos. (Hiram Reis)

[188] Seráfica: mítica. (Hiram Reis)

[189] Amásia: concubina (Elisabet Alícia Lynch). (Hiram Reis)

Diz-lhes que se vão Cobrir de glória expelindo do seio da pátria os brasileiros, que os querem levar cativos a longínquas terras, roubando-lhes os filhos e as mulheres. Promete-lhes grandes prêmios, assegurando-lhes ao mesmo tempo ser de facílima execução a empresa que vão tentar; tudo está previsto e preparado para dar-lhes esplêndida e pouco custosa vitória. Arrouba-se, excita-os, e termina declarando que traz-lhes seu mais estremecido filho, menino de 10 anos, para acompanhá-los em tão gloriosa expedição.

Os pobres soldados choram enternecidos, vendo essa mãe, essa estrangeira, mandar com eles ao combate seu filho mais querido, e juram morrer ou voltar triunfantes. Quanto ao menino, esse não partirá; não o querem os soldados, nem Romero consente. O menino chora, quer combater pela causa da Pátria; Madame Lynch apoia-o, insiste, irrita-se; mas Romero não cede, e, como estava combinado, vence afinal.

Toda essa cena fora magistralmente representada. Os soldados ficam convencidos que se devem deixar matar, não só por obediência, mas também por amor dessa heroína mulher e desse filhote de tigre, que chora porque não o querem deixar confundir com o deles o seu precioso sangue.

São três horas da manhã, é preciso partir.

Enchem-se as canoas e arrancam da margem. Com algumas remadas alcançam o fio da corrente. Recolhem-se os remos, e ai vão elas na escuridão da noite caminhando unicamente impelidas pela correnteza. Só o piloto tem a cabeça fora da borda; os outros agacham-se no fundo. A esse tempo, na margem correntina, dorme o Exército Aliado a sono solto: unicamente as sentinelas e rondas estão alerta, como de tempos a tempos o anunciam as

pancadas secas da bandoleira sobre a espingarda e o tropear abafado e lento de dois ou três cavalos, que param aqui ou ali ao grito de – quem vem lá? Na esquadra, cujos vasos estão todos distantes da ilha, reina profundo sossego.

Na mesma ilha tudo revela a maior tranquilidade. Na véspera o Itapiru, em vez de cessar o seu fogo, como de costume, ao pôr do Sol, o prolongara até ás nove horas. Mas depois calara-se. Quase toda a guarnição da ilha dorme por detrás das trincheiras.

Este sonha com a mãe a abraçá-lo lavada em lagrimas de alegria no dia do regresso; aquele com a noiva, que ficou na Pátria, a oferecer ao seu primeiro beijo a fronte coberta de pudico rubor. Quantos sonhos fagueiros não acodem nestas noites mal dormidas, em frente do inimigo, sob a abóbada celeste, o corpo estendido sobre o chão molhado pelo rocio ([190]), a cabeça apoiada na mochila! Dormem e sonham os defensores da ilha, e aquela massa negra que boia sobre o rio, aproximando-se deles cada vez mais, traz-lhes talvez a morte, E ninguém a presente, a traiçoeira.

Entretanto, fora da trincheira, uma linha de vedetas ([191]) borda a ilha em frente à margem paraguaia. Vigiam elas? Sondam como era de seu dever, com olhar atento, e perspicaz a superfície das aguas, já cobertas de alguns tênues vapores, que pesadamente se vão levantando com a aproximação da madrugada? É licita a dúvida. A noite está a findar, o frio da manhã começa a fazer-se, sentir; murmura monotonamente o rio lambendo as margens da ilha: tudo está tão tranquilo! O que é verdade é, que a massa negra se avizinha sempre, e ninguém ainda soltou o grito de alarma.

---

[190] Rocio: orvalho. (Hiram Reis)
[191] Vedetas: sentinelas à cavalo. (Hiram Reis)

Se alguém a viu, tomou-a, de certo, por uma dessas ilhotas trançadas de verdura, que o rio quando engrossa arranca às suas margens.

Por entre as sombras da noite que ainda envolvem em seu crepe negro águas, florestas e terras, com efeito dificilmente se poderiam distinguir as canoas paraguaias, artificiosamente cercadas de verdura e agrupadas, dessas ilhotas que às dezenas, durante os dias e as noites anteriores haviam passado por junto do banco.

Nenhuma remada as denuncia, nenhuma voz as atraiçoa, vêm vagarosa, mas incessantemente chegando-se. Já distam poucas braças da ilha.

– Sentinela, alerta! É tempo ainda, dispara a tua espingarda, acorda teus camaradas que descansam confiados na tua vigilância.

– Mas, as sentinelas dormem, ou estão iludidas, e a massa negra das canoas paraguaias se encostou à ilha.

Como si fosse uma jaula repentinamente aberta, com pulos de pantera saltam dela para a ilha 400 homens. Algumas vedetas são mortas, antes talvez de terem despertado, outras lutam a ferro frio, algumas buscam as trincheiras.

O rumor, um tiro agora, outro depois, acordam a guarnição que dorme ao lado das armas ensarilhadas.

Alguns dos assaltantes já estão no fosso, outros já galgam as trincheiras, e um imenso grito de triunfo – "*Vivam os Paraguaios*" seguido de feroz vozeria, atroa os ares. Mas, uma fita de fogo orlou a crista das trincheiras, a valente guarnição estava a postos, e acolhia o inimigo com uma descarga cerrada.

À essa descarga sucedeu um fogo por filas admiravelmente sustentado, não se diria que por detrás daqueles parapeitos estavam recrutas, que pela primeira vez entravam em combate e que haviam despertado quase sentindo o ferro do inimigo. Tanta segurança, serenidade e precisão revelava aquele fogo que parecia executado em parada por tropas veteranas; e adestradas.

Felizmente foi sobre a trincheira da direita, que convergiram os esforços dos paraguaios, que porque a macega não lhes tivesse deixado ver quanto era fácil penetrar pelo centro, pela extrema direita e sobretudo pela extrema esquerda, contornando a fortificação; quer porque não se pudessem guiar bem na escuridão da noite.

Compreendendo os lados fracos de sua posição, Cabrita, sempre sereno, apenas foi sentido o inimigo, mandou o valente Capitão Tibúrcio defender o espaço aberto da extrema esquerda, confiou o centro ao intrépido Tenente Eudoro Emiliano de Carvalho e dirigiu-se para a direita, onde batiam-se encarniçadamente o 7° de voluntários e o 14° de Infantaria, dirigidos por seus distintos chefes.

Repelidos das trincheiras os mais audazes paraguaios, que no primeiro ímpeto a iam galgando, debalde insistem os outros, pretendendo romper por aquela chuva de balas que os dizima.

Foi reforçada a primeira com a segunda coluna; sobra-lhes valor e disciplina, mas os grupos que formam cambaleiam sob a fuzilaria e alguns tiros de metralha, que sobre eles fez disparar o bravo Capitão Moura.

Não tardam a rarear-se, caem os homens como espigas ceifadas por destros lavradores.

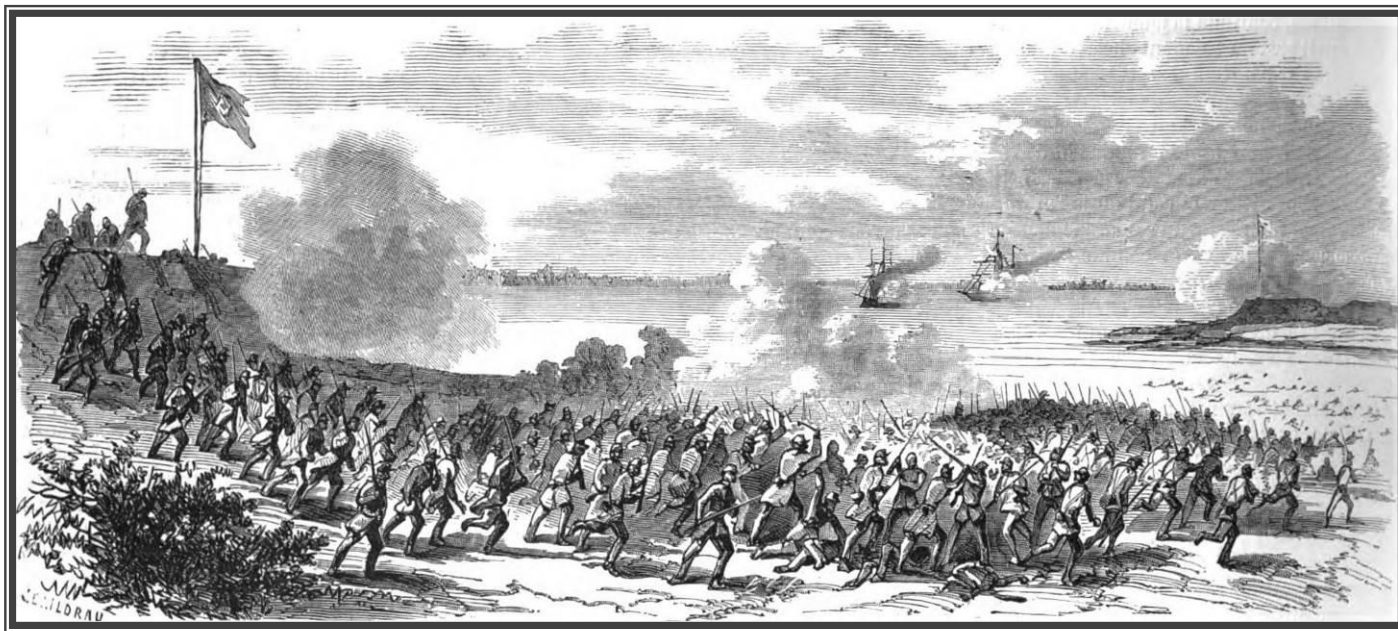



Imagem 37 – Ilha da Redenção (Jules Gaildrau, 1866)

Porém não fogem, os bravos; deitam-se na macega e mesmo deitados fazem fogo sobre as trincheiras, não- mais esperando tomá-las, querem ao menos vender caro as vidas.

Aos primeiros tiros disparados na ilha acordaram os Exércitos Aliados. A feroz cuquiada ([192]) paraguaia ecoou dolorosamente aos ouvidos dos oficiais e soldados; eram gritos de sinistra alegria, como devem soltar canibais prestes a devorar em hórrido festim as carnes ainda quentes do inimigo vencido Os batalhões formaram-se imediatamente, sem saberem no primeiro momento onde era o combate, mas a direção de onde vinham os tiros e a vozeria demonstrou logo que a luta se travava na ilha.

Pouco a pouco a margem esquerda do rio ficou coberta de espectadores. O mesmo certamente aconteceu na direita; e assim quatro exércitos, debruçados sobre o largo Paraná assistiam, testemunhas, ofegantes a esse ingente duelo, que tinha por teatro um banco de areia, erguido alguns palmos sobre o nível das águas.

Solene partida, jogada de um lado pela civilização e a liberdade, servidas pela dedicação, do outro pela tirania e a ignorância, apoiadas na mais completa obediência de que o mundo tem memória!

Dentre os aliados, como de razão, os mais ansiosos eram os brasileiros, pois brasileiros eram os que naquele momento batiam-se pela honra da aliança.

Um Batalhão de Infantaria dormia todas as noites na margem do Paraná para ser transportado à ilha, caso a guarnição desta carecesse de socorro; nessa noite coubera ao 12° esse serviço.

---

[192] Cuquiada: algazarra incitando os soldados ao combate. (Hiram Reis)

Osório, cuja impaciência era extrema, quis fazê-lo partir; era impossível, suas ordens a esse respeito não haviam sido cumpridas, o Batalhão estava pronto, mas seis canoas sem remos não podiam transportá-lo.

Como batiam forte todos os corações, como o olhar se aguçava debalde, para descortinar os incidentes da luta? O que se percebia era, que se valente fora o ataque, valente também era a defesa. Ardia em fogo a ilha, fuzilaria incessante iluminava-a de mil relâmpagos a um tempo. Ouvia-se sempre a gritaria dos paraguaios, mas respondiam-lhe as nossas cornetas tocando, sem cessar, a fogo ([193]).

Ninguém podia prever os resultados do combate, tão bem ferido parecia ele por um e outro lado. Os espectadores quase não respiravam; a ansiedade tinha chegado ao seu auge.

De súbito um raio de Sol rompendo as trevas da noite e as brumas da manhã, que cercavam a ilha, bateu em cheio, sobre a parte superior da haste da bandeira; um brado, uníssono saiu de todos os peitos, lá estava flamejante o pavilhão auriverde, altivamente desfraldado às brisas da madrugada!

A luz desceu depressa e veio iluminar a ilha. Soou o hino nacional, e todos viram distintamente a guarnição saltar por cima das trincheiras e carregar à baioneta os paraguaios, que fugiam espavoridos. A vitória era certa.

- Glória à guarnição da ilha! glória aos palatinos da pátria, da liberdade e da civilização.

Mas o dia 10 do Abril, que surgia cheio de fulgores, devia ainda marcar a data de outros nobres feitos.

---

[193] A fogo: fazer fogo! (Hiram Reis)

O "*Henrique Martins*", pequena canhoneira de madeira, fazia parte da vanguarda da esquadra brasileira. Seu comandante, o 1° Tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, vendo a ilha atacada, mandou tocar, à postos, fez acender as caldeiras e dirigiu-se ao comandante da vanguarda para participar-lhe que a ilha fora assaltada e pedir ordem para socorrê-la.

Sem ouvir as ponderações que lhe eram feitas relativas à necessidade de intervenção superior, tomou a responsabilidade sobre si, e seguido do "*Greenalgh*", comandado pelo Tenente Marques Guimarães, a todo vapor caminhou para a ilha, chegando a tempo de metralhar pelo flanco os paraguaios, já completamente desbaratados.

A terceira coluna, paraguaia, chegada mais tarde do que as outras, ainda não tinha desembarcado toda, ou teve tempo de reembarcar-se em parte, apesar de Cabrita ter mandado, quando a derrota se pronunciou, cortar com machadinhas os cabos que prendiam as canoas à ilha.

O canal entre a ilha e o Itapiru, por onde se escapavam os paraguaios fugitivos, era completamente desconhecido e estava defendido por canhões de 68. O comandante do "*Henrique Martins*" não hesita; enfia por ele, e lança a sua canhoneira sobre a flotilha de canoas paraguaias. Com a proa mete umas a pique, com as rodas levanta outras e as emborca, enquanto a marinhagem de revolver e carabina em punho mata-lhes os tripulantes, que procuram fugir a nado.

Os canhões paraguaios atiram com verdadeiro frenesi sobre a audaz canhoneira que lhes passa a tiro de pistola. A canhoneira lhes responde-lhes metralhando os que da margem lhe fazem fogo. Percorre lentamente o canal, limpa-o de inimigos, e surge avante do outro lado da ilha.

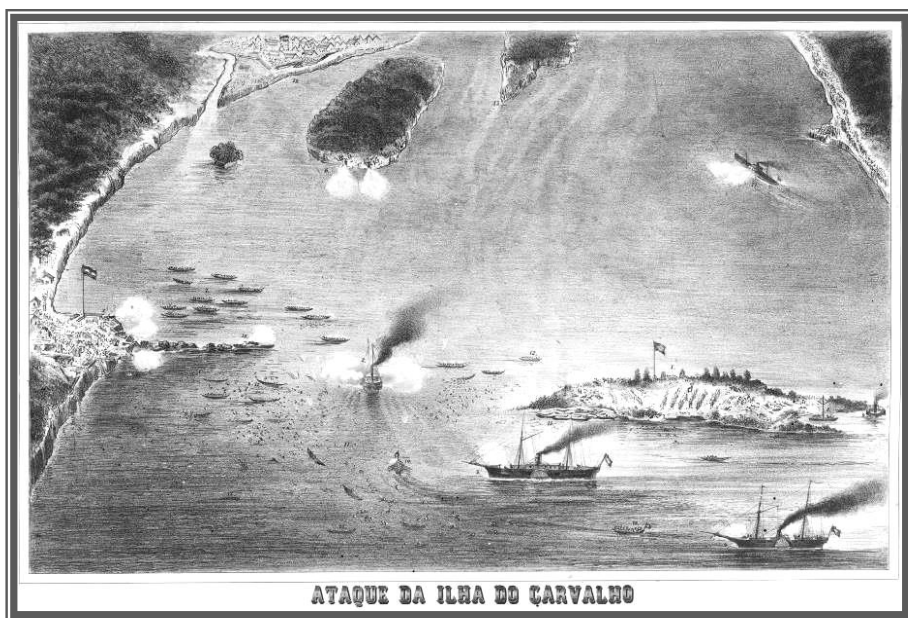



Imagem 38 – Ilha do Carvalho (Imperial I. Artístico)

Estava consumada a vitória. Então o bravo Gonçalves aproou para o navio chefe da esquadra brasileira. Chegando à fala, participou ao Almirante Tamandaré, que os paraguaios haviam sido completamente esmagados, e pediu-lhe licença para encalhar, pois a sua canhoneira, tendo sido atravessada de lado a lado por balas de 68, tinha os quartéis de proa e popa inundados, e estava prestes a soçobrar. Felizmente ainda em tempo encalhou; mais alguns minutos de demora, o "*Henrique Martins*" se afundaria nas águas em que se cobrira de glória!

Dos 1.200 homens que atacaram a ilha raríssimos de certo conseguiram voltar ao exército de onde haviam partido cheios de confiança, 640 cadáveres de paraguaios alastravam a ilha. Canoas cheias de mortos foram apanhadas pela esquadra, bem como alguns nadadores feridos ou não, que, vendo-se cortados pelo "*Henrique Martins*", dirigiam-se para os navios brasileiros.

Imagem 39 – Villagran na Chata (Álvaro Martins)

Na ilha caíram prisioneiros 62 paraguaios, dos quais só 16 não estavam feridos; entre estes figurava o Major Romero, comandante da 1ª coluna de ataque. Oitocentas espingardas, grande número de pistolas e sabres de cavalaria pertencentes aos paraguaios, foram apanhadas no Teatro da Ação; 30 canoas ficaram em poder da guarnição da ilha.

O entusiasmo que esse combate despertou não morreu no âmbito do acampamento brasileiro, argentinos e orientais, esquecendo velhas e entranhadas rivalidades, correram a felicitar os oficiais e chefes brasileiros, não cessando de elogiar calorosamente o bizarro comportamento da guarnição da ilha.

Infelizmente essa áspera lição infligida a López custou aos brasileiros alguns sacrifícios; poucos, é verdade, em relação à magnitude dos resultados colhidos, mas ainda assim dolorosos.

A briosa guarnição da ilha teve 149 homens fora de combate, 49 mortos e 100 feridos.

....

Terminado o combate, Cabrita recolheu-se a uma chata que estava à sombra da ilha e que servia de depósito, ia tomar uma refeição e escrever a sua parte.

Estavam com ele o Alferes Woolf, o Tenente Carneiro da Cunha e o Capitão Sampaio, seu amigo, que de terra o fora felicitar. Os paraguaios enfurecidos pela derrota bombardeavam a ilha com fúria desusada: O rio tinha enchido, a chata se elevara com as águas e mais exposta ficara. Uma bomba lançada de Itapiru, e dirigida pela mão certeira da fatalidade, arrebenta entre Carneiro da Cunha, Sampaio, Woolf e Cabrita que, como Nelson, sucumbe gloriosamente, findo o combate, na hora do triunfo, batizando com o seu sangue o desconhecido banco por seu valor ilustrado. Carneiro da Cunha e Woolf são gravemente feridos; Sampaio cai redondamente morto.

Tristíssimo epílogo de tão brilhante vitória!

O combate na "*Ilha do Cabrita*", que acabamos de narrar, omitindo muitos feitos, do mais subido quilate, não foi, sem dúvida, um desses acontecimentos grandiosos que decidem urna campanha.

Se López não tivesse imprudentemente mandado atacar a ilha, a ocupação desta não teria dado em resultado senão incômodos à sua guarnição. Se, aceita a ideia do ataque, fosse este conduzido por outro modo; pela retaguarda, ou mesmo pelos flancos largamente abertos da fortificação, quem sabe o que teriam de sofrer seus defensores?

Na pior hipótese os canhões da esquadra brasileira os vingariam, é certo, mas nem por isso deixaria o Exército de ter sido vítima de um golpe doloroso.

Como as cousas se passaram, o ataque da ilha teve importantíssimas consequências. Perdeu o inimigo mil e tantas praças escolhidas. As circunstâncias que acompanharam o combate, dando-lhe o mais vivo realce, superexcitaram o Exército Aliado, e incontestavelmente concorreram para apressar a passagem do Paraná, efetuada seis dias depois com o maior denodo, com a máxima confiança e com o mais feliz êxito.

Dr. Pinheiro Guimarães. (GLOBO N° 97)

O Brasil e o Paraguai

(Napoleão José Adriano Baldy,1865)

II

Só com sangue a liberdade
Se conquista entre os tiranos;
Só com sangue e muito sangue
Se libertam os humanos.
Vive atroz o despotismo
Ao rigor da escravidão:
A liberdade alcança
Com o troar do canhão.

Dos mártires que perecem
Pelo bem da humanidade,
Os doridos ais são hinos,
São hinos à liberdade.
Como apóstolos de Cristo
Por armas trocada a cruz,
Dissipam morrendo as trevas
Ao mundo dão nova luz. [...]

Imagem 40 – El Centinela n° 27, 24.10.1867

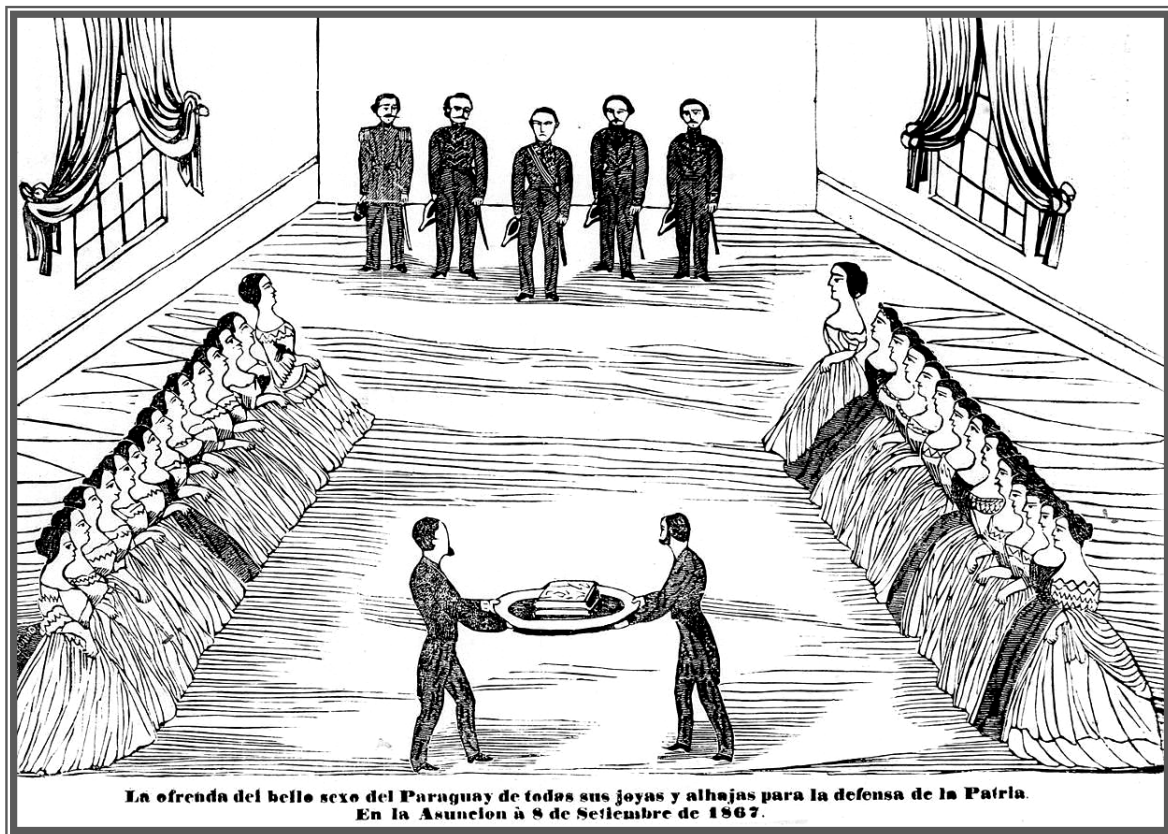



Imagem 41 – El Centinela n° 21, 12.09.1867

Mulheres Guerreiras

A lenda das Amazonas guerreiras percorreu todas as orbes celestes. Ela pertence àqueles círculos uniformes e estreitos de sonhos e ideias em torno dos quais a imaginação poética e religiosa de todas as raças humanas e todas as épocas gravita quase que instintivamente. (Von Humboldt)

Amazonas

É do Frei Gaspar de Carvajal o primeiro, e "*único*", relato daquele que teria sido, supostamente, um fortuito contato com as temíveis Amazonas americanas. Carvajal afirma que mesmo cansados, doentes e debilitados em decorrência da carência alimentar e da extenuante jornada pelo Rio-Mar, os 59 homens enfrentaram bravamente as famosas Valquírias Latinas.

As valorosas indígenas, hábeis no manejo do arco e da flecha, bem nutridas, formosas e adestradas para guerra, foram derrotadas por um punhado de espanhóis famélicos e combalidos.

O exagero das narrativas corria parelha com a ingenuidade dos ouvintes. [...] A propensão tendia para deformar tudo. O próprio Pero Vaz de Caminha, na carta enviada a D. Manuel, fabulava a respeito das índias, que a seus olhos propiciatórios pareciam quase tão belas, como as damas de Lisboa. Era este o espírito da época. (Raymundo Moraes)

Os relatos de Carvajal sobre a expedição de Orellana são fantasiosos, superlativos em relação às riquezas da terra e da população nativa e por diversas vezes contraditórios. Seus devaneios, porém, atingem o clímax ao fomentar a lenda das Amazonas.

Guerreiras Mundurucus

A mais formidável e cruel etnia que já existiu no Médio e Alto Amazonas foi, sem dúvida, a dos "*Senhores da Guerra Mundurucus*". Estes nativos americanos adestravam seus descendentes, desde cedo, numa rígida disciplina militar e consideravam o combate como a atividade mais nobre e gratificante da vida de um guerreiro. O porte físico do "*Povo Mundurucu*" impressionava, eram altos, dotados de invejável compleição física e portadores das mais belas e elaboradas tatuagens do planeta. Os complexos desenhos eram gravados quando o jovem guerreiro atingia seus oito anos de idade e eram ampliados, com o passar dos anos, no inverno amazônico, até cobrir-lhe inteiramente o corpo.

No combate, os Mundurucus, se faziam acompanhar das mulheres que carregavam suas flechas e, segundo antigos relatos, eram capazes de apanhar as flechas inimigas em plena trajetória. A participação das mulheres no combate, comum em tantas culturas, auxiliando e incentivando e, eventualmente, substituindo os maridos abatidos, pelos inimigos, na peleja gerou a criação do mito das Amazonas brasileiras.

As Rabonas Latinas

Da narrativa da viagem do francês Laurent Saint-Cricq, mais conhecido pelo pseudônimo de Paul Marcoy, na sua obra "*Voyage a travers l'Ámérique du Sud de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique*", vamos nos deter no trajeto de 3.300 km que o mesmo percorreu pelo Rio Amazonas desde a fronteira peruana até Belém do Pará, vencidos em cerca de quatro meses, em meados de 1847. Vejamos o que nos conta Marcoy a respeito das guerreiras americanas:

No lugar de poucas mulheres lutando entre os índios na embocadura de um afluente insignificante do grande Rio, esse último tornou-se inteiramente povoado de mulheres guerreiras cuja audácia era comparável à das Amazonas asiáticas. [...]

Raleigh, Laet, Acunha, Feijó, Sarmiento e Coronelli escreveram copiosamente sobre o tema. Além de refutar a existência passada e presente das Amazonas americanas como um povo separado, e mesmo como um corpo separado de guerreiros, queremos salientar aqui que viragos ([194]) ou marimachos ([195]) não são absolutamente raros no continente meridional.

Muitas mulheres acompanham na guerra seus maridos e irmãos, seja contendo o seu ímpeto, seja estimulando-os quando necessário com seus gritos e invectivas ([196]). Elas recolhem as lanças que foram arremessadas, provêm os guerreiros de flechas e quando a luta termina cuidam dos feridos e despojam os mortos. Essa é a parte que as mulheres tomam na guerra entre os Murucuris no Leste, os Mayorunas no Oeste, os Otomacs no Norte e os Huatchipayris no Sul.

O leitor lembrará de como a brava mulher Ticuna do Atacuary afundou a lança no jaguar que havia arrancado o escalpo do seu marido. Esse temperamento belicoso do sexo frágil na América do Sul não se limita às Índias que vivem na mata. Ele caracteriza também as suas irmãs civilizadas que vivem nas cidades serranas da costa do Pacífico. As mulheres dos soldados chilenos seguem-nos na guerra com devoção canina, embora voltem a abandoná-los quando a paz é concluída.

---

[194] Viragos: mulheres varonis. (Hiram Reis)
[195] Marimachos: mulheres com modos de homem. (Hiram Reis)
[196] Invectivas: insultos. (Hiram Reis)

Elas preparam a comida e os abrigos campais, participam das expedições de saque para acrescentar algum luxo ao seu pobre cardápio e ajudam a devastar as terras conquistadas.

Também as "*rabonas*" do Peru, ao mesmo tempo "*huarmipamparunacunas*" e vivandeiras ([197]), formam batalhões às vezes mais numerosos que os esquadrões de guerreiros e os precedem como batedoras ou os seguem como retaguarda. Elas recolhem tributos nos povoados que atravessam e, quando há oportunidade, saqueiam, pilham e queimam sem o menor escrúpulo. Elas são, sem dúvida, verdadeiras Amazonas de caráter forte e selvagem.

No tempo em que Francisco de Orellana e seus companheiros desceram o Rio, esses fatos eram porém ignorados pelos europeus; e a visão de mulheres lutando entre os índios, ou incitando-os à luta foi para os aventureiros tão nova quanto surpreendente.

Quando eles voltaram para a Espanha, o que contaram a seus compatriotas foi, como já observei, logo modificado e desfigurado pelo exagero e pelo gosto do maravilhoso que lhes é natural e que parecem ter herdado dos Mouros, seus antepassados. É a esse costume de ampliar, enobrecer e idealizar fatos ordinários – um hábito que se tornou uma segunda natureza para os espanhóis – que as índias do Rio Nhamundá devem a honra de serem comparadas às célebres mulheres guerreiras da Trácia.

Estando agora cabalmente demonstrado que as viragos de Orellana e suas descendentes viveram e vivem em todas as partes da América do Sul, elas jamais existiram em qualquer parte do continente como um corpo governante.

---

[197] Vivandeiras: mulheres que se encarregavam dos mantimentos das tropas em marcha. (Hiram Reis)

> As obras dos sábios que tratam esse conto romântico como uma história verdadeira não tem mais valor que o papel velho em que estão escritas, e que seria mais útil para fazer embrulhos num armazém. (MARCOY)

As "*Vivandières*" e "*Cantinières*" Francesas

"*Vivandières*" e "*cantinières*" é a designação francesa para as mulheres que acompanhavam as Expedições Militares escoltando oficialmente os exércitos ou mesmo particularmente a seus cônjuges, parentes e amantes abastecendo-os com alimentos, bebidas e realizando serviços lavanderia e costura.

Desde as priscas eras havia uma forte necessidade de apoio logístico para unidades militares acima e além do que os exércitos podiam aprovisionar.

Na maior parte das vezes esses auxiliares eram formados pelas esposas e filhos dos soldados, mas infiltravam-se, na coluna de marcha, prostitutas e uma comitiva bastante diversificada que Alto Comando precisava identificar e livrar-se dos indesejáveis. Nos idos de 1780, a maioria dos exércitos europeus proibiu a presença feminina nos campos de batalha.

A monarquia francesa, por sua vez, tentou regular a sua presença no Teatro de Operações e oficializar sua categoria, mas estas reformas foram interrompidas, em 1789, com a eclosão da Revolução Francesa.

A partir de 1792, o Governo Revolucionário Francês envolveu-se em guerra com outros países europeus e, em consequência, o efetivo do seu exército aumentou drasticamente, assim como a necessidade destes auxiliares nos acampamento.

Muitas mulheres e crianças seguiam os exércitos franceses comprometendo as operações militares. O governo francês, em abril de 1792, aprovou um decreto limitando o número de mulheres nos exércitos a duas "*vivandières*" (fornecedoras de alimentos) ou "*cantinières*" (fornecedoras de bebidas), por regimento, que venderiam alimentos, bebidas e prestariam serviços de costura e lavanderia às tropas.

A lei considerava as "*vivandières*" essenciais para as operações militares e o Alto Comando do Exército Francês considerava-as fundamentais para manter a operacionalidade da Força. As "*vivandières*" e "*cantinières*" prestavam serviços que o Exército não podia oferecer e ajudavam a evitar a deserção, fornecendo bebidas, tabaco, refeições caseiras e companhia no campo de batalha.

A determinação de que toda "*vivandière*" tivesse de ser casada com um soldado do regimento em que ela servia ajudou a prevenir a prostituição e a disseminação de doenças venéreas nas tropas. Os filhos do casal que nasciam e cresciam durante a Campanha se tornavam, normalmente, soldados ou "*vivandières*" quando atingiam a idade adulta.

Em 1799, quando Napoleão Bonaparte tomou o poder na França, o exército voltou a se expandir e o número de "*vivandières*" cresceu. A partir de então os filhos das "*vivandières*" e "*cantinières*" tornaram-se "*enfants de troupe*" ([198]). Os meninos recebiam uniforme, salário e rações dos dois até os dezesseis anos de idade, quando se alistavam como soldados. Esse sistema vigorou, até 1885, fornecendo uma importante fonte de mão de obra já qualificada.

---

[198] "*Enfants de Troupe*": Filhos do Regimento. (Hiram Reis)

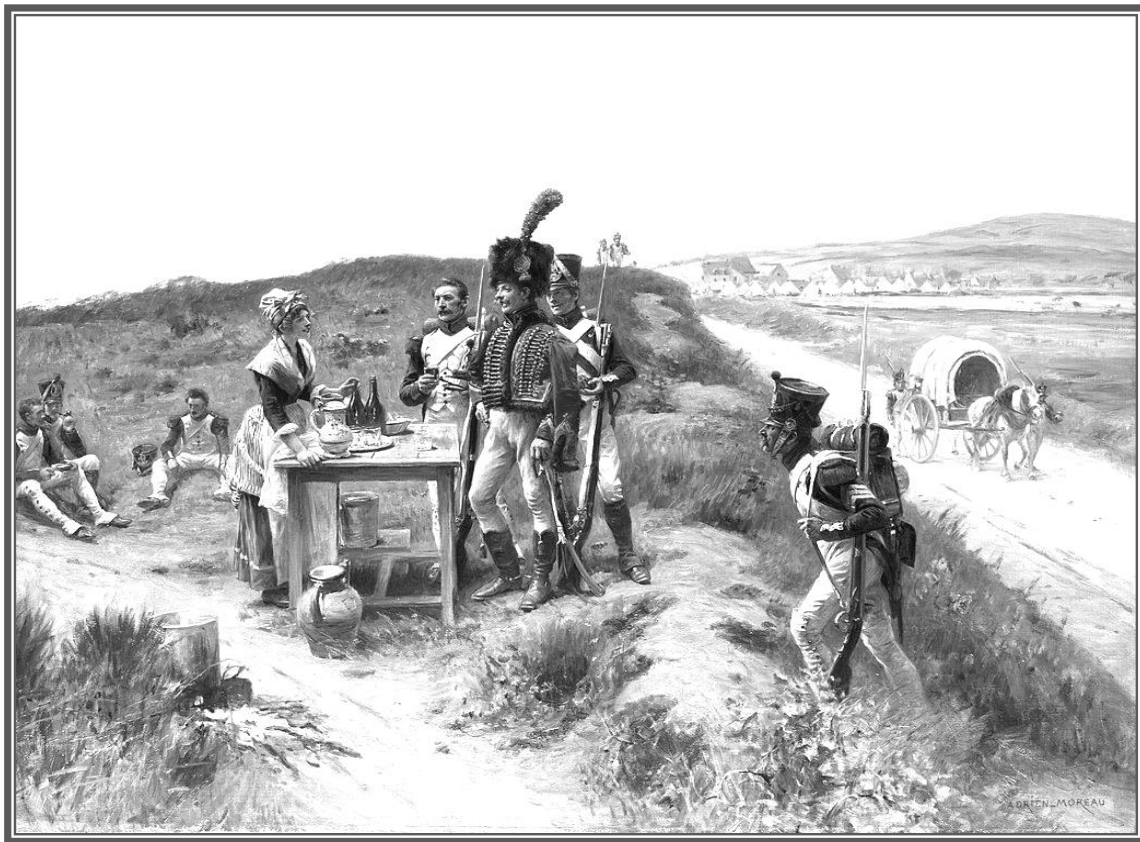



Imagem 42 – Cantinière (Adrien Moreau)

Imagem 43 – Cantinière

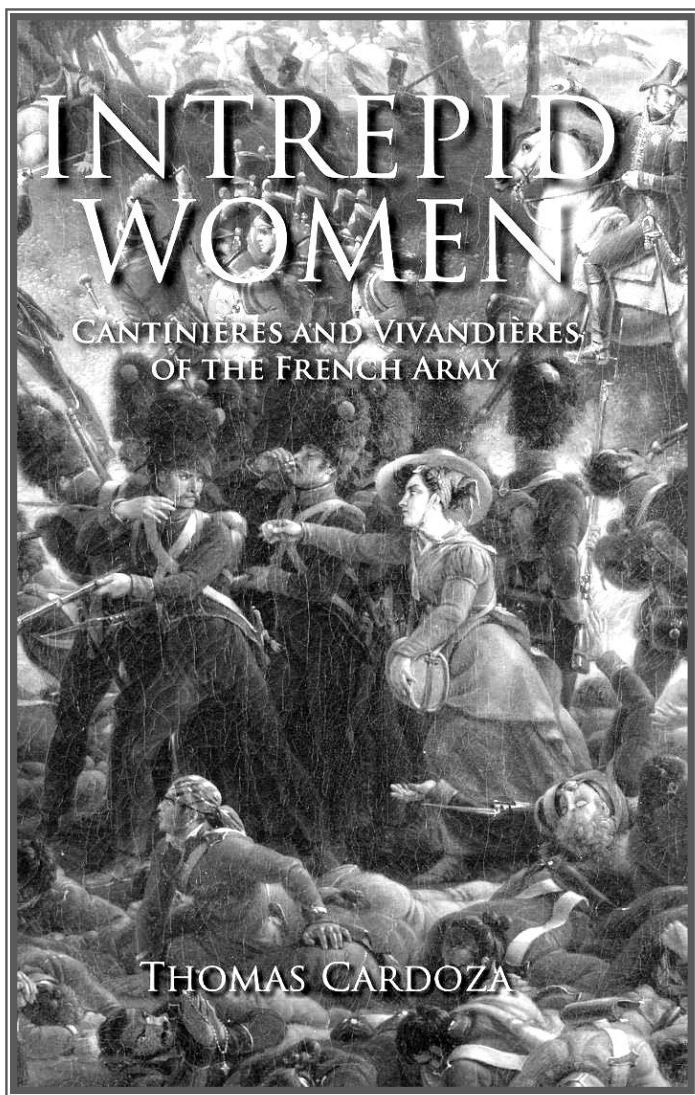



Imagem 44 – Intrepid Women (CARDOZA)

Durante o combate, muitas "*vivandières*" se deslocavam até as linhas de frente distribuindo conhaque aos soldados empenhados no duro combate, fornecendo-lhes um importante aditivo para tomar coragem de enfrentar o fogo inimigo e, por isso, milhares delas tombaram derramando seu sangue pela Pátria.

Valquírias Americanas

[...] Uma nuvem vermelha escurece o céu,
O firmamento está manchado com o sangue de homens,
Enquanto as Valquírias cantam sua canção.
(Passagem das Lanças – 10ª estrofe, Njál's Saga 157).

Sempre retorno encantado depois de perlustrar os fantásticos cenários dos amazônicos caudais. Mas a imagem mais bela, mais forte e que me arrebatou por inteiro foi a das corajosas mulheres daquela bela, mas inóspita região. Encantadoras e generosas na sua hospitalidade, fortes e destemidas ao enfrentar, muitas vezes sozinhas, os desafios da mata hostil, são elas verdadeiras amazonas a arrostar o cotidiano agreste sem esmorecer. Estas verdadeiras valquírias brasileiras merecem, com certeza, nosso mais grato reconhecimento e homenageando-as quero fazer aqui um tributo às guerreiras de toda nação brasileira. Reporto três passagens interessantes destas arrojadas mulheres que no não tão longínquo pretérito deram mostras de seu valor e cujas ações ficaram gravadas indelevelmente no inconsciente coletivo do planeta.

Isabela de Godin

> Jean Godin des Odonais era primo de Louis Godin, célebre astrônomo e membro da Academia de Ciências de Paris. Em 1735, Jean, graças ao primo astrônomo, fez parte da expedição geodésica [chefiada por Charles Marie de La Condamine] enviada ao Peru para medir o arco do meridiano terrestre. [...]
>
> Em Riobamba Jean conheceu Isabel de Casa Mayor. Dom Pedro de Casa Mayor, pai de Isabel, era Vice-rei da província de Otavalo e viúvo de uma rica peruana. Bela e culta, Isabel encantou Jean, que a desposou em 27 de dezembro de 1741.

A equipe de La Condamine permaneceu na área por oito anos. La Condamine voltou para a França, mas Jean Godin permaneceu com a esposa Isabel dilapidando a fortuna da mulher. Em março de 1749, partiu só, para Caiena (Guiana Francesa), na oportunidade Isabel estava grávida e impossibilitada de acompanhá-lo na jornada. Ficaram separados pelo destino durante 21 anos. [...] Isabel depois de esperar muito tempo pela volta do marido resolveu ir ao seu encontro e considerando que cruzar o Darien ou contornar o continente pelo cabo Horn seria muito arriscado resolveu, então, ir por terra, enfrentando os três mil quilômetros de distância entre o Peru e Caiena. [...]

Pouco antes de partir, a equipe foi reforçada com um médico francês e dois de seus empregados. A partir de Canelos, arrasada pela varíola, a pequena expedição mergulhou no horror. Os carregadores e guias, tomados de pânico por causa da doença, fugiram. Alguns indígenas lhes serviram provisoriamente como guias, os abandonaram da mesma forma. O médico francês acompanhado de Joaquim, fiel servo de Isabel, foi procurar socorro em uma missão próxima e jamais voltou. [...]

Isabel e seus companheiros, depois de aguardar três semanas, resolveram continuar o caminho atravessando a floresta. Todos, exceto Isabel, morreram de fome, de sede e de cansaço. A corajosa amazona prosseguiu sozinha sua aventura, sem conhecer a direção a seguir, alimentando-se unicamente de frutos e de ovos. Depois de oito dias, ela chegou ao rio Bobonaza, onde indígenas a acolheram e levaram-na à missão espanhola de Loreto. O missionário Franciscano recusou-se, inicialmente, a recebê-la, tal o seu aspecto e seus andrajos. Pensou que se tratava de uma índia fugitiva, e só abriu a porta da Missão depois que ela cobriu o corpo com um tecido de palha.

Madame Godin contou sua história e como estivesse muito fraca foi colocada em uma canoa que a transportou para o Leste. Depois, um bergantim português transportou-a ao Oiapoque, onde, a 22 de julho de 1770 conseguiu chegar e dali partiu para a Guiana. Em Caiena nem o próprio marido a reconheceu. (BRASIL)

Angelina a Heroína dos Seringais

Quando do primeiro combate da Volta da empresa, em que Plácido de Castro foi emboscado pelas tropas do Coronel Rojas, um fato inusitado, marcou com sangue aquela pugna de bravos, pelo arroubo de uma heroína acreana. Próximo à beira do Rio vivia num rancho tosco de madeira, um seringueiro com sua mulher Angelina Gonçalves de Souza.

Naquele dia encontrava-se atacado de beribéri que o reduzira a pele e ossos, atirado numa rede. Ali estava "*febrilento*", prostrado, amargurado, irritado, por não poder participar com os companheiros na Revolução. Nisso chegou um soldado boliviano e vendo-o enfermo, quase um cadáver, aproveitou para atirar-lhe uma provocação de deboche vitorioso:

- ¡Mira! ¿Y tú? ¿Te faltan las gambias? ¿Porque não te escapaste también?

Mesmo em extrema fraqueza, o pobre seringueiro, ferido na sua dignidade íntima, reagiu, e num derradeiro esforço soltou na cara do atrevido, algumas palavras de revolta e ódio. Foi o que bastou para que um grupo de soldados de Rojas, saltasse sobre a carcaça cadavérica do infeliz seringueiro, e o agarrando à unha, arrastaram-no porta a fora, às cusparadas, pontapés e por fim crivaram-no de balas a queima-roupa. Nesse momento, Angelina que estava lá dentro do rancho, ouvindo aquela barulhada toda, passou a mão na espingarda do marido e quando o viu morto numa poça de sangue, investiu furiosa

para cima dos soldados assassinos, como desvairada, enlouquecida, num furor de raiva e vingança, conseguiu disparar um tiro. Assim como uma "*tigra*" defendendo o seu covil, partiu para o ataque contra os executores do seu marido. [...]

Por fim subjugaram a fera humana, e a levaram de arrasto para o Comandante. Logo ali, estavam dois médicos bolivianos atendendo o Coronel Rojas, ferido de raspão pelo tiro disparado pela seringueira... A soldadesca se enfureceu. Clamou por vingança. Queria a punição imediata... Mas quem decidia era o Comandante. E este num gesto de grandeza humana, falou com energia, determinando que a libertassem imediatamente:

– Mujeres así no se mata. (FIGUEIREDO)

Uma Valquíria Brasileira

Curioso episódio também foi observado em relação a mulher de um dos soldados regionais do destacamento que acompanhou Roosevelt, desde Tapirapoan [rio Sepotuba] às margens do rio da Dúvida. Grávida já de nove meses, essa mulher acompanhou a pé todas as marchas da expedição, por terra, o que era motivo para admiração geral. Aconselhada em Tapirapoan a alojar-se ali para seguir depois de dar à luz, recusou-se peremptoriamente e declarou que estava acostumada a andar no sertão nesse estado de gravidez, sem se cansar.

A convicção de suas afirmativas, levou o comandante do destacamento à tolerância de a deixar seguir, embora contra o voto do médico. Pois bem, essa mulher extraordinária, não só marchou diariamente 4 a 5 léguas a pé, como também só interrompeu a marcha um dia [24 horas] para dar à luz. Ao dia seguinte do parto prosseguia a marcha a pé carregando o filho ao colo". (MAGALHÃES)

Guerra do Paraguai

> *As enfermidades e os desastres nos iam levando camaradas e abrindo claros nas fileiras. Em compensação surgia, às vezes, um novo habitante para aumentar a população das "Aldeias". Não era muito raro ouvir à noite depois do toque de silêncio um vagido de criança, que nascia. Na manhã seguinte, fazia sua primeira marcha amarrada às costas de alguma "China" caridosa ou da própria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava magro "Matungo", cuja sela era uma barraca dobrada, presa ao lombo por uma "Guasca". Esses "Filhos do Regimento" criavam-se fortes e, livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra "Boia" que com eles e as mães, repartiam os pais, brutais às vezes, mas quase sempre amorosos e bons. (CERQUEIRA, 1980)*

Embora a imprensa nacional, diferente da paraguaia, tenha realizado uma cobertura por demais incipiente da participação feminina no conflito, vale a pena reportar algumas de suas breves notas não só pelo seu intrínseco valor histórico mas, sobretudo, porque elas nos permitem "*engarupar na anca da história*" e acompanhar, como o fizeram os leitores de outrora, ainda que por breves momentos, a saga daquelas heroínas de outrora.

Alguns historiadores hodiernos estimam que a presença da mulher na Guerra do Paraguai foi quantitativamente mais efetiva dentre todas as guerras desencadeadas na América Latina.

Quantas patriotas viram seus familiares partirem para defender a Pátria afrontada?

Muitas foram as "*vivandières*" brasileiras que escoltaram seus maridos até o Teatro de Operações apoiando-o tanto no combate como na retaguarda e outras tantas alistaram-se como enfermeiras, costureiras, ou foram escravizadas pelo inimigo...

D. Ignez Augusta Corrêa de Almeida

O Major Antonio José de Moura, em dezembro de 1869, resgatou, em Tibicuari, a prisioneira de guerra D. Ignez Augusta Corrêa de Almeida, esposa do negociante Ricardo da Costa Leite, que fora presa, juntamente com o marido e dois filhos, em 1865, em Corumbá, e levada para Assunção. Todos os seus familiares sucumbiram às crueldades promovidas pelos militares paraguaios. D. Ignez partiu, depois de receber auxílio pecuniário do Exército Brasileiro, para Cuiabá onde chegou em fevereiro de 1870.

Faleceu nos idos de 1887, depois de permanecer totalmente reclusa, durante 17 anos, sem ter conseguido se recuperar das sevícias e privações da Guerra.

Maria Francisca da Conceição

Narra-nos o General J. S. Pimentel de Azevedo:

> **LIX**
>
> **Maria Curupaití**
>
> O Brasil teve uma heroína na maior extensão do vocábulo. Chamava-se Maria Francisca da Conceição. Casada com um Cabo-de-esquadra do Corpo de Pontoneiros do Exército, seu marido teve de embarcar com as Forças ao mando do Tenente-General Conde de Porto Alegre com destino ao assalto glorioso do Forte de Curuzu.

Imagem 45 – Forte de Curuzú

O chefe proibiu terminantemente que as casadas acompanhassem seus maridos naquela expedição, devendo todas ficar sob a proteção do grande Exército de Tuiuti.

Maria não desanimou. Tinha treze anos e amava soberanamente o consorte. Dotada de ânimo varonil, de resoluções prontas, decidiu-se a acompanhá-lo a todo o transe.

O embarque seria na madrugada do dia 1° de setembro de 1866. Recorreu a um cabeleireiro do acampamento, voltando com suas madeixas destruídas. Estava com o cabelo reduzido à escova!

Despiu os ornatos femininos, deu pregas em uma calça do marido, a blusa dos uniformes e arranjou um boné. Insinua-se no meio das fileiras na ocasião do embarque.

Era um soldadinho imberbe, de pequenina estatura. Ninguém deu pelo disfarce. Entra com o Batalhão em fogo. Do primeiro ferido que cai, toma as armas – carabina, cinturão, cartucheira etc. Avançam as tropas. Troa a artilharia, confundindo seus trovões com o crepitar das armas portáteis.

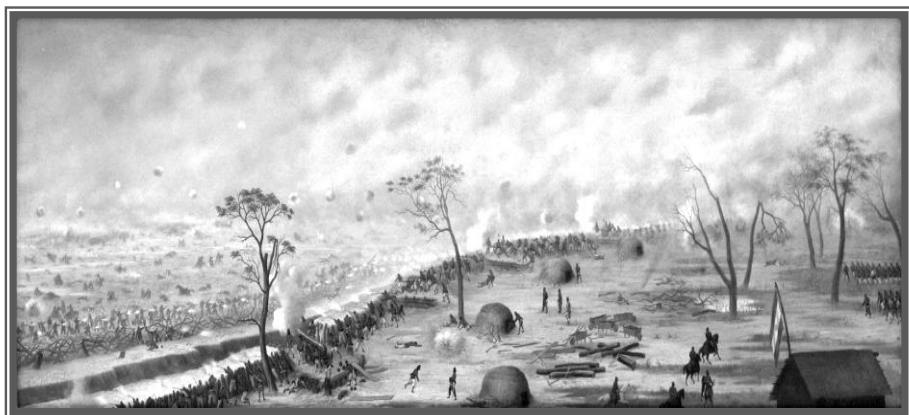



Imagem 46 – Forte de Curupaití

O chão cobre-se de mortos e nada detém a fúria a dos brasileiros atacantes que tomam de assalto o Forte com seus treze canhões, em renhido combate. Na refrega, uma bala dá em cheio na fronte do marido, que cai morto.

Maria engole as lágrimas, jurando, sobre o peito quente do consorte, vingá-lo. Trava-se dentro do recinto da Fortaleza horrível intervelo ([199]), medonha luta de arma branca.

[199] Intervelo: nos dicionários portugueses não existe ainda este vocábulo, que nasceu para a nossa língua no tempo da Guerra do Paraguai.

Vem do termo hispano-americano "*entrevero*", que quer dizer – choque de duas forças de cavalaria.

Tomando-o de nossos aliados, afeiçoamo-lo à índole de nosso idioma. Aceito o termo e geralmente empregado no Exército, demos-lhe acepção mais lata e vigorosa.

Intervelo significa nessa Campanha a briga ou a luta promíscua de muitos indivíduos, a desordem no combate, a mistura de inimigos encarniçados e cegos pelo ódio, quer fossem de cavalaria ou de infantaria. Chamava-se à isso luta "*intervalada*".

O Dr. Taunay empregou "*entreverados*", servindo-se da expressão genuína espanhola, talvez sem se lembrar que o vocábulo já tinha foros de cidade entre nós, e estava ajeitado à língua portuguesa. (PIMENTEL)

Ela embebe raivosa a sua baioneta no peito amplo do paraguaio que lhe ficara mais próximo: abate-o. E outro, e outro.

Terminada a refrega, vem chorar, então, e dar sepultura ao corpo do seu amado. Aí, entre soluços, repete a jura.

Toma lugar nas primeiras filas dos assaltantes; bate-se nelas, penetrando no formidável baluarte juntamente com os poucos que ali podem entrar.

É repelida com eles e, na faina de matar, adianta-se. Um paraguaio de cavalaria, reparando no esforço do rapazito, de estatura abaixo da mediana, investe-o de espada em punho.

A pobre rapariga cruza a arma contra o cavaleiro inimigo: defende-se mal então. A ponta da espada deste atinge-lhe a graciosa cabeça de moça.

Ela resvala ensanguentada e vai cair fora da trincheira!

Os companheiros acodem-na, e ela é salva da fúria do agressor que não podendo ultrapassar a trincheira, para junto à banqueta do parapeito.

Só no hospital conhecem-lhe o sexo. Espanto geral de todos. Cada qual refere às suas proezas na luta, acrescidas com as vivas cores da simpatia, da admiração e do pasmo. Chamaram-na Maria Curupaití. Tornou-se venerada. Era moça e era bonita.

Na batalha de 03.11.1867, em Tuiuti, irrompe Conceição nas fileiras do 42° Corpo de Voluntários da Pátria seus patrícios: – e aí trava-se combate contra as numerosas forças do adversário. O seu exemplo arrebata os homens, aos quais não cessam de dizer, com o sorriso das heroínas nos lábios:

– Aqui está Maria Curupaití! Avante!

O epílogo desta aventura vivido por uma bela e valente pernambucana, não poderia ser outro: com o fim da guerra, deslocou-se para o Rio de Janeiro, onde vivia, ao tempo da escritura deste relato, alquebrada e sem recursos. (PIMENTEL, 1897)

Maria de Souza Florisbela

[...] com os lábios enegrecidos pela ação de morder o cartucho ([200]) [...] Essa mulher se tivesse nascido na França ou na Alemanha, talvez figurasse em estátua na melhor praça de suas grandes cidades, mas no Brasil, nem de leve se tomou consideração o ato de seu espontâneo e magnífico desprendimento e bravura. (PIMENTEL, 1887)

Florisbela do Paraguai

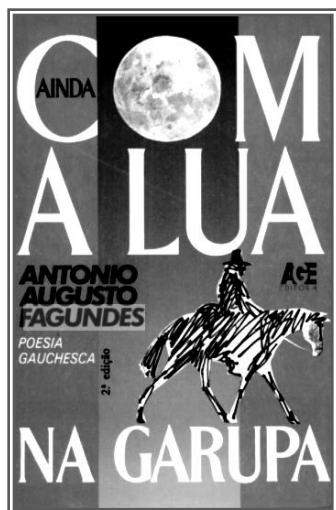
(Antonio Augusto Fagundes)

(À Memória de Florisbela Boca-Negra,
uma Heroína Esquecida)

Florisbela – boca negra de morder tantos cartuchos.
Espingarda e baioneta são agora os teus luxos.
Ninguém "cantou flor" mais bela no meio desses gaúchos!
"Su nombre, no era Floduarda, Ni tampouco Florentina,
Su nombre era Florisbela... y ahijuna! ([201])
Que Flor de china!".

---

[200] O homem tinha que retirar o cartucho da patrona, cortá-lo com os dentes na parte torcida e manter as necessárias precauções para que não caísse a pólvora no chão; em seguida, introduzir a parte rasgada do cartucho na boca do cano, fazendo cair toda a pólvora no fundo do cano; depois, tirar o cartucho e introduzir o projétil até o estojo do cartucho, rasgar o invólucro exterior, arrancando o estojo que era jogado fora; fazer com que o projétil descesse um pouco por pressão do dedo indicador. Isso feito, tirar a vareta do canal e introduzi-la, na vertical e de cabeça para baixo, na boca da arma e, pressionando a bala, fazê-la descer até assentar-se sobre a carga, dando, em continuação, uma pequena pancada com a vareta sobre o projétil, para ajustá-lo bem à carga; finalmente, retirar a vareta e colocá-la no respectivo canal, na arma. (DUARTE, 1981)

[201] "*Ahijuna*": expressão que denota especial admiração. (Hiram Reis)

Um clarim toca "a degüello" ([202])
cacarejando um alarde.
Florisbela troca as saias pelas armas
de um covarde.
Nos olhos de Florisbela há um fogo
verde que arde
– O céu de Curupaití tem estrelas
nessa tarde!

Florisbela perde o irmão. Florisbela
perde o pai.
Florisbela fecha os olhos do quarto
amante que cai.
Recebe três ferimentos de uma lança
de nhanduvai ([203])
Mas segue sempre adiante, só o sangue é que se esvai
Misturando-se no barro dos chacos do Paraguai.

Os heróis que regressaram honrando nossa bandeira
Ganharam tanta medalha, que esqueceram a parceira.
Esqueceram Florisbela do outro lado da fronteira,
A Florisbela-soldado, a mulher, a companheira,
Que no calor do combate sempre queimou de primeira,
A primeira nos ataques para pular a trincheira,
Que foi bruxa no entrevero e na cama feiticeira!
(FAGUNDES, 1981)

Jogando Truco
(Jayme Caetano Braun)

[...] "Su nombre, no era Floduarda,
Ni tampouco Florentina,
Su nombre era Florisbela
E ahijuna! Que FLOR de china!" [...]

---

[202] "*A degüello*": toque de clarim ou corneta que ordenava que as tropas lutassem sem quartel, sem fazer prisioneiros, cortando o pescoço de "*orelha a orelha*" (degola) de qualquer inimigo que se rendesse. (Hiram Reis)

[203] Nhanduvai: árvore da família das Leguminosas, cuja madeira, de grande resistência ao tempo. (Hiram Reis)

Imagem 47 – Forte de Curupaití

O Gen Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel, no seu livro "*Episódios Militares (1887)*" conta-nos:

> Vamos falar de uma heroína.
>
> Quem no exército não conheceu a intrépida soldada que no 29° Corpo de Voluntários da Pátria armava-se com a carabina do primeiro homem que era ferido, e entrava em seu lugar na fileira, sustentando o combate até o fim da luta, largando então a arma agressiva, para tomar as da caridade, e dirigir-se aos hospitais de sangue? Quem não se recorda dos atos de heroísmo dessa dedicada mulher que, devendo fugir a uma morte certa, ao contrário, chegou certo dia a dizer a um homem que – tomasse suas saias e lhe entregasse as armas – e isto no mais encarniçado do ataque malogrado de Curupaití, a 22 de setembro de 1866?
>
> E, no entanto... quem hoje fala em Florisbela, ignorada, desconhecida, quando merecia uma epopeia? Sempre nos hospitais de sangue marcava seu lugar à cabeceira dos doentes. Ela adotou o uniforme de "*vivandeira militar*"; único, com que a vimos durante todo o nosso tirocínio de cinco anos de guerra. E... com mágoa o diremos: outras passaram por heroínas, cantadas em romances e poesias variadas. E ela... nem numa simples menção viu figurar seu nome!

Todo o 2° Corpo de Exército, às ordens do Conde de Porto Alegre, viu-a, admirou-a, invejou-a. A Pátria esqueceu-a. Florisbela tinha a desventura de ser uma transviada ([204]), sem nome, nem família; mas se alguma mereceu o nome de heroína, ela deveria de figurar também no 1° plano – "*cum laude*" ([205]).

Era o valor, a temeridade, o heroísmo personificado, a abnegação, a virtude marcial, a imagem da Pátria em suma, desgrenhada no calor da luta!

Quanto desalento não confundiu, quanta bravura não inspirou! Disse um filósofo:

> – Tirai da sociedade a mulher, e aquela será um vácuo!

Florisbela ali representava o amor da Pátria. Vê-la com os lábios enegrecidos pela ação de morder o cartucho, era o mesmo que ter diante de si o anjo da vitória. Ela entusiasmava-nos! A essa heroína do Paraguai também cabe a honra de figurar na história.

D. Ana Neri, em cenário diferente, exercia a nobre missão de seu sexo. Era a caridade e a paz. Era a viúva honrada que espargia pelos necessitados tudo quanto a bondade de um coração maternal é capaz de fazer por um filho. Muitas vidas salvou com seus desvelos e carinhos. Estava envelhecida no serviço da Pátria.

A Pátria, porém, cobriu-a com o manto de sua gratidão. Pagou a dívida, e ela, sem nada exigir, sempre heroica, manteve-se na altura de seu caráter. Sempre bondosa e digna, como brasileira ilustre que era.

---

[204] Transviada: meretriz. (Hiram Reis)
[205] Cum laude: com valor. (Hiram Reis)

> Não tinha a virtude de Ana Neri, é verdade, nem os recursos de sua valente educação; mas sobrava-lhe o valor varonil, e disputou-o, braço a braço, com os inimigos da Pátria, a cuja glória fê-los sucumbir, sempre que se mediram com ela! Como a Madalena da Bíblia, merecia achar um Cristo que penhorado por tamanha dedicação a amasse e venerasse!
>
> Coube a honra e a glória de ver nascer tão grande filha à heroica Província do Rio Grande do Sul. O País inteiro há de dizer, com as vozes do coração:
>
> – O Brasil vos admira e se orgulha de ter-vos por sua muito devotada filha!

Rubens Mário Jobim, no seu livro "*Sargento Fortuna e Outros Contos*" romanceia:

> Florisbela traz os lábios enegrecidos de tanto morder o cartucho. Com seu porte, febrilmente guia os soldados. É olhada como heroína. Todos lhe ignoravam o passado. Junto, um companheiro começou a fraquejar. Ela lhe estende a mão, num gesto animador:
>
> – Vamos, Tonico! A pátria muito espera de ti. [...] (JOBIM, 1950)

Segundo a "*Nação Armada: Revista Civil-Militar Consagrada à Segurança Nacional*", n° 36, de 1942:

> Maria de Souza Florisbela foi uma gaúcha, mulher do povo ([206]), que acompanhou os batalhões brasileiros, nessa guerra. Se caía um soldado, tomava-lhe a arma e entrava em combate. De uma vez chegou a dizer a um homem que tomasse suas saias e lhe entregasse a espada. Máscula na guerra, era, entretanto, de grande delicadeza no trato dos feridos e doentes.

---

[206] Mulher do povo: prostituta. (Hiram Reis)

Rosa Maria Paulina da Fonseca

Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem antes todos sepultados no Paraguai, com a morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a nossa Pátria!

O Noticiário do Exército publicou em 17.09.2019:

Dia da Família Militar – 18 de Setembro

A Portaria do Comandante do Exército n° 650, de 10.06.2016, aprovou a entronização de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca [1802 a 1873] como Patrona da Família Militar e estabeleceu o dia 18 de setembro, seu nascimento, como o Dia da Família Militar, consagrando e incentivando o sentimento de família no seio da Força.

Diante dos desafios de uma época na qual valores se perdem, referências faltam e princípios e convicções são relativizados, a instituição de D. Rosa da Fonseca como a Patrona da Família Militar foi muito oportuna, pois resgata os exemplos de união familiar, de patriotismo e de devoção ao Brasil, bem como enaltece a história de devoção familiar dos Fonseca, destacando o sacrifício supremo dos três irmãos pela Pátria, o sucesso profissional dos demais militares e a abnegação dos familiares, em especial da matriarca.

A nossa Patrona da Família Militar nasceu em 18.09.1802, na antiga capital de Alagoas, atual município de Marechal Deodoro, e casou-se no ano de 1824 com Manuel Mendes da Fonseca, militar do Exército, dando início à formação de uma das mais importantes linhagens militares do Brasil. Dessa união nasceram dez filhos: oito homens e duas mulheres.

Dos filhos homens, sete deles se devotaram ao serviço da Pátria, incorporando às fileiras do Exército. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, conflito que se estendeu de maio de 1865 a março de 1870, por decisão conjunta dos irmãos Fonseca, uma vez que o patriarca da família, então Tenente-coronel, havia falecido no ano de 1859, apenas um de seus filhos militares permaneceu no seio familiar com a finalidade de garantir a segurança da matriarca e das outras mulheres e crianças da família. Seis dos irmãos militares seguiram para as frentes de batalha.

Fruto da educação recebida, faz-se necessário assinalar alguns aspectos da vida de seus filhos:

– o mais jovem, o Alferes do 34° Batalhão dos Voluntários da Pátria Afonso Aurélio da Fonseca morreu heroicamente em Curuzú;

– o Capitão de Infantaria Hipólito Mendes da Fonseca foi morto na Batalha de Curupaití;

– o Major de Infantaria Eduardo Emiliano da Fonseca foi ferido mortalmente no combate da ponte de Itororó;

– o General de Brigada João Severiano da Fonseca foi médico, professor, escritor, historiador e, como militar, participou da campanha do Paraguai, sendo o primeiro médico a ascender ao generalato e, hoje, figura como Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro;

– o Marechal Severiano Martins da Fonseca recebeu o título nobiliárquico de Barão de Alagoas e foi Diretor da Escola Militar de Porto Alegre; e

– o Marechal de Exército Manuel Deodoro da Fonseca foi o Proclamador da República e o primeiro Presidente do Brasil. Era o valor em pessoa, a coragem, a decisão e a firmeza.

A par disso, ainda, o primogênito, Hermes Ernesto da Fonseca, foi pai de outro importante ícone da família, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, oitavo Presidente da República do Brasil.

Os grandes feitos realizados pelos seus filhos e neto sem dúvida foram frutos do esforço de D. Rosa da Fonseca a serviço da Pátria e da educação recebida com ênfase nas virtudes morais e intelectuais, tão necessárias aos que se sacrificam por ideais de liberdade e de bem comum.

O Exército Brasileiro, cujas bases se firmam solidamente em pressupostos de ética, honra e caráter, ao lado da hierarquia, da disciplina e da camaradagem, entende que uma concreta base familiar é condição "*sine qua non*" na consolidação de traços positivos de comportamento.

Desta forma, a presença indireta dessa valorosa mulher nos campos de batalha da Guerra do Paraguai foi percebida na atuação heroica de seus filhos em combate.

Consta dos relatos históricos que, nas comemorações da vitória de Itororó, D. Rosa recebeu o boletim com a notícia da morte do filho caçula (Afonso Aurélio) e dos graves ferimentos de Manuel Deodoro, mas nem por isso deixou de homenagear as tropas, estampando a Bandeira Nacional em uma das janelas de sua casa. E quando pessoas amigas chegaram para dar-lhe os pêsames, D. Rosa teria afirmado:

> Sei o que houve, talvez até Deodoro mesmo esteja morto. Mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã chorarei a morte deles.

Sua firmeza, equilíbrio e força foram mais uma vez evidenciados quando, em um dos momentos de tristeza e angústia pela vida dos seus filhos, recebeu a visita de um representante da Corte em nome do Imperador para apresentar-lhe os pêsames, e com muita calma e impassividade disse ao mesmo:

> A vitória que a pátria alcançava, e que todos tinham ido defender, valia muito mais que a vida de seus filhos.

Após esse verdadeiro ato de altruísmo, o referido oficial curvou-se ante aquele caráter forte e diamantino e, visivelmente comovido, beijou a mão daquela admirável dama, que lhe parecia a encarnação da própria Pátria. [...]

Verdadeiro modelo de desprendimento, amor, caridade, renúncia e, principalmente, resignação pela maneira como se portou nos momentos difíceis da vida. Será sempre um exemplo de mãe, símbolo maior da família, que todos nós emulamos e que indica os valores norteadores da ética para a família militar do Exército Brasileiro.

Ao instituir o dia 18 de setembro, data natalícia de D. Rosa da Fonseca, a matriarca exemplar, como o Dia da Família Militar, o Exército Brasileiro presta a devida homenagem à família na figura dessa respeitada e admirada esposa e mãe de militares, reconhecendo a importância do espírito de sacrifício e de luta, que possibilita aos integrantes da Força Terrestre alcançarem o sucesso pessoal e profissional, com o sentimento de dever cumprido, seja qual for a missão.
(*https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/...*)

Os Sete Irmãos Macabeus

No livro em que reporto a minha Descida pelo Rio Madeira desde Porto Velho (RO) até Santarém (PA), de 22.12.2011 a 15.02.2012, onde naveguei, pouco mais de 2.000 km, pelos Rios Madeira, Amazonas, Trombetas e Tapajós, reproduzi algumas das expedições mais extraordinárias executadas neste dinâmico manancial que tem a característica singular que é a de arrastar milhares de troncos de árvores ao longo do leito por dia.

Acompanhei, remo a remo, as heroicas empreitadas de Antônio Raposo Tavares, de Francisco de Mello Palheta, de José Gonçalves da Fonseca e a mais recente delas a do Coronel João Severiano da Fonseca. A narração dele (FONSECA), como integrante da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, foi, sem dúvida, a que mais me cativou. Nela o insigne Patrono do Serviço de Saúde do Exército descreve os costumes e compila um glossário do vocabulário linguístico das diversas etnias indígenas com as quais a Comissão entrou em contato.

A obra além de mostrar a participação dos nativos como auxiliares na exploração e colonização do território, narra com detalhes as dificuldades enfrentadas nas passagens pelas Cachoeiras e ilustra com detalhadas gravuras as rotas utilizadas pelos expedicionários para ultrapassá-las.

Recorri, na época, à obra "*Os Patronos das Forças Armadas*" de autoria do Gen Olyntho Pillar e publicada pela Biblioteca do Exército, para apresentar a biografia do Cel Severiano da Fonseca.

Nela o autor compara D. Rosa Maria à mãe dos Sete Macabeus:

Neste passo é justo ressaltar-se que a respeitabilíssima matrona, que com desvelo os soube embalar ao regaço materno, logrou, pelas suas virtudes espartanas, sobreviver nos fastos da história cívica com o imortal epíteto de "*Mãe dos 7 Macabeus*".

Bíblia Sagrada – Macabeus - Livro II

Capítulo VII

Martírio dos Sete Irmãos Macabeus, e de sua Mãe

1. Havia também sete irmãos que foram um dia presos com sua mãe, e que o rei, por meio de golpes de azorrague e de nervos de boi, quis coagir a comerem a proibida carne de porco.

2. Um dentre eles tomou a palavra e falou assim em nome de todos: "*Que nos pretendes perguntar e saber de nós? Estamos prontos a morrer, antes de violar as leis de nossos pais*".

3. O rei, fora de si, ordenou que aquecessem até a brasa assadeiras e caldeirões.

4. Logo que ficaram em brasa ordenou que cortassem a língua do que falara por todos e, depois, que lhe arrancassem a pele da cabeça e lhe cortassem também as extremidades, tudo isso à vista de seus irmãos e de sua mãe.

5. Em seguida, mandou conduzi-lo ao fogo inerte e mal respirando, para assá-lo. Enquanto o vapor da assadeira se espalhava em profusão, os outros, com sua mãe, exortavam-se mutuamente a morrer com coragem.

6. "*O Senhor nos vê*" – diziam – "*e certamente terá compaixão de nós, como o diz claramente Moisés no seu cântico de admoestações: Ele terá compaixão de seus servo*".

7. Desse modo, morto o primeiro, conduziram o segundo ao suplício. [...]

10. Após este, torturaram o terceiro. Reclamada a língua, ele a apresentou logo, e estendeu as mãos corajosamente. [...]

13. Morto este, aplicaram os mesmos suplícios ao quarto, [...]

15. Arrastaram, em seguida, o quinto e torturaram-no. [...]

18. Após este, fizeram achegar-se o sexto, [...]

20. Particularmente admirável e digna de elogios foi a mãe que viu perecer seus sete filhos no espaço de um só dia e o suportou com heroísmo, porque sua esperança repousava no Senhor.

21. Ela exortava a cada um no seu idioma materno e, cheia de nobres sentimentos, com uma coragem varonil, realçava seu temperamento de mulher. [...]

24. Receando, todavia, o desprezo e temendo o insulto, Antíoco solicitou em termos insistentes o mais jovem, que ainda restava, prometendo-lhe com juramento torná-lo rico e feliz, se abandonasse as tradições de seus antepassados, tratá-lo como amigo e confiar-lhe cargos.

25. Como o jovem não lhe prestava nenhuma atenção, o rei mandou que a mãe se aproximasse e o exortasse com seus conselhos, para que o adolescente salvasse sua vida. [...]

30. Logo que ela acabou de falar, o jovem disse: "*Que estais a esperar? Não atenderei às ordens do rei. Obedeço àquele que deu a Lei a nossos pais, por intermédio de Moisés*". [...]

41. Seguindo as pegadas de todos os seus filhos, a mãe pereceu por último.

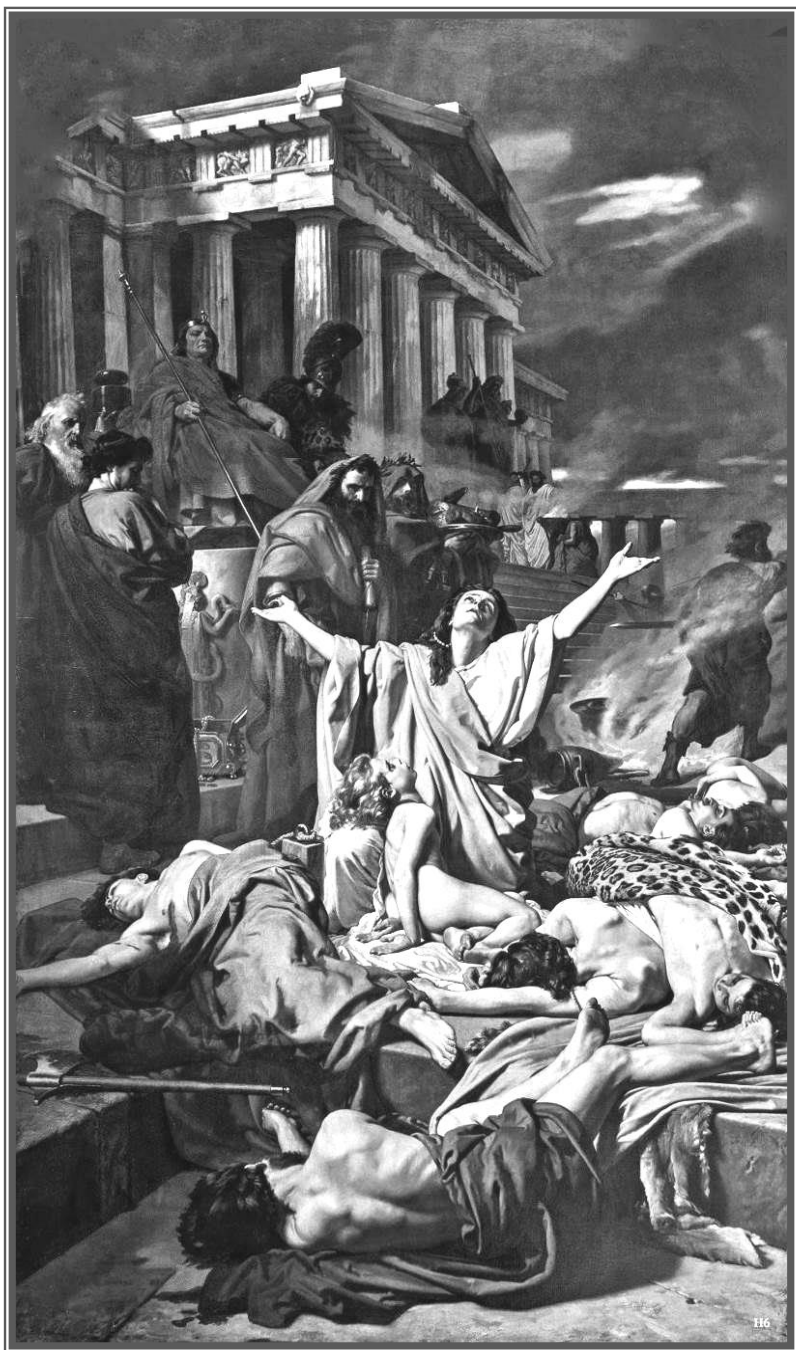



Imagem 48 – Os Sete Macabeus (Antonio Ciseri, 1863)

Fé

(Machado de Assis, in "Crisálidas")

As orações dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos;
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os cânticos da terra.

No turvo mar da vida,
Onde aos parcéis ([207]) do crime a alma naufraga,
A derradeira bússola nos seja,
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança
Da nossa íntima paz, Senhor, é esta;
Esta a luz que há de abrir à estância eterna
O fulgido caminho.

Ah! feliz o que pode,
No extremo adeus às cousas deste mundo,
Quando a alma, despida de vaidade,
Vê quanto vale a terra;

Quando das glórias frias
Que o tempo dá e o mesmo tempo some,
Despida já, – os olhos moribundos
Volta às eternas glórias;

Feliz o que nos lábios,
No coração, na mente põe teu nome,
E só por ele cuida entrar cantando
No seio do infinito.

---

[207] Parcéis: recifes de todo escondido ou só à superfície do mar.

Antônia (Jovita) Alves Feitosa

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

DA

HEROINA BRASILEIRA

JOVITA ALVES FEITOSA

ex-sargento do 2.º corpo de voluntarios do Piauhy

NATURAL DO CEARÁ

por um Fluminense

RIO DE JANEIRO

TYP IMPARCIAL DE BRITO & IRMÃO

1865

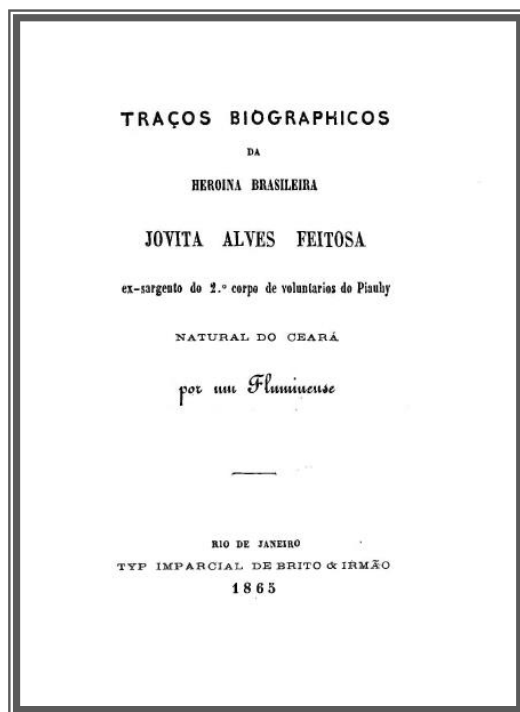



Imagem 49 – José Alves Visconti Coaracy

> *Jovita Alves Feitosa, da velha e tradicional família cearense dos Feitosas, que, durante longos anos, nos tempos coloniais, se empenhara em luta de vida e morte com a família rival dos Montes, dando origem à famosa guerra sertaneja dos Montes e Feitosas, nasceu a 08.03.1848 na povoação do Brejo Seco, no sertão dos Inhamuns. (ASSIS BRASIL, 1993)*

José Alves no seu livro "*Traços Biográficos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa*", editado em 1865, nos apresenta a versão, um tanto romanceada, mas bastante pormenorizada, da breve trajetória de vida desta jovem que deixou profundas marcas nos corações e mentes de nossos patrícios de outrora.

Antes de Começar

Levantem-se embora os "*Espíritos Mofadores*" condenando estas páginas, inspiradas pelo sentimento nacional; nós unicamente nos contentamos de ter seguido os grandes exemplos, e de não ter lançado no olvido o nome de uma brasileira, cujo patriotismo espontaneamente gerado em seu peito, e amaldiçoado pelos "*Indiferentes*", foi concentrar-se em sua alma para reviver em melhores tempos. A geração futura nos fará justiça.

Do Autor

I

Ergueu-se o altar da Pátria mais alto do que nunca. O sentimento nacional, ofendido pelos ultrajes desse déspota do Paraguai, se manifestou de uma maneira estrondosa. Os lamentos dolorosos dessas vítimas, sacrificadas às ambições de um povo estúpido e sanguinário, fizeram reunir junto do Trono Imperial todos os corações verdadeiramente brasileiros.

O espírito de patriotismo, que parecia adormecido, levantou-se grande e sublime. Milhares de voluntários moços, e de um futuro esperançoso surgiram como que por encanto de todos os ângulos do Império. Operou-se um desses prodígios, que eternizam e cobrem de glória os belos feitos de uma nacionalidade briosa. Todos se apresentam trazendo suas oferendas, seu ouro, seus serviços, e mais que tudo – seus próprios filhos!

Belas recordações dos tempos idos! Exemplos sublimes para o futuro! O altar da Pátria, coberto de prendas preciosas, ilustrado por atos de civismo, oferece um desses espetáculos fascinadores, que esperta a imaginação, infundindo o gênio marcial no peito de seus cidadãos.

Imagem 50 – Antônia (Jovita) Alves Feitosa

A indignação pública tendo se tornado extrema foi atingir cruelmente o coração ardente de uma filha obscura do povo.

Uma menina de 18 anos incompletos, tomando toda a coragem diante desses acontecimentos vertiginosos, que iam arrastando os ânimos para um martírio, que já se prolongava, apresentou-se pobre, e singela, tendo n'alma o sentimento generoso das mulheres espartanas, ajoelhou-se ante o altar da Pátria, e ai prestou um juramento solene de amor e dedicação eterna!

Tal era o poder da vontade, que ela procurava sobrepujar o melindre da sua natureza fraca, querendo atirar-se aos perigos da guerra entre os gritos dos combatentes; e deste modo assistir ao derradeiro expirar de uma República ingrata!

Fez votos de tomar as armas para bater os inimigos, e de nunca abandoná-las senão nessa hora extrema em que ela também soltasse o último alento de vida. E ela se compenetrou de todo esse sentimento. Teve coragem bastante para o sacrifício!

II

Jovita Alves Feitosa! Eis a heroína brasileira, segundo a consagração popular. Nasceu no dia 08.03.1848, debaixo da atmosfera puríssima desse lindo céu do Ceará, em Inhamuns, numa casinha pobre, situada lá na povoação chamada "*Brejo Seco*".

Ai se criou junto de sua mãe D. Maria Rodrigues de Oliveira, e de seu Pai Simeão Bispo de Oliveira, filho de Simões Dias, natural da Bahia ([208]). Sua vida passou-se esquecida nesses brincos da infância junto dos sorrisos de seus irmãos, dos quais conserva vivas saudades. Bem cedo essas alegrias da infância foram perturbadas pelo pranto!

Em 1860, perdeu sua mãe, morta pela "*cholera morbus*"; e assim como Carlota – o Anjo da Revolução ([209]), achou-se logo privada das carícias maternas. Havia portanto um vácuo no seu coração, que mais tarde precisava ser preenchido. Corriam os sucessos nessa luta entre o Brasil e o Paraguai. Deixando o lar paterno veio para casa de um tio, chamado Rogério, mestre de música, em Jaicós, com destino de se dedicar a essa arte. A repercussão dos sofrimentos da Pátria foram despertá-la nesse estreito horizonte, onde ela vivia longe do Sol da Corte.

---

[208] No interrogatório a que procedemos particularmente disse-nos que era filha de Maximiano Bispo de Oliveira, e de D. Maria Alves Feitosa. Nós nos cingimos ao depoimento feito perante o Dr. Chefe de Polícia do Piauí. (COARACY, 1865)

[209] Gonzaga ou a Revolução de Minas – peça teatral Castro Alves. (Hiram Reis)

O desespero público, a narração triste e sanguinolenta das devastações, pilhagens, e atrocidades cometidas pelas forças invasoras do Paraguai, impressionou-a fortemente.

Um dia ao cair do crepúsculo pelo infinito, seu espírito magoado concentrou-se nesse quadro elegíaco ([210]), que mais se apura no silêncio dos sertões, e sua imaginação foi assaltada pelas cenas de sangue e de miséria, infligidas pelo déspota do Paraguai. Nem as flores, nem o romper das alvoradas, nem mesmo o sorriso da família, nada deleitava o seu espírito. Era preciso abandonar a pobre cabana de seu velho pai, tesouro precioso dos melhores tempos da vida. Era forçoso que ela se revestisse de toda a coragem para deixar a doce habitação de seus dias de infância, esses sítios, onde cada flor lhe marcava uma lembrança querida, e dizer adeus aos pássaros da campina, aos crepúsculos da montanha, a tudo enfim dizer adeus! Decidiu-se sempre e tomou uma resolução firme.

Tinha diante de si 70 léguas para caminhar! Era preciso muita coragem para afrontar os perigos dos campos, o silêncio das estradas, o terror das noites, e garantir a sua fragilidade de todos os ataques da torpeza, e do vício. Admirável sacrifício! Não lhe faltaram as forças para realizar essa marcha tão tormentosa. Logo que chegou a Teresina, capital do Piauí, tomou trajes grosseiros de homem, cortou os cabelos com uma faca, tomou um chapéu de couro, e assim vestida dirigiu-se ao Palácio da Presidência, pedindo para ser alistada voluntário da Pátria. A este respeito ouçamos o que diz "*A Imprensa*" de Teresina ([211]):

---

[210] Elegíaco: de profunda tristeza. (Hiram Reis)
[211] A Imprensa n° 1 - Quinta –feira, 27.07.1865 – Teresina, Piauí. (Hiram Reis)

A Imprensa n° 01
Teresina, Piauí – Quinta-feira, 27.07.1865

Voluntária da Pátria – Apresentou-se nesta cidade uma interessante rapariga de 17 anos de idade, de tipo índio, natural de Inhamuns, vinda de Jaicós, desta Província, trajando vestes de homem rude, e ofereceu-se ao Exm° Presidente como "*Voluntário da Pátria*". – Aceito como tal, e pouco depois, na rua ou na casa do mercado, descoberto o seu sexo; é levado à polícia e interrogado. Confessa o seu disfarce, e envergonhada – chora, porque teme não poder mais seguir seu intento, e pede encarecidamente que a aceitem como "*Voluntário*".

Seu maior desejo, diz ela, é bater-se com os monstros que tantas ofensas têm feito às suas irmãs de Mato Grosso; é vingar-lhes as injúrias ou morrer nas mãos desses tigres sedentos. Fazendo-se-lhe sentir a fraqueza de seu sexo, só lamenta hão ser aceita. S. Exª acedeu a tão ardentes desejos.

Hoje a vimos de saiote e farda com as insígnias do 1° sargento. Mostra-se satisfeita e resoluta sempre. Não lhe causam emoção os perigos da guerra.

Talvez que a nossa voluntária faça atos de bravura, e qual outra Maria Quitéria de Jesus, da Guerra da Independência na Bahia, venha a merecer, como aquela mereceu do Primeiro Reinado, uma banda de oficial e a venera ([212]) de uma ordem honorífica.

[212] Venera: medalha. (Hiram Reis)

Sobre o mesmo assunto lê-se na "*Liga e Progresso*" da mesma cidade:

Liga e Progresso n° 10? ([213])
Teresina, Piauí – ??.07.1865

Voluntária da Pátria – Em um destes últimos dias apareceu no Palácio da Presidência, pedindo para ser alistado "*Voluntário da Pátria*", um jovem de 17 anos de idade, pouco mais ou menos, estatura regular, vestido simplesmente de camisa e calça, e trazendo na mão um chapéu de couro, S. Exª o Sr. Dr. Francklin Dória, aceitando-o como tal, lhe ordenara que no dia seguinte se apresentasse para ser aquartelado. Algumas pessoas, porém, notaram e ficaram prevenidas sobre os sinais característicos desse jovem Voluntário, que mais lhes indicavam ser uma mulher do que um homem, e não o perderam mais de vista.

Às 5 horas da tarde do dia designado para o aquartelamento do jovem Voluntário, uma multidão imensa o acompanhava para a casa do Sr. Dr. Chefe de Polícia, onde chegando declararam algumas pessoas que esse indivíduo, que se dizia "*Voluntário da Pátria*", era uma mulher disfarçada em homem. O Sr. Dr. Freitas mandou entrar o suposto voluntário, e procedeu-lhe ao interrogatório que aqui damos publicidade.

[213] Não foi possível identificar, na Biblioteca Nacional Digital, o número e a data do referido jornal, posso, porém, garantir que deve se tratar do n° 102 ou 103. (Hiram Reis)

« Interrogatório »

Auto de perguntas a um "*Voluntário da Pátria*", que foi conhecido ser mulher.

Aos nove dias do mês de julho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e cinco, nesta cidade de Teresina em casa da morada do meritíssimo Dr. Chefe de Polícia José Manoel de Freitas, comigo escrivão do seu cargo, abaixo nomeado, ai achando-se presente Antônio Alves Feitosa, livre de ferro e sem coação, por ele Dr. Chefe de Polícia da Província, "*ex officio*" ([214]), lhe foram feitas as seguintes perguntas:

Perguntado qual o seu nome, idade, estado, naturalidade, filiação, meios de vida e residência.

Respondeu chamar-se Antônia Alves Feitosa, conhecida desde menina pelo apelido de Jovita com dezessete anos de idade, solteira, natural dos Inhamuns, da Província do Ceará, ser filha de Simeão Bispo de Oliveira e de Maria Rodrigues de Oliveira, viver de suas costuras, ser moradora no Brejo Seco, no Inhamuns, e somente de sete meses para cá na Vila de Jaicós, desta Província.

Perguntado quando saiu da Vila de Jaicós para esta capital, que destino tinha?

Respondeu que saiu a vinte do mês passado, diretamente para esta capital, com o único fim de ver se podia ser aceita para a guerra no Paraguai.

Perguntado em companhia de quem veio?

---

[214] "*Ex officio*": em razão do cargo ocupado. (Hiram Reis)

Respondeu que veio para aqui com os Voluntários que trouxe o Sr. Capitão Cordeiro, tendo declarado aos mesmos qual sua intenção.

Perguntado se não era amazia de algum dos voluntários com quem veio?

Respondeu que não tinha relações com esses homens, e que os acompanhou somente porque vinham também para a capital, tendo por muitas vezes declarado-lhes, quando indagaram da sua viagem – que se ia apresentar como, "*Voluntária da Pátria*".

Perguntado porque tomou, roupa de homem, mudando assim o seu traje natural?

Respondeu que tomou roupa de homem, porque as pessoas a quem declarava sua intenção, diziam-lhe – que, como mulher, não poderia ser aceita no Exército.

E então como fosse grande o desejo, que tem de seguir para a Guerra cortou seus cabelos com, uma faca, pedindo depois a uma mulher que os aparasse bem rente, e tomando roupas de homem; foi assim apresentar-se ao Exm° Sr. Presidente da Província, e rogou-lhe que a mandasse alistar como "*Voluntária da Pátria*".

Perguntado como descobriu-se ser mulher?

Respondeu que estando na casa da feira, hoje pelas quatro horas da tarde, uma mulher vendo-a com as orelhas furadas, dirigiu-se a ela respondente ([215]) e a palpando-lhe os peitos, apesar de sua oposição, e de ter atados os seios com uma cinta, a referida mulher pôde conhecer o seu sexo, e imediatamente descobriu-a, dando parte ao inspetor do quarteirão, que mandou-a conduzir à polícia por dois soldados.

---

[215] Respondente: a inquirida. (Hiram Reis)

Perguntado porque chorava quando se viu na presença da autoridade?

Respondeu que chorava porque se via em trajes de homem em presença de muitas pessoas, e teve vergonha disso; e mais chorava também porque supunha que sendo descoberta não seria aceita para a guerra.

Perguntado se sabia atirar, e se tem disposição para sofrer os trabalhos da guerra? Respondeu que não sabia carregar a arma, mas que sabe atirar, e tinha disposição para aprender o necessário e também para suportar os trabalhos da Guerra, e até para matar o inimigo.

Perguntado se o governo a não aceitasse como soldado, se está disposta a seguir sempre para o Sul, afim de ocupar-se em trabalhos próprios do seu sexo?

Respondeu que em último caso aceitará isso, porém que o seu desejo era seguir como soldado, e tomar parte nos combates, como "*Voluntária da Pátria*".

Perguntado se seus pais são vivos ou mortos, e se conhece alguns de seus parentes, e quem sejam eles?

Respondeu que não tem mais mãe; que seu irmão mais velho de nome Jesuíno Rodrigues da Silva já seguiu para o Sul; que seu pai ainda vive, tendo consigo irmãos menores dela respondente, no lugar Brejo Seco, já referido.

Perguntado se sabia ler e escrever? Respondeu que sabe, mas tudo mal.

E nada mais respondeu e nem lhe foi perguntado: deu-se por findo este auto de perguntas, depois de

lido e o achando conforme, assina com o Juiz, e rubricado pelo mesmo; do que dou fé.

Eu Raymundo Dias de Macedo, escrivão, o escrevi

e assina – Antônia Alves Feitosa.

É sobre modo notável que no sexo feminino, onde naturalmente se aninham o medo e o pavor, apareça esta exceção à regra geral, encarando com verdadeiro denodo e coragem os rigores de uma Guerra! Do interrogatório que se acaba de ver e diversas interpelações que particularmente se tem feito à esta brava jovem, ainda se não pôde coligir que outro desígnio, a não ser o nobre fim de pugnar pela defesa da pátria, a tivesse trazido da Vila de Jaicós a 70 léguas distantes desta cidade. É um heroísmo a toda aprova.

Este mesmo depoimento nos foi feito por Jovita em uma das salas do Quartel do Campo da Aclamação, no Rio de Janeiro, onde ela se achava. Só um devotamento supremo podia ter tocado o coração desta mulher cuja resolução inabalável perde-se nos véus de um mistério, que não nos é dado perscrutar, e que só o futuro nos poderá esclarecer. Na frase de um grande escritor, talvez que o demônio da solidão a inspirasse!

III

Aí em Teresina encontrou-se com seu pai, que vinha de Caxias, o qual, com dificuldade aquiescendo aos desejos patrióticos de sua filha, deitou-lhe sua benção, e seguiu...

Jovita já não era uma mulher! Era um "*Voluntário da Pátria*", graduado com o posto de Sargento! No dia 10 de agosto embarcou Jovita com 460 praças com destino a Parnaíba. Daí embarcou no Gurupi para o Maranhão, e do Maranhão veio no Tocantins para o Rio de Janeiro, onde chegou no dia 9 de setembro.

Imediatamente despertou-se a curiosidade pública. Todos corriam para vê-la. As fotografias se reproduziam todos os dias, e é raro quem não possua um retrato da voluntária do Piauí.

Vimo-la também: – É um tipo índio. Tem uma estatura mediana, maneiras simples, e sem afetação, despida daquela gravidade, que impõe um respeito profundo, bem proporcionada, rosto redondo, uma cútis amarelada, cabelos curtos, crespos, e de um negro acaboclado, mãos de homem e secas, pés grandes. Seus olhos negros, cheios de luz, tornam-na simpática, seus lábios fechados com alguma graça ocultam dentes alvos, limados e pontiagudos.

Uma serenidade d'alma estende-se pelo seu todo, e mesmo lhe assegura uma confiança, que a tranquiliza. De onde se vê que devia zombar das seduções que a rodeiam. Sua voz cantada e de um timbre agradável conserva sempre uma firmeza imperturbável.

Procurando-a no seu aquartelamento tivemos por fim estudá-la, e mesmo ver se conseguíamos o segredo que a moveu nessa resolução inabalável. Surpreendeu-nos a sua singeleza e a tranquilidade que conservava vivendo entre soldados.

Nessa ocasião trajava calças brancas, com uma blusa de chita mal afogada, num desalinho desgostoso, deixando ver, através do colarinho de homem, um rosário de contas escuras, e uma corrente de ouro, cingidos ao pescoço.

Encostada a uma mesa com a cabeça apoiada sobre a mão esquerda, respondia-nos, brincando com bonecas, e uma caixinha de brinquedos de criança. Como se conciliar esta natureza enigmática? Enigma talvez para ela mesmo, enigma ficou para nós! Seria fraqueza? – Não! – O Heliotropo ([216]) também se volta para o Sol. Entre as muitas perguntas que lhe fizemos respondeu-nos contrariada do seguinte modo:

> – Eu tenho muita raiva dos Paraguaios, queria ir para a guerra para matar essa gente; mas não me querem, enjeitaram-me.

Como assim? retorquimos nós.

> – O governo não permite que eu siga. Já me destituirão do posto.

Mas, dissemos nós, a Sr.ª mesmo não podia ir por ser mulher; porque razão não segue prestando os serviços próprios do seu sexo?

> – Não, nesse caso não vinha, podia ficar na minha terra, onde faria tudo isso, e de mais,

Continuou ela num tom apaixonado...

> – O Imperador também já foi para a guerra...

A Sr.ª estima o nosso Monarca!

> – Se eu não estimá-lo, a quem mais devo estimar?

Respondeu-nos com uma inflexão de voz decisiva. De fato, notava-se que um sentimento de contrariedade dominava toda a sua figura. Já não possuía aquela majestade dos seus dias de triunfo popular. Tinha no olhar uma indiferença sarcástica para todos que se aproximavam.

---

[216] Heliotropo: vegetal que orienta sua haste, folhas e flores para a luz solar. (Hiram Reis)

Havia seu fundamento: Jovita, uma vez prestado o juramento de fidelidade à sua Pátria, e depois alistada no Exército com as honras de 2° Sargento de Voluntários, nunca suspeitou que mais tarde a destituíssem do seu posto. Uma ordem, porém, baixou da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, em data de 16 de setembro, concebida nestes termos:

> Ilm° Sr.
>
> Não havendo disposição alguma nas Leis e Regulamentos Militares que permitia à mulheres terem praça nos Corpos do Exército, nem nos da Guarda Nacional, ou de Voluntários da Pátria; não pode acompanhar o Corpo sob o comando de V.S. com o qual veio da Província da Piauí a Voluntária Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça do mesmo Corpo, mas sim como qualquer outra mulher das que se admitem a prestar junto aos Corpos em Campanha os serviços compatíveis com a natureza do seu sexo, serviços cuja importância podem tornar a referida Voluntária tão digna de consideração, como de louvores o tem sido: pelo seu patriótico oferecimento: a que declaro a V.S. para seu conhecimento, e governo.
>
> Deus guarde a V.S.

Jovita, entretanto, apelou para os sentimentos generosos do nobre Ministro da Guerra, solicitando para que revogasse a ordem do Quartel General. Era bem difícil o que ela pedia. O Exm° Ministro, cujos desejos eram ardentes em conferir-lhe essa graça, de modo nenhum podia aquiescer, visto como a lei é muito expressa a tal respeito.

Não obstante, dignou-se responder-lhe em uma carta que lhe dirigiu, concebida nos termos os mais dóceis e convincentes, mostrando-lhe o preceito da lei. Aí revelou o seu pesar, manifestando que a sua compleição e o seu sexo era razão para não poder suportar as fadigas de uma campanha, e que o seu sacrifício em bem do País seria inútil, visto haverem numerosos defensores. Com tudo, não deixava de apreciar e louvar a viva prova que dava do seu patriotismo, oferecendo-lhe os meios de que necessitasse para que, recolhendo-se a sua família, tivesse a felicidade de que é digna.

IV

Se, como Joanna d'Arc, Jovita tivesse em outros tempos encontrado uma rainha Yolande d'Anjou, por certo não teria deposto os galões de Sargento, que com tanto patriotismo e renome foram conferidos pelo ilustrado Presidente da Província do Piauí o Exm° Sr. Dr. Francklin Dória, cujo coração eminentemente brasileiro, maravilhado por tamanho heroísmo, aceitou-a por um rasgo de imaginação patriótica.

– Hoje, porém, nenhuma vontade está acima da lei.

Nem seria um fato novo que se abria nos fastos, quer da nossa história, quer da humanidade sofredora. Ha exemplos de uma coragem admirável entre as mulheres de todos os tempos; principalmente quando uma paixão, ou uma ideia as ilumina, porque então sentem-se inflamadas, e levantam-se apaixonadas naquele entusiasmo sublime dos tempos heroicos.

No Brasil, além dos nomes célebres das mulheres heroínas dos tempos coloniais, ([217]) existe ainda bem

[217] Tempos coloniais: Guerra dos Holandeses (COARACY, 1865).

rica na memória do povo essa figura majestosa da "*mineira*" ([218]) que na revolução de 42 sagrava com seu ósculo de mãe a fronte de seus filhos rebeldes, e com eles caminhava aos campos da Batalha!

Olímpia de Gouge fundando o direito das mulheres bem o disse: "*Elles [les femmes] ont bien le droit de monter à lá tribune, puisqu'elles ont cellui de monter a l'echafaud*" ([219]).

Parodiando suas palavras nós diremos: "*As mulheres têm o direito de se iniciarem nos destinos da Pátria, visto como tem o dever de contribuir com seus filhos para a guerra*".

Assim nós vemos entre os bustos venerandos de toda essa Assembleia Francesa, nos tempos sanguinolentos da grande Epopeia Social, que reformou o mundo pelo exemplo e pela palavra, surgirem vultos de mulheres, notáveis pela grande influência que exerceram pelo seu devotamento, e pela sua fé gloriosa.

"*Carlota Corday*", pela inspiração patriótica sobe à guilhotina – foi-lhe a morte sublime nesse martirológico sagrado de uma nova religião!

"*Madame Roland*", cuja coragem concorreu para erguer o altar do futuro, é recebida pelos Jacobinos como um dos seus membros ilustres.

"*Theroigne de Mirecourt*" a Joanna d'Arc impura da praça pública – como a crismou Lamartine, vindo a Paris atraída pela Revolução Francesa, aí mostrou prodígios de valor – foi a primeira que subiu à torre no assalto da Bastilha!

---

[218] Mineira **???**: (Hiram Reis)

[219] Elas devem ter o direito ascender à tribuna, já que podem ser conduzidas ao cadafalso. (Hiram Reis)

Não era pois de admirar que Jovita com o desinteresse com que se atirava às lutas de uma Campanha, produzisse atos de valor na qualidade de Sargento. Houve também na Bastilha uma mulher que seguiu para a guerra como Capitão de artilharia.

No momento em que escrevemos estas páginas biográficas folgamos de registrar mais um cometimento digno de glória para a nossa galeria histórica. D. Marianna Amália do Rego Barreto, moça de 18 anos de idade, de educação fina e cuidadosa acaba de oferecer-se para o 5° Corpo do Batalhão de Voluntários da Pátria.

O Sangue de D. Clara, e de outras Pernambucanas ilustres, que tanto se distinguiram nessa luta titânica que nossos avós sustentaram heroicamente com os Holandeses, até expeli-los do território, não pôde por mais tempo sopitar-lhe ([220]) o desejo de ir incorporar-se aos defensores da Pátria. O Presidente aceitando o seu oferecimento feito sem reserva nem condições, destinou-a para o hospital de sangue e permitiu-lhe o uso das insígnias de 1° Cadete em atenção à sua hierarquia. Filha dessa Veneza Brasileira tão notável entre as estrelas do diadema Imperial merece toda a nossa admiração!

Jovita Alves Feitosa podia muito bem glorificar os feitos de nossas armas nos muros de Humaitá! A palavra liberdade domina-lhe tanto o espírito quanto lhe horroriza a palavra cativeiro, e ela ama sua Pátria assim como a Princesa de Lamballe ([221]) amava na Rainha Maria Antonieta uma amiga devotada.

---

[220] Sopitar-lhe: conter-lhe. (Hiram Reis)

[221] Lamballe: Maria Luísa Teresa de Saboia-Carignano, Princesa de Lamballe, amiga e confidente da Rainha Maria Antonieta da França. (Hiram Reis)

Não foram as ovações das massas populares que atraíram Jovita, mas sim o sofrimento de sua Pátria, os infortúnios de seus irmãos! É certo, que, Jovita voltará para, o seio de sua família, já que não pôde realizar os seus sonhos desejados. Pouco lhe faltava também para completar a sua glória! Tamanhas foram as ovações que lhe fizeram. Nas diversas Províncias em que passou o Tocantins recebeu Jovita as maiores provas de entusiasmo e gratidão nacional. A tal respeito diz o Diário de Pernambuco:

Diário de Pernambuco n° 201
Recife, PE – Sábado, 02.09.1865

A este Batalhão vem incorporada a heroína brasileira, segundo a consagração popular, Jovita Alves Feitosa, de 18 anos, natural Inhamuns, Província do Ceará, e há um ano residente em Jaicós, Província do Piauí, onde deixa dois irmãos menores, e, o pai, que com dificuldade; aquiesceu aos, desejos patrióticos, de sua heroína filha. Dominada de grande patriotismo, que se lhe desenvolveu com as infâmias dos paraguaios, às do seu sexo, foi Jovita à capital do Piauí, e alistou-se no 2° Corpo de Voluntários, declarando logo que não queria ser enfermeira e combatente.

O Presidente da Província depois de se convencer de que a sua resolução, não era filha de uma loucura nem pretexto para encobrir um ilícito amor, a mandou alistar com a graduação de 2° Sargento, em cujo posto com facilidade se exercitou, e dizem ser o Sargento do Corpo que está mais prático nos manejos das armas. Traja calça e saiote, fardeta ([222]) e boné do corpo e tem o cabelo cortado à escovinha.

[222] Fardeta: jaqueta militar. (Hiram Reis)

Os Maranhenses fizeram a esta patriota, que mais tarde será uma heroína, as maiores ovações.

Na sua chegada ali, ia ser hospedada em casa do Dr. Juiz de Direito da 2ª Vara Antônio Francisco de Salles, onde se hospedou o comandante, porém, o Ajudante de Ordens da presidência, Tenente Campos, que primeiro foi a bordo, a levou para o seio de sua Exmª família, onde recebeu a heroica menina distinto agasalho e foi cumprimentada por inúmeras pessoas.

O empresário do "*S. Luiz*", Vicente Pontes de Oliveira, mal fundeou o vapor, anunciou para o mesmo dia um espetáculo em honra dela; e tamanho foi o entusiasmo que em pouco menos de três horas foram vendidos todos os camarotes e cadeiras, sendo a concorrência ao espetáculo espantosa.

A ele assistiu Jovita em trajes militares e de um camarote adornado com a Bandeira Nacional.

A distinta artista D. Manoela, vestida de guerreira e empunhando o Estandarte Nacional, recitou a patriótica poesia do Sr. Francisco Muniz Barreto, e, em seguida, cantou ela, acompanhada pela orquestra, com todos os artistas da companhia, fardados de Voluntários, o hino da composição do maestro Francisco Libânio Colás e letras do poeta Juvenal Galeno.

Por essa ocasião o povo pediu o comparecimento em cena da heroína, o que ela satisfez. Vivas, bravos, e flores partiram de todos os ângulos do Teatro.

D. Manoela, abraçando-a, e dando-lhe um ósculo, tira-lhe o boné, coloca-lhe na cabeça uma coroa de louros, e lança-lhe ao pescoço um cordão e um crucifixo de ouro; e, findo que foi o espetáculo, é ela conduzida à casa pelo povo ao som de vivas e música.

O negociante português Boaventura Coimbra de Sampaio mandou-lhe preparar e ofertar um completo fardamento de pano fino. O Maranhão soube distinguir a tão patriótica jovem, e o Sr. Dr. Salles deu-lhe um jantar, a que assistiu toda a oficialidade do seu corpo e inúmeras pessoas.

Ao passar pela Paraíba, recebeu ela ainda uma nova prova do apreço que merece a seus concidadãos. Uma comissão foi a bordo do vapor, e aí fez-lhe oferta de um custoso anel de brilhantes, como recordação de seus patrícios paraibanos, que sabem como todos os brasileiros honrar as virtudes cívicas.

Sua passagem em Pernambuco foi triunfante. O Presidente da Província recebeu-o no Teatro em seu camarote, dando-lhe um lugar distinto. E nem podia esse povo ser indiferente – São Pernambucanos! Nessa ocasião deslumbrou os espectadores uma linda poesia, apropriada ao assunto, e que não podemos furtar-nos ao prazer de transcreve-la. São os sentimentos do povo Pernambucano nos lábios do Poeta:

À Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa
(Francisco Muniz Barreto)

Na onda do movimento
Do País em convulsão,
Fero, pujante, sedento,
Terrível como o vulcão,
Destaca-se à luz do dia
Um tipo de valentia,
Enchendo de simpatia
O mais revel coração.

Não me admira o denodo
Da multidão varonil
Do povo que ergue-se todo
Bradando louco, febril:
"Cuidado! Gente insensata!
Cuidado! Corte ingrata
Da República do Prata!
Tem muita gente o Brasil!"

Bato palmas à nobreza
De quem conhece o dever;
Aplaudo a ardente braveza
Do homem que o sabe ser;
E teço também um canto
A quem sobe, tanto, tanto,
Mas não me leva ao espanto
O natural proceder!

O que me espanta é a força
De um feminil coração,
É ver em um peito de corça
Brio, valor de leão!
E sob a forma delgada
De uma mulher delicada
Ver uma alma alimentada
Do fogo de uma explosão!

Isto, sim, isto é sublime!
Vale arcos triunfais!
É grande arrostar o vime
Nortadas ([223]) e vendavais!
É coisa que maravilha
Partir risonha à guerrilha
Ingênua, modesta filha
Qual desenvolto rapaz!

---

[223] Nortadas: vento Norte frio e forte. (Hiram Reis)

Percorro os sagrados templos
Do mundo dos Panteões,
E vejo de tais exemplos
Raros nas outras Nações;
Só no livro desta terra
Em tempos assim de Guerra
Eu leio que a história encerra
Esses portentos de ações!

VI

Entretanto, pobre mulher! Não deixarão de aparecer seus preconceitos! Muitos, ignorando qual o verdadeiro lugar que nestes acontecimentos te deviam dar, não quiseram acreditar que um ajuntamento de causas naturais, combinadas pela mão da Providência, produzisse tamanho civismo! Procuraram inverter as altas aspirações que te impeliram para o centro dos perigos. Quiseram negar-te essa alma generosa, depurada num sentimento grandioso!

Mas, debalde! A alma que te ilumina é como a luz que brota espontânea das regiões ocultas do infinito para infundir-se deslumbrante pelo espaço além. O que te faltava pois? És moça, tens a alma dos 18 anos, o vigor do sangue, e a imaginação ardente da mulher do Norte, que concebe e realiza por paixão.

Serias uma louca? Também Joanna d'Arc, foi considerada como uma louca pelo Sr. de Beaudricourt quando seu tio Durand a apresentou comunicando a sua resolução. Qual pois o móvel que te guiou? Seria o amor ultrajado?

Tiroagne de Mirecourt também cometeu atos de uma bravura histórica, movida pela paixão, e pelo vício de que ela se envergonhava.

Como quer que seja, se algum motivo estranho te inoculou tamanha coragem, ainda assim és digna de toda a admiração da posteridade.

Suspendamos, porém, o nosso, juízo, neste ponto, e perdoemos aos levianos.

É que eles se maravilharam com a grandeza da ação, e, covardes, atordoaram-se por assim dizer com este heroísmo de uma moça de 18 anos, e com a severidade com que ela afrontou sempre tamanhas dificuldades.

Felizmente acabaram-se as clausuras, e os tempos do "*Maometismo*". Já as mulheres não são vítimas do furor estúpido dos homens. O Cristianismo com o seu verbo sublime espancou esses nevoeiros pesados da antiguidade. (COARACY, 1865)

Vamos, a seguir, repercutir algumas reportagens dedicadas à nossa "*Voluntária da Pátria*":

Correio Paulistano n° 2.843
São Paulo, SP – Sexta-feira, 17.11.1865

O Brado da Virgem

(Recitativo Patriótico, Oferecido às Senhoras Brasileiras por Francisco Muniz Barreto)

À Guerra, à Guerra meu Brasil ingente!
Oh! Não desmente o teu passado, não!
À Guerra, à Guerra! lá no Sul teu povo
Levante um novo marcial padrão!

Ouve, a bombarda ([224]) a combater te chama...
Bem alto a fama te apregoa já:
De Riachuelo e Paysandu na história
Já tua glória eternizada está.

Teus bravos filhos à peleja corram;
Vençam, ou morram; que assim quer o céu:
Quem os gemidos da mãe Pátria escuta,
E foge à luta, de alto crime é réu.

Rompa, espedace o brasileiro gládio,
Dos seus paládio, ao paraguaio arnês ([225])!
Brazil! A afronta, que hás sofrido, prava ([226]),
No sangue lava do feroz López!

Com essa de Palas ([227]), multidão galharda,
Que vai a farda da Milícia honrar,
Voa às muralha Humaitá derruba
Com a crespa juba, meu leão sem par!

Perigos, refregas denodado arrosta!
Castiga, prostra de Assunção o bei ([228])!
Para ensinar-te da vitória os trilhos,
Com seus dois filhos lá está teu Rei.

Rasgo sublime de amor santo e fundo
Pedro Segundo praticou por nós
Lá troca o cetro pela régia espada,
Que herdara honrada, de seu Pai e Avós.

À sua Pátria sacrifica a vida,
Vendo-a invadida pelo inimigo audaz;
Esposa, filhas, tudo esquece, e parte,
Anjo de Marte, como o é da Paz.

---

[224] Bombarda: morteiro que arremessava grandes pedras. (Hiram Reis)
[225] Arnês: armadura. (Hiram Reis)
[226] Prava: cruel. (Hiram Reis)
[227] Palas Arena: deusa da sabedoria, da estratégia em batalha... (Hiram Reis)
[228] Bei: Governador de província muçulmana. (Hiram Reis)

Pátria, os teus brios mais e mais se expandam!
Ao Sul nos mandam Natureza e Deus:
À voz de – Guerra – que nos vem de cima,
Nenhum se exima dos bons filhos teus.

Êmulos surjam de Marcílio Dias
Nessas porfias de mavórcio ([229]) ardor;
Cada um dos nossos, na naval peleja,
Barroso seja no imortal valor.

Virgens e donas da Brasileia terra,
Também à guerra devereis correr,
Se por ventura masculinos braços
Forem escassos pra o Brasil vencer.

Mães, vossos filhos, exortai, no entanto,
Ao prélio Santo, que nos vai remir
Dessa invasão do paraguaio corvo,
Que a fome, torvo ([230]), quer em nós nutrir.

Irmãs, esposas, ao combate, ardidos.
Vossos maridos, deixai ir e irmãos!
Oh! pelo Céu! não vos tomeis de amores,
Nem de temores pueris e vãos!

Eia, patrícias! Varonil pujança.
Não conte a França em suas filhas só;
Dela e de Roma feminis proezas
Obrai, acesas do Brasil em pró!

Segui o exemplo, que, valente, abre
Jovita, o sabre a manear gentil;
Ide com ela, de clavina ([231]) ao ombro,
Fazer o assombro do gaúcho vil!

---

[229] Mavórcio: marcial. (Hiram Reis)
[230] Torvo: terrível. (Hiram Reis)
[231] Clavina: carabina utilizada pela tropa de cavalaria no século XVIII. (Hiram Reis)

Brasília (232) guarda nacional briosa,
Que já famosa em teu civismo és,
Vai retomar ao Paraguai teu solo,
Da hidra o colo, machucar aos pés (233)!

Vai! Lá te espera o nosso sábio e justo
Irmão augusto e desvelado pai...
Por ti milícia cidadã bendita,
A Pátria grita: defendê-la vai!

Brazil! Ao insulto inesperado, amargo,
Do teu letargo despertaste enfim...
Em ti não mais inércia tal se aponte;
Não mais te afronte o estrangeiro assim!

Não mais te oprimam dolorosas fases,
Formoso Oásis dos amores meus!
Longe discórdias e fatal cobiça!
Pátria! Justiça, Monarquia e Deus! (CP N° 2.843)

O escrito Joaquim Maria Machado de Assis manifestou sua sexista opinião, concorde com a sociedade da época, a respeito da participação das mulheres na Guerra do Paraguai:

Diário do Rio de Janeiro n° 32
Rio de Janeiro, RJ – Terça-feira, 07.02.1865

Folhetim

Ao Acaso (Revista da Semana)

[232] Brasília: brasileira, brasiliana, brasílica. (Hiram Reis)

[233] "*Aos pés do vencedor obediente*" "*O colo oferece a áspera corrente*" – Ode a Afonso de Albuquerque – João Ignácio da Silva Alvarenga, 1811. (Hiram Reis)

Dedico este folhetim às Damas. [...]
Mas não é neste ponto de vista que eu venho hoje falar das damas. Deixemos em paz os amantes e os moralistas. Não entrais hoje neste folhetim, minhas senhoras, como Julietas ou Desdemonas ([234]), e sim como Espartanas, como Filipas de Vilhena ([235]), como irmãs de caridade. A bem dizer é uma reparação. Já falei dos "*Voluntários*"; já consagrei algumas palavras de homenagem aos corações patrióticos que, na hora do perigo, esqueceram-se de tudo, para correr à defesa da Pátria. Mas, nada escrevi a respeito das damas, e quero hoje reparar a falta, começando por aí e dedicando às damas estas humildes colunas.

Não nascestes para a Guerra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para outra Guerra, em que a mais inábil e a menos valente vale por dois Aquiles. De qualquer modo, ajudais os homens. Uma como mãe espartana, arma o filho e manda para a Batalha; outras bordam uma bandeira e entregam aos soldados; outras costuram as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher cartuchos; outras preparam os fios para os hospitais; outras juncam de flores o caminho dos bravos. Voltará aquele filho antes da desafronta da Pátria? Deixarão os soldados que lhes arranquem aquela bandeira? Entregarão as fardas que os vestem? Sentirão os ferimentos quando aqueles fios os vão curar? [...] Não tendes uma espada, tendes uma agulha; não comandais um regimento, formais coragens, não fazeis um assalto, fazeis uma oração; não distribuis medalhas, espalhais flores, e estais, podeis estar certas, haverão de lembrar quando forem secas, os feitos passados e as vitórias do País. (DRJ N° 32)

---

[234] Peça baseada em Otelo – O Mouro de Veneza, de William Shakespeare escrita nos idos de 1603. (Hiram Reis)

[235] D. Filipa de Vilhena, Marquesa de Atouguia, considerada, pelos portugueses, um dos seus maiores símbolos do patriotismo. (H. Reis)

A negativa da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, em 16.09.1865, enuviou a imagem da destemida "*Voluntária*" imergindo sua sedutora e destemida figura em uma série de eventos que culminaram com um fim trágico.

Publicador Maranhense n° 253
São Luís, MA – Terça-feira, 05.11.1867

Suicídio – Lê-se no Jornal do Commercio: – Suicidou-se anteontem de tarde, na casa da praia do Russell n° 43, Jovita Alves Feitosa, natural do Ceará, a mesma que viera para esta Corte com o posto de Sargento em um Batalhão de Voluntários daquela Província, e que tendo depois tido baixa, aqui ficou. A respeito deste trágico acontecimento e dos motivos que levarão aquela infeliz a dar fim aos seus dias, comunicou-nos a autoridade competente o seguinte:

> Jovita entretinha há algum tempo relações com Guilherme Noot, engenheiro da companhia "*City Improvements*" morador com outro engenheiro da mesma companhia na casa acima.
>
> Tendo finalizado o tempo do contrato que Noot tinha com a companhia, e devendo ele partir anteontem para à Inglaterra, escreveu, no domingo, à Jovita um bilhete em inglês, no qual despedia-se participando-lhe aquela sua intenção.
>
> Desconhecendo a língua inglesa, e na suposição de que aquele bilhete não continha mais do que a repetição de cumprimentos que o mesmo lhe havia mais de uma vez dirigido em outros escritos em português, Jovita não se deu pressa em procurar quem lho traduzisse.

Anteontem de manhã, indo alguém à rua das Mangueiras n° 36, onde morava a infeliz, disse-lhe que Noot havia partido no paquete inglês "*Oneida*", notícia esta que causou-lhe surpresa e desassossego tais que uma mulher que com ela morava, temendo algum desatino da sua parte, procurou tranquilizá-la, dizendo-lhe que talvez não fosse Verdade.

Pouco depois de 2 horas da tarde fez Jovita chamar um carro, e vestida com todo o esmero, nele entrou, mandando que a conduzissem à casa indicada na praia do Russell, onde chegando e sabendo de uma preta que com efeito Noot havia partido e que seu companheiro não se achava em casa, entrou no quarto que fora habitado por aquele a quem procurara, e tendo pedido um envelope nele meteu alguns papeis endereçados a Noot, entregou-os preta com a recomendação de remetê-lo, e sentou-se na cama que ali havia, retirando-se a preta.

Às 5½ horas, vendo a preta que a moça ainda se conservava no quarto, ali penetrou e encontrando-a deitada na cama com a mão direita sobre o coração e parecendo presa do algum ataque, tentou reanimá-la chegando-lhe ao nariz um vidro com água de colônia, depois do que procurou levantá-la e viu então que a mão colocada sobre o coração apertava um punhal nele cravado até às guardas.

Foi então chamado o Dr. Façanha, subdelegado da Glória, o qual ajudado pelo respectivo médico verificador dos óbitos, Dr. Goulart, procedeu à autopsia no cadáver, verificando ter o punhal penetrado na região precordial, entre a 4ª e a 5ª costela, ferindo ligeiramente o bordo do pulmão esquerdo o indo penetrar na cavidade esquerda do coração. No bolso esquerdo do vestido da suicida foi encontrado um bilhete por ela escrito, declarando que ninguém a havia ofendido e que matava-se por motivos que só dela e de Deus então conhecidos. Ao sair de sua casa Jovita despedira-se da mulher que com ela morava, dizendo-lhe: "*Adeus até nunca mais nunca*". (PUBLICADOR MARANHENSE N° 253)

Chama a atenção de como a mídia pretérita e historiadores hodiernos enaltecem a coragem da suposta "*heroína*", por ela simplesmente ter se apresentado como "*Voluntária da Pátria*", sem jamais ter participado efetivamente de qualquer combate e deixa de dar a ênfase adequada àquelas que partiram para a Guerra como enfermeiras e ou combatentes de 1ª linha.

Voltemos, porém, a outra versão, talvez um tanto romanceada, da nossa Jovita mas que talvez sirva para elucidar o que se passava no íntimo desta conturbada criatura do agreste nordestino.

O empresário, escritor e dramaturgo Francisco Gaudêncio Sabbas da Costa, nasceu em São Luís (MA), em 25.11.1829, e faleceu na sua cidade natal nos idos de 1874. Sabbas da Costa escreveu a novela Jovita, em homenagem à nossa "*Voluntária da Pátria*", em três capítulos que reproduziremos, a seguir:

Semanário Maranhense n° 20
São Luís, MA – Domingo, 12.01.1868

Jovita
(Páginas 06 e 07)

I

À margem do rio Parnaíba erguia-se uma choupana coberta de palha, triste habitação de uma família pobre. Era a do Sr. Feitosa que se compunha de sua mulher, Luiza, e sua filha, ainda menina, a quem deram educação parca, relativa aos seus minguados recursos.

SEMANARIO MARANHENSE.

ANNO I. San'Luiz, Domingo—12 de Janeiro—1868. NUMERO 20.

Publica-se aos Domingos. Assigna-se nesta typographia e em mão do Snr. Germano Martins d'Assumpção a 2$000 por trimestre (13 numeros).

EDICTOR—B. de Mattos.

Imagem 51 – Semanário Maranhense n° 20, 1868

O Sr. Feitosa cultivava a terra, e dela tirava os meios para a subsistência da família; e a Sr.ª Luiza vivia fazendo rendas e crivos ([236]), com o que ganhava pouco, mas que sempre chegava para ajudar seu marido nas despesas da casa.

A filha de Luiza e de Feitosa coadjuvava seus pais no que podia, sendo ela a alegria da casa e as esperanças paternas.

Por mais que trabalhassem, pais e filha, os recursos de que contavam diminuíam muito, para acobertá-los das calamidades da fortuna. Isto concorria para tirar a alegria dos habitantes da choupana, e a pouca felicidade ali fruída não durou por muito tempo.

A desgraça que acenava de perto invadir aquele recinto com seu cortejo de má catadura, parecia querer aproximar-se mais e oferecer aos habitantes da choupana os seus terríveis, efeitos!

Ela chegou enfim!

A morte arrebatara o Sr. Feitosa e a Sr. Luiza enlouquecera! Sem pai e com a sua mãe inutilizada pobre filha de tão desventurados pais, resistira aos fatais golpes com a alma alquebrada pela dor...

---

[236] Crivos: peneiras. (Hiram Reis)

Os olhos cansaram de tanto chorar, pois parecia que todos os males caíram de uma só vez contra essa débil criatura! Era uma tenra planta pendida à borda do abismo! Tão moça, o seu coração infantil acostumou-se a sofrer as desgraças deste mundo e a perda de ilusões e de quimeras!

Por muito tempo a infeliz órfã tratou de sua mãe sem que lhe faltasse cousa alguma, necessária a sustentar-lhe a vida, até que os escassos recursos legados por seu pai exauriram-se todos, e nada mais restava de fortuna a essas desventuradas esquecidas de Deus!

Nada mais restava a filha do que mendigar para sua mãe, e mesmo para salvar da fome e da morte inevitável a pobre moça já submergida em tantas misérias! Não era a própria miséria que mais amedrontava a pobre órfã, não; era o desgraçado estado de sua mãe o que mais a afligia.

Resoluta e arrastada pela necessidade, saiu a pedir esmolas pelas portas da cidade. Nessa infeliz peregrinação, encontrou a mísera órfã um rapaz elegante e bem parecido ([237]), que a achando bonita dirigiu-lhe meigamente a palavra:

– Como sois bela, menina!

– O Sr. fala comigo?

– Como se chama?

– Jovita Feitosa, para o servir, respondeu a filha de Luiza.

– Jovita! É um nome bonito como sua dona... Aonde mora?

---

[237] Bem parecido: que tem boa aparência, que é muito bonito, que se veste com elegância. (Hiram Reis)

– Bem longe daqui... À margem do rio, em uma choupana quase a cair... aqui todos o sabem...

– Ah! é a menina a filha da louca Luiza?

– Eu mesma, meu senhor.

O moço deu-lhe algumas moedas de prata dizendo:

– Sei que necessita dar à sua mãe o alimento preciso ao corpo e a vida. Aceite o que lhe ofereço com coração amigo, e se me der licença levarei a sua casa com que a dispense de pedir de porta em porta o pão de cada dia.

– Mas o Sr. não me conhece, e como se faz tão generoso assim?

– Para fazer bem não carece de conhecimento entre aquele que pratica e o que recebe o benefício. Demais, eu tenho minha condição a lhe impor.

– Qual é?

– Me há de prometer não sair mais de casa... sem necessidade.

– E minha mãe?

– Eu farei com que nada lhe falte... Agora está contente comigo?

O moço já ameigava a mão de Jovita, que envergonhada permaneceu calada.

– Olhe para mim, tornou o jovem sedutor, apertando a mão da triste órfã, tem vergonha de me encarar?

Jovita ergueu o rosto, encarou o mancebo, mas seus olhos tiveram de baixar, porque os do seu protetor paresiam magnetiza-la a seu pesar.

– Responda, promete não sair mais de casa, sim?

– Sim, senhor, respondeu Jovita.

– Recolha-se a casa e espere-me hoje, à tarde, que levarei a alegria à sua habitação. Não a quero ver assim tão bela e maltratada pelo rigor da pobreza.

– Mas... porque se interessa tanto por mim? Eu que nem ainda sei como o senhor se chama!

– Isso que tem? Sois pobre e os pobres são todos meus conhecidos, ainda que sejam encontrados por mim pela primeira vez.

– Então sois o anjo do bem?

– Ainda é cedo para os sinais de gratidão. Recebei... é um amigo que oferece, e oxalá não o maldigais nunca.

O mancebo dera urnas moedas de prata, e Jovita as recebeu como dadas pela verdadeira caridade.

Jovita seguiu caminho da choupana, comprando de passagem o que carecia para sua mãe, e para si. Ia calada, mas seu pensamento entretinha-se no protetor que lhe, parecera tão extraordinário!

O moço filantropo viu Jovita desaparecer pelas ruas guarnecidas de matagais e com o sorriso triunfante disse consigo:

– É minha! Botão que o rocio ([238]) matutino deve borrifar para desabrochar aos primeiros raios do Sol! Vais pertencer-me, Jovita, porque a necessidade é inimiga da virtude, e a necessidade esmaga-te com suas garras infernais!

O mancebo recolheu-se à sua casa, alegre e risonho calculava com a felicidade futura, que ele compraria à poder do ouro. [Continua]

Sabbas da Costa. (SEMANÁRIO MARANHENSE N° 20)

---

[238] Rocio: orvalho. (Hiram Reis)

Semanário Maranhense n° 21
São Luís, MA – Domingo, 19.01.1868

Jovita
(Continuação do n° 20, Páginas 03 e 04)

II

O moço que encontrou-se com Jovita, era Alfredo d’Almada, filho de Roberto d’Almada rico fazendeiro de gado no Piauí.

Era filho único, e, contando com a riqueza paterna, divertia-se em requestar, seduzir e desgraçar meninas órfãs. Pobres!

À tarde, como prometera a Jovita, apareceu na casa da sua protegida, tanta fartura deixou sair da cornucópia da abundância, que a miséria fugiu espavorida!

....

As visitas do mancebo em casa da louca Luiza, eram constantes, e tornaram-se amiudadas. Jovita se tinha deixado prender a esse homem, não pelos laços do amor, mas sim pelas cadeias da gratidão.

Não levou muito tempo para o libertino completar sua obra de desgraça.

O galã deste drama era tirano de tragédia, e Jovita se deixara arrastar para a desonra, que a esperava no fim deste estado de coisas, que o desejo de gozar e a falta do amor tornavam pouco duradouro.

Por algum tempo logrou o libertino desses momentos de felicidade que Jovita lhe proporcionava à custa de sua virgindade, sem que sentisse os doces, atrativos do amor; mas essa ventura sem dificuldade gozada, pacífica e sem obstáculos cansou o homem afeito às empresas difíceis e arriscadas.

O sedutor acabou por abandonar sua vítima, à arremessando para a prostituição, maior de todos os males que ela podia suportar ao mundo.

Jovita debalde o esperou uma, duas e três tardes: Alfredo d'Almada não apareceu! A desconfiança entrou no coração da filha da louca! Ela chorava lágrimas de vergonha.

Quinze dias ainda a desprezada teve esperanças de ver seu sedutor, e nunca mais o viu entrar em sua casa, onde fora tão liberal e protetor, onde encontrara a probidade e a virtude!

Jovita escreveu-lhe a seguinte carta:

> Sr. Alfredo. Quando o encontrei pela primeira vez no meu caminho de miséria, julguei-o a Providência, pelos socorros, que nessa ocasião dignou-se dispensar-me, mas muito inocente era eu, que ignorava os meios usados pelos libertinos para abismarem na prostituição as vítimas que pretendem imolar no altar dos prazeres mundanos!
>
> Tive quem me avisasse do laço que o senhor me armava, e que a gratidão me obrigou a não ver. O Sr. iludia-me sorrindo, dourava-me o presente com uma felicidade efêmera para legar-me um futuro amargo como as fezes do opróbrio ([239]). Do que isso, antes a miséria em que me achava! Conseguiu o senhor aquilo que só o amor sabe obter de um coração de mulher...

[239] Do opróbrio: da desonra. (Hiram Reis)

> Se a gratidão cegou-me, Deus perdoe-me. Não é a sua piedade que vou invocar, nem é a sensibilidade do seu coração não, é o dever de pai, que reclamo, em favor de seu filho que deve breve nascer. O senhor é rico e poderoso, não deixe que na miséria viva e morra, como eu, o filho que é seu, em cujas veias corre o sangue de seus avós. Nada quero, nada peço, nada exijo para mim do senhor a quem aborreço e detesto.
>
> Os seus benefícios paguei-os bem caros, estamos quites, mas seu filho não deve sofrer infelicidades de sua desgraçada mãe. É só para seu filho, que imploro a sua piedade, os seus benefícios. Aonde o devo esperar? Como obter a sua resposta? Se não me quer ver mais na casa que desonrou para todo o sempre, marque o lugar em que o devo encontrar.
>
> Jovita

Esta carta não teve resposta alguma!

Assim como a semente dá o arbusto, o arbusto deita a flor e a flor transforma-se em fruto, assim Jovita, que recebera o germe de criação, no fim de nove meses teve de dar à luz a uma criança, filha da mais negra traição. A moça inocente fizera-se mulher culpada! A virgem de outrora tornara-se mãe!

Jovita metera o recém-nascido em uma cesta de vime e escreveu o seguinte bilhete:

> – Sr. Alfredo d'Almada, remeto-lhe o fruto de sua caridade cristã. Jovita.

Este bilhete e a cesta com a criança foram remetidos ao jovem libertino em casa do pai dele. Foi o velho pai de Alfredo quem recebera o lindo mimo, que Jovita mandara a seu filho, e lendo o bilhete acabou por amarrotá-lo. Olhando para a criança, que dormia no seu berço de enjeitado, sentiu bater-lhe o coração já velho, e o recebeu dizendo:

– Eis porque Alfredo esbanja-me tanto ouro! Mal sabe a mãe desta criança, que o seu sedutor castiguei-o, mandando para a guerra a bater paraguaios. Ela e eu estamos vingados.

O velho Almada chamou um escravo e entregando-lhe uma bolsa ordenou-lhe que fosse levar à infeliz Jovita. O escravo saiu e voltou trazendo o mimo que seu senhor mandara à filha de Luiza, e informando de que a mãe da criança tinha desaparecido, levando a velha louca, e abandonando a choupana despida completamente.

Despertara o recém-nascido, e seus primeiros risos foram para seu avô, que tratou de criar o netinho, reconhecendo-o como filho do seu filho. [Continua] Sabbas da Costa. (SEMANÁRIO MARANHENSE N° 21)

Semanário Maranhense n° 23
São Luís, MA – Domingo, 02.02.1868

Jovita
(Continuação do n° 21, Páginas 03 a 05)

III

Jovita, remetendo seu filho a Alfredo d'Almada, conduzira tudo quanto possuía, e guiando sua mãe, no estado em que estava, fugiu do lugar sem que se soubesse para onde! Andara toda noite e no dia seguinte quando ela e sua mãe chegaram a um povoado aí descansaram alguns dias para seguirem só, no caminho da vida berrante!

Nesse lugar a mãe de Jovita fora atacada de febres que aumentaram de dia para dia em sua intensidade, levando-a a sepultura.

Jovita ficara isolada no mundo.

No enterro de sua mãe ouviu falar em voluntários que iam bater os inimigos da Pátria.

Os paraguaios invadiam o território do Brazil e barbaramente assassinavam as famílias que encontravam, provocando o povo à vingança justa, e a punição merecida.

O espírito de Jovita, abalado pelas diversas desgraças, que na mocidade surgiram-lhe, inclinou-se para a Pátria, e seu coração, como que despertando no meio de seu peito gelado, erguia-se alteroso pulsando animado pela Pátria ultrajada, que invocava de seus filhos à mais santa das vinganças.

Como se o dedo de Deus a tivesse indigitado, a mulher fez-se heroína; despiu os hábitos do seu sexo, e envergou as roupas de soldado, que deviam levá-la à glória ou à morte.

Foi assim que Jovita apresentou-se ao governo, disfarçada, com arte, em "*Voluntário da Pátria*".

Com os cabelos cortados, e não tendo as orelhas furadas, comprimindo os seios e disfarçando as formas de mulher, soube iludir os recrutadores, e marcharia como homem, se, no mercado, as mulheres curiosas, não desconfiassem que, os contornos do voluntário eram arredondados e cheios como não são os dos homens, e esta suspeita cresceu, tomou vulto e chegou ao Palácio.

Ali a verdade foi patente, mas a mulher já era "*Voluntária da Pátria*"! Tendo sido Jovita alistada no Corpo de Voluntários, o Presidente, que acabou por aceder aos rogos da mulher-soldado, deixou-a seguir como ela ambicionava.

Jovita andava de calças brancas, botinas de couro preto, saiote de lã escarlate com corpete de pano azul, finalizando com gravata de polimento. Um talim sustentando uma espada e a patrona ([240]), com destino aos cartuxos, era o correame que lhe apertava a cintura e completava o uniforme.

Com este fardamento misto, marchou a nova Joanna d'Arc, sendo no Maranhão muito festejada, em sua passagem para o Rio de Janeiro. Jovita recebera aplausos e mimos, e à tudo ela mostrava-se indiferente, como se maiores glórias a esperasse.

Em Pernambuco foi laureada, apresentada como heroína e assim festejada chegou ao Rio de Janeiro, aonde a sua fama a havia precedido, para preparar-lhe uma recepção condigna dela.

Jovita era disputada pelos fotógrafos, como um fruto de perene riqueza, porque a sua celebridade garantia a pronta venda de retratos da "*Voluntaria da Pátria*", da heroína brasileira. Por onde Jovita passava atraía a atenção pública. A tudo era ela indiferente!

De quando em vez, seus olhos lagrimavam de saudade do filho, que enjeitara do seu coração de mãe!

A Junta Militar julgou Jovita incapaz para o serviço da Guerra, mas no caso de prestar relevantes serviços nos hospitais de sangue.

Jovita empenhou-se para marchar e ir bater-se com os inimigos da Pátria, atestou robustez, agilidade no jogo das armas e coragem no momento do perigo, porém não conseguia abrir exemplas de mulheres tomarem parte nas lutas dos homens.

---

[240] Patrona: cartucheira. (Hiram Reis)

Desatendida pelo Governo Imperial, a pobre mulher obteve a baixa, e reassumiram os vestidos e as saias o lugar que as calças haviam usurpado por algum tempo.

O público de tudo informado mostrou-se pródigo com a ex-Voluntária; benefícios nos teatros, grandes e valiosos mimos, enriqueceram a pobre Jovita, que, reunindo algum pecúlio, regressou ao Piauí, para trazer ao filho o fruto de sua gloriosa resolução.

A sorte de seu filho a incomodava, depois que vira Alfredo d'Almada perdido para ela.

Jovita voltou ao Norte. No Piauí indagou pelo Sr. Roberto d'Almada e foi ter com ele.

Sem ser conhecida pelo velho foi ela recebida:

> –O Sr. Almada?

Disse Jovita.

> –Sou eu mesmo, senhora, o que determina de mim?
>
> –Trago notícias de seu filho.
>
> –Veio da corte?
>
> –Vim do Maranhão, mas cheguei ali a pouco tempo, de tornar viagem do Rio de Janeiro.
>
> –Ah! viu meu filho? Ele estava bom, não é verdade?
>
> –Não vi seu filho... Mas sou portadora de uma carta.

A carta era de um amigo de Roberto d'Almada, que trêmulo e sôfrego leu o seguinte:

> Amigo Almada. É com pesar que lhe comunico um triste sucesso. Vítima de uma congestão pulmonar, faleceu no hospital de Corrientes seu filho Alfredo que...

O velho deixou cair a carta e seus olhos eram duas torrentes de lágrimas, enquanto Jovita, de pé, com os braços cruzados sobre o peito, parecia a estátua do aniquilamento! O velho Almada caiu em sua poltrona e Jovita o consolou com palavras misericordiosas e cheias de religião.

–Seu filho morreu, mas legou-vos um filhinho não é assim?

–Sim, ele já havia partido quando recebi uma criança, que, dizia-me sua mãe ser filho de meu filho.

–E aonde está essa criança?

O velho esgueirou-se e apontou para o céu:

–Ali!

Jovita deu um grito agudo e doloroso e caiu de joelhos aos pés do velho, que ela há pouco consolava.

–E quem és tu que assim gemes, soluças e choras de joelhos a meus pés?

–Quem sou eu? Já não vos disse esta dor que sofro? Sou...

–Acaba!

–Jovita?

–Jovita!

Repetiu o velho, caindo de novo na poltrona, enquanto a desventurada mãe fugia como um raio, levando a dor e a desesperação no coração.

IV

Já não era Jovita a "*Voluntaria da Pátria*", a heroína brasileira, que regressou do Piauí ao Maranhão e do Maranhão seguia com destino à Corte do Império,

não; era a mulher cansada de sofrer, já sem esperança, sem alento, sem amor enfim! Era a mulher entregue a vida reprovada, descrendo de tudo e só tratando de disfarçar, por entre o rebuliço do mundo, as mágoas que carpia no recanto de sua triste habitação!

Ela afagava nas delícias da volúpia seus infortúnios do passado. Sem pai, mãe e filho e possuindo meios que a beneficência da Corte lhe proporcionavam, facilmente encontrou amigas do que era seu, que com ela gastavam largamente. O luxo fez, parte de sua vaidade feminina, e os meios de o sustentar eram dispendiosos.

Jovita maquinalmente gastava o que tinha! Seu coração não batia no peito, alterado pelo prazer de gozar deliciosos momentos, invejados de suas companheiras de erro!

Fraca e tímida como mulher, embora corajosa e audaz como "*Voluntaria da Pátria*", ela era como essas flores que vivem ao ardor do Sol, mas que no fim da noite murcham e morrem.

Entrou Jovita na Corte mais pobre do que havia saído, e abatida pela vida irregular que escolhera e adotara. Na Corte, foi a Voluntária de outrora, morar em um prédio à rua das Mangueiras, e sua casa enchia-se de admiradores e apaixonados.

Entre eles um inglês de nome Guilherme Noot, engenheiro da Companhia "*City Improvements*", que morava com seus companheiros na casa da Praia do Russell, maiores provas lhe dava de amor!

Os não equívocos sinais de amor britânico, que o filho de Albion dava a ex-Voluntária, despertou no coração de Jovita esse sentimento divino, que pela primeira vez ela experimentou no peito!

Foi Noot quem soube tocar na corda sensível daquela alma, incompreensível para as paixões amorosas, que só para sofrer e chorar tinha sido formada!

O amor por Noot cresceu, no coração de Jovita, e, como primeiro amor, ele era cheio de encantos, e de inexplicável doçura! A paixão acendida no peito da mulher heroína, era ateada todos os dias com cartas amorosas, que Noot dirigia à sua amada, ou com as expressões de ternura que em sua companhia prodigalizava-lhe.

Guilherme Noot, se não amava a Jovita, queria possuir a mulher célebre.

Os gozos de uma paixão não sancionada pelas leis do himeneu, são a mais das vezes efêmeros, se não falsos. Contudo, Jovita fruía as delícias do amor, que em seu coração germinara, e ela erguera altares no peito para eterna devoção.

Sem importar-se do futuro, esquecendo-se do passado, ela só curava do presente, risonho o feliz, que Deus lhe estava concedendo...

Quem nasceu para a desgraça debalde luta com o destino, para escapar ao rigor terrível de sua sorte! Jovita nascera predestinada por Deus para o infortúnio!

Um belo dia, 06.10.1867, Jovita recebeu de Noot, um bilhete em inglês, e não o sabendo traduzir, julgou ser mais um, igual aos muitos, que dele sempre recebia, cheios de protestos de amor, e dando-lhe esperanças de eterna felicidade.

–Ele me há de traduzir o que escreveu.

Dizia Jovita a uma companheira, que morava com ela, e esperou pelo amante sem que nesse dia ele aparecesse.

No dia seguinte Noot ainda faltara a ir à casa de Jovita, e no dia 9, uma amiga da ex-Voluntária entrou-lhe em casa:

– Então, minha amiga, ele deixou-te?

– Ele! Quem? disse Jovita espantada.

– O Senhor Noot.

– Talvez.

Respondeu Jovita já incomodada.

– Mas porque me dizes isto?

– Porque ele seguiu para Inglaterra, no vapor que saiu anteontem.

– Não é possível. Anteontem escreveu-me ele... aqui tens o seu bilhete. É verdade que está escrito em inglês e eu não sei ler o inglês...

– Pois, minha cara, o senhor Noot partiu no vapor "*Oneida*", e este bilhete é o de sua despedida.

Jovita estava alterada bastante, e os sinais de sua dor estampavam-se-lhe nas faces.

– Talvez não seja verdade.

Tornou a mensageira da má nova, vendo o estado aflitivo em que Jovita se achava.

– Eu saberei tudo, tudo...

Jovita mandou chamar um carro de aluguel, e vestida com todo o esmero, meteu-se no carro e disse ao cocheiro:

– A praia do Russell casa n° 43.

O carro partiu, e parou à porta da casa indicada por Jovita.

V

Jovita entrou na casa que Noot habitara e encontrou a criada dos companheiros de Guilherme:

–O Sr. Noot?

Interrogou ela.

–O Sr. Noot, respondeu a criada, partiu.

–Partiu! Repetiu a infeliz Jovita.

–Findou o seu contrato com a Companhia "*City Improvements*", e ele seguiu no vapor "*Oneida*" para Southampton.

–E os seus amigos, aonde estão?

–Saíram.

–O quarto de Noot está ocupado?

–Pode entrar, deixou-o como estava.

Jovita entrou naquele quarto, onde tantas vezes se julgou feliz. Tudo estava como no tempo de Noot, a cama guarnecida com o mosquiteiro de cambraia cor de rosa, caído da cúpula que estava suspensa no teto, a mesa de escrita no meio do quarto, e tudo ali deserto e triste para ela! Jovita escreveu uma carta e tirou do bolso os bilhetes amorosos de Noot, meteu tudo em um envelope, chamou a criada e disse:

–Esta carta farás seguir a seu destino. É para o Sr. Guilherme Noot, como o subscrito indica, e que tu deves remeter para Inglaterra.

–Sim, pode coutar que ela será enviada pelo primeiro paquete.

A criada saiu com a carta, e Jovita escreveu uma outra, guardou-a no bolso e depois meteu-se na cama que foi do inglês... A criada quando voltou ao quarto reparou nas cortinas do leito cerradas e foi a

ele, abriu-as, vendo a amante de Noot deitada tendo a mão direita sobre o peito esquerdo, ficou tremula.

–Grande Deus!

Exclamou a criada indo buscar água de cheiro e aplicando-a ao nariz da ex-Voluntária. Quis levantá-la e não podendo conseguir, correu a pedir socorro que de pronto chegou.

A autoridade e o médico compareceram no lugar e encontraram a infeliz heroína completamente morta. Jovita tinha enterrado no coração um punhal da aço fino! Verificou-se que a lâmina, passando entre 4ª e 5ª costela, ferira ligeiramente o pulmão, indo penetrar na cavidade esquerda do coração, dando a morte desejada! No bolso de Jovita a autoridade achou a carta que ela guardara e um retrato de Noot. A carta rezava assim:

> Declaro que ninguém me ofendeu, mato-me por motivos que só de mim e de Deus são conhecidos. Jovita Feitosa.

A criada entregou a justiça a carta que Jovita lhe dera para remeter a Guilherme Noot. Jovita restituía a Noot seus bilhetes amorosos, e em sua carta desejava-lhe não interrompida série de venturas e felicidades, enquanto que ela nada mais tinha a esperar na terra.

A companheira da habitação da infeliz Jovita depôs tudo quanto se passara em sua casa e declarou que a suicida, antes do meter-se no carro, lhe dissera:

–Adeus até mais nunca!

Por estas palavras irreligiosas vê-se que Jovita descrera antes de matar-se até da Vida Eterna! Os sofrimentos desvairaram aquela desgraçada, digna e merecedora de melhor sorte.

O que resta agora da Jovita infeliz? Da Voluntária admirada? Da mulher amante? Nada!

Em modesta sepultura dorme Jovita o sono dos justos; e quando, porventura eu visitar aquela moradia dos mortos, e deparar com a fria lousa que encobre os gloriosos restos da heroína brasileira, descoberto e respeitoso contemplarei o seu nome inscrito no mármore mortuário, dirigindo a Deus uma fervida oração pela alma de Jovita.

Maranhão, 1868. Sanas da Costa. (SEMANÁRIO MARANHENSE N° 23)

Guerra do Paraguai
(Franklin Dória)

Um dia tu soubeste, ó povo brasileiro,
Da afronta que lançou-te o bárbaro estrangeiro
Num ímpeto de orgulho e indômita ambição.
Ouviste a nova infanda ([241]) entre magoado e pasmo,
Mas logo após, aceso em santo entusiasmo,
Dos lábios irrompeu-te irosa exclamação.

– Que! Somos nós, – disseste, – o pueril joguete
De um vizinho infiel, que assim nos acomete
Sem causa, à falsa fé, como um salteador?
Toldou-se-lhe a razão? Persegue-o uma quimera?
Que pretende de nós? De nós o que é que espera?
A palma da conquista?! Os foros de senhor?

Há muito que em silêncio o seu olhar dilata
Das raias da república até a foz do Prata.
Sonhando o predomínio em outras regiões.
Seus lances disfarçado há muito que calcula;
Nos grandes arsenais petrechos acumula;
Bélicos planos traça e engrossa batalhões.

Sua intenção funesta anima a negra ofensa,
Que, para doer mais, parece a recompensa
De preciosos bens que ingrato recebeu.
E, começando infrene a obra da maldade.
Não lembra que a conquista à luz da liberdade
É hoje o espectro vão de Atila ou de Pompeu!

Do servilismo o preito acaso não lhe basta?
Nem sua autoridade imperiosa e vasta,
Que simboliza a lei, o direito, o poder?
De uma bela nação intolerante dono,
Dos súditos verdugo em vez de seu patrono,
Quer a seus pés prostrado um povo livre ter?

---

[241] Infanda: torpe. (Hiram Reis)

Não! Para castigar o déspota arrojado
Cada um cidadão transforme-se em soldado
De vontade constante e de ânimo viril!
A Pátria envergonhada exige nosso culto.
Às armas! Corresponda a vingança ao insulto!
Às armas! Já e já, por nós, pelo Brasil!

Então do Sul a Norte e de Leste a Ocidente,
Voando o eco longe, agreste e docemente
Na Cidade e na Vila e na Aldeia soou.
E ao mesmo tempo o velho, o levou, o menino,
Como se repetisse o estribilho do um hino,
Por nós, pelo Brasil, às armas! Replicou.

Cada dia depois, desde o raiar da aurora,
Se ouvia um longo adeus e saudação sonora
Onde se erguia um teto e crepitava um lar.
Era um vivo alvoroço ostentando-se fausto!
Prenúncio encantador do celeste holocausto
Que ia ser ofertado, ó Pátria, em teu altar

Do pomposo Palácio e da casa modesta,
Entre bênçãos de amor e júbilos de festa,
Saíram campeões sempre a mais e a mais.
Todos quantos mover puderam sem tardança
Uma espingarda, um sabre, uma espada, uma lança,
Oh! Todos o dever associou leais.

Já ergue o colo a guerra e temerosa estruge,
Como revolto mar que enfurecido ruge
Quando à praia deserta em tempestade aflui.
Já fere-se a primeira, inaugural batalha!
Relâmpago sinistro anuncia a metralha!
Armada contra armada entre pelouros ([242]) rui.

---

[242] Pelouros: projetís de pedra. (Hiram Reis)

Sobre o rio, que tinto em rubro sangue estua ([243]),
Morto o contrário tomba ou trêmulo flutua,
Ao troar dos canhões da Frota Imperial!
Tremendo pelejar! combate peregrino,
Que faz Riachuelo igual a Navarino ([244]),
E arroja um turbilhão ao líquido cristal!

Entanto, quando o crime, o incêndio e a pilhagem
Pelo chão brasileiro abriram a passagem
À tropa canibal do trêfego ([245]) invasor.
Vendo a Pátria em perigo, um ínclito ([246]) soldado,
Pelos heróis de Homero acaso modelado,
A súbitas partiu. Quem foi? o Imperador!

No incruento prélio, altíloquo ([247]) poema,
Um laurel lhe esmaltou o puro diadema.
Herança gloriosa, imenso cabedal.
E volvendo a seu trono, ai majestosa sede
Onde ao rei virtuoso o sábio não excede,
O cinge o resplendor do triunfo imortal!

Por uma região do mundo sequestrada
Empreendeu-se após aspérrima jornada
De cruas privações e de penoso afã.
Em seu peregrinar, sem exemplo na história,
Os lidadores vão, de vitória em vitória,
Desde o Passo da Pátria até Aquidabã!

Nas batalhas campais, nas mínimas contendas,
Obraram mil e mil façanhas estupendas,
Que a fama proclamou e altiva redirá.
Foi-lhes mister até mais que valor e tino,
Sobre-humano labor, quase esforço divino,
Pra galgarem além da fera Humaitá!

---

[243] Estua: arde. (Hiram Reis)
[244] Navarino: Batalha Naval (20.10.1827), durante a Guerra da Independência Grega, na Baía de Pilos (antiga Baía de Navarino). (Hiram Reis)
[245] Trêfego: manhoso. (Hiram Reis)
[246] Ínclito: ilustre. (Hiram Reis)
[247] Altíloquo: eloquente. (Hiram Reis)

Lutaram sem cessar! Bateram-se temíveis!
Tiveram muita vez recontros impossíveis,
Novos Bayards ([248]), mostrando a sua impavidez!
Dizei que fez Ozório, o herói legendário,
Quando o primeiro abriu o longo itinerário,
E dizei Porto Alegre em Tuiuti que fez!

Chegando tu por fim, lhes tomas a vanguarda
Como seu General e seu Anjo da Guarda,
Tu, príncipe gentil! Tu, jovem Conde D'Eu!
Se ateia o entusiasmo acrisolado, ardente,
No grande Capitão, de Marrocos valente,
O poderoso Exército inteiro se revê.

E teu gládio o conduz a ínvias cordilheiras;
E ele avança, avança em cerradas fileiras,
Peleja aqui, além; cerca, assalta, destrói!
Teu exemplo o transporta e a coragem lhe expande.
Em Pirebebuí, depois em Campo Grande,
Sublime sobressais entre os heróis, herói!

As tuas legiões, que o perigo inebria,
Sustentaram assim a renhida porfia.
Na Pátria o pensamento, a esperança no céu!
Tendo Câmara à frente, em seu extremo abrigo
Somente deram trégua ao pérfido inimigo
Quando foi sua espada o último troféu!

Ele expiou com a morte a afronta e o louco intento.
Em seu próprio País, sem pranto nem lamento,
Em erma sepultura ei-lo! execrado jaz.
E, enquanto um povo irmão desperta à liberdade.
Refulge em nosso céu com doce claridade
A aurora festival de gloriosa paz!

(A VIDA FLUMINENSE N° 125)

---

[248] Bayards: Pierre Terrail LeVieux, Senhor de Bayard, militar francês, herói na Guerra Italiana (1521 a 1526) e conhecido como o "*cavaleiro medieval ideal, sem medo e irrepreensível*". (Hiram Reis)

A imprensa paraguaia, também, valorizava, sobremodo, a contribuição das suas mulheres no esforço de guerra e ressaltava a conduta de suas tropas em relação aos civis. Vejamos algumas destas controversas manifestações:

El Semanario n° 560
Asunción, Paraguay – Sábado, 14.01.1865

Sección no Oficial
Sábado 14 de Enero de 1865

A vitória, finalmente, está se esboçando a favor do Paraguai. A população de Nioaque foi subjugada pelos nossos bravos, comandados pelo Cel Resquin, Chefe das Operações no rio Mbotetey.

Essa brilhante vitória que alcançamos, no dia 10 do corrente, foi reforçada pela tomada de Albuquerque e Corumbá. [...]

As famílias de Corumbá estão sendo acudidas pelo altruísmo do Comandante em Chefe de nossas Forças no Norte.

Em contraste com a conduta dos escravos do Império que assassinaram mulheres e crianças no bárbaro bombardeio de Paysandú, o Comandante das Forças Paraguaias ofereceu ajuda aos indefesos que fugiram enganados pelo inimigo e os encaminham às suas casas, depois disciplinar os bandoleiros, que queriam aproveitar-se da situação para criar um escandaloso tumulto.

Aqui está um exemplo de humanidade e civilização. […] (EL SEMANARIO N° 560)

El Centinela n° 02
Asunción, Paraguay – Martes [249], 02.05.1865

La Mujer Heroína

Não nos cansamos de admirar a nobreza de nossas mulheres. Diariamente surgem novos e interessantes manifestações de patriotismo. Nós as vemos altaneiramente nos altares da Pátria oferecendo, em fervoroso sacrifício, suas preciosas joias. Incansavelmente, elas cultivam o solo com as próprias mãos e fertilizam os campos com o suor de seu rosto angelical. Desveladas e caridosas correm aos Hospitais de Sangue para curar as feridas dos bravos defensores da Pátria.

Devemos admirá-las por estarem dispostas a empunhar uma lança, para impedir que os invasores avancem sobre o nosso território. Esta é a determinação e o desejo de todas as nossas extraordinárias mulheres. Como nos inspiram esses belos atributos de sublime abnegação! O coração se dilata no peito e a inteligência divaga nos espaços infindos, apreciando a nobreza da mulher paraguaia. (EL CENTINELA N° 2)

El Semanario n° 584
Asunción, Paraguay – Sábado, 01.07.1865

Actos Recomendables

[249] Martes: Terça-feira. (Hiram Reis)

Dentre os vários atos meritórios alusivos às manifestações de patriotismo dos paraguaios de ambos os sexos pela causa nacional, incluímos o de uma mulher humilde chamada Bonifacia Agüero da "*Vila del Rosario*" que, por ocasião das repetidas manifestações dos moradores em apoio à guerra, se destacava solicitando, veementemente, que seus dois filhos menores, que ainda continuavam com ela, também fossem alistados para a guerra, e que somente dessa maneira ela ficaria satisfeita no amor para a pátria. (El SEMANARIO N° 584)

El Semanario n° 596
Asunción, Paraguay – Sábado, 23.09.1865

Correspondencia de Ejército

Senhor Redator do "*El Semanario*"

Todas as armas, por mais degradantes que sejam, são usadas pelos nossos inimigos para nos atacar. Não é uma guerra franca e digna, realizada face a face, como devem promover nações cultas. Nossos adversários corrompem os sentimentos mais nobres, recorrendo às mentiras mais flagrantes, às calúnias profanas, à intriga, a tudo apelam que nos possa prejudicar, se atrevendo a nos tachar de abjetos, degradados e bárbaros.

Abjetos e degradados, são aqueles, que depois de nos trazer (**???**) uma guerra injusta, de perturbar nosso descanso, de buscar a aniquilação e a destruição da riqueza desses povos, reconhecendo sua impotência, eles dão expansão a seus instintos mais ferozes, procurando servir à sua causa maligna com as ações mais baixas e mais degradantes.

Você sabe como eles acreditam poder trabalhar nos espíritos dos povos aniquilando qualquer simpatia que tenham em relação à nossa causa? Aos mais corriqueiros acontecimentos, eles vociferam nos jornais, nas ruas e em eventos públicos, que o Exército Paraguaio, "*Massa de Bárbaros*", está furtando, aniquilando, queimando e roubando das populações, tudo o que encontram, destruindo casas de empresários, estuprando mulheres e devorando criaturas. Eles querem provocar a antipatia dos estrangeiros à nossa causa e simpatia à sua; fingem-se de indignados narrando como a casa de um inglês, um francês e um italiano foram saqueadas e barbaramente assassinados seus donos, mostrando que os paraguaios não respeitam nenhuma bandeira e para prová-lo a tudo recorrem, mesmo ao suborno, coagindo o estrangeiro mais miserável, que encontram pelas ruas, para atestar esses fatos.

Tentam encorajar seus soldados, pintando com as cores mais vivas, cada vitória alcançada, afirmando que o povo paraguaio se nega a combater e que dentre alguns soldados paraguaios capturados foram encontradas mulheres vestidas de homem aliciadas pelo governo para aumentar seu efetivo de combatentes. Essas e outras mentiras degradantes são usadas pelos nossos inimigos. Essa é a sua concepção de guerra, mas estas ações perversas serão por si só desmascaradas. (EL SEMANARIO N° 596)

Cabichuí n° 28
Paso Pucú, Paraguay – Lúnes [250], 12.08.1867

Francisca Cabrera

[250] Lúnes: Segunfa-feira. (Hiram Reis)

Imagem 52 – F. Cabrera, Cabichuí n° 45, 10.10.1867

Com a doce emoção que as ações heroicas e a justa admiração que nos inspiram e provocam a sublime virtude do Amor pela Pátria, assinalamos em nossas colunas o nome de Francisca Cabrera, que será gravado nas páginas da história como uma das mais notáveis mulheres paraguaias que, quando colocada à prova, reagem com dignidade e nobreza.

Francisca Cabrera, era moradora de "*Vila del Pilar*", mãe de quatro filhos menores de idade, quando 8 Regimentos das hordas invasoras do bárbaro inimigo, sob o comando do escravo Brigadeiro José Luís ([251]), que tinha privado seus cruéis soldados de suas

[251] Brigadeiro José Luís Mena Barreto (1817-1879). (Hiram Reis)

mulheres, mandou-os procurar mulheres paraguaias para saciar seus lascivos desejos, estimulando seu desempenho e covardia, para invadirem o Arroio "*Hondo*". Francisca Cabrera, a única mulher que permaneceu na área com seus quatro filhos, além de outra mulher e um idoso, sabendo que as catervas inimigas estavam se aproximando, apanhou um punhal e levou as quatro crianças para as montanhas para se esconder; após entrar na floresta, pegou o punhal e disse aos filhos, dirigindo-se ao seu primogênito:

> Meus filhos, esses mulatos que estão vindo, vão querer levar a gente; eu, com esta faca vou lutar com eles até morrer, e você meu filho, depois de minha morte, pegue esta faca e lute contra eles, esfaqueando-os no estômago, rasgando tudo; uma coisa eu vos digo: morram para que esses mulatos não vos aprisionem e os convertam em escravos. ([252])

Esta é mais uma prova dos crimes trazidos à República pelo inimigo sem religião e sem consciência que profana nossa Pátria. E aqui está um testemunho eloquente do espírito dominante em toda a nação paraguaia em relação à sua pátria e ao inimigo de sua honra e de sua vida. (CABICHUÍ N° 28)

El Centinela n° 21
Asunción, Paraguay – Jueves [253], 12.09.1867

La Ofrenda del Bello Sexo

[252] Tradução do guarani para o português de Dario Agostin Ferreira (Pesquisador do NEABI/PUCRS)
[253] Jueves: Quinta-feira. (Hiram Reis)

[...] Quando as mulheres paraguaias se propuseram a contribuir com seus adornos e joias com o objetivo de contribuir para o esforço de guerra de extermínio que o Brasil e seus aliados trouxeram à essa terra (**???**), elas se reuniram em Assembleia Geral, escolhendo, para isso, a Praça de 14 de maio. As sessões de 24 a 26 de fevereiro foram fantásticas, porque nelas vimos pela primeira vez as mulheres participarem de manifestações públicas que a sociedade lhes vinha negando. [...] (EL CENTINELA N ° 21)

El Centinela n° 26

Asunción, Paraguay – Jueves [254], 17.10.1867

La Heroína Paraguaya

Com o título acima, o último número de "*El Semanario*" registra a transcrição de uma correspondência do "*Standart*", na qual lemos, com orgulho, a descrição do combate de uma mulher paraguaia e um capitão brasileiro, que desejava levá-la.

Esta defendeu-se valentemente, matou o capitão apesar de ter o braço esquerdo quebrado e um grave ferimento na cabeça. E para maior afronta aos militares brasileiros este estava acompanhado de doze indivíduos.

Esse atributo de coragem feminina é para a nossa história um episódio que mostra, ainda mais, a firme determinação de nosso "*belo sexo*" que, unidos ao seu valente marechal, jurou vencer ou morrer seguindo o exemplo dos nossos soldados que nos surpreendem com sua coragem e bravura.

[254] Jueves: Quinta-feira. (Hiram Reis)

Imagem 53 – Cabichuí n° 91, 22.06.1868

A heroína paraguaia, que derrotou um capitão, essa mulher determinada, nos enche de entusiasmo e a apresentamos à consideração de todo o mundo, porque essa bravura, que distingue todos os filhos deste solo, é inédita. O "*El Centinela*" parabeniza o "*belo sexo*" e dá um "*Viva!*" à heroína paraguaia. (EL CENTINELA N° 26)

Cabichuí n° 91
Paso Pucú, Paraguay – Lúnes [255], 22.06.1868

O Cabichuí noticia que Bárbara Alen e Dolores Caballero, quando regavam o solo com o suor de seu rosto na faina do seu trabalho, foram surpreendidas por monstruosa onça que mataram usando apenas uma faca e um porrete. Ofertaram seu couro ao Senhor Marechal López. (CABICHUÍ N° 91).

---

[255] Lúnes: Segunfa-feira. (Hiram Reis)

Imagem 54 – López e Joseph Goebbels

As resenhas divulgadas pela imprensa nacional e estrangeira, como podemos observar, mostravam, claramente, as estratégias adotadas por estes governos de maneira a incentivar a população nativa, inclusive as mulheres, a participarem do esforço de Guerra principalmente como enfermeiras nos Hospitais de Sangue ([256]).

No Paraguai os órgãos de imprensa, vinculados ao Estado, defendiam os interesses do governo manipulando as informações e criando fatos com o objetivo de obter total apoio popular.

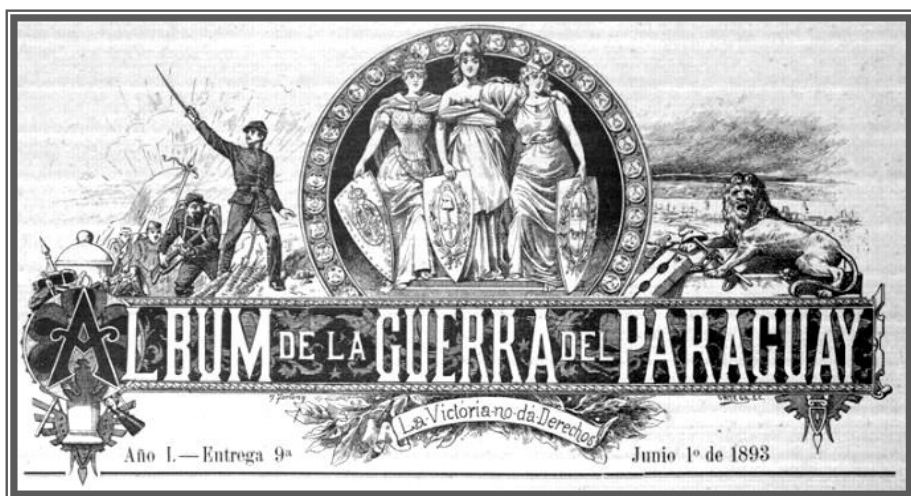
Toda a mentira é mais crível quanto maior for.
(Joseph Goebbels)

Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade.
(Joseph Goebbels)

[256] Hospitais de Sangue: prestavam o atendimento de primeiro escalão aos feridos que depois de devidamente socorridos eram transportados para a retaguarda. (Hiram Reis)

Com o rádio, destruímos o espírito de rebelião. O rádio deve ser propaganda. E propaganda significa combater em todos os campos de batalha do espírito, gerar, multiplicar, destruir, exterminar, construir e abater. A nossa propaganda é inspirada naquilo que chamamos raça, sangue e nação alemães. (Joseph Goebbels)

A doutrina da propaganda, informação e contrainformação, ao longo dos tempos, foi sendo aperfeiçoada atingindo o seu clímax na elaboração dos 11 princípios do Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels, o criador do mito do "*Führer*" (aqui personificado por López).

Na Alemanha a racionalidade e o bom senso foram eliminados pela propaganda massiva e pela força, a mídia estatizada e os educandários foram usados à exaustão para promover as ideário do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (mais conhecido como Partido Nazista ou Nazi). Outro cenário, outro povo, novos tempos e a sinistra história se perpetua "*ad aeternum*".

Madame Elizabeth Alicia Lynch

Madame Lynch

Elizabeth Alicia Lynch, nasceu, em 1833, no Condado de Cork (Irlanda), e faleceu em Paris (França), no dia 26.07.1886. Elisa Lynch se casou, em 03.06.1850, com o médico militar francês Xavier de Quatrefages, separando-se dele, em 1853, a união, porém, só mais tarde foi anulada. Em 1852, ainda casada com Quatrefages conheceu Francisco Solano López, filho do presidente paraguaio Carlos Antonio López. Solano López tinha ido à Europa com o intuito adquirir artigos para dinamizar a indústria e a rede ferroviária promovendo a economia do Paraguai. Na oportunidade ele comprou, também, equipamento bélico em quantidade significativa e um navio chamado "*Tacuari*" na Inglaterra, além de recrutar engenheiros e médicos para treinar seus compatriotas.

Lynch viajou com ele para o Paraguai e ao chegar em Assunção a população paraguaia não a viu com bons olhos porque não queria que Solano López se casasse com uma mulher estrangeira e ainda casada. No Paraguai, ficou conhecida como Elisa Lynch ou, simplesmente Madame Lynch, uma das muitas amantes do presidente Francisco Solano López que, com o passar dos anos, acabou se transformando na virtual primeira-dama paraguaia. Ao longo dos anos Lynch conseguiu ganhar espaço na alta sociedade chegando mesmo a influenciar na assimilação de algumas tendências, entre elas o teatro de revista, a decoração francesa e a moda europeia. No "*Club Nacional*", organizava bailes regularmente e recebia as grandes personalidades da época na sua casa.

No início da Guerra, ela própria intitulou-se "*Mariscala*" ([257]) e começou a se fardar com pomposos uniformes militares, acompanhando López em suas visitas às Linhas de Frente e quarteis, dedicando-se, sobretudo, a levar uma palavra de conforto aos enfermos, transformando-se numa fonte de inspiração para os fanatizados guerreiros paraguaios.

Ela apoiava todas as ações do seu paranoico "*Marechal*" sem questionar nem mesmo as inúmeras execuções por ele ordenadas, defendendo, no entanto, alguns prisioneiros de guerra que impediu de serem fuzilados, dentre eles o Coronel Juan Crisóstomo Centurión.

Lynch acompanhou o presidente na sua fuga para o Norte, quando abandonavam cada uma das cidades do interior à mercê de seus inimigos.

---

[257] Mariscala: Marechal. (Hiram Reis)

Imagem 55 – Cemitério de "Père Lachaise"

Quando López foi morto no Combate de Cerro Corá, em 01.03.1870, seu filho Panchito López ao tentar defendê-lo foi também morto. Lynch, ao ser capturada, invocou sua cidadania inglesa, e, foi removida, pelas autoridades brasileiras, para Assunção. Lá chegando, suas propriedades, tinham sido confiscadas, sob a acusação de causar a ruína do povo paraguaio. Lynch retirou-se para a Europa onde, recebia uma gorda pensão, alimentada pelos cofres paraguaios, levou uma vida bastante confortável durante longo tempo.

A "*Mariscala*" morreu pobre, em Paris, vítima de um câncer no estomago, depois de ter tentado, sem sucesso, de apossar-se de sua imensa fortuna. Em julho de 1961, o ditador Alfredo Stroessner, confirmando a tese de que se deve perpetuar o mito consagrado noutro período ditatorial, mandou transladar seus restos mortais, do cemitério de "*Père Lachaise*", para Assunção onde foi enterrada, com toda pompa e circunstância, como heroína nacional no Museu de Defesa de Assunção em uma urna de bronze.

Sábado 4 de Mayo de 1867. ASUNCION. Número 680

CONDICION DE LA SUSCRICION.

Por cada 12 números 3 pesos.
Número suelto 4 reales.

EL SEMANARIO
DE
AVISOS Y CONOCIMIENTOS ÚTILES.

CONDICION DE LAS INSERCIONES

Se inserta toda clase de anuncios y comunicados garantidos, á precio convencional. Los artículos de interes general gratis

NOTICIAS GENERALES.

Rasgo de justicia—En las visitas que sabemos haber hecho á los hospitales de sangre de esta capital la Señora D.ª Elisa A. Lynch, ha sido saludada con vivos aplausos por los gloriosos heridos, y la razon es muy sensilla, por que tantas veces han recibido de esa distinguida Señora beneficios señalados, y que ellos los reconocen y confiesan.

Ha llegado á nuestro conocimiento que ha hecho nuevos actos de beneficencia en esta Capital durante su permanencia. Pedimos á la bondad de dicha Señora disimule esta pobre mencion de sus inestimables méritos contraidos entre nosotros, pues haciendo esos favores por nuestros hermanos empeña la mas profunda gratitud de todos los paraguayos.

Aplaudimos este rasgo de justicia de nuestros conciudadanos, y damos á dicha Señora nuestro sincero reconocimiento, y haciendo votos por su mas cumplida felicidad, la deseamos un próspero viage en su regreso emprendido en estos dias.

Imagem 56 – El Semanario n° 680, 04.05.1867

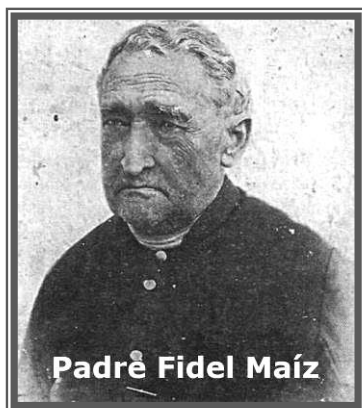
Gazeta de Campinas n° 44
Campinas, SP – Domingo, 31.03.1870

Notícias – Paraguai

Lê-se no "*Jornal do Commercio*" de 15 do corrente:

Relativamente ao último feito de armas que com a morte de López pôs fim à guerra infeliz e desejado termo, encontramos os seguintes dados, transmitidos por um telegrama do Sr. Conselheiro Paranhos ao nosso Ministro de Buenos-Ares:

> Assunção, 10.03.1870. Ainda não se recebeu parte oficial, mas somente uma carta do General Câmara, escrita do arroio Guarú, a 2 do corrente. Referindo-se a essa carta, comunica-me o Capitão de Mar e Guerra João Mendes Salgado, Ajudante de Campo de S. A. o Sr. Conde d'Eu, os seguintes pormenores do grande sucesso de 1° do corrente.
>
> As Forças de López foram surpreendidas, os piquetes que guarneciam as peças de artilharia não tiveram tempo de dar o menor aviso; tinham apenas entrado em forma os últimos defensores do tirano, quando um punhado dos nossos bravos caía sobre eles levando-os em derrota até os bosques próximos, onde mui poucos escaparam. López foi morto à vista do General Câmara que debalde o intimou para render-se; o ex-ditador obstinou-se em animar a resistência, procurando, entretanto, fugir; sucumbiu na ponta da lança de um de nossos soldados. Caminos, que foi Ministro do mesmo ditador, teve igual sorte, quando o seguia em sua fuga. O vice-presidente Sanchez foi morto antes de ser reconhecido. O Cel Aguiar, os Majores Vargas, Ascurra, Estigarribia, Cardoso, Insfrante, Solis e vários outros pereceram na peleja.

Padre Fidel Maíz

O Cel López, filho do ex-ditador, foi morto quando fugia acompanhado da carruagem de Madame Lynch. Estão prisioneiros muitos chefes, entre eles os Generais Resquim e Delgado, vários oficiais superiores e quatro padres, entre os quais o célebre "*Maíz*" ([258]).

O General Caballero, com quarenta e tantos homens, quase todos oficias, tinha saído de Cerro Corá para arrebanhar gado: foram batidos pelo Coronel Bento Martins, conseguindo fugir o General, abandonando toda a sua bagagem e até a espada. Valle e Souza, que estavam encarregados do transporte de algumas carretas, que se achavam na picada de Chiriguelo, escaparam-se, sacrificando, porém, a Força que os acompanhava, a qual foi derrotada. Rocha, que estava na vanguarda com oito peças de artilharia, também foi derrotado. Avério aproveitou-se da confusão geral para fugir. Acham-se também prisioneiras Madame Lynch com quatro filhos, a mãe e as irmãs de López. As três últimas estavam condenadas à morte, a mãe do tirano seria executada no mesmo dia em que se verificou o nosso ataque. As famílias de Caballero, Caminos e Gil estão entre os prisioneiros, e todos vão com as nossas forças para a Conceição. Tomamos 17 peças de artilharia. Graças ao Todo Poderoso, tão assinalado triunfo só nos custa cinco feridos, sendo dois levemente. Espera-se a chegada do General Câmara para termos a narração circunstanciada de tão brilhante feito militar. (GAZETA DE CAMPINAS N° 44)

[258] Padre Fidel Maíz: já fizemos menção a ele, foi um dos fundadores e redator chefe do jornal "*El Cabichuí*", impresso, durante a Guerra. (Hiram Reis)

Diário de Belém n° 97
Belém, PA – Domingo, 01.05.1870

Notícias Diversas

Inumação de López e de seu filho por Lynch – Um jornal de Assunção publica o seguinte:

> À respeito da Madame Lynch, referem um tocante episódio, cuja veracidade me garantem. De uma carta que tenho presente transcrevo o seguinte:
>
> Sepultado seu filho Pancho muito à superfície da terra pelos soldados, notou-o Madame Lynch, que chegando-se à cova com os outros filhos procedeu a sua exumação, lavando depois o cadáver que com suas próprias mãos vestiu-o com roupa limpa, enquanto os dois filhos e a menina choravam.
>
> Aprofundaram a cova com tábuas de caixas de cigarros, tomando medida com tiras arrancadas de seu vestuário.
>
> Finda a operação, foi de novo sepultado López pai, em primeiro lugar, e depois de coberto com uma débil camada de terra que os, pequenos socaram, puseram o filho por cima.
>
> Como naquele momento manifestasse um oficial seu pesar pela morte do moço, voltou-se para ele um dos meninos, e disse-lhe:
>
> – Um Coronel paraguaio não se entrega, morre!

Carta de Madame Lynch – A "*Voz del Pueblo*" de Assunção, publica a seguinte carta de Mme Lynch:

À bordo do vapor "*Chuhy*", março de 1870.

Minha querida. – Já você terá sabido das minhas incomparáveis desgraças e da perda que sofri de tudo que tinha de mais caro neste mundo. Hoje só me resta o triste consolo de que López e Panchito [o filho] foram mortos como heróis, e, se eles não vivem para nós outros, viverão eternamente na história, que há de fazer justiça àquele que foi o sustentáculo e glória da independência da sua Pátria.

Estou de viagem para a Europa, e por meu pedido embarquei em um navio brasileiro, logo que tive notícia de que alguns traidores paraguaios intentavam insultar-me. Por esse motivo não saltarei em terra apesar do grande desejo que tenho de vê-la, e espero que você venha visitar-me, ou de noite ou de dia, pois necessito falar-lhe e ser-me-á muito sensível partir sem dar-lhe um abraço.

Preciso de muitas coisas, pois trago poucos vestidos, havendo as mulheres paraguaias roubado tudo o mais que eu trazia. É incrível o que se há passado, pois os próprios sacerdotes paraguaios chegaram a roubar os vasos e outros objetos da igreja! Quero, portanto, que a minha amiga me compre os objetos da seguinte relação, cujo importe daqui lhe enviarei:

- Amostras de fazendas pretas, meias para meninos e para mim, meia dúzia de calçados para todos, duas capas pretas, duas peças de cambraia preta, uma tesoura para unhas, linhas branca e preta, agulhas, um véu preto, doze lenços, três merinaques ([259]) grandes e um pequeno, três chapéus pretos para meninos, dois pares de luvas de seda preta, lacre preto, um baú, um pote de pomada, e a coleção dos periódicos que se publicam em Assunção.

---

[259] Merinaques: saia enfunada por arcos ou varas flexíveis, saia-balão. (Hiram Reis)

Sei que lhe causarei muito incomodo com essas compras, porém julgo que hoje que me vejo desemparada, você, como outras, não me voltará as costas. Eu não sou prisioneira, e aqui me deixo ficar por conveniência particular; não tema pois comprometer-se procurando-me, e não lhe dê isso cuidado.

Os meninos estão bons e todos nós lhe enviamos afetuosas lembranças, e muito especialmente – Elisa A. Lynch.

N. B. – o vapor joga muito e quase não me deixa escrever. (DIÁRIO DE BELÉM N° 97)

Diário de S. Paulo n° 1.404
São Paulo, SP – Sexta-feira, 20.05.1870

Diplomacia

Transcrevemos, abaixo, as notas trocadas pelo Sr. Paranhos e o governo provisório do Paraguai, à respeito de D. Elisa Lynch, nossa prisioneira:

Missão especial do Brasil. Assunção, 13.04.1870.

Ilm° e Exm° Sr. – Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exª uma nota, aqui junta em original, que dirigiu-me o Governo Paraguaio a respeito da prisioneira Lynch e a cópia da resposta que dei ao mesmo governo.

A morte de López tem exaltado o ressentimento de suas vítimas, e feito aparecer pretensões desarrazoadas. A nota do Governo Provisório e a petição que lhe veio anexa são consequência dessa tendência reacionária. Creio que a minha resposta merecerá a aprovação do Governo Imperial. O Governo Provisório lhe deu logo publicidade no periódico "*Regeneración*", e o efeito dessa publicação, segundo me consta, foi-nos favorável na

> opinião de nacionais e estrangeiros. Queira V. Exª aceitar os protestos de minha perfeita estima e mais alta consideração.
>
> A S. Exª o Sr. Barão de Cotegipe, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e interinamente dos Negócios Estrangeiros – José Maria da Silva Paranhos.
>
> Assunção, 28.03.1870.

O abaixo assinado tem a honra de passar às mãos de V. Exª, em original, o requerimento feito por mais de cem senhoras paraguaias, reclamando a restituição de joias que lhes foram extorquidas, e se acham em poder de D. Elisa Lynch, a qual, aprisionada em Cerro Corá, por ocasião da última vitória das armas brasileiras, se acha hoje asilada em um navio de guerra surto no porto de Assunção. O abaixo assinado nada dirá, senhor, que dê mais força ao pedido das despojadas do que aquilo que expõe ao seu governo. Elas pedem providências, e esperam justiça do ânimo reto de V. Exª.

É justo, Sr. Ministro, que a bandeira brasileira, que simboliza uma nação generosa e hospitaleira, proteja a pessoa de Lynch, aprisionada no campo de batalha, mas não se compreende que essa mesma bandeira, laureada pela vitória, cubra os objetos arrebatados por essa mesma mulher aos restos desvalidos de um povo, para o qual foi um instrumento de martírio e extermínio.

É pois em virtude destes fatos, tão notórios como verídicos, que o abaixo assignado pede a V. Exª, em nome do governo, sirva-se tomar alguma providência para serem restituídos a seus legítimos donos os escassos restos da grande quantidade de objetos preciosos, que lhes foram roubados pelo tirano, de quem foi cúmplice a mesma mulher que, sem pudor, deles apropriou-se indevidamente.

Terminará o abaixo assinado, fazendo presente ao Sr. Ministro que uma nação inteira, composta de nacionais e estrangeiros, é testemunha irrecusável de que D. Elisa Lynch não exerceu outra ocupação ou indústria no País, a não ser a sua constante dedicação a cativar o afeto do homem funesto, que a constituiu árbitra da honra, da vida e da propriedade das desgraçadíssimas filhas deste País.

D. Francisco Solano não podia dar a Lynch valores que ele mesmo roubou, e para cuja indenização o Governo Provisório com justiça decretou o embargo de bens tidos como sua propriedade; e finalmente, para que nada falte à condenação dessa propriedade, tão injusta como escandalosa, em nome da qual D. Elisa Lynch pretende ficar com o que legitimamente pertence àquelas que ontem foram vítimas, é sabido na Europa e na América que os valores, de que se diz dona, são o preço da metade de um leito vazio, vendido a um homem estranho que usurpou os legítimos direitos de um esposo abandonado. O abaixo assinado, esperando que a resolução que o Sr. Ministro tomar venha robustecer o justo apreço que o povo paraguaio tributa ao seu nome, tem a honra de reiterar a V. Exª, seu alto apreço e distinta consideração. – Carlos Loizaga:

> Nós, as senhoras abaixo assinadas, ex-residentes desta cidade, perante V. Exª, com o devido respeito expomos: que na época em que o tirano Solano López determinou brutalmente que desocupássemos esta cidade, abandonando todos os nossos interesses e comodidades, fomos injustamente despojadas pelo dito tirano de um número considerável de joias e outros objetos de nossa propriedade. Fazemos especial menção à essa época, se bem que já anteriormente, sob vários pretextos, havíamos também sido despojadas, e assim vimos, Exm° Sr. desaparecer sucessivamente tudo quanto constituiu a única fortuna que nos havia ficado para sustento de nossos filhos de volta do desterro.

> Hoje, Exmº Sr., acha-se neste porto aquela que mais influiu para estas extorsões, aquela que mais se aproveitou delas, aquela que tem ainda em suas mãos o corpo de delito, isto é, as joias de que fomos despojadas por sua desmedida cobiça, Falamos da Sra. Lynch.
>
> Portanto, recorremos a V. Exª, suplicando-lhe faça efetivo neste caso o decreto recentemente publicado, tomando as medidas que julgue convenientes, afim de obter uma reparação reclamada pela justiça e até pela necessidade, não permitindo por conseguinte que a Sr.ª Lynch, contra a qual se levanta a voz de todo um povo justamente indignado, abandone o teatro de seus crimes, levando os despojos de tantas vítimas e deixando-nos, especialmente à nós, uma justa reparação de nossos interesses e vexames.
>
> É graça e justiça. [Seguem-se as assinaturas]
>
> Missão Especial do Brasil. Assunção, 31.03.1870.

O abaixo assinado, do Conselho de Sua Majestade o Imperador do Brasil, e seu enviado extraordinário, e ministro plenipotenciário em missão especial, tem a honra de responder à nota que lhe foi dirigida, em 28 do corrente, por S. Exª o Sr. D. Carlos Loizaga, membro do Governo Provisório da República do Paraguai e encarregado do Ministério das Relações Exteriores, relativamente à prisioneira Elisa Lynch.

O abaixo assinado sente que o Governo Provisório, antes de passar-lhe aquela nota, não o houvesse ouvido, por que teria poupado ao mesmo abaixo assinado um duplo desgosto, o de recusar-se a um pedido tão instante de S. Exª, e o de receber uma solicitação que labora em falso pressuposto e que em nenhum caso poderia ser atendida como se deseja.

Não cabe aqui apreciar o caráter e vida da prisioneira de que se trata, o que só importa ao abaixo assinado

é a questão de dignidade nacional e de direito, que a pretensão de que se fez órgão o Governo Paraguaio levanta ante as autoridades brasileiras, sob cuja guarda e proteção se acha aquela mulher. Dado que Lynch seja cúmplice em todas as crueldades e espoliações cometidas por López, e que tivesse em seu poder os bens que se reclamam, não seria possível que a autoridade brasileira, sob cuja bandeira caiu ela prisioneira, se constituísse executora de uma medida tão arbitrária e violenta.

A nossa bandeira não inocenta o crime, mas também não recusa aos vencidos a proteção que é devida à desgraça, menos pode condenar sem outras provas que a palavra do acusador, por mais simpatias que devam merecer-lhe e merecem as vítimas da extinta tirania.

Como Lynch se acha em plena liberdade de defesa, cabe aos interessados intentar as indenizações civis a que se julguem com direito, e para isso crê o abaixo assinado garantia suficiente os bens que a acusada possuía no território paraguaio e que lhe foram embargados por um decreto do Governo da República.

S. Exª o Sr. Loizaga e o seu governo presumiam, bem como as assinantes da petição que foi presente à esta legação, que Lynch trazia consigo uma grande riqueza. Esta suposição não é exata, como o prova o inventário de tudo quanto ela trouxe no coche em que foi aprisionada, e que a natural generosidade do vencedor lhe deixou intacto.

Esse inventário foi feito por uma respeitável comissão de oficiais brasileiros a bordo do navio onde se acha a dita prisioneira, e ordenado por Sua Alteza Real o Sr. conde d'Eu, de acordo com o abaixo assinado, no intuito de acautelar interesses de maior monta do que os que se apresentam reclamando

agora, depois que os aliados consumaram a sua vitória contra o ex-ditador. Os bens móveis que constam desse inventário não constituem grande valor, e de certo representam muito menos do que Lynch poderia ter adquirido legitimamente no Paraguai.

O abaixo assinado devolve a petição que acompanhou a nota acima mencionada, e aproveita a ocasião para reiterar a S. Exª o Sr. Loizaga os protestos de sua perfeita estima e alta consideração. A S. Exª o Sr. D. Carlos Loizaga, membro do governo provisório da República do Paraguai e encarregado do Ministério das Relações Exteriores. –José Maria da Silva Paranhos. (DIÁRIO DE S. PAULO N° 1.404)

A Constituição n° 115
Fortaleza, CE – Quinta-feira, 09.06.1870

Exterior – Paraguai

Por decreto de 4 de maio, o Governo Provisório declarou propriedade da nação os bens que pertenceram a Solano López, e embargados os de Elisa Lynch até a solução de quaisquer causas públicas e privadas, civis ou criminais que a respeito deles se instaurem.

Um artigo dispõe que, para que não se apaguem os vestígios dos crimes que a consciência pública faz pesar sobre a mesma Lynch, seja esta quanto antes processada criminosamente e intimada a comparecer por si ou por procurador bastante. Na previsão de que ela não acuda à citação, mande-se-lhe nomear um advogado que a defenda "*ex officio*". (A CONSTITUIÇÃO° 115)

Correio da Victória n° 47
Vitória, ES – Quarta-feira, 22.06.1870

Rio da Prata

Diário Oficial de 24 de maio findo noticia o seguinte:

O Governo Provisório do Paraguai expediu um decreto declarando propriedade da nação os bens do extinto ditador López, e embargando provisoriamente os bens adjudicados a Sr. Elisa Lynch. (CORREIO DA VICTÓRIA N° 47)

A Reforma n° 220
Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 30.09.1870

Variedades
Madame Lynch

Lynch é irlandesa de nascimento, e casou muito jovem com um médico francês. Pouco tempo depois de casada começou a ser infiel a seu marido, e este se separou dela. Moça, bonita, dotada do algum talento e de um gênio vivo e empreendedor, não lhe faltaram adoradores entre o mundo elegante que vive nessa Babilônia moderna chamada Paris, e em breve Lynch se tornou uma leoa de primeira força.

Foi nestas circunstâncias que F. S. López, a encontrou entre as deidades que povoam o mágico "*Jardim de Mabille*", quando seu pai o mandou viajar à Europa.

Lynch, com a fina penetração que a caracteriza, reconheceu logo que López era o homem que lhe convinha, e em pouco tempo o jovem paraguaio estava escravizado pelos lânguidos olhares da astuta inglesa que o dominou completamente até seus últimos momentos.

Chamado por seu pai ao solo natal, López não quis separar-se de sua amante, esta mostrou os mesmos desejos, e ambos partiram para o Paraguai. Ali chegados, López que desde sua infância tivera costumes dissolutos, quis introduzir sua amásia na sociedade paraguaia, e ligá-la à sua família.

Como os costumes não estavam ainda corrompidos, todos lhes deram as costas e fugiram da concubina inglesa que vinha tentar fortuna em um país da América. Lynch não pode reagir, e sujeitou-se a viver obscuramente em companhia do seu amante, mas, mulher de maus instintos, abrigou em seu coração os desejos de vingança, e aproveitou o tempo para cada vez mais ir ganhando influência sobre o espírito do homem quem estava ligada, até o dominar completamente.

Com a morte do velho López, subiu López filho ao poder. Não havia mais barreira nenhuma para a realização dos planos de Lynch; o senhor dos destinos do Paraguai, o ditador de um povo por excelência obediente, era escravo de Lynch! Esta mulher astuta e sem o pudor inerente a seu sexo, apresenta-se como quem é, isto é, como a amante do ditador.

Este quer e ordena que todos a respeitem e considerem, e assim se faz. Vive em um Palácio perto do Palácio de López, aparece com este em toda a parte, quer sejam atos públicos quer particulares o dedo delicado da inglesa divisa-se em todos os negócios da República. Em pouco tempo Lynch é dona de

vastos terrenos, possui casas e quintas, criados e equipagens, etc., etc.

López, não podendo casar-se com sua amante por esta ter ainda o marido vivo, faz com que seus íntimos o imitem, e em poucos amigos se vê que quase todos os mais altos funcionários públicos vivem amancebados com moças das primeiras famílias que aceitavam essa degradante posição com toda a resignação desde que "*El Supremo*" assim o queria o assim o praticava.

Lynch relacionou-se com todas as boas famílias paraguaias, e já ninguém lhe fechava as portas. Começava a exercer sua vingança. O Bispo atraiu o ódio de Lynch, por que foi o único, creio, que desaprovou o modo de viver de López e quis opor-se à torrente desmoralizadora que ia invadindo seu País. Teve, porém, de recuar, reconhecendo que desgostava a López e havia caído no desagrado da valida ([260]).

Lynch é ambiciosa, o pequeno teatro do Paraguai não lhe bastava, concebeu a ideia de formar uma grande monarquia no Rio da Prata, que contrabalançasse o poder brasileiro e a incutiu no ânimo de López. Lynch bem sabia que não podia ser rainha de direito, mas o seria de fato, além disso tinha filhos e toda a sua ambição era que seu filho fosse rei. A República Oriental do Uruguai e a nossa Província de Mato Grosso unidas ao Paraguai, formariam o território do novo reino!

López começou pois a preparar-se para levar a efeito seu plano; militarizou o Paraguai, formou grandes depósitos, comprou numerosa artilharia e começou mesmo a dar-se ares de soberano coroado nas cerimônias oficiais e na sua vida doméstica.

---

[260] Valida: favorita, protegida. (Hiram Reis)

Lynch era demasiado inteligente para deixar que López se atirasse às tontas a uma guerra de conquista; era mister um pretexto para encetar a guerra, e esperavam por ele. A nossa questão com a República ao Paraguai e o bombardeamento e tomada de Paysandú lhe sugeriam e López o aproveitou.

Começada a guerra, não tardou muito que Lynch reconhecesse que não podia realizar seu sonho dourado, e que o sonhado reino se evaporava. Concebeu então um novo plano, passar para a Europa uma fortuna que lhe garantisse seu futuro e o de seus filhos, e perseguir até o extermínio todos aqueles que tinham desairado ou haviam recusado admiti-la em sua chegada ao Paraguai.

Abusando da preponderância que tinha, sobre o tirano e dotada do instintos mais ferozes do que ele, denunciando uns, intrigando outros, fez que todos os seus inimigos ou desafetos, fossem fuzilados ou terminassem nas pontas das lanças dos verdugos de López, muitos depois de terem sofrido horríveis tormentos!

A vingança dessa pantera de saia e lindos olhos azuis, foi até à própria família de seu amante! Depois de haver feito fuzilar o Bispo, tendo-o denunciado como conspirador contra a vida de López, trama terrível em que também foram vítimas os próprios irmãos do tirano, ainda essa mulher não se achou satisfeita. Não achando mais homens em quem se vingar, começou sua vingança pelas mulheres.

As filhas ou esposas dos supliciados eram mandadas chamar à sua presença e obrigadas a servi-la como criadas e costureiras. Em poucos dias, essas desgraçadas caiam no desagrado da favorita que mandava açoitar a umas e lancear a outras, sempre sob o pretexto de traição!

Novas vítimas eram chamadas, para em pouco terem igual fim. Com todo esse quadro de horrores, com tanto sangue derramado, ainda Lynch não estava satisfeita em sua sede de vingança. A velha mãe do tirano suas duas filhas ainda estavam vivas, ainda choravam a morte de seus filhos e maridos fuzilados para satisfazer os caprichos da favorita. Lynch não desanimou, já tinha feito de seu amante um fratricida, era mister torná-lo também matricida! A respeitável matrona e suas duas filhas foram acusadas por Lynch de haverem envenenado um mingau que ela e López deviam comer...

Repugna escrever fatos desta ordem, que creio não tem exemplo na história! Todos sabem, é notório porque todos os correspondentes o escreveram, que a mãe do ditador devia ser fuzilada no mesmo dia em que ele caiu morto aos golpes dos nossos soldados; ninguém ignora, porque todos os que caíram prisioneiros nesse dia são contestes ([261]) em o afirmar, que a mãe e irmãs de López eram açoitadas logo que ficavam melhores das feridas resultantes dos açoites anteriores!

Depois que Lynch caiu em nosso poder, estudou um meio de viver bem com seus aprisionadores, conseguindo sempre dominar os que se lhe aproximassem. Dócil, amável, conversação variada e interessante, patenteando espírito e instrução, mas sempre altiva e incisiva. A bordo do vapor "*Princesa*", onde se demorou bastante tempo, foi à princípio completamente desprezada pelos oficiais, que nem a ela se chegavam, afinal tinha ela conseguido com suas delicadas e elegantes maneiras desvanecer esse ódio que a princípio inspirara, porque os nossos jovens oficiais se acostumaram a ver nela só uma mulher e uma mãe rodeada de filhos órfãos.

[261] Contestes: estão de acordo, concordes, unânimes. (Hiram Reis)

O Sr. Conselheiro Paranhos, nas frequentes visitas que fazia a bordo a fim de conferenciar ou conversar com ela sobre muita coisa que ela podia esclarecer como íntima do tirano, dava-lhe a honra de a conduzir pelo braço para cima da tolda, e aí passavam juntos por muito tempo. A amabilidade dos oficiais, e a consideração que lhe despendia o nosso Ministro, tornaram essa mulher atrevida e insolente, de um modo quase insuportável. Em um dos últimos dias que passou a bordo, conversando com alguns oficiais sobre vários fatos da guerra, disse de repente:

> – S. Exª o Sr. presidente [como sempre chama a López] se tivesse tomado o meu conselho teria mudado a face da Guerra por ocasião da passagem de Humaitá, era isso questão de mais quinhentas ou seiscentas onças de ouro.
>
> – Como?

Perguntou-lhe um dos oficiais.

> – Comprando o Delfim ([262]).

Respondeu ela.

> – Com o que teria S. Exª encouraçados para destruir o resto da esquadra brasileira.

O Sr. Capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, indignado com tal insulto atirado à nossa Marinha de Guerra por uma mulher que só tinha recebido favores dos mesmos, a quem tão grosseiramente insultava, achando-se, de mais a mais, sob a proteção da nossa bandeira, rompeu com ela e disse-lhe verdades amargas que a fizeram empalidecer; todos a abandonaram, e ela se viu na necessidade de acelerar sua viagem.

---

[262] Delfim Carlos de Carvalho foi comandante da 3ª Divisão Naval na Guerra do Paraguai onde recebeu o título de "*Barão de Passagem*" pelo memorável feito de transpor Humaitá. (Hiram Reis)

Chegada a Humaitá, ainda aí encontrou um brasileiro tão benévolo que a foi buscar a bordo em um escaler, e a conduziu pelo braço para a sua casa, onde; ficou hospedada o tempo que ali se demorou; refiro-me ao Brigadeiro Salustiano, comandante militar daquele ponto.

No Rosário, Lynch foi recebida pelo governador com todas as distinções, pelo que foi fustigado por toda a imprensa argentina.

Em Buenos Aires ninguém fez caso de Lynch, e isso a picou ([263]). Mulher que se não deixa vencer por qualquer coisa, imaginou logo um meio de fazer com que essa grande capital se ocupasse com seu nome por alguns dias.

Sabedora de que o Dr. Varella ([264]) havia sido encarregado por um editor de Buenos Aires, de escrever um livro intitulado "*Elisa Lynch*" dirigiu-se à casa desse senhor e pediu uma conferência. Nessa entrevista Lynch mostrou-se extraordinariamente amável e delicada, não pronunciando a mais insignificante palavra ou alusão que de leve ofendesse aos aliados. No correr da conversação ela contou como tinha sido aprisionada e que havia sido muito bem tratada pelo General Câmara e que só lamentava a perda de dois objetos a que ligava grande interesse, um álbum e uma joia de uso pessoal.

– Talvez lhos roubaram.

Disse Varella, ao que ela respondeu logo:

– Não, senhor, não acuso ninguém, extraviaram-se.

---

[263] Picou: angustiou. (Hiram Reis)

[264] Varella: refere-se ao escritor uruguaio Héctor Florencio Varella, de pseudônimo Orion, que escreveu o livro "*Elisa Lynch*" publicado pela "*Imprenta de La Tribuna*", em 1870. (Hiram Reis)

ELISA LYNCH

POR

ORION

PRECEDIDA
DE UNA SEMBLANZA DEL AUTOR
POR
EMILIO CASTELAR

Primera edicion

BUENOS AIRES

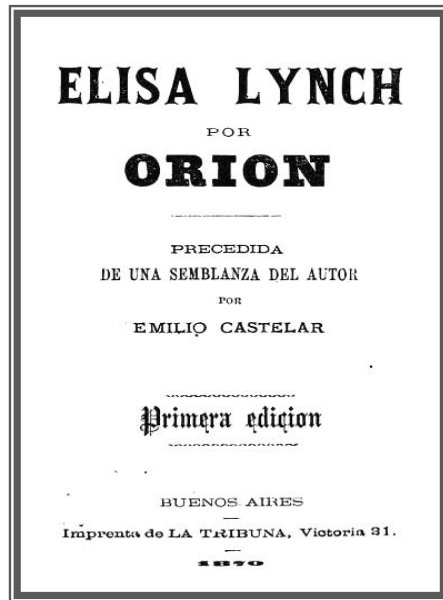
Imprenta de LA TRIBUNA, Victoria 31.

1870

Imagem 57 – Elisa Lynch, 1870

Lynch enquanto esteve em Buenos Aires, fez todo o possível para ver se podia tomar conta em nome de seus filhos de todos os bens que López possuiu naquela cidade. Muitas vezes foi vista passeando em carruagem, sempre rodeada de seus filhos. Estes apareceram duas vezes no Teatro Lírico ocupando um camarote de segunda categoria. Trajavam todos uniformes militares, isto é, calças e blusas escarlates e fumo ([265]) no braço e eram acompanhados por uma criada e um criado.

Na véspera de sua partida, teve uma nova entrevista com Varella, durando desde as 21:00 até a 01:00 hora da noite! Ao despedir-se, disse a Varella:

> – Não creio, Sr. Varella, que o seu livro tenha grande popularidade se me não insultar bastante, hoje todos me atribuem todo o mal, sem se recordarem do bem que fiz.

[265] Fumo: faixa de tecido preto indicativo de luto. (Hiram Reis)

A imprensa periódica referiu todos estes atos, e por conseguinte obteve o que desejava – não passar desapercebida em Buenos Aires.

Segundo os documentos e mais papeis que lhe foram encontrados e suas próprias declarações, tem essa mulher hoje na Europa uma fortuna maior de 500 contos passada toda por intermédio dos cônsules italiano e francês em Assunção, pelo célebre Ministro Mac-Mahon ([266]). Diz que vai educar seus filhos e pô-los em estado de um dia poderem vingar seu pai.

Se o Governo Provisório não tivesse tido cuidado de sequestrar todos os bens dessa mulher, ela poderia chamar-se hoje dona de meio Paraguai. Há quem diga que ela vai tentar fazer com que o governo inglês entabule reclamações diplomáticas a esse respeito e que talvez consiga alguma coisa. [Extraído] (A REFORMA N° 220)

A Regeneração n° 218
Desterro, SC – Domingo, 23.10.1870

À Pedido

Sr. Redator da Regeneração.

[...] Sr. Redator, quando se escreve por informações sem atender a fonte, quando não há o necessário critério, é fácil cair em erro, tal sucedeu ao correspondente de Montevidéu. Retificarei o fato:

[266] Martin Thomas McMahon: General norte-americano Ministro Residente no Paraguai durante a Guerra, não só apoiou as ações bélicas contra a Tríplice Aliança, como também acompanhou López em sua fuga pelo interior do Paraguai. (Hiram Reis)

Chegada Lynch a Humaitá, fui a bordo, cumprindo ordens que tinha a respeito, e pediu-me ela para desembarcar no meu escaler, ao que acedi. Mandei-lhe proporcionar uma casa, que se achava desocupada, e, depois, ela hospedou-se em um quarto no comércio, onde ficou até as 3 horas da manhã seguinte quando partiu para Buenos Aires em um vapor Argentino. No exército, onde sou bem conhecido, dispensar-me-ia de fazer semelhante declaração; aqui, porém, corre-me o dever de contestar explicando o fato.

Publicando estas linhas prestará V. Sª um seu serviço ao Brigadeiro Salustiano J. dos Reis.

Desterro, 22.10.1870. (A REGENERAÇÃO N° 218)

O Despertador n° 1.330
Desterro, SC – Terça-feira, 16.10.1875

Exterior – Rio da Prata

Notícias do Paraguai dão detalhes do fato anunciado pelo telégrafo de Corrientes, isto é, a expulsão da inglesa Eliza Lynch de Assunção.

Diz o correspondente do "*Telegrapho Marítimo*":

"Logo que nesta cidade se soube que no dia 22 ela havia desembarcado, reuniram-se em casa da Sr.ª Machani de Haedo mais de 50 famílias paraguaias das mais distintas, com o fim de formular uma petição ao governo para se dar execução à pena já infligida à mencionada Elisa Lynch.

Transcrevemos esse documento, que consideramos notável, e o único desse gênero que temos visto na América. Ei-lo":

Exm° Sr. Presidente da República.

Senhor, há legados de sangue e de vergonha, dos quais o coração mais magnânimo não prescindirá jamais. Não há sentimento humanitário capaz de fazer calar no coração o horror e a indignação naturais que nele produz a presença do verdugo, mais do que do verdugo, da sua instigadora insaciável.

Senhor, procurávamos fechar os olhos com horror da recordação do desesperado fim do nossos pais, esposos, irmãos e filhos.

Buscávamos na resignação cristã o bálsamo para as feridas de nossa alma, impossíveis de cicatrizar, quando a presença de uma mulher odiosa, criminosa, acusada pela opinião pública como a instigadora e cúmplice de crueldade incríveis, apresenta-se audazmente entre nós abrindo-as e as fazendo verter sangue novamente, como o que mancha as mãos dela não fosse suficiente à sua cobiça e maldade infernais.

Senhor, um milhão de paraguaios estremeceram de indignação nos seus túmulos ignorados, quando Lynch pisou hoje a terra que os cobre.

Senhor, tanta audácia, tantos crimes, clamam a vindicta ([267]) que a lei nos deve.

Senhor, em nome das vítimas que na opinião pública sacrificou a mulher Elisa A. Lynch, nós, suas filhas, esposas, mães ou irmãs, usando dos direitos que nos concede a constituição, vimos pedir que seja imediata e ignominiosamente expulsa do País ou que o Fiscal Geral acuse a essa criminosa perante a justiça do Estado, de conformidade com o Decreto de 04.05.1870, aprovado pelo Congresso.

Assunção, 23.10.1875.

[267] Vindicta: vingança. (Hiram Reis)

O presidente Gill acompanhado de seus ministros acolheram benignamente a comissão de senhoras que lhes apresentaram a petição, e no mesmo dia 23 à noite, Lynch recebeu ordem de sair imediatamente do território paraguaio. (O DESPERTADOR N° 1.330)

Diário de Notícias n° 469
Rio de Janeiro, RJ – Segunda-feira, 20.09.1886

Elisa Lynch
Loucuras, Grandezas e Desditas

A recente notícia de haver falecido na Europa a célebre Madame Lynch, cuja passagem por esta cidade a imprensa nestes últimos anos várias vezes assinalara, causou no Rio da Prata uma impressão bastante forte, o que aliás era natural, pois a mulher que compartiu das grandezas e desditas do ditador López, ali se demorou tempo bastante para tornar-se uma conhecida íntima. Os jornais dedicaram-lhe artigos, e a "*Illustração Argentina*" publicou-lhe o retrato, e ao retrato acrescentou algumas notas que, por nos parecerem muito curiosas e sensíveis, trasladamos para aqui:

Acaba de morrer em Paris, Elisa Lynch, cujo retrato autêntico tomamos do que foi tirado em Constantinopla, quando ela visitou as margens do Bósforo.

Pôde Elisa ser contada entre as mais célebres aventureiras do século XIX e quiçá de todos os tempos, porém oferece em sua vida rasgos que se ligam aos fastos de um povo americano, e suas desgraças incomparáveis, como ela própria dizia em uma carta a uma amiga, inspiram simpatia até aos mais intransigentes censores.

Nasceu em Londres em 1835, sendo seus país modestos, porém honrados. Recebeu elementos de instrução que ampliou com perspicácia genial. Casou-se com um jovem muito benquisto, porém o seu casamento não estava destinado a celebrar ao menos as bodas de prata e assim ela desprendeu-se dessas cadeias sem o mínimo escrúpulo.

Principiou a viajar com um Lord inglês, fez um grande sucesso na coroada cidade do Madrid, e larga brecha nos cofres de um rico banqueiro inglês, porém por sua vez não pôde imperar no coração de um jovem sevilhano que lhe inspirou uma extravagante paixão. Seria fatigante acompanhá-la nesse caminho, sempre semeado de espinhos e rosas desde Aspásia em Athenas ([268]) até aos nossos dias prosaicos.

Um filho da América do Sul subjugou essa vontade versátil, rendendo também a sua à fascinação de que era dotada a estrangeira e de que outros tinham sido tributários.

Francisco Solano, filho do ditador do Paraguai, Carlos Antonio López, viajava a Europa com o fausto de um príncipe e a petulância de sua idade, índole e jerarquia ([269]). O destino uniu o mancebo americano à Elisa, que havia cruzado as alegrias da antiga Lutécia, ou da moderna Babilônia, como já chamaram Paris.

Elisa coloriu com o prisma de uma imaginação romanesca, um horizonte maravilhoso no Novo Mundo.

---

[268] Aspásia de Mileto: O nome Aspásia significa "*a bem-vinda*". Foi uma grega do século V a.C. nascida em Mileto que, com 20 anos, mudou-se para Atenas. Mulher bonita e inteligente dizem que foi iniciada na prostituição por seu pai para atender aos desejos dos homens mais ricos e poderosos. (Hiram Reis)

[269] Jerarquia: hierarquia. (Hiram Reis)

Veio à Assunção, e o velho déspota que amava o seu primogênito, a quem por testamento legou a potestade suprema ([270]), tolerou ou dissimulou aquela ilegítima união.

Quando o general Francisco Solano ocupou o sólio ([271]) de seu progenitor, Elisa assumiu os ares e a ascendência de uma soberana. Não lhe faltaram lisonjeiros entre ministros diplomáticos, que os monarcas europeus acreditaram na capital paraguaia.

Chegou entretanto um momento em que a situação e o caráter de Madame Lynch sujeitaram-se a terríveis provas. Foi quando a Tríplice Aliança da Republica Argentina, Uruguai e Brasil, aceitou o repto de guerra lançado por López.

A história dessa contenda colossal oferece o terror da tragédia e a solenidade da Bíblia.

Duas gerações foram exterminadas nesses campos defendidos pelo fanatismo pátrio, com obediência muçulmana ao chefe de povos quase primitivos. Não é presumível que Elisa aconselhasse algumas das desesperadas e cruéis resoluções de López, porém, é indubitável que participou de seus perigos.

Por último o autocrata paraguaio caiu combatendo, defendido pelo braço de seu inocente filho de 15 anos, que também sucumbiu nas misteriosas margens do Aquidaban.

Elisa Lynch regou com suas lágrimas estas relíquias e até cavou com suas mãos a humilde sepultura dos seres amados.

---

[270] Potestade suprema: força suprema, poder supremo. (Hiram Reis)
[271] Sólio: trono. (Hiram Reis)

Teve esta mulher os atrativos que aprisionaram até a alguns filósofos antigos e dotes singulares de Engenho. Chegou a acariciar o sonho de um diadema para seu companheiro, e a esperança de que a púrpura cobriria os seus próprios erros.

Ella sabia que Teodora, depois de haver feito as delicias do teatro bizantino, sentou-se com o imperador Justiniano no trono do Oriente. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 469)

O Economista n° 1.525
Lisboa, Portugal – Quinta-feira, 30.09.1886

Correspondências
Brasil, RJ, 08.09.1886

Os periódicos do Rio da Prata trouxeram a nova de haver falecido na Europa a célebre Elisa Lynch, que tão extraordinário e nefasto papel desempenhou ao lado do ditador López, da República do Paraguai. A respeito desta mulher, escreve uma folha daquela parte da América do Sul o seguinte:

> Mulher inteligente, de uma educação esmerada e de uma beleza peregrina ([272]), entregou-se bem jovem à uma vida dissoluta de cortesã ([273]) festejada, passando de mão em mão nas principais cidades da Europa, em Paris, em Londres, em Roma e em Madri. Foi no meio das suas orgias que o general López a viu e ficou dominado pelo seus encantos. [...] (O ECONOMISTA N° 1.525)

[272] Peregrina: singular. (Hiram Reis)

[273] Cortesã: mulher de costumes libertinos, devassos e vida luxuosa. (Hiram Reis)

Vous êtes prié d'assister aux Convoi, Service et Enterrement de

Madame Veuve LYNCH LOPEZ

Nee Elisa-Alicia LYNCH

décédée, munie des Sacrements de l'Eglise, le 25 Juillet 1886, dans sa cinquante-troisième année, en son domicile, boulevard Pereire, 54;

Qui se feront le Mardi 27 courant, à MIDI TRÈS-PRECIS, en l'Eglise de St-François de Sales, sa Paroisse.

On se réunira à la Maison mortuaire

De Profundis

De la part de: Monsieur Enrique-Venancio SOLANO-LOPEZ, Monsieur Federico-Lloyd SOLANO-LOPEZ, Monsieur Carlos-Honorio SOLANO-LOPEZ ses Fils.

L'INHUMATION AURA LIEU AU CIMETIÈRE DU PÈRE-LACHAISE

Imagem 58 – Convite para o Enterro de Lynch

Alfredo de Escragnolle Taunay, também relata no seu livro "*Recordações de Guerra e de Viagem*" alguns fatos que nos permitem também traçar um perfil psicológico desta figura extremamente controvertida que foi "*Madame*" Elisa Lynch López.

Recordações de Guerra e de Viagem
Brasil - São Paulo, SP (1ª Edição)

Editora Weisflog Irmãos, 1920.

[...] Tomado Peribebuí, e abafada qualquer resistência, houve o seu saquezinho, apesar dos esforços para reprimi-lo.

VISCONDE DE TAUNAY

RECORDAÇÕES DE GUERRA
E DE VIAGEM

Editores-proprietarios
WEISZFLOG IRMÃOS
S. PAULO E RIO
1920

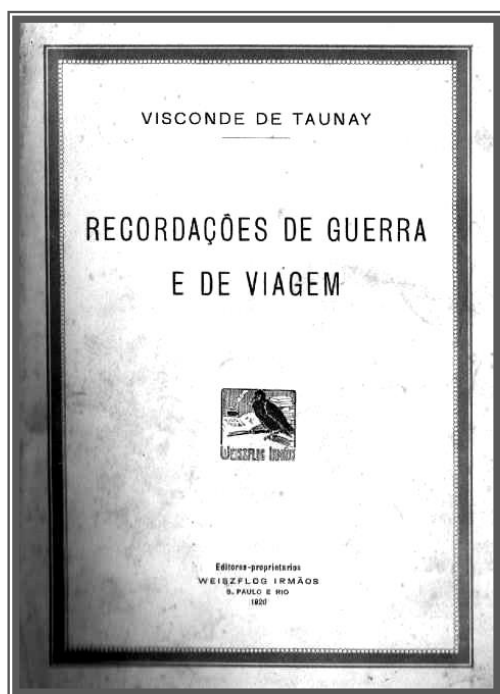



Imagem 59 – Recordações – Taunay, 1870

Capítulo IX

Os soldados, porém, entravam nas casas e saíam com muitos objetos, que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão.

Das moradas ocupadas antes pelo ditador López e por Mme Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amoedada, peças espanholas do valor de 2$000, das chamadas colunares, por terem as armas de Castela e Aragão gravadas entre duas colunas.

Depois víamos muito esse dinheiro girar no comércio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada da Lynch, passaram por perto de mim, levando em panos e mantas grande porção dessa prata, quanto podiam carregar.

Eu, avisado pelo Tibúrcio, ia à procura de um anunciado piano. Havia tanto tempo que estava privado desta distração! Achei, com efeito, o desejado instrumento, bastante bom e afinado, até pus-me logo a tocar nele, embora triste espetáculo ficasse ao lado, o cadáver de um infeliz paraguaio, morto, durante o bombardeio da manhã, por uma granada que furara o teto da casa e lhe arrebentara bem em cima. O desgraçado estava sem cabeça. Fiz remover dali aquele fúnebre diletante, tocando, com grande ardor, talvez mais de duas horas seguidamente. Assim festejei a tomada de Peribebuí.

No quintal daquela habitação, onde havia trastes de luxo moderno e objetos bastante curiosos de antiguidade jesuíticas, restos de grandezas passadas, a custo e à última hora trazidas de Assunção, encontrou o Tibúrcio um depósito de vinhos de excelente qualidade, sobretudo caixas de champanhe, de indiscutível e legítima procedência, e melhores marcas.

Nunca bebemos tão saboroso e perfumado, força é confessar. Tratava-se em regra a imperiosa e inteligente mulher que teve tão vasta e tão perniciosa influência sobre o espírito de Solano López e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e horrorosos desmandos de seu amante e para as calamidades do valente e mal-aventurado povo paraguaio. Bem curiosa deve ser a história ainda imperfeitamente conhecida dessa Mme Lynch! [...]

Capítulo XII

Era evidente que Solano López pretendia não desistir da luta e havia de aproveitar todas as dificuldades naturais do seu tão mal conhecido Paraguai para prolongar quanto possível a luta de emboscadas e guerrilhas, levando as forças que poderiam ir em sua perseguição ao cansaço extremo.

Caminhara para o Norte seguido de uns restos do numeroso exército de outrora tão disciplinado ou antes cheio de fanatismo, que pusera com tanta confiança e ostentação em armas, afrontando a um tempo o Brasil, o Uruguai e a Argentina. Dos 70 ou 80.000 que congregara no princípio das operações e que dirigiu sempre com a maior inércia, força é convir, quantos homens lhe restavam na sua apressada fuga? Talvez nem sequer 1.500, mal armados e possuídos do mais absoluto desânimo, avassalados, porém, pelo terror ao jugo do ditador que se tornara cada vez mais pesado e cruel.

Parece que Francisco Solano López vivia então em estado de contínua embriaguez, o que pode, até certo ponto, explicar os seus planos insensatos e desatinos não recuando diante de atrocidade alguma. Levava, aí, presas as duas irmãs e a própria mãe e tencionava entregá-las a um tribunal "*ad hoc*", com poderes para determinar até a pena de morte contra estas infelizes!

Era voz geral, que a sua amásia, a célebre aventureira Madame Lynch, mulher divorciada do sábio Quatrefages, concorria para tornar ainda mais temeroso e irritado o gênio do déspota; mas é de crer-se que, por fim, essa mesma mulher vivesse sob a ação de contínuo terror. [...]

Capítulo XIV

[...] Mme Lasserre, como se sabe, escreveu uma interessantíssima notícia de todos os seus sofrimentos durante a guerra, e com energia de estilo que merece especial menção, deu preciosas informações sobre muitos pontos da sangrenta história do Governo de López e sobre o procedimento ignominioso de vários representantes de nações estrangeiras.

Ao nosso Governo remeteu o Príncipe cópia da exposição que esta senhora fez não só das crueldades de que foi, em companhia de seus compatriotas, vítima por parte de López, como das relações que com aquele tirano e Mme Lynch teve o cônsul francês Sr. de Cuverville, tornando-se esse documento digno de toda a publicidade não só pelo interesse que inspira como pela elucidação de muitos fatos importantes, como seja, por exemplo, o de haverem sido, em dezembro de 1868, as casas de Assunção saqueadas por ordem de López, cujos agentes se serviam de chaves falsas ou arrombavam as fechaduras.

De todos os lados nos chegavam notícias e pormenores do descalabro do lopismo. [...]

Capítulo XVI

[...] Dentre os depoimentos interessantes então pelo quartel-general recolhidos figura o do Alferes de Marinha Angel Benites. Era um moço de aspecto vivaz e inteligente falando com desembaraço e abundância de palavras, e, mostrando-se perfeitamente a par de todas as circunstâncias relativas aos recursos de que ainda dispunha o tirano. Com ele desertaram um Capitão Ramon Vera e um outro, este ajudante-de-ordens de López, Elias Luján.

Com vivas cores pintavam a progressiva dissolução das forças do tirano confirmando as crueldades já sabidas às quais se adicionavam outras, cada vez mais estupendas. Fora Benites empregado do comissariado do Exército e relatou que, achando-se López em Itanarán, ordenara um balanço em todas as carretas de dinheiro; ainda dispunha de 10.000 patacões de prata e algumas centenas de onças sem contar grande soma em papel-moeda, que afinal abandonou, sendo o ouro e a prata, daí em diante, levados em cargueiros.

Relatou-nos o alferes paraguaio que assistira em Ascurra à entrega de 28.000 patacões em prata e 600 onças de ouro, feita pelo Ministro Camiños ao plenipotenciário norte-americano, Mac Mahon, então em vésperas de se retirar do Paraguai, onde agira do modo menos diplomático, quase provocando sua atitude inconveniente a ação do nosso Ministério de Estrangeiros junto ao Governo do General Grant. Informou ainda que mais 20.000 patacões haviam sido enviados, por ordem de López, a um tal Gregorio Benítez em França. Eram migalhas que, por meio de amigos, ia o tirano acautelando na Europa no caso de se ver compelido a abandonar o governo da infeliz e heroica nação que aniquilara.

Em Ascurra, ao começar a campanha da Cordilheira, contava o Alferes Benites, ainda o acompanhavam uns doze ou quatorze mil homens, sem contar as forças do Norte. Em Panadero, após Peribebuí e Campo Grande mal dispunha de uns três mil e oito bocas-de-fogo. Onde quer que passasse fazia López os seus infelizes súditos trocar o seu numerário de prata pela moeda que emitira, verdadeiro papel sujo. Assim, segundo conta Thompson, creio, fizera a Lynch com as belas libras de ouro encontradas nas algibeiras dos nossos e dos argentinos, mortos no desastre de Curupaiti, pelos soldados do seu feroz amásio. [...] (TAUNAY, 1920)

O Vento
(Edson Gaúcho)

Pedi ao vento que leve lembrança pra minha terra.
Pedi ao vento que leve paz, aonde tem guerra.
Pedi ao vento que leve fartura onde tem miséria.
Pedi ao vento que leve um beijo nos lábios dela.

O Vento foi, o Vento vem,
Será que o vento já me atendeu?
Só resta agora você me entender,
Que esse vento é o nosso Deus!

Pedi ao vento que salve os jovens perdidos nas drogas.
Pedi ao vento que espalhe no céu o perfume das rosas.
Pedi ao vento que toda a nação seja gloriosa.
Pedi ao vento proteção aos filhos da mãe amorosa. [...]

Pedi ao vento pra acalmar as ondas dos sete mares.
Pedi ao vento que leve harmonia a todos os lares.
Pedi ao vento que leve embora a impureza dos ares.
Pedi ao vento em orações que fiz nos altares. [...]

Pedi ao vento pra nos conduzir na estrada da vida.
Pedi ao vento que encontre a criança desaparecida.
Pedi ao vento que dê ao doente conforto e guarida.
Pedi ao vento que a minha prece seja ouvida. [...]

Bibliografia

ABREU, Serafim Luiz de. ***Da Blenorragia (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Paula Brito, 1864.*

A CONSTITUIÇÃO N° 115. ***Exterior – Paraguai*** *– Brasil – Fortaleza, CE – A Constituição n° 115, 09.06.1870.*

A ESPERANÇA N° 13. ***Correspondência Particular da Esperança*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Esperança n° 13, 23.03.1865.*

A IMPRENSA N° 56. ***Notícias Diversas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Imprensa n° 56, 29.11.1898.*

ALBUQUERQUE, José Cândido de Freitas e. ***Existe uma Base Certa para o Diagnóstico das Afecções do Coração em Geral? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. Carlos Poggetti, 1857.*

ALOYSIO DE CASTRO. ***Semiótica Nervosa*** *– Brasil – Rio de de Janeiro, RJ – F. Briguiet & Cia Editores, 1935.*

ANDRADE, Galdino de Carvalho e. ***Que Socorros Presta a Física à Medicina – Quais São os Meios Hemostáticos ... – O Que se Entende por Moléstia – Qual o Valor Terapêutico ... (Teses)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1856.*

ANDRADE, José Antônio de. ***Das lesões que reclamam a formação da pupila artificial, quais os métodos e processos porque esta operação pode ser praticada (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Dois de Dezembro de F. de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, 1853.*

ANDRADE, N° 38, Theophilo de. ***Há Cem Anos – A Retirada da Laguna*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, n° 38, 17.06.1967.*

ANDRADE, N° 43, Theophilo de. ***Os Fastos da História*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, n° 43, 22.07.1967.*

ANDRADE, Theophilo de. ***Política Internacional – Os Fastos da História*** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Artigo *publicado às páginas 76 e 77 – Revista O Cruzeiro, n° 43, 17.06.1967.*

ANNAES DO SENADO do Império do Brasil, Segunda Sessão em 1870 da Décima Quarta Legislatura de 01 a 31 de Julho – Volume II – Brasil – Rio de Janeiro, RJ.

A REFORMA N° 220. ***Variedades – Madame Lynch*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Reforma n° 220, 30.09.1870.*

ARQUIVO NACIONAL, CÓD. 547. ***Relatório do Hospital Militar de Cuiabá em 1864, encaminhado pelo seu Diretor ao Presidente da Província de Mato Grosso, ...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Arquivo Nacional, Cód. 547, Guerra do Paraguai, Volume 1, 15.12.1864.*

ASSIS BRASIL. Francisco de Assis Almeida Brasil. ***Jovita: Missão Trágica no Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Notrya Editora, 1993*

A VIDA FLUMINENSE N° 117. ***Francisco Solano Lopes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Vida Fluminense n° 117, 26.03.1870.*

A Vida FLUMINENSE N° 125. ***Poema – Guerra do Paraguai, Franklin Dória*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Vida Fluminense: Folha Joco-Séria Illustrada n° 125, 21.05.1870.*

AZEREDO, Francisco Antônio de. ***Algumas Considerações Gerais Acerca da Importância e Higiene dos Hospitais Civis (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Diário de N. L. Viana, 1844.*

AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier de. ***História Médico-cirúrgica da Esquadra Brasileira nas Campanhas do Uruguai e Paraguai, 1864 a 1869*** *–Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Nacional, 1870.*

BACELLAR, Dr. Renato Clark. ***A Medicina na Pintura dos Séculos Passados*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Roche, Medicina e Arte, abril de 1952.*

BARÃO DO RIO BRANCO. ***Efemérides Brasileiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério das Relações Exteriores [Parte oficial do Cap Martin Urbieta], 1946.*

BARRETO, Gen M. ***A Campanha Lópezguaia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Papelaria Brasil Volume 3, p. XI [Apêndice documentos], 1929.*

BERNARDO GUIMARÃES. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães – ***Novas Poesias*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livreiro-Editor do Instituto Histórico B. L. Garnier, 1876.*

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. ***Dicionário Bibliográfico Brasileiro – Primeiro Volume*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typographia Nacional, 1883.*

BRANDÃO FILHO, Luiz. ***Comentário Médico à Margem de "A Retirada da Laguna" – Cólera ou Intoxicação Alimentar e Avitaminose?*** *– Brasil – São Paulo, SP – Publicações Médicas, ano XIII, nos 3 e 4, out./nov. de 1941.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Desbravadores do Rio Amazonas*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1996.*

CABANÈS, Docteur Augustin. ***Chirurgiens et Blésses à travers l'histoire*** *– França – Paris – Albin Michel Éditeur, sem data.*

CABICHUÍ N° 28. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 28, 12.08.1867.*

CABICHUÍ N° 44. ***Balão Cativo*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 44, 07.10.1867.*

CABICHUÍ N° 45. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 45, 10.10.1867.*

CABICHUÍ N° 47. ***Poesía a Exm° Sr. Mariscal Presidente*** *– Paraguay – Paso Pacú – El Cabichuí n° 47, 16.10.1867.*

CABICHUÍ N° 91. ***Francisca Cabrera*** *– Paraguay – Paso Pucú – Cabichuí n° 91, 22.06.1868.*

CABOSSU, Olegário César. ***O Pulso (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Epifâno Pedrosa, 1851.*

CÂMARA CASCUDO, Luís da. ***López do Paraguay*** *– Brasil – Natal, RN – Tipografia da República, 1927.*

CAMPOS, Murilo de. ***Elementos de Higiene Militar*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Paulo Pongetti & Ciª, 1927.*

CARDOZA, Thomas. ***Intrepid Women: Cantinières and Vivandières of the French Army*** *– USA – Indiana University Press, 2010.*

CARVALHO LIMA, Dr. Oriovaldo Benites de. ***Relações dos Serviços de Saúde Militares com o Direito Internacional Médico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do 2° Congresso Brasileiro de Medicina Militar Volume 1, 1961.*

CARVALHO, Olavo de. ***Militares e a Memória Nacional*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Site TERNUMA – www.ternuma.com.br, 2000.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***Os Mártires do Serviço de Saúde na Guerra do Paraguai. [Exército e Marinha]*** *– Brasil – Recife, PE – Imprensa Oficial de Pernambuco, 1937.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***O Marechal Conde d'Eu e o Serviço de Saúde do Exército Brasileiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do 29° Congresso Brasileiro de Medicina Militar, Volume II, novembro de 1959.*

CASTRO SOUZA, Luiz de. ***O Cirurgião da Armada, Dr. Freitas e Albuquerque, Herói e Mártir da Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 258, janeiro-março, 1963.*

CELSO, Affonso. ***Porque me Ufano do meu País*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – H. Garnier, Livreiro-Editor, 1918.*

CERQUEIRA, Dionísio. ***Reminiscências da Campanha do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editora, 1980.*

CESÁRIO PRADO. ***Passeios pelo Passado*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição do Jornal do Comércio, 1954.*

CHEVALIER, A. G. ***Os médicos e a Saúde nos Exércitos da Revolução*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Actas Ciba n° 5 – Tip. Irmãos Barthel, 1938.*

CM N° 14. ***O Brasil e o Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio Mercantil, n° 14, 14.01.1865.*

CM, N° 33. ***Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio Mercantil, n° 33, 02.02.1867.*

COARACY, José Alves Visconti. ***Traços Biográficos da Heroína Brasileira Jovita Alves Feitosa*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Imparcial de Brito & Irmão, 1865.*

CORRÊA FILHO, Virgílio. ***Bahianos em Mato Grosso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Volume 200, julho-setembro, 1950.*

CORREIO DA MANHÃ N° 13.541. ***Resgata-se uma Dívida de Gratidão – Uma Síntese Histórica da Bravura de Antônio João ...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 13.541, 29.12.1938.*

CORREIO DA VICTÓRIA N° 47. ***Rio da Prata*** *– Brasil – Vitória, ES – Correio da Victória n° 4, 22.06.1870*

CORREIO PAULISTANO N° 12.810. ***Telegramas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano n° 12.810, 03.05.1899.*

COSTA, Clovis Corrêa da. ***Mato Grosso de Outrora: Episódios, Reminiscências e Costumes*** *– Brasil – Cuiabá, MT – 1965.*

COSTA, Francisco Felix Pereira da. ***História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Liv. de A. G. Guimarães Volume 4, 1871.*

CP N° 2.842. ***O Brado da Virgem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 2.842, 17.11.1865.*

CP, N° 2.843. ***Notícias da Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 2.843, 17.11.1865.*

CP, N° 3.120. ***Notícias da Expedição de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.120, 17.10.1867*

CP, N° 3.217. ***Notícias das Forças que Seguiram para Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.217, 15.02.1867.*

CP, N° 3.375. ***Noticiário / Província de Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.375, 30.08.1867.*

CP, N° 3.745. ***Publicações*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 3.745, 01.12.1868.*

CUNHA, Irsag Amaral da. ***Higiene Naval*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora do Autor, 1954.*

DA COSTA, Francisco Felix Pereira. ***História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguai – Volume III*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria de A. G. Guimarães & C., 1870.*

DENIRI I, Jorge Enrique. ***Francisco Solano López – Psicopatología de un Tirano (I)*** *– Argentina – Corrientes – Diario Época, Opinión, 03.05.2019.*

DENIRI II, Jorge Enrique. ***Francisco Solano López – Psicopatología de un Tirano (II)*** *– Argentina – Corrientes – Diario Época, Opinión, 17.05.2019.*

DIÁRIO DE BELÉM N° 97. ***Notícias Diversas*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Belém n° 97, 01.05.1870.*

DIÁRIO DO MARANHÃO N° 7.706. ***Notícias*** *– Brasil – São Luis, MA – Diário do Maranhão n° 7.706 – 09.05.1899;*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 469. ***Elisa Lynch Loucuras, Grandezas e Desditas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 469, 20.09.1886.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 47. ***O Discurso do Coronel Pedro Cordolino de Azevedo na Inauguração do Monumento no dia 31.12.1938*** *– Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco n° 47, 03.01.1939.*

DIÁRIO DE PERNAMBUCO N° 184. ***Cartas*** *– Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco n° 184, 12.08.1865.*

DIÁRIO DE S. PAULO N° 1.404. ***Diplomacia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo n° 1.404, 20.05.1870.*

DOS REIS, Manuel João. ***Da convalescença (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA –Tip. de Carlos Poggetti, 1857.*

DRJ N° 32. ***Folhetim – Ao Acaso*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário do Rio de Janeiro n° 32, 07.02.1865.*

DSP, N° 555. ***Mato Grosso*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 555, 23.06.1867.*

DSP, N° 585. ***Diário de S. Paulo*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 585, 31.07.1867.*

DSP N° 1.404. ***Diplomacia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo n° 1.404, 20.05.1870.*

DSP, N° 2.739. ***Literatura – Carta de Lisboa*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 2.739, 22.12.1874.*

DUARTE JÚNIOR, José Rodrigues. ***Recordações Mineiras [Esboço biográfico do Cap. José Rodrigues Duarte Jr, oficial do 17° B.V.*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typ. Leuzinger 1917*

DUARTE, Paulo de Queiroz. ***Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai – O Armamento da Infantaria*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército, 1981.*

DUMESNIL, René. ***A Alma do Médico [Trad. de Flávio Goulart de Andrade]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Casa Editora Vechi Ltda, 1943.*

EL CENTINELA N° 2. ***La Mujer Heroína*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 2, 02.05.1865.*

EL CENTINELA N° 13. ***La Mujer*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 13, 18.07.1865.*

EL CENTINELA N° 21. ***La Ofrenda del Bello Sexo*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 21, 12.09.1867.*

EL CENTINELA N° 26. ***La Heroína Paraguaya*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 26, 17.10.1867.*

EL CENTINELA N° 27. ***La Actualidad de la Alianza*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 27, 24.10.1867.*

EL CENTINELA N° 28. ***Hermosa Poesia*** *– Asunción, Paraguay – El Centinela n° 28, 31.10.1867.*

EL CENTINELA N° 32. ***Reunión del Bello Sexo*** *– Paraguay – Asunción – El Centinela n° 32, 28.11.1867.*

EL SEMANARIO N° 560. ***Sección no Oficial*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 560, 14.01.1865.*

EL SEMANARIO N° 584. ***Actos Recomendables*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 584, 01.07.1865.*

*EL SEMANARIO N° 596. C****orrespondencia de Ejército*** *– Paraguay – Asunción – El Semanario n° 596, 23.09.1865.*

EL SEMANARIO N° 690. ***La Invasión del Norte*** *– Paraguai – Assunção – El Semanario n° 690, 13.07.1867.*

FAGUNDES, Antônio Augusto. ***Com a Lua na Garupa: Florisbela do Paraguai*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora: Martins Livreiro, 1981.*

FIGUEIREDO, Osório Santana. ***Plácido de Castro, o Colosso do Acre*** *– Brasil – Santa Maria, RS – Gráfica Editora Pallotti, 2007.*

FLORES DEL JÉNIO, 1864. ***Para el Álbum de la Señorita M. Q****. – Bolívia – Cochabamba – Imprenta Del Siglo – Flores del Jénio – Tomo 1, Entrega 3ª, abril de 1864.*

FONSECA, João Severiano da. ***Viagem ao Redor do Brasil [1875 – 1878]*** *– Brasil – Rio de Janeiro – Volume 2 – Tipografia de Pinheiro & Ciª, 1881.*

*GARDNER, George. Via****gens no Brasil [Tradução de Albertino Pinheiro]*** *– Brasil – São Paulo, SP – Brasiliana da Companhia Editora Nacional, 1942*

GAZETA DE CAMPINAS N° 44. ***Notícias – Paraguai*** *– Brasil – Campinas, SP – Gazeta de Campinas n° 44, 31.03.1870.*

GAZETA N° 17. ***13 de Junho de 1867*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Gazeta Official do Estado do Matto Grosso n° 17, 14.04.1890.*

GESTEIRA, Manoel de Aragão. ***Qual a Causa das Ascites na Bahia? Qual o Tratamento que mais tem Aproveitado na Febre Amarela na Bahia? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Epifânio Pedrosa, 1855.*

GOULART, José Alípio. ***Meios e Instrumentos de Transporte no Interior do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959.*

GOUVEIA MONTEIRO, João. ***Crônicas de História, Cultura e Cidadania*** *– Portugal – Coimbra – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.*

GRAMSCI, Antonio. ***Cadernos do Cárcere****, volume 2 – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Civilização Brasileira, 2001.*

GUARANY, Alexandre José Soeiro de Faria. ***Esboço Histórico das Epidemias de Cholera-morbus Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tomo 55 [1889-1890].*

HESSE, Herman. ***Sidarta*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Record, 1992.*

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. ***Mulheres na Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora: EDIPUCRS, 2010.*

JC, n° 213. ***Gazetilha*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 213, 28.07.1867.*

JOBIM, Rubens Mário. ***Sargento Fortuna e Outros Contos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editora, 1950.*

JORNAL DO RECIFE N° 76. ***Mato Grosso (Documentos Oficiais)*** *– Brasil – Recife, PE – Jornal do Recife n° 76, 03.04.1865.*

JOURDAN, Emílio Carlos. ***História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional Volume 2 [1864-1865], 1893.*

JÚNIOR, Raimundo Magalhães. ***Deodoro, a Espada Contra o Império – Volune I*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora nacional, 1957.*

JUNQUEIRA, Mary A. ***James Fenimore Cooper e a Conquista do Oeste nos Estados Unidos na Primeira Metade do Século XIX*** *– Brasil – Maringá, PR – Diálogos, Universidade Estadual de Maringá (UEM), volume 7, 2003.*

LAGO, Benvenuto Pereira do. ***A Cholera-morbus asiática é ou não contagiosa? (Tese)*** *– Brasil – Savador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1857.*

LANGGAARD MENESES, Rodrigo Octavio de. ***Homens e Coisas do Paraguai – Solano López e José Diaz*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira – Sociedade Revista Brasileira – Segundo Ano – Tomo VI, 1896.*

LEMOS BRITO. ***Guerra do Paraguai – narrativa histórica dos prisioneiros do vapor "Marquês de Olinda" [Baseado no depoimento do prisioneiro Clião Pereira Arouca]*** *– Brasil – Salvador, BA – Lit. Tip. e Encadernado Reis & Cia., 1907.*

MACEDO SOARES, Joaquim Mariano de. ***Dodrainage Como Sucedâneo e Preventivo das Mutilações dos Ossos (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Universal de Laemmert, 1863.*

MACEDO SOARES, Joaquim Mariano de – ***Nobiliarquia Fluminense*** *– Brasil – Niterói, RJ – Imprensa Estadual, Volume 5, parte II, 1947.*

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. ***Impressões da Comissão Rondon (1942)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1942.*

MALHADO, Dormevil José dos Santos. ***Hemorragia Uterina Durante o Trabalho do Parto e seu Tratamento (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. Constitucional de Antônio Olavo de França Guerra, 1863.*

MARCOY, Paul. ***Viagem pelo Rio Amazonas*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.*

MARQUES, Joseph. ***Novo Dicionário das Línguas Portuguesa, e Francesa, com os Termos Latinos... - Tomo 2*** *– Portugal – Lisboa – Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1764.*

MENDONÇA, Estevão de. ***Datas Mato-grossenses*** *– Brasil – Niterói, RJ – Escola Tip. Salesiana, Volume 1, 1919.*

MESQUITA, José de. ***Genealogia Cuiabana*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, Tomos XLI e XLII, 1939.*

MURTINHO, José Antônio. ***A Hipocondria (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1839.*

NABUCO, Joaquim. ***Um Estadista do Império*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Civilização Brasileira S/A Editora, 1936.*

NAÇÃO ARMADA. Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Nação Armada: Revista Civil-Militar Consagrada à Segurança Nacional – Biblioteca do Exército Editora, Edição n° 36, de 1942.

NASCIMENTO. Jaime Oliveira do. ***General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – CPDOC/FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.*

NOBRE, Carlos José de Souza. ***Ação Fisiológica e Terapêutica do Iodo (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1859.*

NOVIS, Augusto. ***Qual o Melhor Meio de Cura da Tísica Pulmonar? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., 1859.*

NOVO SECRETÁRIO, 1874. ***Zimbório dos Inválidos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Eduardo & Henrique Laemmert – Novo Secretário Luso-Brasileiro, Arte de Escrever..., 1874.*

O ARQUIVO POPULAR (Volume 5). ***Leituras de Instrução e Recreio - Semanário Pitoresco*** *– Portugal – Lisboa – Tipografia de A. J. C. da Cruz, 1841.*

O DESPERTADOR N° 1.330. ***Exterior – Rio da Prata*** *– Brasil – Desterro, SC – O Despertador n° 1.330, 16.10.1875.*

O ECONOMISTA N° 1.525. ***Correspondências*** *– Lisboa – Portugal – O Economista n° 1.525, 30.09.1886.*

O GLOBO N° 97. ***Aniversário do Ataque da Ilha do Cabrita ou Da Redenção*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Globo n° 97, 10.04.1875.*

O JARDIM LITTERARIO, 1949. ***Equileo*** *– Portugal – Lisboa – O Jardim Litterario, 2° Semestre de 1949.*

O MOSQUITO N° 148. ***Pedro Américo e Victor Meirelles*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Mosquito n° 148, 13.07.1872.*

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. ***Evacuação de Corumbá [Relatório do Cel Carlos Augusto de Oliveira]*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do IHGMT, Ano VIII, Tomo XV, 1926.*

OLIVEIRA, General João Pereira de. ***O Guia Lopes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Militar – Revista Militar Brasileira, 1952.*

OLIVEIRA, José Augusto Barbosa de ***– Dos Diversos Meios Terapêuticos, Qual o Preferível o que Tenha Menor Cifra de Mortalidade na Cholera-morbus? (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA - Tip. de Antônio Olavo de França Guerra, 1856.*

PARREIRAS, Décio. ***Manual de Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Capitólio Ltdª, 1952.*

PAULA CIDADE, General Francisco de. ***Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora General Gustavo Cordeiro de Faria, 1ª Edição, 1959.*

PEREIRA DE ALBUQUERQUE, Cirilo José. ***A Pneumonia Aguda e Crônica (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Imparcial de F. de Paula Brito, 1843.*

PERNIDJI, J. & PERNIDJI, E. ***Homens e Mulheres na Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imago, 2003.*

PIMENTEL, Joaquim Silvério de Azevedo. ***Episódios Militares*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editor Tipografia a Vapor A. dos Santos, 1887.*

PINHO, Wanderley. ***Visconde de Taunay*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo CLXXXI – Outubro / Dezembro – Companhia Tipografia do Brasil, 1944.*

PUBLICADOR MARANHENSE n° 253. ***Suicídio*** *– Brasil – São Luís, MA – Publicador Maranhense n° 253 05.11.1867*

QUINTANA, Cândido Manoel de Oliveira. ***Inflamações em Geral e Todas as suas Terminações (Tese)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tip. Nacional de M. J. P. da Silva Júnior, 1855.*

REGO FILHO, Dr. José Pereira. ***Epidemias [Estudo Bibliográfico] – Em comemoração do Ensino Médico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Academia Nacional de Medicina, 1908.*

REVISTA BRASILEIRA, 1896. ***Homens e Coisas do Paraguai – Solano López e José Diaz*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira – Sociedade Revista Brasileira – Segundo Ano – Tomo VI, 1896.*

REVISTA LITERÁRIA, 1839. ***Navegação do Rio Tejo*** *– Portugal – Porto – Revista Literária – Tomo Quarto, 3° anno – Typ Commercial Portuense, 1839.*

REVISTA O CRUZEIRO N° 07. ***Vive Ainda um Herói de Laguna e Dourados (Reportagem de Myllor Nogueira)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro n° 07, 17.12.1938.*

RIHMG N° 14. ***Relatório Apresentado pelo 2° Ten João de Oliveira Mello Acerca de sua Viagem de Corumbá à Capital [1865]*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 14, Tomos XVII e XVIII, 1927.*

RIHMG N° 25. ***Traços Biográficos do General de Divisão João de Oliveira Mello*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 25, Tomos XLV a XLVIII, 1941/42.*

RIHMG N° 25. ***Aos Heróis de Laguna e Dourados (15.11.1941)*** *– Brasil – Cuiabá, MT – Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso n° 25, Tomos XXIII e XXIV, 1941/1942.*

RIO BRANCO, Barão do (J. M. da Silva Paranhos). ***Efemérides Brasileiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição Ministério das Relações Exteriores, Imprensa Nacional, 1946.*

RMB N° 133. ***Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados (Cap Jayme A. de Lemos)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira N° 133, janeiro/fevereiro de 1937.*

RMG, 1867. ***Operações Ativas do Exército e Fatos Ocorridos no Teatro da Guerra*** *– Brasil – Rio de Janeiro – RJ – Relatório do Ministério da Guerra – Tipografia Nacional, 1867.*

RODRIGUES DA SILVA, Dr. F. ***Memória histórica dos acontecimentos notáveis ocorridos no ano de 1861, na Faculdade de Medicina da Bahia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa ..., pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, 1862.*

ROMEIRO, Vieira. ***Tratado de Patologia Médica...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Guanabara, 2ª edição, 1946.*

SANTOS, Cícero Álvares dos. ***Teoria do Açúcar na Economia Animal (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Imp. na Tip. do Diário, 1861.*

SANTOS MEYER, Ten Cel Walter dos. ***Antônio João*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ - Ministério do Exército – Secretaria Geral do Exército – Imprensa do Exército, 1969.*

SCHNEIDER, Luiz. ***A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da Republica do Paraguay (1864-1870)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typ. Americana Volumes I e II, 1875/1876.*

SCHULZ, John. ***O Exército na Política: Origens da Intervenção Militar, 1850-1894*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1994.*

SEIXAS, Antônio Luiz de Souza – ***A Histeria (Tese)*** *– Brasil – Salvador, BA – Tip. de João Alves Portela, 1851.*

SEMANA ILLUSTRADA N° 257. ***Quarta Carta à Tia Chica – João Nicodemos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Semana Illustrada n° 257, 12.11.1865.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 20. ***Jovita – I*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 20, 12.01.1868.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 21. ***Jovita – II*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 21, 19.01.1868.*

SEMANÁRIO MARANHENSE N° 23. ***Jovita – III a V*** *– Brasil – São Luís, MA – Semanário Maranhense n° 23, 02.02.1868.*

SILVA ARAÚJO, Carlos da. ***O Anatomista e Cirurgião J. A. Port no Rio de Janeiro*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ –. Separata da Revista "Laboratório Clínico", 2° Trimestre de 1961.*

SILVEIRA DE MELLO, Gen Raul. ***História do Forte de Coimbra*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa do Exército Volume 4, 1961.*

SOUZA, Luiz de Castro. ***A Medicina na Guerra do Paraguai*** *(I a V) – Brasil – São Paulo, SP – USP, Revista de História, 1968, 1969 e 1970.*

TASSO FRAGOSO, General. ***História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército Editôra Volume 5 [Apêndice – Instruções de López para a invasão de Mato Grosso] 2ª Edição organizada e anotada pelo Major Francisco Ruas dos Santos, 1960.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Retirada da Laguna: Episódio da Guerra do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Americana, 1874.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle (Silvio Dinarte). ***Narrativas Militares*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora B. L. Garnier, 1878.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Cidade de Mato Grosso: O Rio Guaporé e a sua Mais Ilustre Vítima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Universal de Laemmert & Cia, 1891.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Coronel Antônio Florêncio Pereira do Lago*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo LVI – Parte Segunda – Companhia Tipografia do Brasil, 1893.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Recordações de Guerra e de Viagem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Weisflog Irmãos, 1920 (1ª Edição).*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Campanha de Mato Grosso – Cenas de Viagem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Liv. do Globo, Irmãos Marrano-Editores, 1923.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***A Campanha da Cordilheira*** *– Brasil – São Paulo, SP – Ed. Melhoramentos, 1926.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Marcha das Forças*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Melhoramentos, 1928.*

TAUNAY, Alfredo de Escragnolle. ***Augusto Leverger [Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Mato Grosso]*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Melhoramentos, 1931.*

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. ***Cartas da Campanha de Mato Grosso: 1865-1866*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição da Biblioteca Militar, 1944.*

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. ***Memórias do V. de Taunay*** *– Brasil – São Paulo, SP – Instituto Progresso Editorial, 1948.*

THOMPSON, Jorge. ***A Guerra do Paraguai com uma Resenha Histórica do País e seus Habitantes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Eduardo & Henrique Laemmert, 1869.*

VÁRZEA, Affonso, n° 90. ***Alta Bacia do São Francisco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Observador Econômico E Financeiro, n° 90, julho de 1943.*

VASCONCELLOS, Genserico. ***A Guerra do Paraguai no Teatro de Mato Grosso [Memória Histórica para Servir de Base ao Monumento aos Heróis da Laguna e de Dourados]*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Pap. Confiança Alberto Silva [pg. 32], 1921.*

*VASCONCELLOS, Ivolino de. "****Ser Médico..." – Decálogo Ético apresentado ao Instituto Brasileiro de História da Medicina, na Sessão de 30.05.1957*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ –Revista Brasileira de História da Medicina, vol. VIII, n° 6, junho de 1957.*

VASCONCELLOS, Ivolino de. ***A Vida e a Obra de Robert Koch*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Monografias do Instituto Brasileiro de História da Medicina, 1960.*

VETILLO, Eduardo. ***A Retirada Da Laguna*** *– Brasil – São Paulo, SP – Cortez Editora, 2013.*

WALDEMIRO PIMENTEL, Cel. ***Contribuição ao Estudo dos Prisioneiros de Guerra do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa do Exército – Separata do 3° volume dos Anais do Superior Tribunal Militar em 1958, 1959.*

WANDERLEY PINHO, José Wanderley de Araújo Pinho. ***Caxias Senador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Militar Brasileira [edição comemorativa do 133° aniversário do nascimento de Luís Alves de Lima] N° 3, Volume XXXV], 1936.*

A Heroica Resistência do Forte Coimbra
(João Soares)

Ainda tremem do deserto as árvores,
Ao som dos brados retumbando – Guerra!
E a voz dos bravos qual trovão rebenta,
Fazendo estremecer o céu e a terra! ...

Eia soldados! avançar – coragem
Que tens na guerra perenal vitória!
A espada – a baioneta – a própria bala,
Teu nome escreverão na Pátria história!

Ao par de mil heróis, à quem a Pátria
Altar consagra de viventes flores,
Ao selvagem mandai cruentas mortes
Dai-lhe tormentos de infernais horrores! ...

Onde – em que parte mais denodo via-se,
Do que de Coimbra na peleja ousada? ...
O que não conseguiu razão e brios,
Com sangue conseguiu valente espada!

Foi lá que com valor descomedido,
De louros se cobriu Porto Carreiro. –
Mostrando ao Paraguai a luz da espada,
Um peito nobre de imortal guerreiro!

Qual herói das Termópilas – valente,
Mais altivo da glória ao templo voou!?
Seu braço hercúleo manejando o gládio,
É um raio etéreo que do céu tombou!

De sangue tintos – de Coimbra os bravos,
Não foi por fracos que fugiram – não!
Abandonaram é verdade o Forte,
Deixando em sangue mergulhado o chão!

De Coimbra e Paissandu fortes guerreiros
Talhou teu busto o anjo da vitória!
A espada – a baioneta – a própria bala
Teu nome escreverão na Pátria história!
(São Paulo, 25.01.1865)